



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

RAFAEL CAVALCANTE DE LIMA

**MOBILIDADES E ESTILOS DE VIDA DE MORADORES E VIAJANTES DE
LOCALIDADES TURÍSTICAS DO NORDESTE BRASILEIRO. UMA
ETNOGRAFIA MULTISSITUADA DE *ESPÍRITOS VIAGEIROS*.**

FORTALEZA

2023

RAFAEL CAVALCANTE DE LIMA

MOBILIDADES E ESTILOS DE VIDA DE MORADORES E VIAJANTES DE
LOCALIDADES TURÍSTICAS DO NORDESTE BRASILEIRO. UMA
ETNOGRAFIA MULTISSITUADA DE *ESPÍRITOS VIAGEIROS*.

Tese de Doutorado em Sociologia
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia da Universidade
Federal do Ceará. Área de concentração:
Sociologia.
Orientador: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima
Filho

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L71m Lima, Rafael Cavalcante de.

Mobilidades e estilos de vida de moradores e viajantes de localidades turísticas do nordeste brasileiro. : Uma etnografia multissituada de espíritos viajeros. / Rafael Cavalcante de Lima. – 2023.

218 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

1. Estilos de Vida. 2. Mobilidade. 3. Viajantes de Estradas. 4. Nordeste Brasileiro. 5. Praias Turísticas. I. Título.

CDD 301

RAFAEL CAVALCANTE DE LIMA

MOBILIDADES E ESTILOS DE VIDA DE MORADORES E VIAJANTES DE
LOCALIDADES TURÍSTICAS DO NORDESTE BRASILEIRO. UMA
ETNOGRAFIA MULTISSITUADA DE *ESPÍRITOS VIAGEIROS*.

Tese de Doutorado em Sociologia
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia da Universidade
Federal do Ceará. Área de concentração:
Sociologia.

Aprovada em: 13 / 09 / 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho

Presidente da Banca/Orientador. Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes

Examinador Interno. Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva

Examinador Interno. Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas

Examinador Externo. Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Igor Monteiro Silva

Examinador Externo. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
AfroBrasileira (UNILAB)

Dedicado com Amor a Potiguar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação de Apoio a Pesquisa e Tecnologia do Ceará, FUNCAP, e ao Governo do Estado pela manutenção dos direitos a suportes financeiros nos tempos difíceis para Educação.

Agradeço ao orientador, Irapuan Peixoto Lima Filho pela presente orientação dedicada e elucidativa, assim como a leveza do processo em anos difíceis para o conjunto da humanidade.

Agradeço ao departamento, aos professores, César, Irllys, Christian, Alba, Jane, Leonardo, Glória, André Haguetti, Gentilli, Geisa, Danielle, Jackson, Léa, Kleyton, George, Andréa, Regina, Isabelle, que tive a oportunidade de ter como professores no Mestrado e Doutorado, e também a todos os demais professores que não tenha mencionado aqui.

Agradeço a Socorro e Lorena, da secretaria do Departamento da Pós-Graduação, pela paciência e atenção, além da simpatia.

Agradeço aos coautores e interlocutores, pela participação ativa com seus relatos de vida e de pensamentos, o trabalho também é uma homenagem a coragem de vocês.

Agradeço aos colegas da Sociologia, como Patrick Walsh Netto e Clécio Santos, pela interlocução acadêmica, e influências nos momentos de sabatina sociológica.

Agradeço à banca de Qualificação e a banca de defesa, pelas contribuições, pelo desafio de avaliar para contribuir com o arcabouço da ciência como um todo.

Agradeço a Freud, Marx, Nietzsche, Mundibe, Fanon, Bourdieu, Butler, Mbembe, Foucault, Weber, Durkheim, Geertz, Clifford, Dardot, Laval, Deleuze, Gatarri, Viveiro de Castro, Holanda, Giddens, Bauman, Quijano, Mignolo, Santos, Latour, Ribeiro, Almeida, Breton, Jorge Amado, Kerouac, Ginsberg, Dylan, Seixas, Gil, Chico, Betânia, Gal, Regina, Jobim, Moraes, Melodia, Nascimento, enfim, *aos espíritos livres*.

Agradeço à Universidade Federal do Ceará, à Universidade da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), à Autarquia do meio de Juazeiro do Norte, à Secretaria de Educação de Alagoas.

Agradeço à Literatura, à Filosofia e à Ciência.

Agradeço ao Santo Daime, à União do Vegetal e à Cultura Racional.

Agradeço a minha mãezinha, a doutora Aline, sempre presente mesmo nos momentos em que a saúde a limita.

Agradeço a Ana Maria e João Azur, filhos amados e queridos, com os olhos do amanhã.

Agradeço, para finalizar, ao Racional Superior e à Natureza, nossa mãe e filha voltando pra casa.

RESUMO

Na vida contemporânea muitas são as buscas existenciais, psíquicas e sociais, que levam pessoas a tomar decisões de rupturas com suas vidas cotidianas em busca de novas emoções e de melhorias em suas vidas. A Costa Turística Nordestina Brasileira tem sido palco para muitas destas vidas, que não se reduzem a brasileiros, mas a pessoas de todas as partes do mundo. Viajantes de estradas e mochileiros internacionais, são dois grupos de pessoas que escolheram o *caminho como suas casas*, escolheram a mudança para mudarem seu estado psíquico e social. A presente pesquisa se passa em Canoa Quebrada e Jericoacoara, no Ceará, e em Maragogi e Praia do Francês, em Alagoas, praias turísticas e reduto de pessoas, com *estilos de vida* pautadas em busca de sentido para suas vidas. Com o Turismo como pano de fundo, o trabalho traz narrativas de vidas de estradeiros e mochileiros, que migraram para essas praias, diásporas e mobilidades, para darem uma dimensão a suas vidas, em busca de encontro consigo e de vivências. Para tanto, tal pesquisa também quer descobrir o contexto dessas diásporas e a relação que elas têm entre si e com a temporalidade social vivenciada nas décadas mais recentes. Estradas, artesanatos, trocas de conhecimentos empíricos, perpassam a trama deste enredo. A discussão da opressão colonial, travestida de tempos modernos, a *colonialidade*, também são temas importantes trabalhados aqui. O trabalho foi realizado com uma intensa experiência de campo, tanto pretérita como posterior, permitindo um conjunto etnográfico e autobiográfico, com uma arrojada discussão cognitiva interdisciplinar.

Palavras Chaves: Estilos de Vida; Mobilidade; Viajantes de Estradas; Praias Turísticas; Nordeste Brasileiro.

ABSTRACT

In contemporary life, there are many existential, psychic and social quests, which lead people to make decisions to break with their daily lives in Search of new emoticons and improvements in their lives. The Brazilian Northeast Tourist Coast has been the stage for many of these lives, which are not limited to Brazilians, but to people from all over the world. International road travelers and backpackers, They are two groups of people who chose road as their home, chose the move to change their psychic and social state. The presente research takes place in Canoa Quebrada, Jericoacoara, in Ceará State, and Maragogi, Praia do Francês, in Alagoas State, tourist beaches and atronghold of people, with lifestyles guided insearch of meaning for their lives. With Tourism as a background, the work brings narratives of the lives of roadsters and backpackers, who migrated to these beaches, diásporas and mobilities, to give a dimension to their lives, in search of encounter with themselves and experiences. Therefore, this research also wants to discover the contexto of these diásporas and the relationship they have with each other and with the social temporality experienced in recente decades. Roads, handcrafts, exchanges of empirical knowlegde, permeate the ploto f this plot. The discussion of colonial oppression, disguised as modern times, coloniality, are also importante themes addressed here. The work was carried out with na intense field experience, both past and later, allowing na ethnografic and autobiografical set, with a bold interdisciplinary cognitive discussion.

Keywords: Life Styles; Mobility; Road Travelers; Tourist Beaches; Brazilian Northeast.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	12
1. INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: ESTILOS DE VIDA E MOBILIDADE DE VIAJANTES DE ESTRADAS PELA COSTA LITORÂNEA CEARENSE E ALAGOANA.....	20
1.1. As estradas das vidas como objeto de estudo da Sociologia (questões prévias da chegada ao campo e do vislumbre da problemática)	30
1.2. Ética na pesquisa, utilização de fotografias, pseudônimos e o interesse científico pelo cotidiano e as trajetórias de vidas.....	38
1.3. Perspectiva analítica como articulação entre teoria social e atividade de campo.....	43
1.4. Os <i>truques</i> da pesquisa e o <i>toque</i> da Escrita.....	47
1.5. “Quais foram os seus truques de pesquisa?” Etnografando as Multissituações e detalhes dos “meus truques de pesquisa”	52
2. APRESENTANDO CENÁRIOS, SUJEITOS E CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DO LITORAL NORDESTINO.....	56
2.1. Vilas do Mar e Pousos dos Argonautas: Canoa Quebrada e Jericoacoara.....	56
2.1.1. <i>Jericoacoara dos turistas e Serrote dos antigos moradores da região</i>	61
2.1.2. <i>Canoa Quebrada: Rua da Broadway e Vila dos Esteves</i>	65
2.1.3. <i>Freedom Bar e Mama Roots</i>	68
2.1.4. <i>Maragogi: O caribe Brasileiro</i>	70
2.1.5. <i>Praia do Francês: Das piscinas naturais ao pico de surf do Leprosário</i>	73
2.2. Os Capitães de Areia ou a geração hippie litorânea e os estradeiros malucos de estradas.....	76
2.2.1. <i>Alguns aspectos antropológicos da vida nas estradas: A Pedra, os trampos e as temporadas</i>	78
2.2.2. <i>Caindo na Estrada. Momentos de rupturas e aprendizados</i>	88
2.2.3. <i>Ziggy, artesão de mandalas e andarilho da costa norte Alagoana</i>	96
2.2.4. <i>A estrada é como uma droga, é viciante. Maharavi Das e Família viajando de ônibus pela América Latina até a Praia do Francês</i>	99

2.2.5. <i>“Ainda bem que aqui não é uma Pipa ou uma Canoa!” Elementos conservadores e de resistência ao turismo internacional de baladas e drogas na praia do Francês.....</i>	101
2.2.6. <i>Sítio paraíso e a família cogumelo.....</i>	104
2.2.7. <i>Outras estradas: Relatos de um cearense pelo mundo e seu pouso em Jericoacoara. Espírito Viajeiro, Novos Fluxos migratórios internacionais, subempregos e experiências.....</i>	107
2.3. Beats, Beatniks, Hippies, Malucos de Estradas, mochileiros: Conflitos de Gerações e mudanças <i>configuracionais socioambientais e subjetivas</i> no Neoliberalismo do século XXI.....	118
2.4. Racionalidades Dionisíacas dos estradeiros.....	121
3. TRAJETÓRIAS E ENCONTROS COM VIDA TRANSCENDENTAL EM CANOA QUEBRADA, JERICOACOARA E NA PRAIA DO FRANCÊS.....	127
3.1. A percepção sobre psicoativos entre os agentes. Experiência, Sociabilidade e Sociedade.....	128
3.2. Benção Padrinho! Santo Daime em Canoa Quebrada, uma doutrina, um chá e a comunidade <i>daimista</i> dos viajantes de estradas.....	131
3.3. Cultura Racional em Canoa Quebrada. Portal Extracósmico e Razão Transcendental.....	136
3.3.1. <i>Cultura Racional: Narrativa Cosmogônica e Antropogonia.....</i>	140
3.3.2. <i>A Natureza mudou de Fase. Analisando as categorias sociológicas clássicas de Desencanto, Positivismo e Racionalização, dentro da abordagem transcendente Racional.....</i>	146
3.3.3. <i>A Cultura Racional é a Cultura do 3º Milênio. Descrevendo e comentando categorias nativas dos estudantes de Cultura Racional e o sistema de transformação do mundo material e de retorno ao Mundo Racional.....</i>	150
4. OS IMPACTOS E RECONFIGURAÇÕES OCORRIDAS COM AS INTERAÇÕES SOCIAIS IMPULSIONADOS PELA MIGRAÇÃO E O TURISMO.....	160
4.1. Do sonho da Pasárgada ao Turismo Antrópico internacional.....	160
4.2. Historicidade das questões socioambientais na contemporaneidade e das subjetividades envolvidas.....	163

5. SOCIOLOGIA DA MOBILIDADE NO SÉCULO XXI E DISPOSIÇÕES DA COLONIALIDADE A LUZ DE CONTEXTOS EQUATORIAIS.....	168
5.1. Nem Norte e Nem Sul, a maior parte das desigualdades sociais, encontram-se próximo ao Equador.....	168
5.2. O turismo como processo civilizador e colonizador ocultado.....	170
5.3. Proximidades socioculturais e ambientais entre o Nordeste Brasileiro, o litoral caribenho e os países Africanos de língua Portuguesa.....	172
6. DIALOGANDO COM RELATOS SOBRE OS PERÍODOS DE ISOLAMENTO SOCIAL NA COVID 19.....	176
6.1. “Fecha Tudo e Ninguém sai na rua”, Relatos sobre o período de lockdown na pandemia de Covid 19.....	177
6.2. A questão da Vacina antes e depois da covid 19 nos meios alternativos.....	179
6.3. A crise categórica política em um contexto ultraneoliberal de “esquerda e de direita” ou “progressista ou conservadora” e a confusão dos sujeitos na aplicação da identidade performática.....	181
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O MUNDO MÓVEL DE CORPOS E CIDADES EM MOVIMENTO, LATENTE AMEAÇA DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL PLANETÁRIA E A BUSCA EXISTENCIAL RECONFIGURADA NESSES QUARENTA ANOS DE NEOLIBERALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA ZEN CIBERNÉTICA.....	187
REFERÊNCIAS.....	196
APÊNDICES.....	206
APÊNDICE A- ENTREVISTA COM PAIÊ NA ÍNTEGRA SOBRE SUA PERSPECTIVA DA CULTURA RACIONAL.....	207
APÊNDICE B- FAZENDO UM PARALELO ENTRE O QUE É FANATISMO DENTRO DA ÓTICA RACIONAL COM A ÓTICA DO PENSAMENTO CRÍTICO FILOSÓFICO.....	211
APÊNDICE C- “AGORA FOI O CONTRÁRIO, PRIMEIRO VEIO JESUS E DEPOIS SÃO JOÃO.” JESUS E JOÃO BATISTA; MESTRE IRINEU E PADRINHO SEBASTIÃO; PAI MANOEL E JOÃO DE CUIABÁ. REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DE ENTIDADES RELIGIOSAS E AS DESAVENÇAS ENTRE ALTO SANTO E MAPIÁ E ENTRE O RETIRO RACIONAL E OS ESTUDANTES DE CUIABÁ.....	214

PREFÁCIO

Começamos então, como de costume de alguns, pelo fim. Este início póstumo, *traz um luto e um nascimento*, porém, ambos serão e foram contemplados na escrita deste trabalho, porque é uma pesquisa, e tanto o *morto* quanto o *vivo* são peças do conhecimento.

Na Universidade, colegas falavam que teóricos como Malinowski, teriam se tornado mais objeto literário histórico-antropológico do que Antropologia enquanto método científico de “fato”¹, tipo um arquivo da disciplina, visto que os métodos pareciam antiquados ou ingênuos para o momento. Malinowski como o “morto”, porém, ainda agoniza, nem que seja como influenciador do nascimento de sua própria crítica.

Trago essa reflexão porque assim senti acontecer com o presente trabalho. Após o período da Covid e a intensa tensão criada pela polarização política senti como que tudo que havia defendido, ou enxergado como teoria social e tese, tivesse perdido o sentido, ou morrido.

Junta-se a isso o fato de já fazer vinte anos que vivencio este campo simbólico da estrada, e meio que desconcertado, percebo que a estrada vai perdendo seu brilho de itinerário, de portal existencial, e em até última análise, de estrada! Talvez seja consequências da minha estrada... *Sociogênese e Psicogênese* (ELIAS 1997), mas também, as indefinidas alianças socioculturais da contemporaneidade pós-pandêmica e à beira de uma total sistematização da vida cotidiana por Inteligência Artificial. Daí, um ápice de associações atores redes (Latour)? Daí, a sensação de que até o futuro precisa ser constantemente passado e ansiedade, *atualizando a atualização*, “Hanging on in quiet desperation is the English way...”²

¹ Fato é algo a ser discutido enquanto veículo de pesquisa mais do que uma coisa essencialista onipresente, onipotente e onipotente, ou seja, metafísico. Nesse ponto os fatos deixam de ser pressupostos essenciais para dialogar com as premissas fenomenológicas e dialéticas contidas nos eventos factuais. Usaremos em alguns momentos Howard Becker (2007) e sua perspectiva pragmática sociológica dos fatos.

² Trecho da música *Time* da Pink Floyd, autoria de D. Gilmour, R. Wright e R. Waters, letra de R. Waters, no álbum *Dark Side of the Moon*, EMI, 1973. “Se apegar a um silencioso desespero, É o jeito inglês de ser”, essa é a tradução do trecho referido em português. A questão da ansiedade *sin non qua non* da alta modernidade, traz também uma polidez esquizofrênica, do desespero silencioso, ao meu ver, por vivermos na sociedade do capital e sem uma perspectiva de emancipação real social, se é que isso é uma possibilidade real.

Tenho atualmente 42 anos, e meus camaradas de estradas em média 50 anos ou mais, e suas experiências narradas aqui são fantásticas, mas não o são das novas gerações, da qual percebo ter desencantado da *prerrogativa de estradeiro*, e suas estradas estão muito mais focados nas redes sociais e na simbologia de suas novas estruturas de busca existencial. Essas conclusões partem tanto da percepção pessoal, de convivência, e de minha própria transformação psíquica e social nesses anos, mas também, da observação empírica dos interlocutores e dos locais descritos neste trabalho, pois tais locais e subjetividades são os elementos da trama social e de suas manifestações existenciais de *Habitus*.

Além desses fatos narrados, tenho que relatar aqui que este trabalho já foi modificado por algumas vezes, inclusive, acredito que agora ele tenha voltado a parecer com o projeto inicial, mas como todo movimento dialético, transformado pelo caminho. Digo isso porque, em 2018, logo no segundo semestre do Doutorado, entrei para um grupo de pesquisa no Departamento de Agronomia e Agricultura Familiar da UNILAB (Universidade da Lusofonia AfroBrasileira), em Redenção, no Ceará, que estudava assuntos relacionados à segurança alimentar e nutricional no âmbito da CPLP, comunidade dos países de língua portuguesa. Naquele período, me envolvi com o projeto (no qual fui bolsista do MCTIC) e com a cultura dos imigrantes colegas de trabalho. Então, naquele momento, resolvi associar suas formas de migração escolar universitária aos fluxos migratórios ocorridos pelo turismo litorâneo, em uma abordagem comparativa. Até a Qualificação, em 2020, fora essa temática desenvolvida no trabalho, no qual já tinha escrito mais de setenta páginas a respeito da pesquisa na Universidade com alunos e professores e transcrito entrevista feitas no Ceará e na Bahia, outra sede da Universidade, além de ter construídos capítulos descritivos, narrativos e analíticos.



Figura 01: Campus Aurora em Redenção UNILAB. (agosto de 2018)

Porém com o crescimento dos movimentos identitários, principalmente com o advento da morte de George Floyd³ e a avalanche que ela desencadeou, e da minha compreensão que seria melhor esses trabalhos virem da escrita dos meus próprios interlocutores e amigos do projeto, do que de mim, que apesar de maturidade acadêmica, não conseguiria expressar de forma mais aprofundada a análise do que os próprios que ali vivem. Associado a isso, com a entrada do ex-presidente Jair Bolsonaro, o projeto reduziu, veio depois a pandemia, e perdi o vínculo presente com esse campo; enquanto o outro campo, voltou a fazer mais parte de minha vida novamente, uma vez que passei a frequentar quase que mensalmente Canoa Quebrada e Jericoacoara, e hoje em dia, moro na Praia do Francês, que se tornou também um local onde ocorrem as disposições sociais aqui investigadas. Como diria Paulinho da Viola em relação ao seu flerte com a

³ A morte por sufocamento do negro norte americano, por policiais brancos e latinos nos EUA. Essa morte foi filmada por várias pessoas nas ruas, e depois os vídeos viralizaram pelo planeta inteiro, o que culminou em um verdadeiro tribunal histórico do racismo estrutural o filho da colonialidade e do colonialismo mundial de ordem eurocêntrica. O contexto das questões de legitimidade da fala do negro sobre si, e o alerta para a apropriação indevida de homens brancos falarem como pesquisadores de negros e das mulheres, foi fundamental para entender que não era para continuar a pesquisa, e sim, respeitar e compreender essa revisão histórica importante que viemos passando desde então. Não sou branco e nem europeu, sou um pardo claro brasileiro, mas todavia, compreendi, ao meu ver positivamente, a luta antirracista e anticolonialista, e por esse motivo ser protagonista analítico em uma pesquisa sobre negros e negras africanas no Brasil, poderia tender a apropriação indevida e descabida, ou até, sutilmente colonialista. Portanto *Let it Be!* Deixe estar!

escola de samba Mangueira, sendo ele da Portela, “...foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar...”.

Nesse período do Doutorado, também morei um ano (2021) em Juazeiro do Norte, fazendo disciplinas *online*, no formato pandêmico. Fiz uma disciplina de *Natureza e Sociedade*, com o professor Leonardo Sá, na qual tinha muita relação com o meu trabalho em Juazeiro, que lidava com catadores de lixo, coleta seletiva e unidades de conservação ambiental. Eu era contratado como sociólogo na área de meio ambiente, e aquelas experiências também se tornaram “*outro rio que passou em minha vida*”, uma vez que passei a escrever sobre Antropoceno e crítica ao modelo insustentável do capital sobre o planeta. Novamente me veio a ideia de abandonar o velho tema e me concentrar nesse, mas passei em outro concurso, de educador da rede básica de Alagoas, e voltei a morar na zona costeira turística nordestina, e a etnografia dos coletadores junto à crítica antropocênica transformaram-se em um artigo compartilhado com um colega de trabalho de Juazeiro, também Sociólogo, na época doutorando e, hoje, Doutor pelo Departamento de Ciências Sociais da UFRN.



Figura 02: Visita técnica ao Aterro Municipal de Juazeiro. Ao fundo os catadores e catadoras em atividade de coleta. Foto abril de 2021.

Porém, apesar de estar bem envolvido com os projetos da prefeitura, continuei fazendo concursos e passei em Alagoas e Espírito Santo para

professor de Sociologia do ensino médio básico estadual, e optei por ficar em Alagoas. Fiquei lotado na gerência de Maceió, Paripueira e Marechal Deodoro, região central litorânea do estado. Após pedir exoneração, fui para Maceió de carro parando em alguns locais. Fui a Bonito no Pernambuco, terra das cachoeiras da Zona da Mata, e depois a Maragogi, no litoral norte de Alagoas, onde fiquei por alguns dias até o dia de apresentar os documentos e exames de saúde em Maceió.

Já tinha ido a Maceió algumas vezes, sendo que sempre ia à Praia do Francês praticar *surf*. Na realidade, a primeira vez que conheci Alagoas foi em 2004, com um maluco de estradas⁴, aqui chamado Yamandú, e sua namorada, que era uma turista do Texas que o havia conhecido em Jericoacoara. Nessa época, chegamos “vindo de BR” (em alusão à estrada e às caronas), de João Pessoa, ficamos acampados na praia e, depois, alugamos uma casinha perto da praia. O Francês era muito diferente do que é hoje, assim como eu e meus camaradas, dos quais não tenho mais notícias nem de *rádio cipó*⁵, mas já existia o turismo diurno de excursões e pessoas da região e a atmosfera do *surf*, que vamos falar depois nos tópicos descritivos do segundo capítulo.

Das outras vezes em que fui a Alagoas, já fora por motivo acadêmico, no caso a RBA (Reunião Brasileira de Antropologia), de 2015, e a viagem da prova do concurso para professor da rede básica, em 2021.

Em Maragogi me deu o *start*, ou o *insight*, de que seria possível encaixar a discussão comparativa do turismo cearense e do turismo alagoano, pegando Francês e Maragogi, que também possuem o *ethos* de “porto de argonautas” (ponto de estradeiros, como será detalhado adiante) como o são Jeri e Canoa, e viajeiros em trânsito ou parados, que a meu ver, poderiam ser importantes subjetividades etnografadas.

Então, naquela viagem mesmo, em 2021, já passei a fazer entrevistas com interlocutores, após a aprovação no concurso, escolhi uma escola na cidade de Marechal Deodoro e fui morar na Praia do Francês, no Loteamento do Trevo, próximo ao viaduto da entrada. Ao chegar de mudança, os meus vizinhos eram

⁴ Maluco de estradas é uma categoria nativa que será trabalhado melhor posteriormente no texto.

⁵ *Telefone sem fio das estradas*, coisas que aconteciam antes da internet, sabíamos de colegas da estrada através de estradeiros que estavam em fluxo de viagem.

artesãos argentinos que viajaram de ônibus com a família pelo Brasil, tendo morando um tempo na vila hippie de Arembepe, na Bahia. Aquilo me fez ter certeza sobre minha intuição e, então, segui por essa linha e adicionei os locais e “espíritos viajados” de Alagoas e abandonei a discussão pretendida dos catadores de Juazeiro do Norte e das migrações estudantis da UNILAB, pensando-as como aportes teóricos reflexivos, mas não mais como materiais etnográficos.

Sei também que a experiência de décadas de acompanhamento de Canoa e Jeri são mais profundas do que este ano que tenho vivido em Alagoas, mas percebi que isto também poderia ser um elemento a mais no aspecto metodológico: comparar locais com experiências de tempo diferenciadas, e ademais, o mais importante da etnografia é etnografar as relações e subjetividades dos sujeitos nos lugares, dando seu significado e a mobilidade cultural que também é o lugar. Como o título de “paisagem cultural” elencado (por uma política específica do governo estadual) ao Geoparque Araripe na Chapada do Araripe, sul do Ceará, que não dissocia a cultura da paisagem geomorfológica, é tudo uma paisagem só.

O trabalho da UNILAB também me rendeu textos para artigos, porém, ainda não foram submetidos até o dia de então. Além disso, me deu uma robusta discussão sobre a colonialidade nas relações da expansão do turismo e na cultural de classes sociais no Brasil, e isso contribuiu bastante para este trabalho. Logo fui compreendendo como estava sendo rica a trajetória de vida e do Doutorado, inclusive, pelo contexto planetário peculiar de polarização de narrativas políticas e de pandemia e pós-pandemia. Riqueza que, claro, também nos custaram muitas vidas e que, até certo ponto, modificou e maculou as mentes e as vidas sociais e emocionais em geral de quem ficou na Terra.

Acho que a reflexão sobre o racismo estrutural e a estrutura racial e patriarcal de privilégios fez todo pesquisador sincero, mas que se encontra na cartografia social fenotípica de dominador, de colonialidade, ou seja, homem, traços de povos europeus (“brancos”) e cisgêneros, repensar sua realidade dentro das atuais temáticas sociológicas e seus reconhecimentos capitais simbólicos.

Portanto, além de uma crise substancial causada pela pandemia, ocorre também um ajuste de contas histórico no mundo acadêmico, e meu objeto de

investigação social, dos estilos de vida de *viageiros*, pareceu também entrar em crise existencial, ou pelo menos, de uma reciclagem conceitual diante das atuais abordagens sociológicas. As contradições de discursos do alternativo ao normal, que antes pareciam apenas uma via única de crítica dos padrões normais pelos alternativos, se transformou em uma pista caótica, de pelo menos dez mãos, fundindo e quebrando a rigidez das categorias: alternativo e normal; liberal e conservador; maluco ou careta; as múltiplas associações possíveis e induzidas nas configurações psíquicas e sociais na contemporaneidade.

Outro ponto relevante, foi minha inserção novamente na sala de aula, lidando com os problemas da educação pública de Alagoas, mas também, voltando a estudar Filosofia, porque também dou aulas de Filosofia, além das de Sociologia, e meu retorno aos estudos da enciclopédia da Cultura Racional, dos quais foram de suma importância para o esforço de trabalhar os aspectos etnográficos dos agentes elencados aos aspectos filosóficos contidos na obra *Universo em Desencanto*⁶, que me proporcionou um tanto a mais de envergadura na descrição e diálogo do conhecimento cognitivo estudado pelos interlocutores, e por mim, com uma concepção transcendente da vida material pelo conhecimento adquirido e sistemático.

Enfim, em respeito a tudo e a todos, principalmente a *Caixa de Pandora* (LATOUR 2017), a *Ciência possível e em trânsito*, depois de tantos anos de demagogia transcendente de Ciência como projeto único da história, mascarando a expansão colonialista ainda em suas mecânicas de sociabilidade, resolvi não entrar em depressão e mudar tudo ou o objeto ou desistir da Tese. Pelo contrário, resolvi encarar *o luto e o nascimento*.

E foi aí que chegou: *A Ressurreição* ou *O Renascimento*, quando fui novamente tragado pelo campo, ainda que morando em Alagoas, por uma imersão mais aprofundada nos estudos de Cultura Racional e seus interlocutores novamente. Em julho de 2022, retomei a leitura, e com ela, o diálogo com os interlocutores e o meio. Tanto visitei Paiê, como amigos de infância que moram na Ibiapaba, como estudantes de Campina Grande e Mossoró. Culminou em uma viagem a Cuiabá, em maio de 2023, para encontrar um grupo antigo de estudantes que conviveram com o Senhor Manoel Jacintho Coelho (no Retiro

⁶ *Universo em Desencanto* é uma enciclopédia de livros da Cultura Racional, objeto de estudo e transcendência religiosa dos interlocutores que participam da pesquisa.

Racional no Rio de Janeiro) e que possui uma espécie de retiro e atividades de energias terapêuticas. Como falei na última nota de roda pé, falo da Cultura Racional, porque na parte da observação das performances e subjetividades objetivadas na vida social dos interlocutores dessa pesquisa, a Cultura Racional e o Santo Daime passam a fazer parte relevante para a compreensão de visão de mundo, e, portanto, da geração de razões práticas dos interlocutores da pesquisa.

Ao retornar, pude completar com mais propriedade e ampliar a discussão antropológica, sociológica e filosófica desse conhecimento e de como eles se relacionam com os estilos de vida dos *espíritos viajeiros* da contemporaneidade. Além de ter me dado forças para continuar, para criar, “destravar”, possibilitou adentrar na seara da Antropologia da Religião, o que já era evidente desde a discussão sobre o Santo Daime. Quase tivemos uma etnografia dentro de outra, mas ao meu ver, não. Pelo contrário, tivemos um barco que, achando ter chegado ao porto, descobriu que não estava nem no meio da viagem. E pesquisar é navegar, pesquisar é sistematizar, mas é dar o mínimo de voz ao mundo, na representação, dentro das metafísicas modernas, medievais, clássicas e canibais, dar voz *Aos Mundos!*

Agora segue de fato a *Apresentação*, boa leitura!

1. INTRODUÇÃO. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: ESTILOS DE VIDA E MOBILIDADE DE VIAJANTES DE ESTRADAS PELA COSTA LITORÂNEA CEARENSE E ALAGOANA

Fluxos Migratórios internacionais não são eventos exclusivos da alta modernidade, nem a mobilidade tampouco. Há séculos, milênios, e talvez desde a expulsão de Adão e Eva do paraíso, para utilizar uma representação mitológica de desde que *entramos no mundo encarnado*, que os povos transitam pela face do planeta Terra. O *nomadismo*⁷, inclusive, segundo algumas teses hipotéticas científicas e até de narrativas gnósticas holísticas, precede aos clãs e aldeias imóveis.

Fala-se também de grandes catástrofes ambientais, como inundações e terremotos, que faziam povos migrarem e formarem aldeias em outras terras, através de combates com outros povos locais, miscigenação e muito genocídio.

O interessante é que o desenvolvimento tecnológico e capitalista não pareceu fixar o homem em sua casa, em seu trabalho próximo, como uma aldeia. Mas pelo contrário, nunca se viajou tanto, nunca se migrou tanto, se pensarmos da Revolução Industrial até os tempos atuais.

As relações internacionais se expandiram, o capitalismo se consolidou como a forma predominante de relação social econômica, e em muitas dimensões da vida simbólica também, e a estrutura dos equipamentos de transportes de viagem: ônibus, aviões, rede rodoviária e carros particulares, rede ferroviária, aeroportos, rodoviárias, dentre outros, configuram uma modernidade volátil, mas não totalmente padronizada.

Junto a essas dinâmicas industriais que movimentam o mercado de viagens, e por conseguinte, o fluxo de migração através de uma rede complexa, da qual o Turismo é apenas um aporte empírico, empiria concebida em rede e

⁷ A princípio tinha aportado no conceito de *Diáspora*, mas também por orientação da Banca, e por realmente entender que tinha razão o argumento, resolvi tirar o conceito de *Diáspora*, por ser demasiado carregado, de ser mais específico de outros contextos históricos e sociológicos, como os séculos de escravidão de povos Africanos no Período Colonial, a extinção do território dos Judeus, dentre outros. Nos contextos dessa pesquisa, tornar-se-ia exagero ou inadequado trabalhar com o termo conceitual de *Diáspora*, pois o turismo, apesar de possuir seus impactos sociais e psicológicos, estão mais na ordem da *mobilidade e do nomadismo*, e portanto, resolvi acatar a indicação e realizar a modificação. A questão do *nomadismo* enquanto conceito trouxe os aspectos históricos até à concepção aportada em Deleuze e Guatarri (1972; 1980), de um *nomadismo* com uma relação ao errante, ao caótico, e não necessariamente ao fugitivo de guerra ou refugiado, como no caso de *Diáspora*.

conceito das relações observadas, o Estado do Ceará, no Nordeste Brasileiro, tem sido palco de intensa movimentação turística.

Essas atividades ocasionaram *mobilidades* de longa duração, que saem do sentido básico de viagem a passeio ou um curso de férias em um país estrangeiro.

Em períodos pretéritos à expansão do capital, e durante esse processo, principalmente com o impulso do colonialismo e do projeto de civilização, povos inteiros foram exterminados, ou forçosamente *assimilados*, desde o período da Antiguidade: Babilônia, Romanos, Colonialistas, Imperialistas, até ao trágico e exagerado intervencionismo militar racial dos Nazistas, principalmente sobre os Judeus, os mesmos, como os povos africanos, sujeitados a diversas diásporas forçadas em diversos períodos históricos.

A marca da migração ou da mobilidade era dolorosa e obrigatória, muito diferente do contexto atual tratado aqui, em que o impulso não deixa de ser uma fuga e uma busca, mas não existe necessariamente um lugar a se buscar, uma guerra a se fugir, uma cultura a se preservar, as diásporas surgem dos *apocalipses*, enquanto o nomadismo (DELEUZE; GUATTARI, 1980) é da vida errante, e, no capitalismo caótico e esquizofrênico, o pretense lugar é a estrada dentro das rotas de locais turísticos.

A vida errante, como apontam Deleuze e Guattari (1980), numa psiquê imersa na esquizofrenia do capitalismo contemporâneo, não busca necessariamente um local para se refugiar, o próprio lugar é o espaço do trânsito, o que pressupõe uma performance crítica a forma de civilidade, na sua contraposição caótica. A humanidade continua a se movimentar pelo planeta, e em busca de sentido para a vida e de dar sentido à sua vida. Vejamos o ponto que Teixeira (2023) escreveu a respeito das categorias empíricas e historiográficas do nomadismo:

É por isso, portanto, que Deleuze e Guattari irão privilegiar a investigação dos traços do modo de vida nômade e seu ethos guerreiro para a construção do conceito da máquina de guerra, elencando três desses aspectos do nomadismo propriamente dito: um espacial-geográfico, um numérico e um afetivo. Em cada um, o que está em jogo é sempre a tentativa de compreensão imanente do nomadismo, esse “movimento aberrante” (Lapoujade, 2015) da História, por meio de um afastamento da forma-Estado como chave analítica. Sob a perspectiva espacial-geográfica, a máquina de guerra nômade constitui um espaço liso, espaço de intermezzo e deslocamento permanente, distinto da migração e da itinerância. Isto significa que o nomadismo é uma forma específica de relação com o espaço que elide

as coordenadas cartesianas e seus pontos fixos de localização. (TEIXEIRA 2023, p. 576).

Os espíritos viajeros, ao meu ver, dispõem mais de traços identificados com o nomadismo, nas quais as suas disposições itinerantes, são também uma crítica à vida moderna consumista contemporânea, herança contingencial e não sequencial e *etapista* do processo civilizador (ELIAS, 1997) eurocêntrico, de civilidade.

Quando estão em suas BRs⁸ da forma mais visceral, os viajeros constroem e fluem de forma criativa com os espaços da mobilidade, porém por vezes, param em determinados portos de argonautas, nas quais essas praias pesquisadas são possuidoras de tal *ethos*.

Agora em outra perspectiva analítica, que medida essas vontades de emancipação através de viajar, de se locomover, de conhecer, como aponta Giddens (1991), não estaria também relacionado às consequências reflexivas *do eu* na modernidade contemporânea? Assim como a pandemia, quais seriam as novas *inundações*, *cataclismas* da vida social coletiva, que refletem nas redes afetivas, nas configurações socioculturais e nas psiquês dos corpos *desejantes subjetivados e subjetivantes*?

Portanto, este trabalho não trata apenas de estudar a *mobilidade* atual decorrente do Turismo, mas a reflexividade da história dos sujeitos, nas suas escolhas por viajarem pelas estradas, ou de irem morar em Jericoacoara, Canoa Quebrada, Maragogi e Praia do Francês.

Começemos apresentando as praias cearenses. Canoa Quebrada e Jericoacoara são duas praias no litoral cearense com histórico de intensa rotatividade de viajantes mochileiros de todas as partes do Planeta Terra. Essas duas vilas turísticas têm sido passagem quase que obrigatória para viajantes internacionais *em trecho*, e, muitos desses, acabam se tornando moradores locais dessas vilas e de vilas adjacentes a estas, como o caso da comunidade

⁸ Local, ou espaço simbólico, das viagens. A BR se refere à malha rodoviária federal brasileira, mas também ao sentido figurativo de “cair na estrada” ou de ser um elemento da estrada, da qual aqui trabalharemos a seguir com algumas tipologias de espíritos viajeros, como o maluco de estradas, o micróbio e o mochileiro.

de Caiçara de Baixo, próxima à Jericoacoara, que fora foco de minha observação etnográfica na Dissertação de Mestrado⁹.

Como Jericoacoara e Canoa Quebrada são atualmente, e predominantemente, vilas turísticas, elas apresentam uma característica chamada aqui de *território de fluxo*, que consiste em locais com alta rotatividade de visitantes, com a presença de moradores de curto, médio e longo prazo, e a interatividade entre um *ethos* de natureza e globalização sofisticada, um turismo de natureza, sol e praia, e de noites festivas, com um alto índice de turistas internacionais, e de investidores e moradores também oriundos de várias partes do Brasil e do Mundo. Os territórios de fluxos, são pontos de localização para os viajantes e suas disposições de máquina de guerra (DELEUZE; GUATARRI, 1980).



Figura 03: A Barraca Freedom Bar na Praia. Foto: Autor. Setembro de 2018. (Foto: Autor)

⁹ *Vidas Volantes: Estudo das reconfigurações socioculturais do vilarejo de Caiçara de Baixo nas interações sociais entre antigos e novos moradores* (LIMA, 2016).



Figura 04: Vila dos Esteves ou Estevão em Canoa Quebrada, Aracati-Ceará. Setembro de 2019. (Foto: Autor)



Figura 05: Praia de Canoa Quebrada, janeiro 2021. (Foto: Autor)

Em ambas as vilas turísticas percebemos um fluxo de pessoas oriundas de diversos países, e em uma interação cultural significativa e transformadora dos agentes sociais e das localidades, que se tornaram palco destes contatos multiculturais contemporâneos.

As duas praias alagoanas são Maragogi e Praia do Francês. Ambas também possuem um *ethos* de passagem de estradeiros, porém, não tão

intensos como nas outras duas, ou como em Pipa, no Rio Grande do Norte, ou Lençóis na Chapada Diamantina, na Bahia.

E foi justamente por esse motivo que achei interessante trazer o estudo comparativo e multissituado para observar as diferenças dadas pelos contextos regionais, mas também, pelos contextos de desenvolvimento do turismo nos dois estados nordestinos, e o reflexo na subjetividade dos interlocutores viajantes.

Percebemos um contínuo fluxo de crescimento em Alagoas em relação ao turismo, e, portanto, muitos problemas que ocorrem em Jeri e Canoa, assim como o *modus operandi* dos viajantes que por aí passam ou ficam para empreender e viver, têm uma relação interessante com o presente e possível futuro de Maragogi e Francês. Não que Jeri e Canoa sejam o prognóstico futuro ideal das outras, mas com certeza, dentro de cada elemento regional, possuem semelhanças nos processos de expansão do turismo, como meio ambiente, sociedade, violência, tráfico, espiritualidade, prostituição, desigualdades sociais e impactos socioantropológicos.



Figura 06: Porto das piscinas naturais de Maragogi, litoral Norte de Alagoas. (março de 2022). (Foto Autor)



Figura 07: Praia do Francês em Marechal Deodoro Alagoas (março de 2022). (Foto Autor)



Figura 08: Centro Histórico e Sede Municipal de Marechal Deodoro. Igreja dos Franciscanos. Outubro de 2022.



Figura 09: Rendeira de Filé, técnica artesanal de tecelagem de Marechal Deodoro, feira da praia do Francês. Maio de 2022. Autor.

Também, as duas praias, assim como no Ceará, possuem forte elo com a cultura Nordestina, como o artesanato e a gastronomia regional.

O fato é que, como indicam os estudos, a indústria do turismo, que não são apenas agências de viagens, mas principalmente, sua complexa rede de interdependências, como a hotelaria, comércio, gastronomia, mercado de imóveis, dentre outros, vêm atuando em várias partes do planeta, principalmente, em pequenas localidades com lindas paisagens naturais e mão de obra barata e desqualificada, com uma lógica desenvolvimentista e predatória ou impactante aos povos tradicionais e às culturas locais em geral.

Os sujeitos desta pesquisa, os *espíritos viageiros* (os quais descreveremos em breve), pelas observações realizadas, precedem a toda esta parafernália capitalista, e são movidos por outras questões além de empreender e gerar lucros nessa dinâmica turística do capital: sua performance neste cenário é permeada pelo âmbito dos *outsiders* (BECKER, 2008), mas que acessam à rede turística, uma vez que interagem objetivamente e subjetivamente com os outros moradores dos vilarejos e com os turistas de passeios, afetivamente e financeiramente, como na vida, através dos artesanatos que produzem.



Figura 10: Artesã vendendo seus artesanatos na rua principal de Jericoacoara. Agosto de 2020. (Foto: Autor.)

Em meio a tais contextos, vemos essas quatro praias turísticas como locais onde observamos os processos latentes do desenvolvimento e das transformações sociais e culturais dos povos tradicionais e de suas gerações atuais, ou seja, os filhos que já nasceram e cresceram em contextos de desenvolvimento turístico.

O fato é que esses locais possuem amplo fluxo cultural, e não apenas de interação temporária, o turismo de poucos dias, mas a interação a longo prazo, no caso de pessoas que passam a morar nesses locais e a interagir seus sistemas simbólicos pessoais aos da rede de relações da figuração social (ELIAS, 1997) emergida na vida social na localidade.

Este fluxo migratório do *estrangeiro*¹⁰, que não é apenas o estrangeiro internacional, mas aquele que vem de fora ou *este povo de fora*¹¹, estes fluxos migratórios e a inserção de novos dispositivos sociais e culturais nos vilarejos turísticos e redondezas, transformam profundamente suas vidas e as vidas dos povos tradicionais locais.

¹⁰ No sentido trazido por Simmel (2013), o estrangeiro, o que vem com outro olhar, de outra cultura, para interagir na dinâmica local.

¹¹ *Este povo vindo de fora*, é uma fala de um interlocutor da pesquisa de Mestrado mencionada anteriormente.

A presente pesquisa trabalha justamente com essa questão chamada aqui de *novas rotas de mobilidade* no Nordeste Brasileiro, local marcado pelo estigma da seca e do povo retirante. Porém, essas *novas rotas de mobilidade* são de fora para dentro, e a pesquisa quer compreender, dentro do cenário da globalização e da especificidades antropológicas locais, as transformações socioculturais que estão ocorrendo, tanto com as pessoas em fluxos, como mochileiros que se tornaram moradores em praias turísticas, como com as localidades e os povos e culturas tradicionais, como: aumento da violência, transformações urbanas e do campo, novas relações de sociabilidade criadas ou redimensionadas pela migração oriunda do turismo e da estrada.

Será o aumento de pessoas na busca da vida das estradas e em vilas litorâneas reflexos da crise de valores e estrutural do *capitalismo tardio*, uma busca *existencial romântica*¹² em meio à crise dos valores “civilizatórios pró-urbanismo e industrialismo” ou apenas uma nova conjuntura de desenvolvimento do capitalismo e da expansão globalizante? Ou uma relação dialética entre processo histórico, figuração social e transformação dos estilos de vida simultaneamente e em relação? Essas perguntas, dentre outras, nortearam a investigação dessa pesquisa de Doutorado.

O presente trabalho empreendeu uma etnografia multissituada em Jericoacoara, Canoa Quebrada, Maragogi e Praia do Francês, através da análise das narrativas de vida de antigos e atuais estradeiros, moradores ou em fluxo por essas praias.

¹² A busca pela *Pasárgada* de Manuel Bandeira, de um local para ser Feliz, no meio ao recalque da modernidade e o sufocamento da psiquê pelo excesso de sociedade e moralidade (FREUD, 2019).

1.1. As estradas das vidas como objeto de estudo da Sociologia (questões prévias da chegada ao campo e do vislumbre da problemática)

E, já que ando numa boa e na vadiagem mais uma vez & nada tenho a fazer senão perambular, desapontado, pela América real, com meu coração irreal, cá estou, ávido e pronto para me tornar ajudante de cozinha ou lavador de pratos com o narigão arrebetado nesta velha banheira flutuante, contanto que possa comprar minha próxima camisa bacana em um bazar de Hong Kong ou brandir um taco de polo em algum velho bar de Cingapura, ou apostar nos cavalos na Austrália, para mim dá tudo na mesma, contanto que seja excitante e dê a volta ao mundo (KEROUAC, Jack. **Cais da Noite Desesperada. In: Viajante Solitário.** 2013, p.14).

Nessa passagem do conto do famoso escritor *Beat* franco-americano Jack Kerouac, observamos alguns elementos que serão abordados aqui. A busca por aventuras, por riscos, por emoções. Os escritores desse movimento eram tidos como escórias da sociedade americana, porém, suas disposições anárquicas eram uma resposta à toda repressão social, cultural e afetiva que os jovens de sua época vivenciaram, com os horrores das guerras e as imposições normativas do Processo Civilizador (ELIAS, 1994), pensado como uma imposição eurocêntrica, no sentido de irradiada a partir do velho continente europeu.

O fato é que, na passagem, Kerouac expõe sua indiferença ao contexto específico de sua ação, quando diz “para mim dá tudo na mesma”, seja comprar camisa em Hong Kong ou apostar nos cavalos da Austrália, portanto que seja “excitante e dê a volta ao mundo”. Emoção, excitação, e viagem, volta ao mundo, estão articulados como forma de felicidade, em até certo ponto, uma receita de sublimação, ainda que em contexto, que a versão e a subversão não estão tão demarcadas.

Apesar de sua época de ação e atuação já datarem meio século, esse movimento (não o *beatnik* em si, mas de viajantes estradeiros) não deixou de existir: deixou de ter esse nome e configuração, mas questionamentos e rupturas culturais dos jovens, como a contracultura no Brasil, se intensificaram e extravasaram o circuito dos viajantes literatos americanos, pós-Segunda Guerra Mundial.

Os movimentos *beatnik*, *hippie* e *estradeiro*, se é que podemos individualizá-los, sempre me causaram fascínio e profundo interesse. Na época em que cursava a graduação de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (entre os anos 1999 à 2003) tive a oportunidade de “largar tudo”, talvez uma prévia do *desaparecer de si* (LE BRETON, 2018), apesar de não ter tantas coisas para largar como tenho hoje em dia (filhos pequenos, mãe idosa, percurso profissional acadêmico consideravelmente avançado, amigos da vida e da revolução), naquela época e momento, foi uma ruptura considerável, deixar de morar no local em que estive desde que nasci, praticamente, apesar da pequena família, a mesma, a Universidade, no penúltimo semestre, e os camaradas e as camaradas da arte e da amizade. Mas a vontade de viajar, de buscar conhecer de perto outras culturas, outras pessoas, era mais forte, e percebi que a conjectura era favorável e única.

Mas o que foi fundamental para esse processo existir foi conhecer em Jericoacoara duas viajantes que me incentivaram a viajar. Passei a namorar uma delas, que me ensinou a fazer artesanatos, na época, linhas e arame, e minimamente *como me portar*¹³ em roda e pedras de malucos. Eu e a companheira fomos até Santarém, no Pará, lá nos separamos, e retornei para Jericoacoara. Isso de agosto a dezembro de 2003.

Começo com este relato biográfico para expor a intimidade com o campo e os interlocutores, e que a intensa convivência pretérita com o objeto de pesquisa me deu certo olhar “nativo” ou pelo menos uma capacidade de mapear a configuração dos locais antes de iniciar as anotações de campo e as entrevistas.

Além disso, tanto meu relato como os dos interlocutores sobre as trajetórias de vida particulares possuem em seus pontos de vistas políticos, suas buscas por aventuras e emoções, a própria informação sociológica, que nos diz muito, não só sobre vidas particulares, mas por configurações sociais (ELIAS, 1994) e circuitos de afetos (SAFATLE, 2015) em dadas temporalidades.

Esses relatos de vivências de suas rupturas com suas pretéritas vidas projetadas socialmente, para viajarem em busca de respostas para vida, em

¹³ Elementos performáticos da interação simbólica (GOFFMAN, 1992) desse grupo de agentes que compartilham um conjunto de códigos e significados, que sustentam a fachada e a interação propriamente dita. Depois vou especificar melhor essas dinâmicas interacionais.

busca de sentido para viver, e nisso vão construindo suas vidas e relações afetivas. Penso que as temporalidades dizem muito a respeito de nossas emoções, e do significado que atribuímos a ela (LE BRETON, 2018).

Passei cinco anos sem interrupção (2003 a 2007) a viajar pelas cinco regiões do Brasil, em 19 Estados, à sombra do movimento que é conhecido por muitos como *malucos de estradas*. Digo à sombra, pois às vezes, incorporava parcialmente a via *micróbio*¹⁴, que é dormir nas ruas, usar álcool e drogas frequentemente, mas sem me tornar *favozeiro*¹⁵, sempre vendendo artesanatos, e, às vezes, estava numa *face* (GOFFMAN, 1992) mais ecológica, mais limpa de tóxicos, mais em fazendas ou locais pequenos, e mais afastado da *pedra da malucada*¹⁶, e vendendo mais os artesanatos como ambulante, na forma de *mangueio*¹⁷.

¹⁴ *Micróbio* é como alguns *malucos de estrada* se autodenominam. Geralmente, quando estão em trecho de viagem, sem passar muitos dias em cada lugar, o que acaba facilitando para o ambiente mais “largado”. Em alguns casos, o *Micróbio* parece ter mais autenticidade do que o artesão, mais polido. Tem certo prestígio em estar numa situação de *Micróbio* na Estrada, porém, é sintomaticamente rejeitado pela sociedade, sendo muitas vezes sujeitos à *condição de precariedade e de matável* (BUTLER, 2015). Matável no sentido de que o homem em estado de morador de rua tem sua vulnerabilidade de vida muito maior do que quem possui um canto para morar. Em certos momentos, a rua deixa de ser o espaço da liberdade para ser o da hostilidade e do perigo, porém, os *viageiros* são distintos, e os *micróbios*, por exemplo, estão mais sujeitos à violência do que *mochileiros* de locais apenas turísticos.

¹⁵ *Favozeiro*, é quando o sujeito apenas pede, deixou de trabalhar com artesanatos. Vive de *favores*. Os *Malucos* não gostam de serem confundidos com tal, mas às vezes, estão a usar os mesmos ambientes de interação social. Os *favozeiros* também se encontram em *condição de precariedade*, ainda mais que os *micróbios*.

¹⁶ Local de reunião dos *malucos*, para venda dos trabalhos, as também de celebração e interação dos códigos e *performance* dos atores sociais em questão. Praças, ruas turísticas, bares na praia, dependendo do caráter da cidade e da movimentação de pessoas e fluxo de interesses, a *pedra* pode ser na Broadway, rua principal de Canoa, ou a Praça José de Alencar no centro de Fortaleza.

¹⁷ *Mangueio* é uma categoria nativa entre os *estradeiros* em relação à venda de artesanatos de forma ambulante. Analogia provém do caranguejo, que anda na praia: seriam os *malucos* a trabalhar com a venda ambulante.



Figura 11: Foto do autor (camisa branca) e amigo expondo os artesanatos na Universidade Federal de Viçosa em Minas Gerais. Agosto de 2006. Fonte: Arquivo do Autor.

Em meados de 2005, comprei um terreno com casa na zona rural do município de Cruz, vizinho ao município de Jijoca de Jericoacoara, no lugar conhecido como Caiçara de Baixo. Este local é banhado por uma linda lagoa azul, com areia branca, e com restaurantes, o que serve à venda dos artesanatos aos turistas que estavam em Jijoca, Jeri ou Preá (praia vizinha).

Eu estava vivenciando uma fase de *Capitão de Areia* naquela época, porém, já tinha cursado quatro anos de Ciências Sociais, e já possuía o que Roberto Cardoso de Oliveira (2006) chamou de *Olhar*¹⁸ e que Wright Mills (1969) chamou de *Imaginação Sociológica*. Junto com a noção de *Habitus* de Bourdieu (2011a/b), a *Imaginação sociológica* de Mills (1969) consegue encaixar o irrisório, o cotidiano, a uma rede histórica da qual o sujeito está inserido. Penso que a existência humana, em seus mais diversos aspectos, não está desvinculada das malhas relacionais dos períodos históricos e do mundo social

¹⁸ Olhar, para Cardoso de Oliveira (2006), não é meramente observar por observar, mas ter o Olhar é observar sobre o prisma teórico e analítico desenvolvido ao longo dos cursos de ciências sociais. No meu caso, via toda uma riqueza de problemáticas sociológicas e antropológicas no meio dos viajantes em trânsitos e das capitânicas multiculturais turísticas, como Jericoacoara. Era impossível para mim ver o que estava acontecendo cotidianamente, sem Olhar ou imaginar sociologicamente todas as teias de significados implícitas aos leigos das disciplinas. A teoria para Cardoso de Oliveira (2006), Mills (1969) e Bourdieu (2011a/b) é movimentada com a realidade empírica, em uma relação dialética e dialógica, sem sobreposição, mas também sem experimentalismos *pseudocientíficos*, dos quais eles criticam veementemente.

em que estão inseridos, e conseguia ver que a performance da *malucada* dizia muito sobre a sociedade em geral e a contemporaneidade da modernidade.

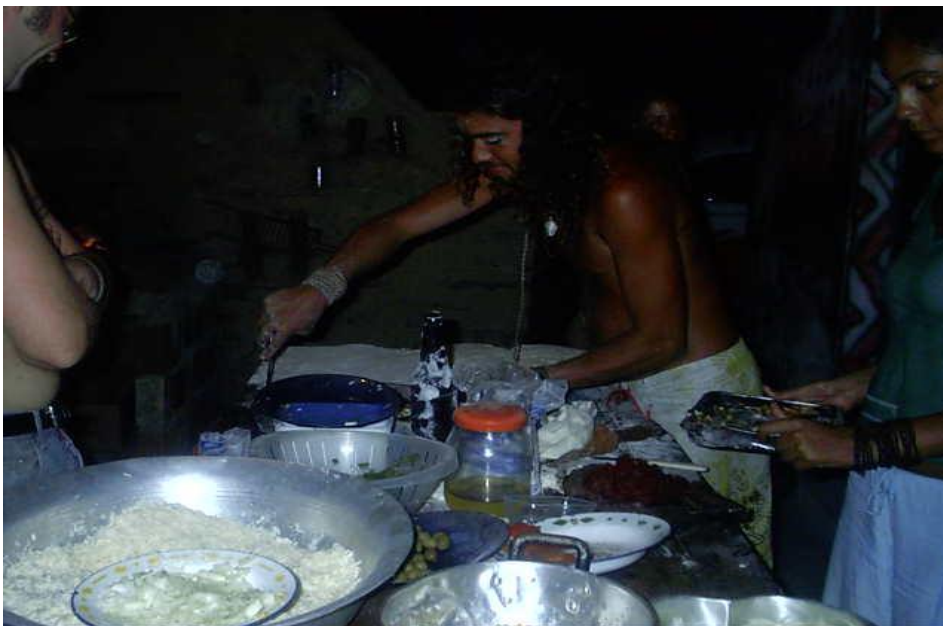


Figura 12: Festa de aniversário de uma Maluca de Estrada, na Caiçara de Baixo no sítio de um casal de Malucos que se fixaram na localidade desde 2004. Na imagem estamos fazendo pizzas, e o rapaz ao fundo mexendo na pizza, sou eu em um dos momentos que estava viajando por lá. (Fonte: Arquivo do Autor, 2007)



Figura 13: Lagoa da Caiçara de Baixo. Agosto 2020. (Foto: Autor)

Depois dessa temporada retornei à Universidade e terminei a graduação. A monografia foi sobre a localidade, em que mostrava os ciclos dos nativos e dos *hippies* que se instalaram ali. Ainda continuei frequentando, mas já morando

em Fortaleza. Nesse período (2007 a 2012), conheci o Santo Daime¹⁹, e passei a ir algumas vezes a Canoa Quebrada, pois lá tem a Igreja mais antiga do Ceará, e é irmanada da Igreja de Cascavel, da qual eu participava como fardado²⁰. Alguns dos adeptos do Santo Daime de Canoa são viajantes antigos, dos quais já vinha visto diversas vezes nas estradas, e nas feiras de artesanatos.

Fiquei bem próximo a eles, tanto que um dos artesãos e ourives é padrinho de minha filha mais velha. Ele também se tornou interlocutor, e, geralmente, fico hospedado em sua residência quando estou em Canoa Quebrada. Sua casa é um espaço de interação, assim como a Igreja e a Broadway²¹. Lá funciona sua oficina e sempre passam pessoas em viagem por lá, geralmente da Igreja. Conheci Canoa Quebrada aos 17 anos, em 1997, mas no Daime estava conhecendo as pessoas de lá de forma mais intensa, como amigos, como irmãos da Igreja, e pela afinidade maior do que “encher a cara” na Broadway, não que eu não tenha feito isso várias vezes e com os próprios irmãos, mas digo que passei a conhecer melhor as pessoas e o local, como havia acontecido em Jericoacoara e, depois, na Caiçara de Baixo.

¹⁹ Santo Daime, é uma religião amazônica brasileira, que comunga o chá Ayuasca ou Daime. A religião não tem livro, mas trabalhos cantados através de hinos recebidos na mediunidade. Ela possui uma riqueza imensa de signos e símbolos religiosos de diferentes matrizes culturais, desde o cristianismo, kardecismo passando pela umbanda e o xamanismo. Sua sede histórica, o Alto Santo, fica no Acre, em Rio Branco, e a sede do maior segmento (existem vários segmentos posteriores ao fundador Mestre Irineu) fica no interior do Amazonas, no local chamado, Igarapé Mapiá ou Céu do Mapiá (Nome dado pelos adeptos da doutrina).

²⁰ Fardado é quando nos tornamos membros efetivos da casa. Existe um ritual de passagem conhecido por fardamento, que ocorre quando colocamos a vestimenta adequada para os trabalhos, e recebemos uma estrela de Davi, como símbolo da doutrina.

²¹ Rua principal de Canoa Quebrada, onde ficam bares, restaurantes, mercadinhos, lojas, a feira de artesanato dos artesãos locais, e mais artesãos espalhados pelo perímetro da rua. Ela já teve o nome de Dragão do Mar, mas com o constante fluxo internacional, não só de turistas, mas também de novos moradores, tensionou e se convencionou chamar dessa forma, pois este nome já tinha se tornado mais usual do que o antigo.



Figura 14: Entrada da Vila de Canoa Quebrada. Março 2019. Foto: Autor.



Figura 15: Descida para a praia pelas Falésias. Março 2019. Foto: Autor.

Continuei a estudar, e no Mestrado, empreendi uma continuação da temática da Monografia, mas com mais objetividade em estudar as interações em narrativas de interação na localidade, entre nativos antigos e os nativos artesãos, contemplando, ainda, a especulação, o confronto com os poderes

públicos locais, a questão quilombola dos povos antigos de lá e seus descendentes, dentre outros.

Além das narrativas das entrevistas, na Dissertação foquei-me em observar e analisar um projeto social desenvolvido na comunidade, de cozinha e produtos à base do caju, com financiamento de ONGs. A Dissertação, além da discussão dos impactos causados pelo desenvolvimento do turismo, contemplava um estudo mais antropológico da comunidade, revelado em pequenas narrativas, de eventos, como o da cozinha comunitária.

Para o Doutorado, resolvi “expandir” e sair um pouco da temática da localidade em si. Resolvi estudar as mobilidades dos viajantes, mais propriamente, as pessoas que vieram impulsionadas pelo movimento das estradas e que foram parar, ou se vincularam afetivamente, no seu circuito de afetos, a Jericoacoara e Canoa Quebrada.

Como já fora explicitado anteriormente, na estrada da pesquisa, inclusive bem posterior à qualificação do trabalho, já em 2022, surgiu o interesse de acrescentar Maragogi e a Praia do Francês, e alguns interlocutores dessas regiões. São também praias turísticas, mas com contextos diferenciados e similares ao mesmo tempo, com Canoa e Jericoacoara, o que também possibilitava para mim, expandir a *multissituação e os multissituados*. A meu ver, a análise comparativa iria enriquecer a obra, junto ao fato de ter me mudado para a Praia do Francês para trabalhar como professor, que também era importante para ver a dinâmica mais de dentro, e não como turista ou *maluco de estradas*, apenas.

A necessidade de situar, dentro do truque da pesquisa, fora bem sucedida, e não apenas por querer, mas por condições pragmáticas, também, de trabalhar para me manter, e me tornar um local na Praia do Francês, mesmo sem ser.

Penso que um bom trabalho de Antropologia pode surgir de uma observação prévia ingênua, corriqueira e cotidiana, para depois de observados à luz do diálogo acadêmico, ir fazendo a tessitura do objeto analítico interpretativo social, artesanal, e, processualmente, a observação ganhando maior dimensão científica.

Por estar vivenciando a vinte anos (Caiçara, Canoa e Jeri) o campo proposto para análise, pude elaborar e coletar as entrevistas bem depois de já ter mapeado a problemática, o pano de fundo, o material teórico e as

interlocuções, *o campo e a escola* (OLIVEIRA, 2006). Quando apareceram Maragogi e Praia do Francês, continuei com a mesma mecânica investigativa, já apreendida nessa convivência com as praias cearenses.

O campo no sentido de imersão temporal no local de investigação social e a escola, a universidade e os locais de aprendizagem do que Roberto Cardoso de Oliveira (2006), no livro *O Trabalho do Antropólogo*, concebe como *idioma da disciplina*: a matriz cognitiva acadêmica, nossos instrumentais teóricos e metodológicos para fazer uma pesquisa, para analisar um dado, para gerar uma ciência social reflexiva. O momento do *escrever* é o momento da refração do ambiente acadêmico sobre a pesquisa de campo.

Temos de admitir que mais do que uma tradução da “cultura nativa” na “cultura antropológica” – isto é no idioma da minha disciplina- realizamos uma interpretação que, por sua vez, está balizada pelas categorias ou pelos conceitos básicos constitutivos da disciplina. Porém esta autonomia epistêmica não está de modo algum desvinculado dos dados- quer de sua aparência externa, propiciada pelo olhar; quer de seus significados íntimos ou do “modelo nativo”, propiciado pelo ouvir. Está fundada nesses dados, com relação aos quais tem que prestar contas algum momento com o escrever (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

Ainda corroborando com o autor, o *Olhar* é extremamente cognitivo, porém sem ser teórico (OLIVEIRA, 2006). Esta cognição se dá pelo movimento das categorias analíticas à luz das observações empíricas. A seguir vamos trazer mais elementos empíricos para o exercício da interpretação antropológica e sociológica.

1.2. Ética na pesquisa, utilização de fotografias, pseudônimos e o interesse científico pelo cotidiano e as trajetórias de vidas

Acredito ser fundamental apontar algumas dimensões universais como a *Ética na pesquisa*, pelo ponto de vista pragmático e historicidade. Tenho por mim que a Ética como o Amor e a Liberdade, não têm consistência sem as relações humanas e sociais, e que são históricas, dialéticas, contingencial processual, portanto, metamórficas. A questão da verdade, ou a narrativa coletiva predominante dela, é temporal e não universal (FOUCAULT 1999).

Atualmente, as Ciências Sociais vêm discutindo reflexivamente sobre a pesquisa e a Ética. Ética instrumental da própria pesquisa e do pesquisador com os pesquisados, já que nós, cientistas sociais, geralmente pesquisamos pessoas e seus *espíritos*...ou símbolos para quem achar melhor evitar qualquer confusão com a metafísica teológica. Essas reflexões passam por um pragmatismo operacional, de como fazer que a pesquisa não seja antiética, invasiva, desrespeitadora e criminosa.

Porém, estaria a ciência institucionalizada livre do obscuro e bem intocado, que quase ninguém “vê”, o Minotauro²² da modernidade, o *Colonialismo*? Quando um interlocutor nos diz: e *daí o que é que vou ganhar com isso?* Ou, *você não vai me entregar para a polícia?* Não estaria implícito que somos *agências extracientíficas*, que representam a economia, ou o capital, e o Estado Institucional? Ou pior, agentes *Coloniais contemporâneos*?

Complicado ter uma firme posição de que não, não somos ACC²³, e de que nossa intenção é mais forte e objetivamente mais poderosa do que o pacto institucional de que fazemos ao galgar o percurso acadêmico, e por que não, da vida particular imersa no processo histórico, do qual é quase heroico transcender na escolha individual o *metier* das ofertas da vida social.

Mas apesar de uma reflexão crítica e desencantada de liberdade *praxiológica* no campo da pesquisa institucional, é possível voar e respeitar de alguma forma. Não, eu não vou entregar ninguém à polícia e nem ganhar milhões com *best sellers* de literatura. Infelizmente, quase a maioria da população não tem acesso aos trabalhos acadêmicos, e não porque são proibidos, estão todos em arquivos públicos impressos e digitais, mas porque existe algo implícito que

²² Este trabalho por momentos faz referências a histórias mitológicas para designar uma reflexividade conceitual. Minotauro foi o filho bastardo do rei Minos. Segundo o Mito, Minos tentou enganar o Deus Posidon ao lhe devolver um touro falso em vez do entregue pelo mesmo Deus a Minos. Em represália, Posidon fez a esposa de Minos se apaixonar pelo Touro “mágico”, e teve um filho com ele, o Minotauro. O Minotauro era uma criatura bizarra e violenta que foi preso em um imenso labirinto a mando do rei. O rei, apesar de rejeitar a criatura, sempre mandava os inimigos ao labirinto para que fossem devorados por ele. Esta narrativa trazida à luz da questão aqui proposta, enxerga o Minotauro como o colonialismo, pois apesar do discurso de pureza e progresso do processo civilizador europeu, o método utilizado para impor tais diretrizes ao mundo fora a invasão, a usurpação de culturas e subjugação a sua cultura, a lógica capitalista e mercantil sobre as diversas formas coletivas de economia comunal. Assim como o Minotauro, era o Colonialismo, na base da força e violência, que o processo europeu de civilidade, caracterizado pela realeza cretense, tratava seus inimigos, ou seja, com a supremacia da violência e da barbaridade de Minotauro e do Colonialismo, a realeza e os países europeus colonialistas controlavam a questão que se propunha à oposição.

²³ Agentes Coloniais Contemporâneos.

não faz a conexão cotidiana entre a Ciência e a maior parte da população, e este algo implícito é objeto de estudo da Sociologia, Filosofia e História, certamente.

Ainda assim, dentro do raio de possibilidades e estratégias, pretendo fazer um trabalho com cientificidade, sem cientificismos, e com análise, sem exposição pessoal dos interlocutores. Não me importa saber se o cara é um bandido, ou agressor, ou um líder carismático, mas sim, o que levou essas pessoas a isso. Suas vidas não estão soltas, mas em redes de relações sociais, e por isso, o foco é na cientificidade da vida cotidiana e das narrativas pretéritas e presentes de vida.

Outro ponto é o recurso dos pseudônimos dos interlocutores. Venho fazendo isto desde a Monografia de Graduação, e tal prática evita transtornos de identificação indesejada. Os pseudônimos também se tornam recursos estilísticos e conceituais, se eles forem dotados de significados que estejam relacionados ao arquétipo observado pelo pesquisador do interlocutor.

Não sei se vou montar uma ONG de apoio aos viajantes de estradas, ou se meu trabalho vai escapar das artimanhas do capitalismo *pró-colonialista utilizado*, mas a relevância do estudo, no contexto atual de intensa mobilidade internacional no Estado do Ceará e região Nordeste, é importante para reflexos em políticas públicas, como para alguma rede de pessoas, os pares da academia e dos movimentos sociais, possam utilizar o material com bons intuitos, populares e em defesa dos direitos humanos e planetários, ainda que em contexto histórico materializado.

Utilizarei pseudônimos de origem indígena americana em grande maioria. Apenas com os interlocutores espanhóis em Canoa, trago nomes de origem grega e hispânica. Segue abaixo a relação deles e o porquê achei conveniente com o temperamento e histórico dos interlocutores.

Païé significa *Curandeiro* em tupi guarani. Este artesão e ourives, é morador de Canoa Quebrada desde os anos 1990, foi daimista e agora estudante de Cultura Racional. Seus relatos, como os de Hermes abaixo, perpassam algumas gerações de moradores de Canoa, e de viajantes de estradas, sendo de grande importância os dados de suas trajetórias de vida.

Hermes é o lendário Deus Mensageiro da Mitologia Grega e também o alquimista Hermes Trimegisto. Este espanhol da Galícia já viajou várias partes do mundo, boa parte destas viagens pelo Brasil, e mais especificamente em

Jericoacoara e Canoa Quebrada, onde residiu em vários momentos de sua vida. Por isso, utilizo este nome: pela amplitude da experiência e das mensagens, não as normativas, mas as descritivas e reflexivas, e também, pela sua vida ligada a buscas espirituais, a viver em locais com Natureza ambiental e pessoas em busca que convivem com pessoas e trabalhos simples e rurais.

Ginestà é o nome de uma Revolucionária Espanhola da Guerra Civil, do lado dos comunistas e anarquistas. Esta interlocutora também reside em Canoa Quebrada na atualidade, mas já fez diversas viagens pelo Brasil e Mundo. Ela também teve uma trajetória, como Paiê, de passagem pelo Santo Daime e hoje adepta da Cultura Racional.

Potiguar é o nome dado às pessoas nascidas no Estado do Rio Grande do Norte. Em tupi significa *comedor de camarão*, indígenas originários daquele litoral e sertão. Esta interlocutora tem notória participação na Cultura Racional, e frequenta a praia de Canoa Quebrada a mais de 30 anos, tendo sido *fardada* do Santo Daime de Canoa Quebrada por mais de quinze anos, tem um filho com um morador nativo de Canoa e, até hoje, participante ativo da doutrina daimista na região. Paiê e Ginestà são pessoas que passaram pelas duas matrizes religiosas, porém, ela não foi *maluca de estradas*, e sim, arquiteta e psicanalista, e sua interlocução intelectual e empírica, principalmente relacionada à doutrina Daimista e à Cultural Racional, foi de muito valor para a pesquisa, ainda que sua contribuição tenha chegado quase no término da pesquisa.

Montezuma foi um rei Asteca, na época em que os espanhóis invadiram o México por volta de 1500. Este rei tinha uma sabedoria invejável, mas foi bruscamente assassinado pelos invasores. Escolhi esse nome, pois o interlocutor teve uma passagem pelo EUA muito intensa, e sofreu os preconceitos sociais e raciais por conta de sua origem latina.

Yamandú é um nome indígena que significa o mais poderoso Deus da mitologia tupi guarani, é a energia que existe além do próprio universo. Acredito que a Cultura Racional traga essa conexão de *mundo além* e original, mas o referido interlocutor era um excêntrico e autêntico *maluco de estradas* de Rondônia, da qual tive a oportunidade de *viajar com* ele de Jericoacoara até Lençóis na Chapada Diamantina, onde, acredito, ter sido a época mais intensa de minha experiência nas estradas. Com ele aprendi a confeccionar melhor peças no couro e fazer arame e joias de arame batidas no martelo, as filigranas.

O mesmo também era um poço de histórias na estrada, porém, muito desregrado e impulsivo. Sua força era além das convenções morais de bem e mal, e ainda que não tivesse nenhum embasamento acadêmico para tal, as sutilezas do seu carácter impulsivo eram didáticas, e serviram bastante para tal pesquisa.

Hera é uma Deusa Grega irmã de Zeus. Este pseudônimo já vem da Dissertação de Mestrado, e não achei conveniente mudar. A interlocutora é uma *Maluca de Estradas*, ou uma artesã viajante, desde os anos 90 do século XX. Ela tem residência na Caiçara de Baixo, localidade próxima a Jericoacoara, mas é natural de São Paulo capital. Foi uma das organizadoras do projeto Cajus e das Mulheres Negras da Caiçara de Baixo, assunto narrado em pesquisa de Mestrado (LIMA, 2016).

Dandara é uma guerreira africana, tema de uma música de Jorge Ben Jor. Como Hera, também tem residência na Caiçara de Baixo, também liderou projetos sociais e comunitários, e também é natural de São Paulo. O pseudônimo também já vem da pesquisa anterior.

Maharavi Das significa *servo do rei* na cultura Hindu. Também era seu nome de iniciação no Hare Krishna, do qual foi adepto por mais de 30 anos. Viajou com Shakti e os filhos de ônibus pela América do Sul, e hoje é artesão na Praia do Francês. Tive a oportunidade de *estar com* eles por mais de um ano, pelo fato de sermos vizinhos no Francês antes de minha mudança para a Chapada Diamantina, atual lugar onde resido.

Shakti significa a versão feminina de Krishna, ou também, *poder e energia*. Ela é até então a companheira de Maharavi Das, e nossas conversas geralmente eram em sua casa, os três conversando sobre espiritualidade e vida em geral. Shakti e Maharavi Das são naturais de Buenos Aires, na Argentina, e suas primeiras viagens ao Brasil foram Santa Catarina, Ceará e Bahia, tendo morado em Fortaleza por um tempo e trabalhado com um restaurante vegano.

Ziggy é um interlocutor que conheci em Maragogi, que faz mandalas tibetanas com arame. Seu pseudônimo é também o seu apelido nas estradas, então, é mais um apelido do que pseudônimo.

A pesquisa ainda terá outros pseudônimos aos sujeitos que aparecem na rede de relações dos interlocutores, como amigos, turistas, parentes, dentre outros, que são mencionados em seus relatos e que por ventura se fazem importantes a presença no enredo dos relatos.

Por hora estão em geral descritos os agentes interlocutores da parte etnográfica em seus respectivos pseudônimos.

1.3. Perspectiva analítica como articulação entre teoria social e atividade de campo

A investigação sociológica tem múltiplas faces e formas de ser realizada e interpretada. Desde visões interacionistas simbólicas e etnometodológicas, que se focam na chamada observação *microsociológica*, como aos grandes sistemas teóricos dos economistas políticos, dos funcionalistas e dos estruturalistas.

Pierre Bourdieu (2011b) e Wright Mills (1969) parecem comungar que é possível *pensar relacionalmente*, sem, contudo, aderir a um ecletismo teórico sem base empírica ou o contrário, um empiricismo uma sem base de discussão epistemológica (filosófica, antropológica, histórica e sociológica) mais aprofundada.

Assim como argumentou Karl Marx (1998), em que se todo senso comum fosse científico, não se precisaria mais da ciência, Bourdieu (2011a) e Mills (1969), apesar de criticarem a retórica positivista de ciência social matemática e formatada ao *metier* das Ciências da Natureza e Exatas (que Bourdieu qualificou de *rígida*, pois pretende encaixar a pesquisa a procedimentos metodológicos fechados, chegando a chamar de *monomaniacos da metodologia* ou cães de guarda do método) também criticam a perspectiva de boa parte dos teóricos *contingenciais da pós-modernidade*, que pautados em uma crítica destrutiva aos esquemas conceituais da modernidade (e o com eles a crítica a própria grande narrativa de Ciência trazida pela modernidade e o modernismo) elaboram muitas vezes trabalhos *experimentais* (OLIVEIRA 2006), que alguns teóricos questionam a legitimidade científica destes, que nada tem a dizerem sobre as *forças ocultas e implícitas* que se articulam por *detrás* das aparentes relações sociais entre os indivíduos e entre as *redes de relações e de interdependências* (ELIAS, 1994). Nas palavras do próprio Mills em relação às inclinações pessoais e ao período histórico onde se localiza:

O primeiro fruto dessa imaginação - e a primeira lição da ciência social que a incorpora é a ideia de que o indivíduo só pode

compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tomando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica... A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa a sua tarefa e a sua promessa. (MILLS, 1969, p.12).

Junto com a noção de *Habitus* de Bourdieu, a imaginação sociológica de Mills consegue encaixar o irrisório, o cotidiano, a uma rede histórica, da qual o sujeito está inserido. A existência humana, em seus mais diversos aspectos, não estão desvinculadas das malhas relacionais dos períodos históricos e do mundo social em que estão inseridos.

Penso junto com Bourdieu, que muito diferente de um engenheiro, o sociólogo opera com um dinamismo maior no desenvolvimento de sua pesquisa, que a faz mais parecer um artesanato do que a execução de uma planta de engenharia. É possível fazer uma Sociologia relacional, que opera bem diferente da coisa pronta, dada, acabada, que vai simultaneamente trabalhando a construção do objeto e a tessitura teórica e metodológica imbricadas e inseparáveis.

Para ele, uma boa pesquisa não pode deixar de ter um *rigor metodológico e processual de pesquisa*, sem, contudo, cair na armadilha de ferro dos *monomaniacos* metodológicos, ou dos separatistas de teoria-metodologia, como fizeram o movimento da sociologia americana pós-guerra liderada por Talcot Parsons. Justamente por ser rigorosa, a investigação teórica e de campo, e claro, dependendo do caráter e das inclinações políticas dos pesquisadores, que caixinhas metodológicas, ou teóricas não são possíveis.

As dinâmicas da pesquisa vão tecendo o corpo teórico e metodológico, quase que "*naturalmente*", ainda que para chegar a tal *estado de natureza* é necessário um árduo e rigoroso treinamento disciplinar, nas matrizes das disciplinas de Ciências Sociais, que como bem aponta Roberto Cardoso de Oliveira (2006), acabam por nos dar o *olhar* do cientista social. Tomando esta metáfora do *Olhar*, que para Oliveira, se insere no campo cognitivo completamente, a Imaginação Sociológica também pode ser vista de tal maneira, como o *Olhar*. Não se trata de imaginar de qualquer forma, mas a maneira do sociólogo que consegue dentro das esferas cotidianas, aparentemente irrisórias,

encontrar os pontos e as problemáticas da sociedade, implícitas e ocultas para aqueles que não compartilham do mesmo treinamento que os estudantes da disciplina.

Outro ponto bastante relevante, e que toca diretamente aos estudos de diásporas, é o argumento de Bourdieu (2011a/b) e Mills (1969) em favor da análise do campo simbólico e da interdisciplinaridade epistemológica das pesquisas sociais. Além do possível diálogo entre linhas epistemológicas próprias da Sociologia (como a teoria do *Habitus*, que pretende dialeticamente compreender agência e estrutura, ação prática como uma relação psíquica e social com as estruturas), eles propõem alianças com as disciplinas vizinhas, como a História, Filosofia, Psicologia, caso a tessitura da pesquisa e as hipóteses e desenvolvimentos decorrentes da dinâmica assim exigirem.

Ora, analisar pessoas em fluxo, e os próprios fluxos como redes de relações em diálogo com as estruturas complexas, culturais e sociais, parece comungar com a dimensão de pesquisa proposta por Bourdieu (2011a/b), e não só por ele, mas também por Elias (1994), nos conceitos de *sociogênese* e *psicogênese*, e de Giddens (2013), como: a dupla hermenêutica, a modernidade reflexiva e a teoria da estruturação.

Outro ponto importante levantado pelos autores, é a criticidade em relação às próprias categorias elaboradas pelo discurso científico. Assim como o senso comum, *a la Platão*, é a esfera ilusória, ou pelo menos, superficial em relação ao procedimento investigativo científico, o próprio meio científico, por estar imerso em sua temporalidade, também está sujeito à criação de uma espécie de senso comum *academicus*, ou *senso comum douto*. Este *senso comum* também perde sua propriedade científica quando não questiona mais as próprias categorias, as tomam como dadas, como pressupostos, porém, sem nenhuma análise das mesmas.

Falar sobre diásporas, mobilidades, turismo, sem uma história social destas categorias, é atirar no escuro. Como procedem Bourdieu (2011a/b) e Mills (1969), é preciso o pensar relacional e a imaginação sociológica sempre presentes para que se evite reproduções com retórica científica, porém, sem nenhuma cientificidade. Portanto, para enxergar tal articulação é preciso mais do que reproduzir as *categorias douradas*, ou reproduzir o *senso comum nativo*. É preciso enxergar as tessituras das relações, as temporalidades, as ações dos

sujeitos e as estruturas do tempo em relação dialética. É nesse intuito que Mills (1969) argumenta o ofício do cientista social, o ofício de imaginador, de apanhador de problemas sociais, que não estão materializados, mas que ganham *substancialidade* na imaginação do bom cientista social.

Dentro deste fio condutor, percebo ser possível desenvolver esta *sociografia* (OLIVEIRA, 2006) ou uma etnografia, que não se restringe ao *Olhar*, nem ao *Ouvir*, e nem ao *Especular*, mas ao processo de pesquisa, que não separa método de teoria, que a ação prática dos indivíduos não se encontra deslocadas da temporalidade e nem das redes de interdependência, mas muito pelo contrário.

O Turismo é impulsionador de fluxos migratórios, mas em que instância isto se procede? E como compõem uma ligação implícita no contexto atual da modernidade *tardia* (GIDDENS, 2013)? Como estas dinâmicas reconfiguram as localidades pano de fundo das diásporas, e como reconfiguram os indivíduos e os coletivos, ou grupos sociais, ao qual eles se reivindicam atores e agentes?

Acredito que seguindo os passos dados pelos autores propostos no texto, é possível traçar a pesquisa sociológica, na construção processual do objeto de pesquisa, das ferramentas conceituais teóricas e metodológicas. Isto não significa que se parta de um caos absoluto, ou do senso comum, *vulgar ou douto*, também não significa que o procedimento investigativo deverá ficar preso às inclinações metodológicas e teóricas iniciais, enquanto ainda se gestavam as hipóteses e se delimitava os embriões da construção do objeto.

Corroborando com a ideia de dúvida radical, como pressuposto de uma Sociologia reflexiva e relacional, é preciso duvidar até das categorias postas pela disciplina em seu percurso histórico. É preciso fazer com que a pesquisa gere suas próprias categorias analíticas, ou pelo menos, ter o esforço de não apenas reproduzir categorias analíticas. Assim como o objeto, as categorias analíticas também vão sendo criadas, e correlacionadas, às categorias anteriores e à realidade social observada no campo de pesquisa.

Nas palavras do próprio Pierre Bourdieu:

Todavia construir um objeto científico é, antes de mais e sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares-comum da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das

organizações sociais e nos cérebros. O pré-construído está por toda parte. O sociólogo está cercado por ele como está qualquer pessoa. (BOURDIEU, 2011a, p. 34).

Portanto, a dúvida radical, o pensar relacional e a imaginação sociológica, como foi abordado pelos dois autores referidos a pouco, são fundamentais para o êxito de uma pesquisa social científica, que se ancora em analisar dialeticamente as estruturas sociais e as psíquicas, como fio condutor metodológico e teórico, porém sem escapar ao rigoroso procedimento de investigação empírica e conceitual da disciplina e de disciplinas sociais aliadas no processo de *tradução sociológica* (se formos pegar o conceito de idiomas culturais de Oliveira) ou interpretação sociológica do objeto de pesquisa construído e observado.

1.4. Os truques da pesquisa e o toque da Escrita

A pesquisa social possui várias facetas epistêmicas e metodológicas. Não se trata de *dois mais dois é quatro*, ou de uma única possibilidade de *elaboração e interpretação*, dos objetos e recortes dimensionados para estudo das relações sociais, muito pelo contrário, temos um vasto campo de como fazer a pesquisa, de como aplicar a discussão teórica e de como materializar este acordo no ofício laboral da escrita.

A professora e socióloga Irllys Barreira (2017) em seu feliz ensaio sobre a pesquisa social artesanal, enfatiza que devemos não apenas nos perguntar *como fazer a pesquisa*, mas também, de *como foi feita*, dando a entender que a pesquisa social navega dialeticamente, tanto o objeto de pesquisa, quanto os procedimentos metodológicos, quanto a discussão teórica, estão em movimento e articulação, e dentro deste processo, muito pouco provável que ela permaneça a mesma e intacta, como uma equação de geometria para descobrir os ângulos e medidas das formas geométricas.

As categorias analíticas vão sendo gestadas neste movimento do fazer a pesquisa. O artesanato também é colocado em questão. O artesanato intelectual, que não se restringe a especulação filosófica ou ao a rigidez metodológica, mas de uma articulação de fontes, *“truques”* pragmáticos (BECKER, 2007) e articulações teórico reflexivas do labor do cientista social.

Ítalo Calvino (1997) nos dá também algumas boas pistas em relação à escrita, sobre a ótica de uma leveza, sem ser arbitrária ou puramente imaginativa, mas sim, com exatidão.

O fato de me haver detido sobre Cavalcanti serviu-me para esclarecer melhor (pelo menos para mim) aquilo que entendo por “leveza”. A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório. Paul Valéry foi quem disse: “Il faut être léger comme l’oiseau, et non comme la plume” [É preciso ser leve como o pássaro, e não como a pluma] (CALVINO, 1997, p. 25).

Como o autor ressalta, sua opção pela leveza está muito mais ancorada na sagacidade de um ninja, ou de uma águia, do que de um barco que corre o rio à deriva.

Acredito que sua consideração sobre a escrita pela opção da leveza muito feliz, porém, adequada também ao período em que o pensador escreveu tais argumentos.

Como bem sabemos, ou pelo menos alguns pares da disciplina comungam tais pensamentos, o pesquisador e autor não está imune à historicidade em que sua pessoa se encontra configurado socialmente (ELIAS, 1994). Nada contra ao argumento da leveza, eu particularmente comungo dela, mas entendo que, no período dos anos noventa, auge da *pós-modernidade* no âmbito acadêmico, ser *leve*, era ser contingente, e destruidor do passado *hardware* da Sociologia, movimentada principalmente por Talcott Parsons, dentre outros.

Para meus estudos de Diásporas e Mobilidades, não sei se apenas a Leveza vai me acompanhar na tessitura da pesquisa e no jogo linguístico consciente e “inconsciente” que está presente na escrita acadêmica. Porém, a tanto a *exatidão* de Calvino (1997) como a *dúvida radical* de Pierre Bourdieu (2011a), parecem ser os lemes reais (no sentido de raiz e de realidade) da condução do processo artesanal e reflexivo da pesquisa social.

Além destas questões de método, a Diáspora também dialoga com a interdisciplinaridade saudável proposta por Calvino (1997). Ele propõe uma aliança positiva entre a literatura, Antropologia, Sociologia, artes, o que também observei ser presente no discurso de Becker (2007, 2008), em que as representações sociais não se restringem aos cientistas sociais, e que estes

últimos, podem e devem dialogar com as outras formas de representação, como o cinema e a música.

A Diáspora, no contexto atual da modernidade reflexiva, no objeto analítico destacado por mim, de viajantes de estrada em praias turísticas permite a mim como pesquisador, e este será o meu intuito, ou melhor, vem sendo minha prática, de relacionar as observações etnográficas, e as narrativas dos interlocutores com elementos da literatura, para fins de analogias e metáforas, como por fontes pragmáticas de análise, por exemplo, livros, romances, que podem fazer um diálogo com a configuração observada.

Meu intuito na escrita, passa por essa leveza de relacionar, de florear, mas também, pela exatidão, de não perder o fio condutor dos estudos, e não desrespeitar a bússola do navio, ou seja, os processos metodológicos da pesquisa. A bússola e o mapa indicam rotas e itinerários, porém, quem define os caminhos a serem percorridos é o andamento processual entre a pesquisa e o pesquisador.

Perceba acima que estou exercitando a Leveza, quando parto de analogias, sem propriamente vulgarizar o conhecimento matricial científico. Como estudo *hippies outsiders* (BECKER, 2008) em solo *Tapuia Cearense*, a minha escrita vai transitar de Becker, e seu esforço de fazer a pesquisa no campo, fazendo brotar teorias articuladas à empiria, mas também de Calvino (1997), com a leveza da escrita articulada as outras áreas do conhecimento, e a Roberto Cardoso de Oliveira (2006), que argumenta ser essencial para a escrita um prévio campo, mas sobretudo, antes do campo, um árduo trabalho laboral de estudos das teorias e matrizes disciplinares, não no intuito de viciar o *Olhar* do pesquisador, mas de direcionar seu *Olhar* para o intuito científico de expansão da consciência analítica, que não chega ao campo da mesma forma que um leigo das nossas disciplinas.

Olhar e Ouvir em Cardoso (2006) não é ver e escutar fisiologicamente, mas é um *olhar* similar ao de *Lion*, personagem do desenho animado do ThunderCats: *olho de Tanderá, me dê a visão além do alcance!*²⁴

Para Cardoso (2006), essa visão além do senso comum é dada ao cientista social, pela prática do estudo das disciplinas epistemológicas, que nos

²⁴ Frase célebre do desenho animado, no momento em que Lion olha pelo olho da espada que lhe dá o poder de ver coisas e situações muito longe do alcance dos olhos biológicos.

permitem chegar a campo, não com uma teoria pronto e prévia para encaixar o que for observado em campo, não se trata aqui de mero encaixamento, e sim, de que já chegamos ao campo, com um bom embasamento teórico e metodológico, que nos permite ter um olhar bem mais reflexivo e orientado para a prática da pesquisa acadêmica.

Wright Mills (1969) também vai corroborar com tal ideia quando nos aponta a imaginação sociológica, em que das atividades cotidianas e ordinárias, possamos encontrar as perguntas sociológicas, visando encontrar os temas implícitos, e por nós tão almejado, nas mecânicas vivenciadas pelos sujeitos nas relações sociais. Mills não pretende chegar a um psicologismo social, *a la* Goffman (1992), mas se aproxima bastante de Elias (1997), Bourdieu (2011a/c) e Giddens (2013), no que tange a metodologias em que relacionam dialeticamente a agência e a estrutura, seja com o conceito de *Habitus*, presente em Elias e Bourdieu (ainda que não desenvolvam o conceito de forma idêntica), seja com a teoria metodológica da Estruturação, presente na teoria social de Anthony Giddens.

Becker (2007) enfatiza que tem uma “desconfiança” em formulações teóricas abstratas. O seu pragmatismo sociológico pende muito mais para uma empiria e pesquisa de campo com articulação da teoria, do que discussão teórica autossuficiente e abstrata.

Corroboro que ele dá boas pistas de prática de pesquisa, uma vez que os truques são pragmáticos em uma sequência de fazeres direcionados, de uma gama de estratégias aplicáveis as dificuldades e ao labor no campo em geral. Apesar de sua *desconfiança* com sistemas teóricos abstratos não ser uma determinação geral, mas uma opção epistemológica e metodológica dele e dos pares que comungam desta forma de se apropriar do campo conceitual teórico. Ele inverte a lógica da teoria sistêmica para um de método de trabalhar informado pela teoria, assim como seu mestre e orientador Hughes e propõe algo salutar, que é uma articulação entre teoria e campo de forma mais orgânica, menos hierarquizada. Porém, a *desconfiança* não pode se tornar um preconceito ou uma barreira para teorias analíticas sistêmicas e os clássicos. Comungo uma possível aliança entre pragmatismo sociológico com discussão de teoria social, logo meus estudos passam pelo crivo metodológico que trafega entre Becker (2007), a Antropologia e a Sociologia simbólica de Bourdieu (2011a/b/c) e a

reflexiva de Giddens (2013). Abaixo, vejamos nas palavras de Becker, sobre o que *são* esses os *truques*, que se confundem com o que eles *fazem e servem*:

Como sua teoria consistia nesses truques analíticos, e não numa teoria, os alunos aprendiam permanecendo a sua volta e aprendendo a usar os seus truques. Tentei domar a teoria para mim mesmo encarando-a como um conjunto de truques, modos de pensar que ajudam pesquisadores confrontados com problemas concretos de pesquisa a fazer algum progresso. Para repetir e amplificar, um truque é uma operação específica que mostra uma maneira de contornar uma dificuldade comum, sugere um procedimento que resolve de forma relativamente fácil o que de outro modo pareceria um problema intratável e persistente. (BECKER, 2007, p. 18).

Na citação, Becker inicia falando da prática de seu mestre que nunca fizera um livro sobre metodologia ou teoria, mas se munia de um conjunto de truques analíticos, que davam um caráter mais prático e concreto do recurso teórico no conjunto da pesquisa.

Era diante das problemáticas que se encontravam tais truques. Isso é bem interessante, tirando a radicalidade da crítica ao que chamam de teoria abstrata, pois permite criar um mecanismo laboral em que campo e teoria fiquem articuladas sem terem uma sobreposição de uma sobre a outra. Porém, não nos devemos fechar no pensamento de que só o campo apresenta os problemas, e que a teoria não é possível de ter campo autônomo, que não significa abstrato.

Grandes teorias sociais não brotaram do chão como erva daninha, mas de exaustivos estudos de campo, e de estudos mentais analíticos, que não devemos discriminarmos ou criminalizarmos, como o fazem o pragmatismo radical. Como falei desde o começo, o campo epistêmico social é vasto de maneiras e formas de pensar e fazer a pesquisa. A escrita também passa por esta pluralidade de manifestações, mas percebo que os estágios estão todos vinculados, estágios, que seguindo os passos de Cardoso de Oliveira poderia acrescentar apenas o aprender, que este, para mim, é o primeiro de todos. *Aprender, Olhar, Ouvir e Escrever*, eis o ofício combinado e dialético de um hermenêuta social.

Como mesmo argumentou Oliveira (2006), o Olhar sociológico e antropológico é permeado de uma imaginação sociológica (MILLS, 1969), que também é fruto do aprendizado acadêmico, literário e disciplinar exercitado nos cursos de Ciências Sociais e nas práticas discentes. Mas este *Aprender*, para

mim, não se restringe apenas ao aprender em sala de aula, mas ao aprender na vida cotidiana e no sistema simbólico do campo do poder, no qual estamos inseridos. O *Aprender*, tem dimensão acadêmica proposta por Cardoso de Oliveira (2006), mas também tem a dimensão empírica vivenciada pelo pesquisador, seja nas ruas, nos bares, nas esquinas, nos aplicativos, partidos, sindicatos, praias, estradas..., e esta dimensão sinto presente na combinação metodológica de Becker (2007), e na minha caixa de ferramentas conceituais também.

Meus estudos sobre diáspora estão imbricados com meu ser diásporo, e apesar de não ter conhecido nos livros os meus recortes, sujeitos e objetos de pesquisa, mas foi nos livros, que compreendi que estes problemas vivenciados por mim nessas redes de relações sociais em que me configurava, também são problemas do meu tempo, da historicidade e da sociologia por excelência. E, por último, também foi nos livros e nos discos, para contrariar um pouco meu querido conterrâneo Belchior, que *me conheci* também²⁵.

1.5. “Quais foram os seus truques de pesquisa?” Etnografando as Multissituações e detalhes dos “meus truques de pesquisa”.

Este tópico surgiu posteriormente à defesa da Tese, e dentre outros a seguir, nasce das discussões construídas com a banca. Serão melhor detalhados como se chegou aos interlocutores, como foram acompanhados ao longo da pesquisa e que métodos foram desenvolvidos a partir daí. O título do trabalho possui a deixa metodológica adotada, *a multissituação*, no caso de contextos de *espíritos viajeros* no âmbito do campo sociológico de praias turísticas brasileiras.

Já foi mencionado que os “truques” de Howard Becker (2007) influenciaram o estilo metodológico aqui desenvolvido e, portanto, serão detalhados.

No tópico 1.1. foi narrado como cheguei e me envolvi com a temática (assim como no *Prefácio*), como a pesquisa foi tomando sua direção. Mas, realmente, o *truque* maior foi seguir os meus interlocutores, porém, não a todo

²⁵ Referência à canção *Como nossos pais*, do compositor cearense Belchior, lançada em 1976, mais conhecida pela interpretação de Elis Regina no mesmo ano.

momento no trânsito, como fora o caso de alguns pesquisadores de mobilidade, do *viajar com*²⁶, mas em suas *narrativas* de mobilidade autobiográficas, pretéritas e presentes. Outro ponto relevante, é que apesar de a todo momento se falar em estrada, os *portos dos argonautas*, ou dos estradeiros, são também elementos desse *ethos* de mobilidade. Portanto, mesmo parados em suas casas, permanecem em contato com a cultura da mobilidade, e suas cidades, Aracati (onde fica Canoa), Jijoca (Jeri), Marechal Deodoro (Francês) e Maragogi, são fluxos de pessoas em trânsito.

Portanto, como pesquisador, estava viajando, mas também morando. Eu como morador estava morando, mas também pesquisando. Nessa discussão, tinha, anteriormente à defesa, utilizado no título da Tese o termo *etnografia multisitiada* e não *multissituada*, pois tinha um quê de multi-sítios, os locais de mobilidade, também eram os locais onde havia morado, e não apenas passado “de BR” (como estradeiro), seja como pesquisador acadêmico, seja como *maluco de estradas*, como já mencionei preteritamente. Até certo ponto existia um paradoxo entre a estrada e o cativo, entre a liberdade e o determinismo social e econômico, entre a pesquisa e a existência, e por último, a busca do sentido da existência.

Ao deparar com o conceito de George Marcus (1995), de Multissituação, sugerido pela Banca, percebi que realmente tinha maior amplitude conceitual do que *multisitiada*, e que a última estava inserida dentro da primeira, e, portanto, não era necessário inventar uma nova terminologia conceitual.

Segundo o autor, multissituação vai muito além de apenas estar em vários locais, ainda que isso também aconteça: é estar nas várias situações, dos interlocutores e também do pesquisador, e acredito ter sido isso a estruturação da pesquisa. Nas palavras de Moraes (2021):

A etnografia multissituada foi propagada a partir dos estudos de George Marcus (1995) e ganhou maior reconhecimento no final dos anos 1990 em estudos de migração, quando o “estar lá”, tradicional expressão dos estudos etnográficos cunhada por Geertz (1988), se amplia para os pontos de partida e de chegada (WATSON, 1977 apud HANNERZ, 2003). Para Marcus, a etnografia multissituada permite observar a “circulação de

²⁶ *Viajar com* é um conceito metodológico em que o pesquisador viaja com o mochileiro, ou o viajero. Na realidade, eu estive com os interlocutores em suas casas, mas também viajei com Yamandú, por exemplo, mas na época de *maluco de estradas*, e não posteriormente. Então, ficou mais na ordem de minha autobiografia, Yamandú está na minha história e memória, mas não foram realizadas entrevistas direcionadas com o mesmo, por exemplo.

significados culturais, objetos e identidades em espaço-tempo difusos” (MARCUS, 1995, p. 96, tradução minha). Ou seja, permite denominar de etnografia pesquisas que não “cabem” em um único lugar, mas que só fazem sentido ou aprimoram os sentidos se desenvolvidas de forma multissituada, ou seja, em movimento (MORAES, 2021, p. 211).

Moraes faz estudos sobre o turismo de favela, e tomou a metodologia de Marcus (1995) como aporte, argumentando a necessidade de uma etnografia em movimento, dos que estão em mobilidade (MORAES, 2021). Apesar de temáticas diferenciadas, temos em comum uma Antropologia do Turismo, e as dinâmicas metodológicas possuem proximidade com minha pesquisa.

No que tange à minha dinâmica, acompanhei os interlocutores, dormia muitas vezes em suas casas, principalmente na casa de Paiê, e antes de existir uma investigação, existia e existe uma amizade e respeito, o que se torna um *truque* de imersão na autobiografia dos viajantes, para as abordagens no período de 2019 a 2023.

Alguns pesquisadores condenam envolvimento pessoal com os interlocutores por argumentarem dificultar a problematização, no entanto, penso ser justamente o contrário: uma problematização inserida entre relação com desconhecidos, e em curto tempo, como fazem alguns pesquisadores que passam poucos meses ou dias no campo, e enchem seus trabalhos de revisão de literatura de outras pesquisas renomadas e reconhecidas, para mim, tendenciam a interpretações distorcidas e inclinadas à visão pretérita do pesquisador.

Montezuma, outro importante interlocutor, é, atualmente, dono de um *hostel* em Jeri, mas também é um amigo de infância do bairro onde morei dos quatro aos vinte dois anos, o saudoso bairro de Fátima em Fortaleza. Temos amigos em comum, e foi por intermédio de um desses amigos que fui parar em seu estabelecimento. Não fui na intenção de ter o mesmo como interlocutor, fui a Jeri para justamente ver o período de reabertura pós-Covid, no qual já havia percebido ser importante elemento da pesquisa.

Porém, ao chegar lá, em conversa, Montezuma se mostrou ter o elo contundente com a pesquisa, e ainda melhor, uma variante dentro da tipologia estudada desde o Mestrado, portanto, um achado da pesquisa, como também o

foi ter a sensibilidade de investigar a mobilidade, locais e viajeros, no período de reclusão social sanitária mundial.

Muitas vezes me sentia confuso em saber até que ponto era amizade a relação com os interlocutores ou interesse de fazer de suas narrativas material de pesquisa para mim. Confesso não me sentir totalmente amigo de quem tenho interesse, pode travar um pouco a afetividade, mas como dizia Bourdieu, *é possível um ato desinteressado?* (BOURDIEU, 2011c). O fato é sempre deixei bem claro aos amigos interlocutores e coautores o que estou realizando, e claro, com o respeito e consenso entre as partes da autorização das narrativas como material de estudo antropológico.

Portanto, o acompanhamento de suas performances, mas também a análise de suas narrativas autobiográficas pretéritas, assim como minhas experiências autobiográficas, foram o alicerce metodológico, o estar no campo *sitiado e situado* das mobilidades, e em alguns momentos, estar com os interlocutores na estrada, como no caso de Yamandú, no tópico *dos Capitães de Areia* no vindouro *Capítulo 2*.

Outro ponto importante são os recortes temporais da pesquisa. Podemos ver que o pesquisador tem dados de vinte anos de duração, apesar de ter passado cinco anos no Doutorado. Tais elementos etnográficos, ao meu ver, não atrapalharam, mas sim, corroboraram para analisar as situações temporais dos viajeros e do pesquisador, e poder fazer a discussão dos conflitos geracionais entre os interlocutores das estradas, e os que se aportaram nas praias turísticas, portos dos estradeiros, portanto, zonas de fluxo de mobilidades.

As fotos aqui também são de relevante cunho estilístico e metodológico. Não se trata de uma *fotoetnografia*, mas as imagens são de importância para situar o leitor dentro do seu espectro imaginativo na leitura do texto. Além de reforçar isso, elas por si só trazem aspectos novos do qual o leitor pode ampliar sua percepção em relação às diversas temáticas abordadas aqui, suscitando interpretações sociológicas não percebidas por mim.

Apesar da maior parte das fotos e entrevistas terem autorização dos interlocutores, como de Montezuma, que assinou um termo de autorização, fez-se necessário o *borramento* dos rostos de algumas fotos, para que evitemos a exposição indevida dos interlocutores e de outros sujeitos que porventura estavam no momento das entrevistas.

2. Apresentando Cenários, Sujeitos e Configurações Sociais do litoral nordestino.

Neste *Capítulo* contextualizaremos o leitor dentro das localidades escolhidas para estudo etnográfico multissituado, como apresentação de alguns sujeitos interlocutores da pesquisa, e suas histórias de vida. Este capítulo tem um cunho mais descritivo do que interpretativo e analítico, porém, são feitas por vezes algumas discussões teóricas.

Primeiramente vamos apresentar as praias turísticas cearenses, Canoa Quebrada e Jericoacoara, depois, Maragogi e o Francês, em Alagoas. Dando continuidade, iremos apresentar alguns interlocutores e suas escolhas de vida pelas estradas, seu sentimento pelas estradas, suas experiências e suas divergências com as novas gerações de estradeiros nesta era digital.

Também neste capítulo se analisa as disposições de resistência e ludismo na racionalidade dos viajeros tipificados aqui de *malucos de estradas*, como também as experiências de um cearense que viajou pelo mundo em trabalhos precariados e retornou a Jericoacoara como gerenciador de Hostel.

2.1. Vilas do Mar e Pousos dos Argonautas: Canoa Quebrada e Jericoacoara

Canoa Quebrada e Jericoacoara são atualmente as praias do Ceará com maior movimentação turística e desenvolvimento regional no Ceará. Ambas possuem aeroportos nas suas proximidades, e pacotes diários de turismo, de diversas formas. Apesar de toda essa propaganda, não são cidades grandes como Guarapari ou Porto Seguro. Estão muito mais no padrão de praias pequenas, porém, com pousadas e restaurantes sofisticados, como Arraial D'ajuda, Trancoso, Pipa, Porto de Galinhas, dentre outras.

Canoa fica no litoral leste do Ceará, no município de Aracati, e Jericoacoara ao Oeste do mesmo Estado, no município de Jijoca. Apesar da distância entre elas, mais ou menos 540 Km, elas possuem muitas semelhanças. Belas dunas, atividade pesqueira, extrativista, rendeiras, e principalmente, o processo de formação de suas populações, que foi permeado intensamente por interação entre nativos rurais e pessoas vindo de outras regiões do país e do mundo.

A maior parte do litoral cearense tem mais característica de veraneio de classes médias com duas residências, e a vinda de estrangeiros para praias como Paracuru e Cumbuco (ambas no litoral oeste), por exemplo, já se deu depois da virada do século, impulsionada pelo turismo de esportes aquáticos (DANTAS, 2010). Mas com Canoa e Jeri, a coisa foi diferente. Eram como pequenas Mecas²⁷ de viajantes estradeiros, tanto do Brasil como do mundo. Essas praias passaram a ser pouso de viajantes, desde os anos 1970 e 80, como por exemplo, para Hermes, que praticamente conheceu as duas praias na mesma época.

Não eram apenas praias lindas e pitorescas, eram amigos que as frequentavam, eram semelhantes, eram pessoas dispostas a viver e experienciar a vida sem tanto capitalismo, urbanismo, sem tanta normatividade, de um Brasil que ainda enfrentava a repressão militar e o mundo uma Guerra Fria (nem tão fria por sinal).

Tanto os pescadores quanto os mochileiros se permitiam uma interação mais genuína, segundo seus relatos, e os mochileiros de outrora não estavam interessados em pousadas com ar-condicionado ou lojinhas chiques, pelo contrário, queriam vivenciar um contexto de mais natureza. Vejamos abaixo duas citações de Paiê e Hermes ao chegarem em Canoa pelas primeiras vezes:

Aqui era incrivelmente bonito, as pessoas eram legais, não havia luz elétrica, era um sossego total, diferente de hoje, era um Oásis no meio do Deserto! Era pura Natureza! E toda gente que vinha, vinha atrás disso (do sossego), não vinham essas pessoas que mal pisam na praia, que ficam o dia todo no hotel, em vinte anos ocorreu uma mudança radical para pior! Uma decadência, porque o nível do turismo baixou muito também, não é mais para pessoas que vem atrás de Natureza. (Hermes relatando quando chegou em Canoa).

Uma das coisas mesmo era a miscigenação de pessoas. Muita gente diferente, não só países, mas de cabeça mesmo, entende assim? Dava para ter uma troca de conhecimentos, porque eram muita gente de vários cantos que já tinham viajado muito, e sempre passavam aqui e ficaram por aqui também, mas basicamente foi isso e a praia mesmo. (Paiê falando do que despertou nele sua vontade de morar em Canoa).

Na primeira citação, Hermes ressalta os aspectos naturais, a falta de energia elétrica, e, fica subentendido todo o artefato que dela deriva e se

²⁷ Analogia com o Lugar Sagrado do Islamismo.

mantêm, mas principalmente, do sossego e das pessoas que estavam com este interesse afim, de ficarem “sossegadas”. Engraçado, porque ficar sossegado, não é ficar em silêncio ou isolado dos outros, mas o contrário, ficar tão simplesmente em contato com tudo e com todos, que se torna uma harmonia, um sossego.

Logo após, ele vai fazer uma crítica, dizendo que “o turismo baixou muito”, e que o perfil do turista, não é mais o que se relaciona afetuosamente, mas que fica isolado, aproveitando uma espécie de consumo do local com mínima interação direta possível. Claro que percebo radicalidade na expressão, mas o que passa no segundo momento, é que a perda do sossego é a solidão do consumismo, dentro do circuito afetivo da localidade, e que o incomoda.

Na segunda citação, Paiê, o nome fictício do interlocutor, que diz respeito ao profeta Elias, fala que a *miscigenação* é o fator preponderante para sua estadia e opção de viver em Canoa como seu local afetivo e nativo. Essa miscigenação nada tem a ver com a mistura racial biológica, apesar de isto ter sido um fato social relevante ao longo desses anos. Ele estava se referindo à troca de ideias, a grande mistura de culturas, interagindo com um local rústico e com bastante Natureza. As pessoas que ali estavam, também eram essa Natureza.

Podemos ir até mais longe, e falar em uma energia que confluía entre as pessoas e o ambiente, sem dicotomia, mas como integração. Ele ressalta que as pessoas não são só de diferentes países, mas também de cabeças! Ou seja, que estão dispostas a interagir de forma mais aberta. Não é a mesma coisa de Nova York ou São Paulo, e, também, dadas às temporalidades, não é a mesma coisa do que se passa neste momento em Canoa Quebrada como predominante.

A questão do capital como mediação social principal entre as pessoas (HARVEY, 2010), ainda não se fazia presente, pelo menos não era o fator predominante do elo afetivo entre as pessoas, e a meu ver, para os que moram, ou sempre aportam por lá, o capital econômico não é o motivo mais fundante das relações em Canoa Quebrada e Jericoacoara, ainda que esteja cada vez mais presente. Quanto mais rústico, mais conectado, mais as pessoas se relacionavam. Vejamos também abaixo a descrição feita por Paiê de sua vinda para Canoa:

As primeiras vezes antes de vir morar, era uma vila de pescador. Só uma rua principal, alguns becos com umas casas mais para trás, mas eram bem poucas, lá na frente tinha a igreja, na frente do mar, tinha aquela rua grande de areia, a maioria das casinhas eram de taipa, nesse tempo não tinha energia elétrica, a água, quando eu cheguei já tinha um chafariz nessa rua principal de areia, mas tinham também, as bombas d'água lá embaixo na praia, as iam buscar de galão mesmo, com um pau nas costas e um galão de cada lado. E eles enchiam de água uns tanques de cimento que ficavam nos banheiros, quando tinham banheiro, pois muitos não tinham nem banheiro. Tinha também as pessoas que faziam o *caminho*, que era o frete da viagem de burro que levava quatro galões. Era o *caminho de água* para quem não podia ou queria pegar água no chafariz ou na praia. Quando eu cheguei aqui pela primeira vez já estavam construindo umas pousadas, mas pousadas constituídas, quando eu cheguei, ainda não existiam. Era as casas dos pescadores, que as pessoas alugavam um quarto, aliás tinha pousada, mas era as casas dos nativos que alugavam uns quatinhos. A primeira vez que fiquei, tinha a Dona Edite, mas eram só os quatinhos com uma cama de cimento, e o banheiro era fora, era comunitário. Tinha uns dois a três barzinhos, tinha o forró, o bar do reggae. Eram dois forrós na verdade, um na rua principal, e outro na rua da castanhola. No forró da rua principal nos fins de semana os caras apresentavam um filme lá que terminava cedo por causa do gerador [que] desligava cedo, umas onze horas mais ou menos. E aí alguns desses bares, como o bar do reggae, durava até mais tarde um pouco, porque usava uma bateria de carro, quando desligava o gerador, mas nunca ia até de manhã. Depois, a galera ia se virar, tocar violão na praia e curtir, continuando a noite. (Relato de Paiê quando chegou em Canoa, trecho de entrevista de 2018).

Paiê relatou o que, com certeza, uma boa parte de pessoas na faixa de 50 a 70 anos de idade vivenciaram quando foram a Canoa Quebrada e Jericoacoara nos anos 80 e até meados dos anos 90 do século XX. Podemos dizer que, durante algum tempo, apesar do crescimento turístico, ainda se manteve tais características, como um certo dispositivo identitário para os locais, que foi apropriado posteriormente pela indústria do turismo.

Eis que, como Hermes, muitos desejam encontrar o *elo perdido*, na época em que foram a Jericoacoara ou a Canoa Quebrada, e puderam experimentar uma *leveza* que tinha na *miscigenação* e no *sossego*, trazidos como categorias nativas e repletas de significados afetivos, e que, hoje, parece estar um pouco entorpecido pelo desenvolvimento turístico elitizado²⁸ nas vilas.

²⁸ Uma das questões aparentemente contraditória, é que todos os artesãos falam que antigamente vendiam bem e por preços bons suas peças, e que com a massificação do turismo,

Claro que não devemos achar que apenas o romantismo e a paz reinavam nesses ambientes. Apesar do encantamento que trazem as narrativas, melancólicas até, dos interlocutores, eles também, em conversas fora do contexto das entrevistas, relatam que já havia assassinatos de algumas pessoas, que, possivelmente, vinham não apenas como viajante “íntegro” em experiência transcendental, mas fugitivos do Estado ou do crime organizado. Paiê também relatou sobre pessoas queridas que tinham ido a óbito por AIDS, e que, possivelmente, tinham contraído o vírus HIV em compartilhamento de seringas para injetar cocaína ou heroína diluída.

Mas o contexto maior, e predominante, não era do terror, ou da tensão consumista, mas da interação multicultural sem intenção direta de impactar a vida dos pescadores locais. Porém, todo o contexto de receber clientes que usam drogas aumentam o espectro da criminalidade, e que, hoje em dia, é ultrajante para esses interlocutores, que parecem estar muito desapontados com as novas formas de interação, muito capitalizadas, em Canoa Quebrada. Mesmo com os indícios de impactos decorrentes de uma aparente paz intercultural, hoje se deflagra associada as temáticas que permeiam os grandes centros urbanos, como a criminalidade e a violência.

Mas para estes interlocutores, e o ponto importante que percebo aqui, é que a atividade consumista e o visitador de antes, e de agora, têm outra perspectiva na mobilidade, com menos riscos e mais conforto através do capital, e isso também é sentido como um impacto ainda maior do que nas décadas anteriores.

O fato é que, até hoje, essas praias são rotas de viajantes, sejam de *micróbios* ou artistas famosos da televisão, e que, ao mesmo tempo, conservam grupos de pessoas que se relacionam com fraternidade. Quando Hermes critica o turista que se isola na pousada e no seu consumo da viagem, nos faz lembrar uma passagem de Le Breton (2018), quando analisa as relações sociais contemporâneas. Vejamos a passagem:

aumento de lojas, que também aumentou o custo de vida. Não é que antes não existisse pessoas com poder aquisitivo, sempre teve, mas a vida coletiva era mais comunitária, e naturalmente tudo era mais farto. Hoje, as vilas sofreram sofisticação de pousadas, lojas, dentre outros, o aumento vertiginoso de turistas, mas também, menos interação. A questão da massificação da produção de artesanatos também é outra questão. Muitos dos antigos estradeiros artesãos se queixam dos camelôs que vendem produtos industrializados com a ideia deles, e disputam mercado, feiras e *mangueiros*.

A velocidade, o fluxo dos acontecimentos, a precariedade do emprego, as mudanças múltiplas impedem a criação de relações privilegiadas com os outros e isolam o indivíduo. Apenas a continuidade, a solidez do vínculo social e seu enraizamento possibilitam criar amizades duradoras e, portanto, formas de reconhecimento no cotidiano. A sociabilidade de proximidade, por exemplo, torna-se mais fluida, efêmera, superficial devido à rotatividade permanente dos ocupantes dos apartamentos da rua ou do bairro. Torna-se difícil conhecer os vizinhos. O indivíduo hipermoderno é descompromissado. Precisa dos outros, mas também de seu distanciamento. (LE BRETON, 2018).

Pode-se dizer que tal afetividade criada entre os moradores de Jericoacoara e Canoa não se enquadram totalmente nesse parâmetro configurado pelo antropólogo. Esta é uma configuração do que ele chama de *hipermoderno*. Mas se formos analisar com maior cuidado, tal análise se aplica sim, e ela é o motivo do incomodo de Hermes e Paiê.

A rotatividade de turistas, que vêm ficar poucos dias ou algumas horas, cria essa atmosfera que Le Breton (2018) observa nesse momento atual, bem diferente da antiga configuração, em que os viajantes buscavam conviver rusticamente, compartilhando com os pescadores as atividades laborais e lúdicas, que vinham ficar uma semana e acabavam ficando um ano, da interação como um vínculo social mais sólido.

A atual configuração, ainda permite, claro, que alguém queira ficar e interagir mais profundamente com o local e os locais, mas a indústria do turismo de consumo do local, e a própria inclinação dos turistas em trazer sua “metrópole para a praia”, são relevantes nas desarticulações de sociabilidades mais diretas e genuínas.

2.1.1. Jericoacoara dos turistas e Serrote dos antigos moradores da região

A Vila de Jericoacoara é parte do município de Jijoca, no litoral oeste do Ceará, e a praia é tão importante do ponto de vista social e turístico que o município é hoje oficialmente chamado de Jijoca de Jericoacoara. Dista aproximadamente 280 km de Fortaleza e é um município de pequeno porte, com pouco mais de 20 mil habitantes, embora dotado de um aeroporto internacional. Jeri propriamente dita é afastada da “sede” municipal, ficando há 14 km de distância em linha reta e, como forma de preservação das características rústicas

da vila, não existem estradas até Jeri, precisando os visitantes trafegarem em veículos de tração nas quatro rodas operados por agentes turísticos para chegarem até lá atravessando uma região de vegetação litorânea e dunas móveis. O isolamento permite, ainda, a proibição da circulação de veículos na vila e a maioria de suas ruas de terra batida são ocupadas apenas por pedestres. Jeri é um Parque Nacional desde 2002.

Este tópico sobre Jeri também foi trabalhado na Dissertação de Mestrado, porque a Caiçara de Baixo, *lócus* da pesquisa anterior, é como a categorizo na pesquisa, uma *cidade satélite do turismo* de Jericoacoara, então, a relação de parentesco das populações nativas é alta. Todavia, a descrição retorna aqui contextualizada, mas que tem a mesma função de apresentar a antiga Jericoacoara nativa, conhecida como Serrote, em associação ao Serrote natural de pedras que fica bem na entrada do Parque Nacional de Jericoacoara, vinda pela estrada da Praia do Preá.

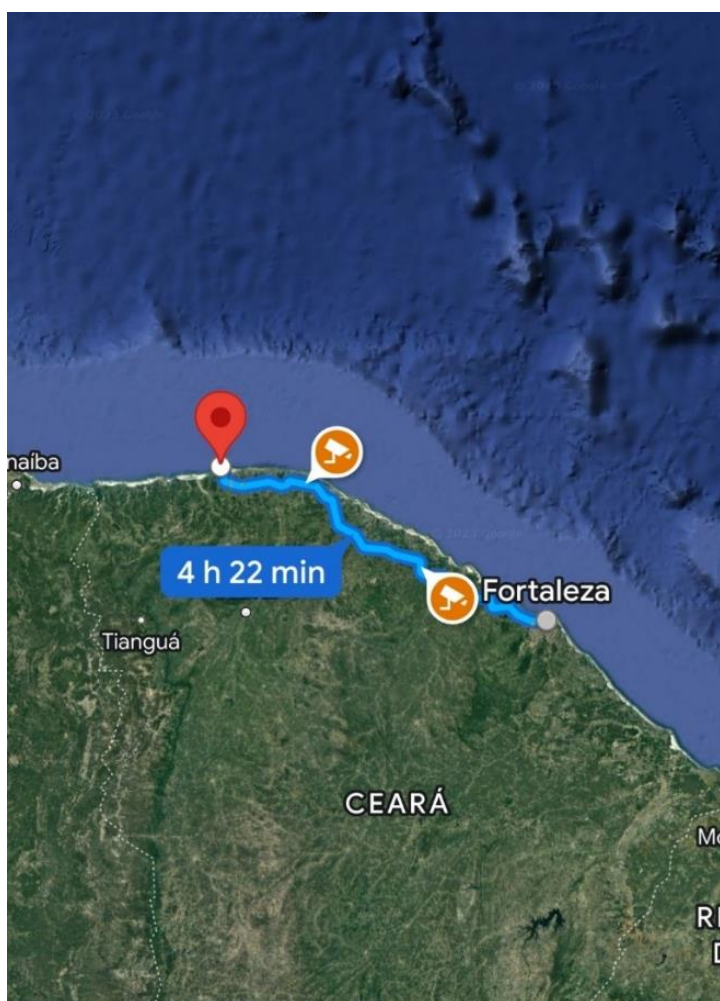


Figura 16: Mapa do trajeto de carro de Fortaleza á Jericoacoara. Fonte Google mapas.

Jericoacoara, apesar de ser um nome indígena e antigo, só passou a ser usado com mais costume, com a expansão turística e a vinda de migrantes estrangeiros ao lugar, não apenas estrangeiros do Brasil, mas *peessoas vindas de fora*, como os povos antigos costumam referenciar. Dizem que o significado é “boca de jacaré”, inclusive, na cidade também litorânea de Cascavel, Zona Metropolitana de Fortaleza, existe uma localidade chamada Jacarecoara, próxima à Praia de Barra Nova, o que parece reforçar a tese significativa.

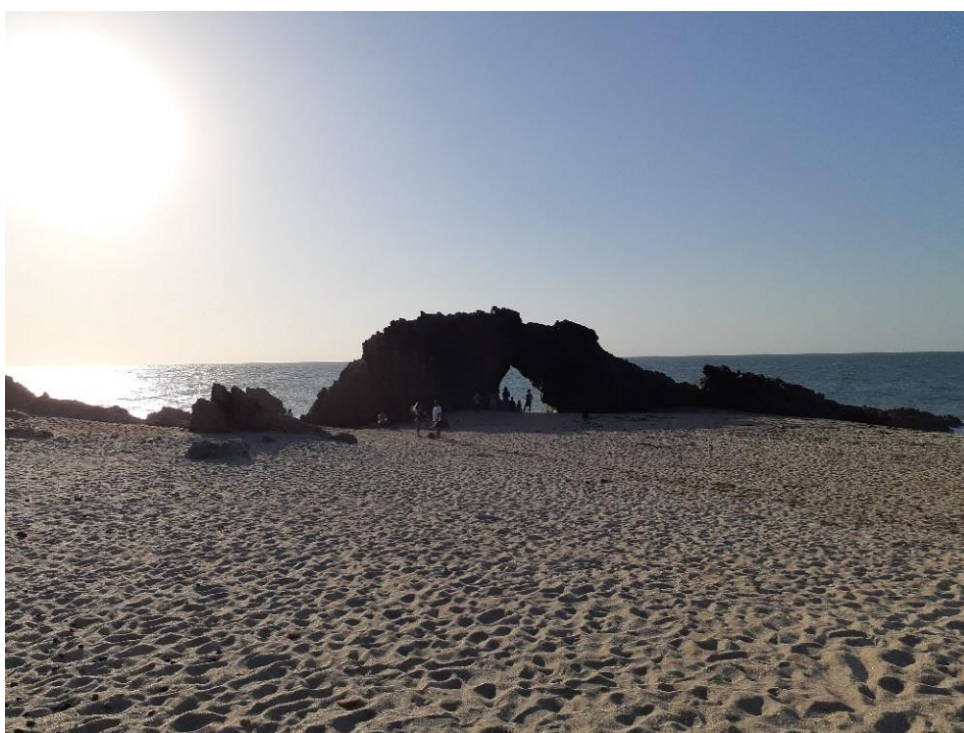


Figura 17: Pedra Furada. Símbolo do Turismo em Jericoacoara. Agosto 2020. Foto Autor

O Morro do Serrote divide as praias de Jericoacoara e Preá, e os municípios de Jijoca e Cruz, sendo que Jeri pertence a Jijoca e Preá a Cruz, e esta última ao leste da primeira. É na encosta do Serrote o caminho que se faz para a Pedra Furada, mas também para o Preá e as dezenas de localidades que ficam nos córregos, na realidade, uma imensa lagoa, na qual fica a Caiçara e a Chapadinha, e nessas, os complexos turísticos da Lagoa Azul e Lagoa do Paraíso, respectivamente.

Os povos tradicionais das localidades, principalmente os mais antigos, tendem a chamar Jeri de Serrote até hoje, enquanto os novos moradores

oriundos do movimento turístico dos anos de 1990 para cá, não possuem essa recordação ou costume. Acredito, como já tinha mencionado no Mestrado, que a troca de nomenclatura, ainda que com o resgate da língua indígena, é justamente o inverso de voltar às mãos dos povos originários as terras de Jeri, e sim, o advento do turismo em expansão, e a conotação rústica e sofisticada que é vendida como produto publicitário para o mercado do turismo e entretenimento.



Figura 18: Morro do Serrote visto da Praia da Malhada. Julho de 2013. Foto Autor.

Em Canoa Quebrada e na Praia do Francês, podemos observar um outro contexto na troca de nomes. Os nomes se *estrangeirizaram*, uma vez que a rua boêmia de Canoa, Dragão do Mar, passa a se chamar Broadway, e no Francês, com menos expressividade, passa de Carapebas, peixe nativo desse litoral, para La Rue, fazendo menção à forma francesa de denominar A Rua.

A cartografia social de Jericoacoara é acompanhada desses símbolos, uma vez que, na vila, a alta especulação imobiliária e elevado padrão de vida, acaba por expurgar muitos nativos para as vilas dos córregos, ou os nativos passam a ser *jogadores*²⁹ como os estrangeiros do mercado do turismo, formando empreendimentos e operadoras de viagens de turismo.

²⁹ No sentido Bourdiesiano de *Juego*, de jogo da vida social nos *campos* e no *habitus* incorporado (BOURDIEU, 2011c).

Como explicarei no tópico da Praia do Francês, a sensação que temos, é que alguns nativos em Jeri e Canoa se tornam, também, agentes dinâmicos do capital, como os estrangeiros empreendedores, e no Francês, a população da cidade de Marechal Deodoro é mais mão de obra do que patrão, uma vez, também, que o turismo da cidade é mais diurno e conservador.

Tanto este tópico quanto o próximo que fala de Canoa e sua cartografia espacial e social, Broadway dos turistas e da Babilônia e Esteves de *hippies*, *malucos* e pescadores, são importantes para as conexões com as trajetórias e anseios dos interlocutores da pesquisa em suas buscas existenciais em sua imersão temporal.

2.1.2 Canoa Quebrada: Rua da Broadway e Vila dos Esteves

Localizada no município de Aracati, no litoral leste do Ceará, a Vila de Canoa Quebrada, como podemos ver no mapa a seguir, localiza-se bem mais próxima da capital Fortaleza (aproximadamente 150 km), e também de Mossoró, a segunda maior cidade do vizinho Rio Grande do Norte. Tal qual Jeri, Canoa também está relativamente afastada da “sede” de seu município, estando há 12 km do centro de Aracati, separadas por um vale de carnaúbas e dunas móveis. Diferente da outra praia, o município de Aracati tem um porte maior, com uma população de mais de 75 mil habitantes e também é dotado de um aeroporto. O turismo em Canoa, porém, é mais “popular”, ainda que tenha grande número de estrangeiros habitando a vila, já com filhos nascidos lá, similar a Jericoacoara.

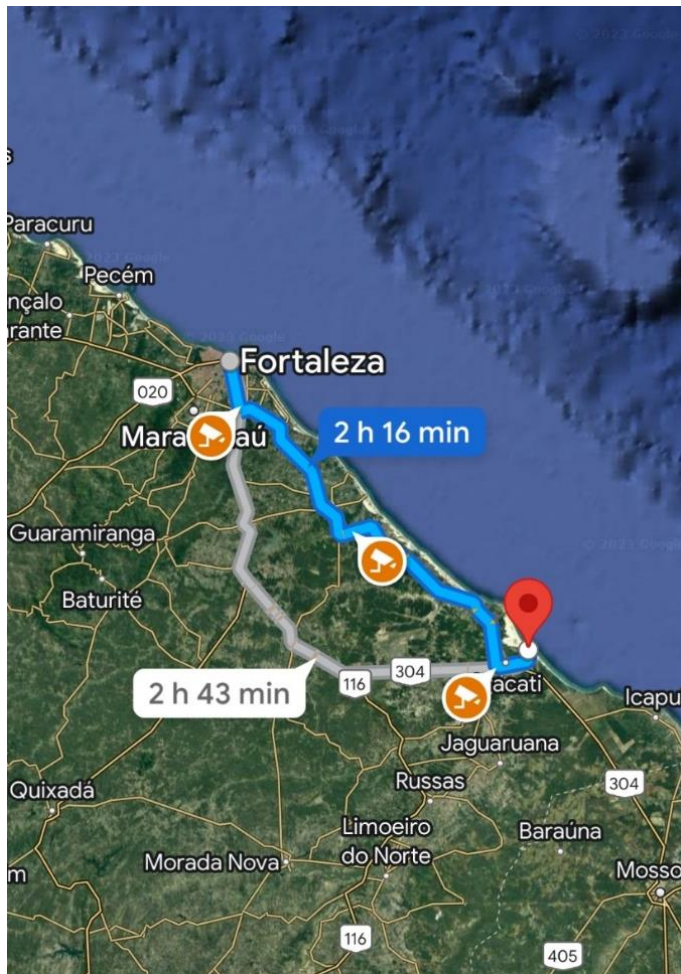


Figura 19: Mapa do trajeto de carro de Fortaleza à Canoa Quebrada. Fonte Google Maps.

Porém, de vinte anos para cá, o abismo entre as duas foi aumentando, e hoje, Jericoacoara possui uma clientela de turistas e moradores bem mais elitizada do que Canoa Quebrada, e que, se por um lado, isso causou mais impactos socioculturais e ambientais em toda a região, também criou barreiras legislativas de maior proteção, como a criação do Parque Nacional de Jericoacoara, enquanto Canoa Quebrada é apenas uma APA (Área de Proteção Ambiental). A legislação de um Parque Nacional é mais restritiva e protetiva, com uso e parcelamento do solo bem mais controlados, ao passo que numa APA é permitida a exploração, desde com as devidas licenças ambientais, mas a fiscalização não é rigorosa, por falta de pessoal e estrutura.



Figura 20: Rua da Broadway. Março 2019. Foto Autor.

Bem ao centro da vila, a Rua da Broadway é o calçadão principal da vila de Canoa, que antes era conhecida por Rua Capitão Dragão do Mar³⁰. Como fora mencionado no tópico anterior, a vila de Canoa tem uma separação cartográfica considerável: enquanto a Broadway representa a festa e diversão, assim como a praia; a Vila dos Esteves é a parte mais preservada, onde moram os moradores mais antigos e até os estrangeiros que buscam em Canoa uma vida mais natural e pacata.

³⁰ De origem afrodescendente, Francisco José do Nascimento, mais conhecido em vida como Chico da Matilde, e posteriormente, Dragão do Mar, foi um comandante da marinha mercante e prático-mor da Capitania dos Portos do Ceará, que nasceu em Canoa Quebrada, em 1839, e se notabilizou como um líder abolicionista em Fortaleza, durante a década de 1880, impedindo o embarque de escravos pelo porto. Morreu em 1914.



Figura 21: Vila dos Esteves ou Estevão. Março de 2019. Foto Autor.

A Vila dos Esteves, como é conhecida pelos nativos, porém, chamada em placas de Estevão, é uma parte de Canoa mais afastada do centro, no extremo leste da localidade, onde se encontra mais pessoas nativas e *malucos* que vivem uma vida simples. As ruelas são de areia, e possui todo um trabalho de consciência ecológica nessa parte.

A vila dos Esteves é considerada como uma parte da Canoa que ainda não virou *Babilônia*, para alguns, no sentido que ainda é calma, sem pousadas grandes e com a presença de muitos pescadores. Mas essa questão é discutível, uma vez que o isolamento não existe, e assassinatos, furtos e uso de drogas, elementos babilônicos, no que se refere aos grandes centros urbanos, também se apresentam por vezes ali. Mas existe, claro, um contexto mais preservado, material e imaterialmente falando da Vila dos Esteves em relação à Broadway.

Veremos mais a seguir, que parte dos interlocutores da pesquisa, os de Canoa, preferem morar nos Esteves, perto dos antigos, enquanto o centro é mais habitado por empreendedores de fora.

2.1.3. Freedom Bar e Mama Roots

Mama Roots fica a três quilômetros da entrada de Canoa Quebrada no sentido indo para a cidade de Aracati. Nela moram alguns adeptos do Santo Daime, religião aiuasqueira da qual falaremos neste trabalho, e nesse espaço ocorrem encontros ecumênicos e diariamente funciona uma pizzaria.

No local já ocorreram também acampamentos de eventos musicais de reggae, e tem uma estreita sintonia com o estilo de vida viajante trabalhado aqui. Inclusive, o organizador e proprietário do sítio é antigo estradeiro do Chile, que já rodou quase todos os continentes do mundo, tendo morado na Índia, Europa, EUA, dentre outros.

O mesmo também fora dirigente por muitos anos da Igreja do Santo Daime de Canoa, e ainda possui muita influência na rede social da doutrina, sendo considerado por muitos como o Padrinho³¹ da Igreja de Canoa.



Figura 22: Mama Roots, espaço de convivência atrás da pizzaria. Foto janeiro 2021

Já o Freedom Bar fica no começo da Praia dos Esteves, na parte baixa da encosta, no qual a temática do reggae e da juventude são bem marcantes. Há décadas o seu organizador e proprietário, que é argentino, mora na barraca e promove, além do dia a dia de som e serviços à beira mar, festas temáticas a noite inteira, diversos luaus históricos na vida da vila, e de seus moradores e turistas.

Tanto o proprietário da barraca quanto o do Mama Roots são antigos amigos, e possuem uma sintonia quando ocorrem eventos musicais de reggae na vila, já tendo tocado nos locais bandas internacionais, como Gladiators, e

³¹ Padrinho é o termo utilizado a uma pessoa com notoriedade espiritual, ou pelo seu esforço e dedicação à doutrina do Santo Daime. No caso mencionado acima, uns o consideram pela parte espiritual e outros pelo seu histórico de dedicação a Igreja local.

nacionais, como Ponto de Equilíbrio e Natiruts. Digamos que o perfil dos interlocutores dessa pesquisa, assim como o *ethos* alternativo performático da vila, que nesse ponto é mais “raiz” do que Jericoacoara, perpassam de alguma forma nesses espaços culturais de Canoa Quebrada.

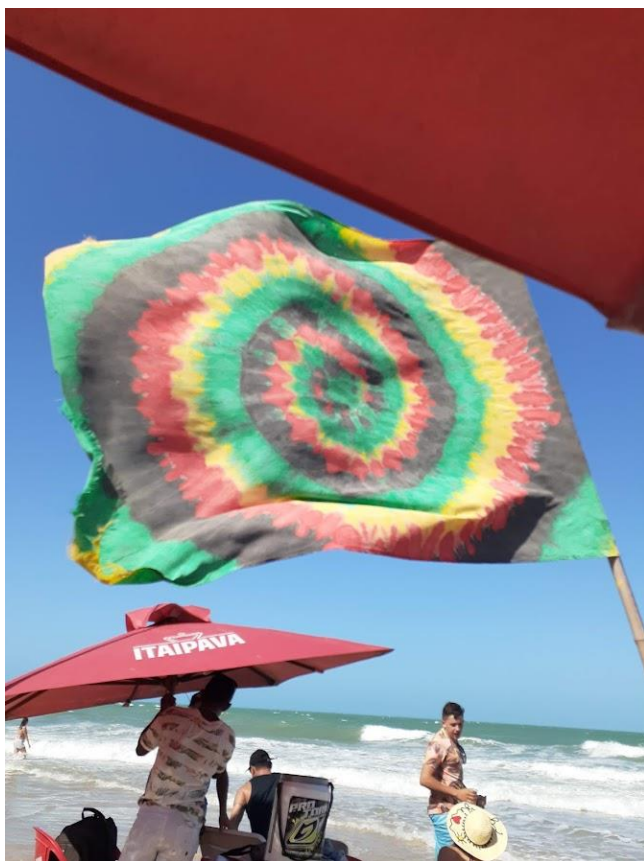


Figura 23: Bandeira Rasta na beira da praia da barraca Mama Roots. Foto Janeiro de 2021.

2.1.4. Maragogi: O caribe Brasileiro

A praia de Maragogi também dá nome ao município, que fica no norte do estado de Alagoas e faz divisa com Pernambuco. É um município de médio porte, com pouco mais de 32 mil habitantes, mas também tem um aeroporto próprio.

Maragogi, a meu ver, numa comparação relativa, está para Jericoacoara no Ceará, assim como a Praia do Francês está para Canoa Quebrada, só que em Alagoas. Porém, as semelhanças também deflagram algumas diferenças importantes, sendo uma delas os aspectos culturais e o próprio desenvolvimento do turismo, diferenciado nos dois Estados, Ceará e Alagoas.

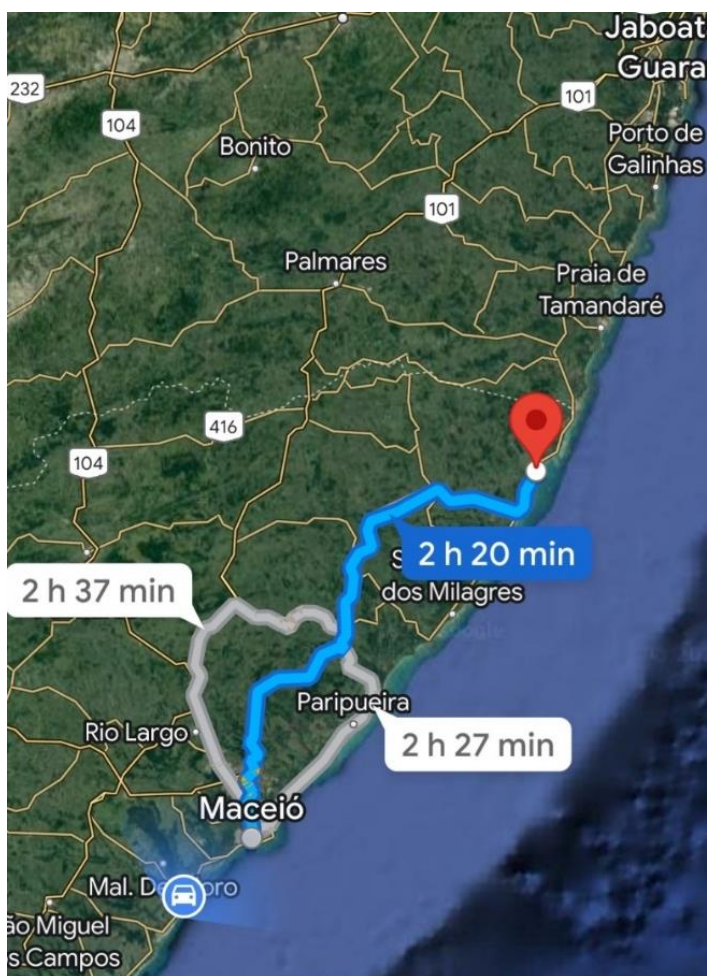


Figura 24: Mapa do trajeto de carro de Maceió à Maragogi. Fonte Google maps.

Por que digo isso? O primeiro aspecto é sobre a distância de Maragogi para Maceió, sua capital. Fica a mais de 100km, enquanto o Francês é zona metropolitana de Maceió, e, portanto, com muito mais influência sobre a cidade, do que Maragogi. Maragogi e Jericoacoara ficam mais distantes de suas capitais, porém, possuem aeroportos próprios, que facilitam ao turista ir direto à cidade, sem precisar passar pela capital, e geralmente o turista que faz isso, possui poder aquisitivo diferenciado. Jericoacoara também fica entre Teresina e Fortaleza, em termos de distância, é equidistante, assim como Maragogi também, fica entre Recife, capital do Pernambuco, e Maceió, capital de Alagoas.



Figura 25: Piscinas Naturais de Maragogi. Foto março de 2022.

Pernambuco possui um intenso movimento turístico na parte sul do Estado, sendo que Porto de Galinhas e Maragogi, são praticamente uma rota única em vários passeios turísticos. Em Jericoacoara temos a Rota das Emoções, que também faz ligação com complexos turísticos de Estados vizinhos como o Delta do Parnaíba no Piauí e os Lençóis Maranhenses, ao nordeste do Maranhão. Canoa Quebrada e Praia do Francês apesar das similaridades apontadas agora, de proximidade das capitais, têm também diferenças muito grandes, como por exemplo, os aspectos de festas, vida noturna, uso de psicoativos... Nisso são bem diferentes, o que será abordado melhor na parte do Francês.

Digamos que o turismo de Maragogi e Jericoacoara são mais elitizados do que os de Canoa Quebrada e Praia do Francês, porém, as quatro praias turísticas possuem ligações fortes com o turismo internacional. Maragogi e Jericoacoara também possuem menos moradores de fora oriundos de suas capitais, enquanto Canoa e Francês possuem muitos moradores pendulares, que moram em Mossoró ou Fortaleza, mas tem segunda residência em Canoa, ou em Francês, onde muitos trabalham diariamente em Maceió e moram no Francês.

2.1.5. Praia do Francês: Das piscinas naturais ao pico de surf do Leprosário

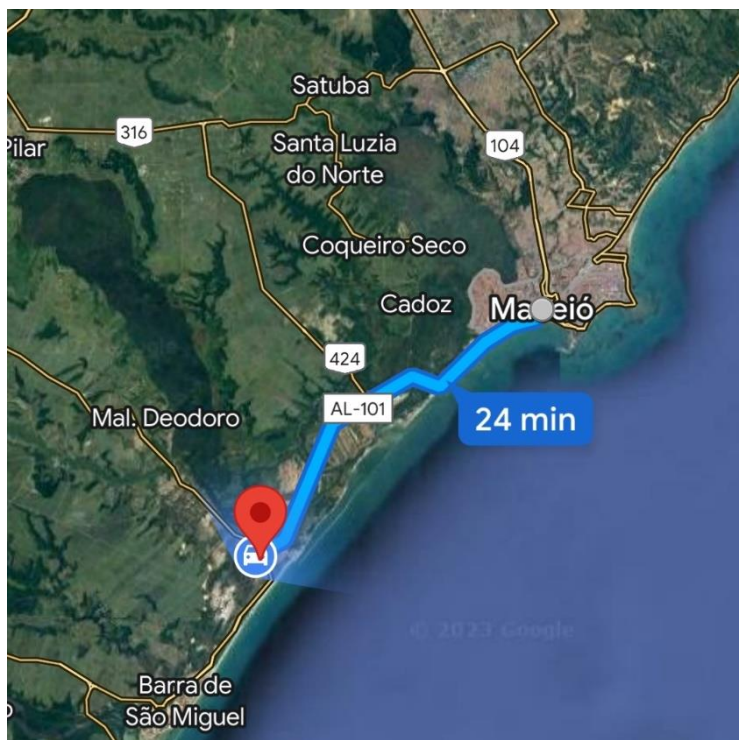


Figura 26: Mapa do trajeto de carro de Maceió à praia do Francês. Fonte Google maps.

A Praia do Francês fica no município histórico de Marechal Deodoro, a 20 km de Maceió. A cidade, que tem hoje mais de 60 mil habitantes, foi fundada em 1591, foi a primeira capital de Alagoas e deve seu nome ao primeiro presidente da república brasileira, que ali nasceu, em 1827. Município litorâneo, possui algumas praias (Barra Nova, Praia Massagueira de Baixo), mas a do Francês é a sua principal praia turística. Ela é conhecida por seu intenso fluxo turístico diurno e também pelas ondas que proporcionam aos esportistas de *surf*, em suas diversas modalidades, um excelente local de prática desse esporte.

Considerada uma ilha marítima fluvial, ela fica cercada por duas grandes Lagoas, a Mundaú e a Manguaba, que fazem limites com o mar. A praia tem uma bancada de corais e recifes até a metade da vila que proporciona um mar calmo e transparente como na foto a seguir, e depois dos corais, uma formação de ondas em três picos, que irei descrever posteriormente.



Figura 26: Rua Carapebas, ou La Rue. Fonte: Autor. Abril 2023.



Figura 27: Coqueiral da praia do Francês. Foto Abril 2022.

A parte Urbana possui duas ruas principais e paralelas, a Caravelas e a Carapebas. Caravelas correspondente às embarcações e carapeba é um peixe local. Também possui ruelas menores com nomes de mariscos, como a Massunin, e outras ruas que sempre se referem à cultura pesqueira e da vida marítima em geral. Ela também respira um clima de atividades esportivas, além do *surf*, a *altinha na praia*, uma modalidade similar ao futevôlei, só que em roda de pessoas, e o beach tênis, além de se ver alguns grupos de ciclismo em Marechal em geral, como o MTB, que está nas redes sociais esportivas como o Strava.

A Praia do Francês também possui uma rede estruturada de restaurantes e Hotelaria, onde costuma ter muitas residências de aluguel para temporada, e nos períodos de chuva, o aumento de aluguel mensal.

Devido ao Polo Cloroquímico em Marechal Deodoro, as Usinas de Cana de Açúcar e a Braskem, maior empresa do Estado, no Pontal, distrito que faz divisa com Marechal, é grande a quantidade de moradores na vila que trabalham nesses locais, tendo a vila se expandido em loteamentos que ficam nas proximidades da rodovia duplicada, onde possui um trevo e um viaduto.

Logo, a Praia do Francês não é unicamente movimentada pela ação do turismo, e por isso, o *ethos* do local respira mais o esporte do que boêmia, e nesse ponto, se aproxima de Jericoacoara, que também tem intensa atividade esportiva, embora seja famosa por sua intensa atividade noturna, o que nesse ponto difere um pouco do Francês.



Figura 29: Hotel Ponta Verde na orla marítima do Francês. Foto: Autor. Abril 2020.

2.2. Os Capitães de Areia ou a geração *hippie* litorânea e os estradeiros *malucos de estradas*

Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses, mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que a totalmente a amavam, os seus poetas. (AMADO, 1980, p. 27).

Impressionante a articulação antropológica e sociológica que Jorge Amado fez no seu romance *Capitães de Areia* (agentes sociais urbanos que corriqueiramente e pejorativamente são conhecidos como *meninos de rua*, *trombadinhas*, *pivetes*, dentre outros). Ele inseriu as crianças dentro de um contexto social e histórico da Bahia, a questão da violência urbana e infantil (por exemplo, pai de Pedro Bala morre de um tiro e a mãe sumiu), e as dinâmicas antropológicas do próprio grupo de garotos de rua e suas intervenções dentro da cidade. Ao mesmo tempo que são *desgraçados e marginalizados*, dentro das estruturas convencionais da sociedade (família, escola, cultura, Estado), são paradoxalmente *os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que a totalmente a amavam, os seus poetas* (AMADO, 1980, p. 27).

A dinâmica dos *Capitães de Areia* narrada no decorrer do romance é muito rica sociologicamente, a meu ver, pois ainda que se trate de uma ficção, e não

necessariamente de uma pesquisa de campo científica no trapiche do cais do porto Soteropolitano (apesar de até parecer que ele fez ou que foi um capitão de areia), dialoga bem com as temáticas de crianças e jovens em situação de rua que reconstroem e ressignificam suas vidas diante das condições adversas implicitamente impostas pelas dinâmicas históricas e sociais da época em que vivem.

Eles não são meras crianças marginalizadas sem qualquer vínculo objetivado e compartilhado, muito pelo contrário, o grupo de garotos se criam e se reconhecem em seus códigos, e suas relações com a vida *underground ou outsider* (BECKER, 2008), passam pela inserção da agência com as estruturas de exclusão do capitalismo, mas também, pela identificação e relação prática com os símbolos de poder e interação criados no grupo dos capitães de areia. E isso também não é algo descolado do resto da cidade e das pessoas que não são participantes do grupo, ou seja, as crianças não possuem uma interação acessória com a cidade, mas interdependente e visceral.

Porém, toda essa conversa sobre esse romance e esses agentes sociais trazidos no romance, é para fazer uma ponte com os agentes sociais (não apenas personagens literários) que trago aqui nesta pesquisa, também nomeados *Capitães de Areia*.

Apesar de uma estreita semelhança com os *Capitães de Areia* de Jorge Amado, esses *Capitães de Areia* não transitam apenas por uma cidade (ainda que seu porto aqui é analisado em uma cidade litorânea), o *ethos* do viajante permeia sua performance na interação social, e suas vidas são sempre um contínuo transitar. A mobilidade é a sua *casa*, e os itinerários suas *bússolas*.

Os capitães de areia aqui são identificados por *malucos de estradas*, uns dos tipos ideais³² de *espíritos viajeiros* tratados aqui, e, digamos metaforicamente e analogicamente, que a praia de Jericoacoara é como seu trapiche, como seu cais do Porto, local para seus trabalhos e aventuras, a *Capitania turística Capitalista Multicultural*. Território cultural regional e globalizado que permite o *indivíduo da mobilidade* se sentir num espaço onde as

³² Tipos ideais, instrumento metodológico afim de identificar os códigos e semelhanças sociais de comportamento (WEBER, 2009a), porém, sem descartar a multiplicidade dos agentes sociais dentro das tipologias. Um tipo maluco de estrada terá certamente muitas diferenças com um tipo turista, ou morador local, ou um mochileiro. Mas é certo, todavia, a multiplicidade entre os mesmos.

pessoas em trânsito estão “*em casa*”, ou, em um território propício para a liberação e interação de seu *habitus* (Bourdieu 2011c).

2.2.1. Alguns aspectos antropológicos da vida nas estradas: A Pedra, os trampos e as temporadas.

Apresentemos alguns aspectos descritivos dos espaços de interação e símbolos do movimento *maluco de estrada*. Chama-se, recorrentemente, o espaço de reunião dos malucos: a *pedra*. A *pedra* seria como o *pico* para o *skatista*, um local de encontro, prática e interação, mas no caso dos *malucos de estrada*, também um local de comercializar a arte e interagindo com os outros grupos sociais e não apenas entre si, como as pessoas que vêm apreciar e comprar os artesanatos, os que vendem lanches nas proximidades, os vigias de praças, os fiscais das prefeituras, as prostitutas, os usuários de drogas, dentre outros agentes sociais.

No caso de Jericoacoara, a *pedra* ficava perto da praia, na rua principal. Hoje em dia se encontra em formato de feira de artesanatos *hippie*³³, como já havia mencionado em outro momento.

Em Canoa Quebrada a situação é mais mista em relação a isso. Lá no calçadão da rua da Broadway tem duas partes que ficam os artistas expondo seus trabalhos. A maior parte dos artesãos que moram ou conhecem Canoa a algum tempo, ficam expondo mais no início do calçadão, como no caso de Hermes e Paiê. Não se chama de *pedra* esse local, pois não tem a predominância de artesãos em trecho, de passagem, mas os mais antigos ou moradores fixos da vila. O local mais semelhante à *Pedra*, fica mais para a frente do calçadão, em direção ao mar, já em frente aos bares noturnos. Justamente aí a feira é mais improvisada, e se percebe artesãos que não necessariamente estão fixos, ou possuem cadastro na associação local.

³³ *Hippie* não no sentido do movimento anos 1960 contra a Guerra do Vietnã e pela revolução cultural de comportamentos. Uso o termo porque o turista e os nativos locais costumam a chamar todo viajante que vive da venda de artesanatos de *hippie*. Curupira, interlocutor da dissertação de mestrado, morador nativo da Caiçara de Baixo, chamava alguns artesãos mais jovens de *hippinhos*! Importante este parêntese para não confundir o leitor. O *maluco de estrada*, geralmente, fora do seu círculo de “iguais”, ou seja, pelos outros agentes sociais da rede interacional, costuma chamar os *malucos de hippies*.

Digamos que na primeira parte é uma feira mais estabilizada e na outra, uma aglomeração mais improvisada. As *pedras* geralmente têm um ambiente *underground*³⁴, ou pelo menos estigmatizado por alguns indivíduos como tal, ainda que dependendo da situação e do local. As grandes cidades costumam ter *pedras* mais *undergrounds*, onde o espaço de trabalho e o lúdico se confundem. Os *tramos* são justamente os artesanatos manufaturados, são variadas formas e técnicas que possuem o estilo do movimento e da dinâmica.



Figura 30: Artesão de Prata em Canoa, na sua oficina caseira na varanda de sua casa, no caso, fundindo a prata para iniciar processo de laminação. Março 2019 (foto Autor).

³⁴ *Underground* no sentido de local subversivo a ordem do *status quo* social e cultural.



Figura 31: Artesão de Prata desenhando as peças com a serra de calar. Março 2019. Foto: Autor.

Na *Figura 32*, logo a seguir, temos uma fotografia de um painel de artesanatos. Também chamada de *asa* pelos *malucos de estrada*, o painel de artesanatos ou *a asa de trampos*, é prática para a venda ambulante e até a exposição em feira, poupando a utilização de mesas.



Figura 32: Painel Expositivo de Artesanatos. Agosto de 2020. (Foto: Autor).

Ferreira (2015) em seu artigo sobre os *skatistas*, fala do *pico* como local da prática do *skate*, e que é necessário compreender que nem todo local é propício para a prática do *skate*. Entendo que a *pedra* é o local para a venda dos *tramos* e a prática da feira dos *malucos de estrada*, mas também, de subversão das interações face a face (GOFFMAN, 1992) e do exercício simbólico do campo de atuação performática da *malucada*.

Esta subversão, pode ser considerada como um teste entre os agentes, uma possibilidade de se mostrar dentro do coletivo com ousadia. Subversão, portanto, mais para os que estão dentro de certos padrões normativos, para o coletivo nas *pedras*, é um jogo social de conhecimento e reconhecimento. Uso de drogas, brigas, furtos, são tensões possíveis dentro dessas relações. Pude observar, principalmente quanto viajava nas estradas, e já relatei um tanto no trabalho de Mestrado anterior a este (LIMA, 2016).

Percebo que diferente do movimento *hippie* clássico, do *Peace and Love* (Paz e Amor) propagado contra a Guerra do Vietnã e EUA, nos anos 1960, na era do Woodstock, o *maluco de estrada* foi e é no Brasil, necessariamente, um artista, um trabalhador, ou seja, um artesão.

O artesanato também carrega um jeito, um *ethos* específico, que faz com que outras pessoas que não são do ramo identifiquem, como sendo artefatos dos *malucos*, tipo uma pulseirinha, mandalas de arame, esculturas de *durepox*, bolsas, cintos e demais artefatos de couro com dentes, ossos e pedras, e até as piteiras e os cachimbos.

O *maluco de estradas*, além de artista e até certo ponto transgressor cultural do projeto de civilidade da sociedade atual do capitalismo consumista, é um *correria*, termo para quem constantemente está se mobilizando para ganhar seu dinheiro e depender da venda de seu artesanato, nas praias, nas praças, nos eventos, em locais turísticos, nas grandes cidades, em locais paradisíacos e com poucos povoados. Os *malucos de estrada* não necessariamente transitam apenas em locais turísticos, apesar de terem ciência da hora de ganhar dinheiro, principalmente nas altas temporadas, nestes locais. Nas falas das interlocutoras Hera e Dandara, em entrevista conjunta no sítio de Hera na Caiçara de Baixo, em 2015:

Hera: E aí estrada, tá, desde 98: Sul, Norte, Centro-Oeste, fazendo várias histórias pelo caminho, milhares de histórias, se for parar pra contar, é muita coisa, detalhes demais. Muita bagagem que a pessoa carrega. Viver do artesanato é ao mesmo tempo, estar naquela pracinha, que você escolhe, de um interior, pra você passar uma semana, depois passar quinze dias, porque você conhece fulano, sicrano que arrasta você para cá, depois arrasta para lá, acampava na praça mesmo. Acampava, comia, vendia, ali mesmo. Daí um dos lugares dessa estrada foi aqui, dos locais, dos interiores que eu gostava muito pelo Brasil, quando adquiria um dinheirinho, para algum objetivo maior, daí escolhia a praia, pico³⁵ tal...

EU: Os picos que vocês escolhiam tinham que ficar perto de um lugar turístico na estrada?

Hera: Não, não. Na Estrada em si, quando você estava atravessando um Estado, a rota era essa, o meu destino era esse para sair de um Estado e entrar no outro, não me preocupava com o dia do amanhã. Aonde cair, aonde parar, onde ficar.

³⁵ Aqui *Pico*, na fala da interlocutora, é uma gíria também empregada para determinar um local massa para turismo e para viver. Não tem o sentido de *pico* do *skate* e da *pedra*, que é um local de encontro. *Pico* aqui é usado como um local bom e belo, mas não exclusivo de *skatistas* ou artesãos.

Dandara: Porque, tipo assim, você passava nos picos, porque uma você queria conhecer, onde tem muito turismo, geralmente os lugares são muito bonitos, as praias são muito exuberantes, pela beleza natural, os lugares já são chamativos. E aí sempre rolava muito mais grana do que nos outros interiores, porque é um local onde as pessoas já vão com mais grana pra curtir, e daí você vai curtir o pico, mas a maior parte do tempo você viaja fora do pico. Pelos interiores.

A Figura abaixo, mostra duas *malucas de estrada* voltando do dia de trabalho, do *mangueio*. Essa foto foi tirada na localidade da Sambaíba na beira da Lagoa do Paraíso, onde existia na época, um trecho de terra alto para que se atravessasse para o outro lado da Lagoa onde ficavam os restaurantes e pousadas que recebiam os passeios diários de *buggy* e onde os *malucos de estrada* vendiam seus artesanatos e geravam suas rendas de trabalho.



Figura 33: *Malucas de Estrada* voltando do *Mangueio* na Lagoa do Paraíso. Julho de 2007 (Foto: Autor)

Os *malucos de estrada* possuem estratégias específicas com relação às temporadas e a viagem aos *picos*. Apesar do contexto anárquico que a maioria empreende ao viajar³⁶, existe uma logística do trabalho, uma racionalidade nas

³⁶ Geralmente se viaja sem plano certo, vai *fluindo* de acordo com a experiência nos locais da viagem. Muitos mudam constantemente as rotas ou ficam mais tempo que esperavam nos locais. Mas uma vez compreendida a lógica do artista, do viajante, do místico e do trabalhador, ou

buscas por matérias-primas e de locais em temporadas turísticas. Para título de categorização, existiam: a *temporada de natureza* e a *temporada de vendas*.

Por todo o Brasil existem circuitos turísticos, de praias, montanhas, florestas e centros urbanos. Porém, existem épocas em que as cidades turísticas recebem maior fluxo de turistas, e esta é a hora das *temporadas de vendas*, que em Jericoacoara, funciona entre julho e agosto, e de janeiro a fevereiro, apesar de ter fluxo turístico o ano inteiro. Em Canoa Quebrada também vemos as mesmas estações em mesmos meses, já em Maragogi e Francês, a alta é de setembro a março, época de sol e poucas chuvas, nos demais meses a chuva é constante e em junho, julho e agosto, a chuva é acompanhada de um clima mais ameno, mesmo no litoral, o que movimenta mais as festas de frio do agreste, como a maior do Nordeste, o São João.

Em outras partes do país, existem matérias-primas das quais os *malucos* utilizam em suas joias artísticas. Ossos, como dentes de jacaré, tubarão e onça, pedras semipreciosas e lapidadas, capins dourados, couros de animais silvestres e de carneiro e boi, rolos de linhas baratos, dentre outros, são conseguidos em diversas partes do Brasil em determinadas épocas.

Por exemplo, coleta-se ossos no Pantanal, na época de seca; pedras semipreciosas em regiões de Minas e Goiás; arames de qualidade no Rio Grande do Sul e São Paulo; várias sementes e couros na Amazônia; capim dourado do Tocantins; cristais na chapada Diamantina; e por aí vai. A vida itinerante é também conectada com as temporadas turísticas e com as *de natureza*, o que cria uma lógica nômade visceral ou ontológica do artesanato e do artesão maluco de estrada.

Como é ressaltado pelas interlocutoras citadas, a estrada, ou a BR³⁷, não está condicionada ao *pico* turístico. Porém, observo uma contradição em suas falas, ou pelo menos um distanciamento da atual realidade vivida por elas e da de um viajante aventureiro por conta das oscilações dos trechos. Elas depois vieram falar que, ao terem filhos, tiveram que parar de viajar, mas o elo com a vida da estrada é ainda bem presente, o que mostra que possuem total

comerciante de artesanatos, vai ocorrendo uma racionalidade que discutirei no texto mais a frente.

³⁷ Importante salientar que a BR e a estrada não são meros percursos geofísicos, mas percursos vinculados a vários aspectos socioculturais.

identificação com o movimento cultural manifestado por este grupo de sociabilidade.

O *maluco de estrada* também tem uma relação muito intensa com o lúdico, com as festas e as drogas. Como falei, existe uma pluralidade de sujeitos que se identificam como tal.

Têm *malucos* que são chamados no meio de *hippies* de Cristo, geralmente que passaram por problemas com drogas, e não usam mais as drogas, nem roupas rasgadas e nem ficam sem tomar banho.

Porém, a grande maioria dos *malucos* quando estão no *trecho*, ficam numa condição conhecida como *micróbio*, que não tomam muito banho, nem trocam muito de roupa, trazem poucos trabalhos na *asa* (apesar de saber e terem muitas habilidades e conhecimentos artesanais), usam drogas regularmente, *preferem*³⁸ ficar em *mocós*³⁹ a dormirem em pousadas ou terem casas alugadas (como os *capitães de areia* de Jorge Amado).

Alguns segmentos da sociedade, que não são poucos, encaram o viajante de estrada como um *vagabundo e delinquente*, segundo seus critérios estigmatizadores e preconceituosos, por não trabalhar como os lojistas de artesanato do turismo convencional, mas na realidade, pelo menos o que pude constatar com a observação e experiência como um, é que se trata de um artista e um trabalhador informal.

Acredito ser um erro tipificar o *micróbio* e o *favorzeiro* em uma mesma linha dispositiva. Apesar de ser mais largado que um artesão viajante mais centrado e geralmente com família, o *favorzeiro* nem *maluco* é, é como alguém que tem sérios problemas afetivos e sociais e vive pelas ruas apenas a pedir, o que não é bem o caso do *micróbio*.

³⁸ Não é bem *preferir*, pois nem grana se tem para pagar algo para dormir. Por isso, o termo está em itálico, pois tal critério de gosto envolve um *ethos* de guerreiro, de desafio, tanto à burguesia, por dormir nas ruas em vez de colchão confortável, mas também um desafio contra a violência das ruas da qual fica sujeito. É preciso, pelo que observei, dormir na rua para ser reconhecido, para ser *considerado* pelo grupo. Tem um trecho de uma música do cantor Ventania, que é um *maluco de estrada* antigo que mora em São Tomé das Letras (MG), e que fez sucessos cantando músicas que narram a vida do *maluco*. O trecho é o seguinte: *Cama de Playboy é com travesseiro e colchão, cama de Maluco é de papelão*.

³⁹ *Mocó* é um local abandonado, ou pode ser uma rua, ou um coreto de praça. Um local onde possa ficar de graça, geralmente público e exposto. É o trapiche das crianças de Jorge Amado em *Capitães de Areia*. Na estrada o *micróbio* raramente fica em pousadas, *preferem* os *mocós* (Nota Anterior).

Além disso, o *micróbio* pode ser consumista quando tem possibilidade para tal, se vende bem gasta bem também (logo na próxima seção darei o exemplo de Yamandú).

Contudo, tem algo de concreto que pude observar nessas pesquisas, que o movimento do *Neoliberalismo* e da *pós-modernidade* (não movimento acadêmico, mas as práticas realizadas nessas últimas décadas ancoradas nestas bandeiras) induziram à exclusão e à marginalização, ao mesmo tempo em que anseiam por inserir todos no mercado consumidor a qualquer custo, o que não deixa de ser verdade, temos a exclusão do artista de rua em locais turísticos, ainda que sobrevivam nesses locais com símbolos seus que foram transformados em produtos do capitalismo internacional.



Figura 34: Rapaz morador de Canoa Quebrada fazendo Tatuagens de Rena⁴⁰ na Praia de Canoa Quebrada, em frente à barraca do Paulinho. Foto: Autor. Março de 2019.

⁴⁰ A tatuagem de Rena como a venda de artesanatos nas praias, passou a ser uma prática comum de pessoas que não vivenciam o estilo de vida *Hippie* ou *Maluco de Estrada*. Apesar dessas práticas de comércio ambulante de artesanatos e tatuagens nas praias e praças terem sido inicialmente práticas que identificavam diretamente o artesão viajante, sofreram uma massificação e perda de conteúdo subversivo com o crescimento do turismo e das novas sociabilidades culturais impulsionadas pelo *consumismo identitário* na *pós-modernidade*.

Outro ponto interessante que podemos ressaltar, é que a musicalidade, principalmente o reggae e o rock, são estilos musicais que acompanham os *malucos de estrada*. Raul Seixas é considerado um Guru para muitos *malucos*, principalmente os mais antigos. Digo isso, porque, como bem analisou Lima Filho (2013), o consumo de elementos mercadorizados da rebeldia, como o mercado fonográfico do rock e do reggae, extrapolam as categorias de massificação, alienação e fetiche, propostas por autores como Marx (1985) e Adorno (2004), na temática da indústria cultural. Lima Filho (2013) fala a respeito de um vínculo afetivo, que não é necessariamente uma moda, mas um estilo de vida, ou um *habitus* do roqueiro.

Percebe-se tal ponto nas disposições rebeldes dos *malucos de estrada*, e a identificação, por exemplo, com Raul Seixas, que extrapola o gosto musical, é uma questão de identificação com a rebeldia passada na arte musical de Raul Seixas e no discurso construído sobre ela (arte) e ele (artista), que misturam rebeldia política, geracional e esoterismo místico, elementos bastante presentes nos meios alternativos. Vejamos o ponto que que Lima filho aborda tal questão, da qual estou tomando de empréstimo, para também relacionar o movimento de rebeldia dos artesãos de estrada como mais do que condicionamentos da *indústria cultural* (ADORNO, 2004) e do *fetice da mercadoria* (MARX, 1985).
Segue:

Os consumidores não são agentes passivos nesse processo, pois seu consumo é feito com base em uma combinação delicada de ato racional e emotivo e não somente por impulso, principalmente daqueles que desenvolvem algum tipo de envolvimento (sentimento) com aquilo que passa a consumir. Além disso, mesmo considerando que, de fato, existe uma empresa capitalista dedicada ao entretenimento que produz bilhões de dólares no mundo todo e utiliza de inúmeros recursos (inclusive ideológicos) para manter altos os níveis de consumo, este não é uma relação de dominação por si mesma (LIMA FILHO, 2013, p. 46).

Achei importante fechar com esta parte, pois faltaria algo se não falássemos dos aspectos da musicalidade e da rebeldia desses grupos de estradeiros. Claro que muito da cultura do Reggae e do Rock, acredito, sempre foi no intuito da massificação, mas certos conteúdos estilísticos de resistência perderam força política, espaço de rebeldia, da época de 2013, em que foi escrito a obra de Lima Filho, ou de quando eu viajei na estrada, de 2003 a 2007, ainda

que certos consumos são afetivos e se prolongam por toda a vida de alguns interlocutores.

O estilo de vida no contexto neoliberal esvazia a resistência pela adesão ao mercado, mas não acredito que seja apenas isso, ainda porque, dentro do neoliberalismo, ainda persistem disposições de conflitos e resistência ao individualismo burguês extremado, e a estrada e os estradeiros ainda buscam um elo com essa resistência.

2.2.2. *Caindo na Estrada. Momentos de rupturas e aprendizados*

Agora vamos elencar alguns aspectos descritivos observados em campo para compreensão das disposições do *Habitus* (BORDIEU, 2013) da *Malucada*, dialogando com algumas entrevistas concedidas por *malucos de estrada*. É aqui que a conexão da estruturação (GIDDENS, 2014) proposta na metodologia, assim como a passagem da sociogênese (ELIAS, 1997) para a psicogênese (ELIAS, 1997) se fazem, porque vamos saindo do campo da tipologia e da apresentação de cenários, para a análise das subjetividades dos interlocutores.

Os *malucos de estrada* viajam aparados pela a venda de artesanatos, mas não qualquer artesanato: geralmente são artigos que servem para adornar pessoas, como colares, brincos, pulseiras, tornozeleiras, bolsas, carteiras, cachimbos e maricas (piteiras de fumar pontas de cigarros); feitos com linhas, couro, arame; e também artigos decorativos, geralmente esculturas e máscaras feitas com *durepox* (escultura com massa cola), couro, madeira; filtro dos sonhos, incensários, pinturas em azulejo dentre outras.

Estes trabalhos utilizam técnicas passadas de *maluco para maluco* na estrada, aonde os recém-chegados vão colando nas *pedras* para aprender a fazer os artesanatos e ver como se relacionam os *malucos de estrada*. No relato de uma *maluca de estrada* em seu início de entrada no movimento:

Morando em São Paulo foi que surgiu. Eu levava uma vidinha da casa para o trabalho, parada, atrás de fazer uma faculdade, quando de repente, eu observava, eu sempre observava aquela galera ali, até que fui me aproximando e fui fazendo perguntas, ficava impressionada: “como você fazia esse brinco? Como você faz?” A mesma admiração que o povo tem quando pergunta para mim depois que eu me transformei, né? Optei por viver, unir o útil ao agradável, a viagem e o artesanato. O princípio da escolha, de viver a filosofia, foi aprender o trabalho, o artesanato, e perguntava para a pessoa você consegue fazer à mão? Depois

de comprar, ficar em casa admirando, e ficava pensando que iria tentar e conseguir fazer estes artefatos um dia. Aí, depois de tentar ver que a vida que eu levava não estava completa e sempre tinha mesmo uma tristeza ali, por viver em São Paulo, a vidinha careta, sempre a mesma coisa, depois de eu tentar e conseguir um brinco foi abrindo os horizontes. Não aguentava mais ver um artesão, um hippie, passando perto, tanto que peguei uma rota de passar perto da rodoviária que eu sabia que ali ia ter algum. Daí eu parava, comprava, interrogava, e foi aumentando, a minha vontade, a minha curiosidade. Quando encontrei um casal marcante, o Paulinho e a Silvana. Ela olhou para mim e disse: “- Minha filha você gosta de trampo, não é? Senti aqui. Você disse que já tentou fazer algumas coisas, não é? Vamos ver o que você sabe fazer.” Foi a florzinha de Lótus. Daí, ele me disse: “Pronto agora você vive na estrada. Você come com isso. Isso daqui é uma sobrevivência”. Então, ele contou a história dele, que não vem ao caso. Pedi demissão do emprego, com a intenção de usar o dinheiro do tempo de serviço, porque eles me indicaram, indo da capital, na avenida 25 de março, para comprar o que precisava de material para começar a fazer um painel de artesanatos. Eles disseram, assim, para eu sair do emprego que tinha, deram esse incentivo que depois eu passei na rua para outras pessoas, na estrada, aí a intenção de chegar no emprego, foi essa a motivação maior. Pedi demissão para ir para a estrada. (Hera em setembro de 2015 narrando sua chegada ao movimento da *Br*).

Eu estava em Jeri também nessa história da *Br*, e é mais ou menos isso, acaba que a gente não se encaixa no mundo em que vive, de trabalho, ganhar dinheiro, aquela rotina, do mundo comum, e você fica se perguntando: O que tenho de errado? E vai sempre buscar, porque quando você é jovem, sempre buscando encontrar sua tribo, o seu lugar no mundo, e lembro que eu era menor de idade ainda e sempre viajava. Eu comecei a trabalhar muito nova, com quatorze anos de idade, e sempre que podia viajava por interior de São Paulo, pro Rio, pra Bahia, e sempre encontrando galeras diferentes, com ideias diferentes, e tinha decidido que não queria mais morar em São Paulo, não sabia como, mas sabia que queria viajar. E lembro que era menor de idade, ainda, dependente, naquela rotina. Daí, uma mão que eu fui para o Maranhão, conheci o pai dos meus filhos e acabei saindo assim de vez. (Dandara em 2015, narrando sua chegada à estrada).

Nas falas das duas interlocutoras se percebe uma insatisfação com a vida urbana e a rotina do trabalho que desempenhavam. Além disso, a perspectiva de cursar uma faculdade é tida como uma *sequência natural* daquela rotina, sem empolgação, sem uma escolha real perante sua vida. Quando Hera fala do momento em que cola na *pedra dos malucos* se percebe como um encanto, como um encontro com uma vocação, e uma ruptura com um *estilo de vida*

urbano e convencional que estavam lhe sufocando. *A estrada e o artesanato* são elementos dessa ruptura, dessa vontade de se libertar.

Paiê também relatou seu momento de ruptura, e, assim como Hera e Dandara, o conflito existencial era muito grande. Ele já havia entrado em contato com o artesanato, ainda em Fortaleza, no bairro em que morava, mas fez escola técnica e virou técnico em Mecânica Industrial. Depois que conheceu Canoa, e iniciou a fazer artesanatos, inclusive, e mencionou que seus primeiros trabalhos foram com couro, na qual aprendeu os primeiros passos com Hermes, e depois, desenvolveu a profissão de ourives, no qual desenvolve até hoje, em uma simples oficina na varanda de sua casa. Nas palavras dele:

Na verdade, surgiu da insatisfação com o trabalho corriqueiro, de tá ali, e para mim, eu achava improdutivo de tá naquela rotina, pra mim, a minha natureza não combinava com isso. Essa história de ficar num canto ali, na própria cidade, trabalhar nesse sistema, assim, de trabalhar para uma coisa, e a única coisa que eu ter era só uma ascensão de salário, de posto, mas tudo isso para mim não satisfazia, eu queria era conhecer outras coisas, depois, conheci Canoa, conheci outras pessoas no âmbito de trocar experiências mesmo, uma liberdade maior. (Paiê falando de sua ruptura com a antiga profissão- trecho de entrevista de 2018).

Paiê relatou, no depoimento acima, que sua Natureza não combinava com a vida na cidade grande. Para ele, o sentido da vida não estava em subir de posto, de salário. Não que ele não precise do dinheiro e do trabalho, tanto que possui até hoje os dois, mas o que estava em jogo era sua vida, trabalhar e viver de forma que realmente queria, e quando de repente, viu que também podia viver. Mas sabia que teria que deixar para trás a cidade, os amigos e a profissão. E assim fez, como os demais. Pediu demissão, e com o dinheiro da saída comprou material e ferramentas, alugou uma casa de uma nativa, e foi morar em Canoa Quebrada e viver como realmente sua Natureza estava sentido.

Paiê não se limitou a morar em Canoa Quebrada. Apesar de lá ser seu local nativo, não de nascença, mas de escolha, Paiê já viajou até o Uruguai e Argentina, por um período de mais de dois anos, e, posteriormente, quando conheceu o Santo Daime, foi para a Floresta Amazônica e passou três anos morando no Igarapé Mapiá, na sede do Santo Daime já mencionada anteriormente.

Ele sempre viajou com artesanatos, mas com o tempo passou a só fazer, e não mais sair para vender, trabalhos com prata e ouro, sendo que os outros vendem seus trabalhos, ou recebe encomendas, como as estrelas de Davi do Santo Daime, que ele tem uma assinatura própria para fazê-las em bronze, prata e ouro. Já faz mais de 25 anos que optou por mudar sua vida, e pelo que percebo, não foi apenas uma mudança de algo para outro. De um quadro estático para outro. Mas, se puder arriscar uma metáfora, de um quadro para um filme, com constantes mudanças na trajetória.

Freud (2019) em *O mal-estar da cultura*, apresenta em tese a profunda tensão entre o desejo das pulsões do inconsciente, o *eu* e a cultura, ou os sistemas simbólicos de integração e sociabilidade. Ao pegar a temática da felicidade, como ponto para análise das possibilidades humanas de ser feliz, esbarra em uma série de limitações, dadas pelas próprias condições humanas. O tema da liberdade, de livrar-se de algo, parece presente na fala dos interlocutores. Eles buscam uma solução, para serem *mais felizes*, numa busca subconsciente e consciente de novas práticas de vida que tragam maior prazer e menos sofrimento.

A estrada, e no caso, a antiga Canoa Quebrada, foram palcos para essas investidas libidinais. É notória certa realização, por parte dos interlocutores, certa otimização de suas taxas de custo-benefício, entre prazer e sofrimento, que o *Plano de Voo*, a *Ruptura* e a *Estrada*, proporcionaram em suas vidas. O *plano de voo* como a organização de um pensamento de certo planejamento, embora sem ser restritivo, mas também dotado de alguma racionalidade, de pegar a estrada, de saber qual estrada pegar, por onde ir, pelo menos no começo da jornada. A *ruptura* com a vida anterior (Hera fala em transformação) e a *estrada* como estilo de vida.

O tema da *Sublimação*, proposto por Freud, parece dialogar com essas investidas libidinais. A saída para a estrada e a ruptura com o posto, em vez de jogar o *eu* na profunda confusão, orienta o *eu* para um caminho em que sente prazer de percorrer, e principalmente, porque assim como o inconsciente, o caminho se apresenta renovado, ainda que tal sublimação aconteça pela pretérita elaboração do *Voo*.

Hera e Paiê, pediram demissão, mas já estavam admitidos. Não por padrões, mas pelo caminho que escolheram, e que já era compartilhado

previamente por outros que, assim como eles, ousaram arriscar, e foram, e vão... até hoje. Vejamos o trecho em que Freud fala sobre as investidas libidinais e os aspectos, que chama de trabalho ou meio profissional:

A possibilidade de deslocar uma quantidade considerável de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos e mesmo eróticos para o trabalho profissional e para as relações humanas ligadas a ele, confere-lhe um valor que não fica atrás da sua indispensabilidade para sustentar e justificar a existência em sociedade. A atividade profissional oferece uma satisfação especial quando é escolhida livremente, ou seja, quando permite tornar utilizáveis, através da sublimação, inclinações existentes, moções de impulsos contínuas ou constitucionalmente reforçadas. E, no entanto, o trabalho é pouco apreciado pelos seres humanos como caminho para a felicidade. Não se ocorre a ele como outras possibilidades de satisfação. A grande maioria dos homens trabalham apenas por coação, e dessa repulsa natural dos homens ao trabalho derivam-se os mais graves problemas. (FREUD, 2019, p. 71. Nota de rodapé).

Percebo que o trabalho ao qual Freud se refere está muito mais associado ao trabalho que os interlocutores atribuem às atividades das quais pediram demissão. Ainda que continuem a ter os sofrimentos causados por toda atividade laboral, e fazer artesanatos ou joias, também têm suas dificuldades, mas não é igual ao trabalho mais integrado à cultura complexa da divisão social do trabalho. O que nos passam os relatos é de uma ruptura benéfica, ou positiva, aos anseios de felicidade dos agentes.

Concordo com Freud que a frustração do ser que exerce sua atividade laboral sem qualquer identificação prazerosa, apenas por coerção ou para compensar o sofrimento de não ter nenhuma ocupação, traz graves problemas aos agentes, e potencializam sua parte sombria, depressiva ou agressiva patologicamente. Não digo com isso que todos devem ser artesãos e viajarem pelo mundo, este não pretende ser um trabalho normativo e generalizante, mas sim, como todo trabalho científico, analítico dos dados e fatos apresentados.

Hermes também relatou seu momento de ruptura, em que teve *um momento transcendental e optou por “sair do sistema”*. Em sua época de saída, início dos anos 1970, muitos jovens desencantados com o período tenso da Guerra Fria e da ditadura Franquista, resolveram deixar suas casas e viver em uma busca por sentido da vida. Porém, sempre associa o ofício do artesão como forma de poder viabilizar essa viagem, não só pelo sentido financeiro, mas de comunicação, interação e outros. Nas palavras dele:

A busca da liberdade. O principal movimento. Penso que o artesanato está associado porque era algo que eu não precisaria ter patrão e em qualquer parte do mundo eu teria materiais para poder fabricar e comercializar os produtos. (Trecho de entrevista com Hermes em 2018).

Hermes relatou que sua infância e juventude foram marcadas pelo autoritarismo na Espanha, e que aquilo foi fundamental para compreender que a vida social capitalista não tinha sentido nenhum para ele. Relata que deixou seu emprego e se juntou com uns amigos e foram morar em Amsterdã. De lá pegaram um ônibus intercontinental com destino à Índia. Porém, no Irã, na época da revolução religiosa, foram impedidos de continuar e ganharam passagens de volta para a Turquia. Nas palavras dele:

Comigo aconteceu uma coisa, eu comprei uma passagem que ia de Amsterdã até Índia, até Nova Deli, de ônibus. São duas semanas de ônibus. Muito longe, oito a dez mil quilômetros de distância: tem que atravessar a Europa inteira, Grécia, Turquia, Irã, Paquistão, até Índia. De Istambul até Índia são mais de dois mil quilômetros. Daí, aconteceu que eu cheguei no Irã, justo no momento que estava tendo a revolução de Aiatolá, daí tinham tanques na rua, tropas de guerra e eu sem dinheiro! Eu não tinha um tostão (risos), era mesmo pela liberdade! Não íamos atrás de dinheiro, e sim, de cultura, de conhecer, de ampliar um pouco o meu conhecimento, mas realmente e não por livros, não por televisão, por vivências próprias, com propriedade, com verdade, *eu estava ali quando aconteceu!* Daí, a princípio fui até uma empresa de ônibus, ver se me devolviam a passagem de Teerã até Nova Deli, que faltava ainda a metade do caminho, que me devolvessem o dinheiro, que já havia pagado até a Índia. Eles disseram que não era possível, pois não tinha ligação entre as empresas, e percebi que todo país mudava o ônibus e o motorista, cada país era um motorista nativo. Então me disseram que a única coisa que poderiam fazer por mim era dar a passagem para trás, de Irã para Istambul. Eu não tinha dinheiro, fiquei na rua, mas a aventura era maior que aquilo tudo, a liberdade. Naquele momento, 1978, 1979, não era só o Irã que estava em conflito, a coisa estava braba. (Trecho de entrevista com Hermes em 2018).

Ele sem dinheiro, e sem falar a língua do país, percebeu que tinha que desenvolver o ofício de artesão, pois, segundo ele, era forma de comércio e comunicação universal, e o possibilitava de poder seguir viajando e trabalhando em qualquer parte do planeta. Nesse movimento Hermes foi para as ilhas Canárias, depois para o Brasil, onde teve filhos e se encontra há mais de 30 anos. Atualmente é morador de Canoa Quebrada, mas segundo suas próprias

palavras, quando lhe perguntei sobre como era ter parado de viajar para morar em Canoa:

Quem disse que eu parei de viajar? Todo ano eu viajo, e depois passo por aqui novamente. Aqui tenho meus amigos e a cidade é fácil de se mapear. Detesto cidades grandes, com multidões desconhecidas. Não parei de viajar, não. Eu estou viajando desde os 24 anos até agora. Eu estou aqui, mas estou em viagem. Aqui em Canoa Quebrada quando eu cheguei as coisas eram bem baratas, terrenos que vendem por 100 mil dólares, na época vendia por mil. Mas eu sentia que comprar um terreno ou uma casa eu iria ficar atado ao terreno, preso a ele. Ia perder um pouco o sentido da minha busca. Eu fiz da minha vida uma viagem. Aqui é como meu pouso, amigos e tal. (Hermes relatando sobre seus motivos de viajar).

Nessa hora podemos observar o *aventureiro* que o *maluco de estrada* traz consigo. A incerteza e o desafio, de passar fome, de ficar sem dinheiro, de ter que dormir em coretos das praças, faz o perfil destes agentes sociais. Sendo o acúmulo de experiências de viagem, a sagacidade criativa do artista e do vendedor, elementos que fazem a diferenciação entre os integrantes desta tribo itinerante. Um *maluco considerado* pode o ser por ter viajado muito ou por ser bom artista ou por ser um bom vendedor, e ainda, por colocar medo nos demais, impondo uma moral pelo medo. Vários são os motivos que trazem prestígio no meio, mas não vou me aprofundar nisso, apenas para trazer a temática da diferenciação específica deste campo de atuação social.

Le Breton (2018) analisa o desejo de desaparecer, como um desejo de mudança de sociabilidade. Nem Hermes, nem Paiê, nem Hera, nem Dandara, queriam entrar em coma ou suicidarem: queriam ir para estrada, largar seus empregos citadinos, fugir de regimes políticos opressores, e, principalmente, da vida sem emoção, ou melhor, sem um tipo de emoção que busca romper com o tédio de certas rotinas de vida, e isto, implica nesse conjunto de significados que é desaparecer, para alguns, e aparecer para outros. Vejamos a citação de Le Breton abaixo:

O desejo de desaparecer às vezes corresponde ao desejo de afastar-se de uma rede de sociabilidade para reiniciar de outra forma a própria existência. Desfazer-se dos antigos compromissos tornando-se outro personagem em outra região, em outro país, em outro continente, mudando o Estado Civil ou, se as chances de ser reconhecido forem raras, conservando-o. Às vezes trata-se de fugir da justiça, de credores, do sentimento de asfixia da vida de casal, de família, de trabalho, ou para satisfazer velhos desejos longamente ocultados, e encetar

assim um ciclo de existência nada devedor ao antigo, vivendo uma espécie de morte e renascimento simbólico. (LE BRETON, 2018, p. 174).

Também podemos encontrar tal temática no trabalho de Igor Monteiro Silva (2015) em sua tese sobre viajantes “independentes” de longa duração. Considero que a ruptura com a rotina, que aborda como *liberação de*, e como Dandara, Hera, Paiê e Hermes expõem em seus relatos de romperem com uma vida que lhes angustiavam, Silva também trabalha com a *liberação para*. Esta, diz respeito ao que se vai fazer viajando, inclusive viajar, liberado para viajar ao se liberar do trabalho ou da universidade que é um ensino voltado para o mercado de trabalho. Nas palavras do próprio Silva (2015) ao analisar a fala de um interlocutor viajante chamado Benny:

Considerando o exposto, faz sentido afirmar que para Benny a “fuga” do cotidiano não se sustenta como o único elemento motivador de suas viagens. Há uma proposta evidente de engajamento em um *cotidiano outro*, mesmo transitoriamente, que também irá conferir valor à sua experiência de deslocamento. O “escapismo” ou a “liberação” da rotina carregam consigo, portanto, uma propensão concreta de interações diversas, que não passa pela simples suspensão do familiar. O “ato compensatório”, a vivência que faz Benny conseguir retornar a sua própria vida cotidiana, efetua-se plenamente quando da mesma forma oportuniza uma *liberdade para* e não só uma *liberação de*. (SILVA, 2015, p. 97).

O estudo aqui proposto se ancora nessa perspectiva de que tais orientações de *ruptura*, de *liberação e libertação*, não são descontinuidades soltas ao “acaso” ..., mas *fruto*⁴¹ de uma conexão com nosso atual momento histórico de crise dos valores pragmáticos existenciais progressistas urbanos, e, por conseguinte, desdobramentos dialógicos psíquicos, ou melhor dizendo, os *projetos reflexivos do eu* (GIDDENS, 2002). Nas palavras do próprio:

A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. Transições nas vidas dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de ritos de passagem. Mas em tais culturas, nas quais as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, geração após geração a mudança de identidade era claramente indicada. Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser

⁴¹ Sinceramente não sei se a palavra certa é fruto ou flor. Pois fruto é efeito final e flor é um efeito que tem poder de causar efeito. Todo cuidado é pouco com possíveis determinismos.

explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. (GIDDENS, 2002, p. 37).

Ainda seguindo o fluxo dessa temática, e para finalizar este tópico, trago um trecho da pesquisa de Denise Falcão (2013) no seu trabalho sobre mochileiros, que acredito corroborar com a linha de pensamento trazida até então. Segue abaixo:

Fazendo algumas aproximações com a antropologia contemporânea, temos o ser humano compreendido como mutável e cambiante. Não é mais possível aceitar a visão de ser humano na perspectiva iluminista que pressupõe um mundo estático, um mundo ordenado, no qual as leis regem a natureza são invariantes e, portanto, previsíveis. Acreditar que a natureza é sujeito é constante significa concebê-la independente de tempo, lugar e circunstância... A perspectiva do ser humano, hoje, que vive numa sociedade contemporânea capitalista é bem mais complexa, como nos aponta Geertz (1978, p.49), podemos falar que “a humanidade é tão variada em sua existência como em sua expressão”. (FALCÃO, 2013, p. 46).

Acredito ser feliz a fala da autora, associando a complexidade de nossa subjetividade humana, que busca, que se move, a complexidade do olhar para a vida, dos valores existenciais, que levam o viajero a viajar, a buscar, e sem padrões definidos e enquadrados como outrora propôs a narrativa ideológica de processo civilizador da corrente liberal Iluminista.

Seguimos agora para os interlocutores de Alagoas, ou melhor, que os encontrei em Alagoas.

2.2.3. Ziggy, artesão de mandalas e andarilho da costa norte Alagoana

Em março de 2022, resolvi passar uns dias em Maragogi. Estava vindo de Juazeiro do Norte, no período de transição de trabalhos, tinha pedido demissão em Juazeiro e estava indo assumir o trabalho em Alagoas. Nessa trajetória, resolvi passar por Bonito em Pernambuco, terra de cachoeiras na zona da mata, e, depois, para Maragogi, a princípio apenas para conhecer e passear, sem intenção ou consciência de que posteriormente viria me despertar o interesse de agregar a configuração social do turismo da cidade à pesquisa.

Nisso, estava a dar uma caminhada na orla da praia à noite quando avistei um senhor, já com mais de 50 anos, vendendo uns tramos na calçada, mas

sozinho, longe do restante dos malucos que estavam mais pra frente na *pedra* deles. Parei e fui observar os trabalhos dele, e se apresentou como Ziggy.

Ziggy é um *maluco de estradas* de algumas gerações passadas. Ele me impressionou por vender mandalas de arame, alumínio, e sabia contar a história da peça como amuleto e instrumento de meditação budista. Além disso, dessa didática e simplicidade, fazia tempo que não via um *maluco* viver apenas desse artesanato, acho que desde a época em que era universitário de graduação, nos primeiros anos, antes de completar vinte anos. Desde quando via uns *malucos* na *pedra* da Praia de Iracema, em Fortaleza, a vender mandalas.

Estava passando pelo calçadão quando vi as mandalas e resolvi parar para ver, quando Ziggy chegou e começou a contar que as mandalas eram instrumentos de terapia budista, e que cada forma possuía um significado. Ele montou algumas formas e explicou para mim, achei legal e resolvi falar da pesquisa com ele e se poderíamos levar uma ideia sobre a vida nas estradas e em especial da vida dele nas estradas. Falei sobre minha experiência na *BR*, e ele conhecia alguns lendários *malucos* de minha época, como o Guina e o Profetinha, também falou conhecer o Yamandú, mas de muito tempo atrás.

Ziggy falou que pegou a estrada ainda adolescente. Ele disse que morava em Serra, cidade próxima à capital Vitória, no Espírito Santo, e que tinha problemas em casa e que queria ganhar a estrada. Daí, ia ao posto caminhoneiro próximo à CEASA do Espírito Santo e pedia carona para viajar. Contou que falava para os caminhoneiros que estava fugindo de casa porque o padrasto batia nele, e os caminhoneiros acabavam lhe dando carona. Nisso, foi conhecendo a *malucada na estrada*, aprendendo a fazer os trampos e, daí, não parou mais de viajar. Porém, o seu ponto de pouso é Olinda, no Pernambuco, local em que moram suas filhas; Gaibú, litoral sul também do estado; e Maragogi. Falou que gostava de fazer tudo sempre a pé, que para ele era uma forma de entrar em contato com a Natureza.

Chamei ele para uma hamburgueria, paguei um lanche e tomamos uns *chopps*. Também comprei uma mandala, da qual tenho até hoje. Ziggy comentou que atualmente só fumava maconha, mas pouco, se rolasse, e que depois que passou a beber o chá de aiuasca, o daime, apesar de não ser integrante de nenhuma doutrina, largou de vez a doideira de noitadas e drogas sintéticas.

Gostei muito de ter conversado com Ziggy, e o trouxe aqui, pois sua história de vida, assim como de Paiê, Ginestá, Hermes e outros citados no elenco do trabalho, nos mostra a ligação ou o cruzamento das estradas desses estradeiros com as experiências místicas enteógenas, e que isso os fazem perceber outras formas de vivenciar a estrada sem ser no campo do turismo e das festas boêmias diretamente.

Ziggy também me fez lembrar os *malucos* do Sudeste do Brasil, de São Tomé das Letras, Pirinópolis, Alto Paraíso, Trindade no Rio de Janeiro, que em suas performances sociais são um pouco como ermitões, e por conseguinte, um tanto de boicote ou simplesmente desprezo à vida consumista dos grandes centros urbanos. Mas com o mesmo paradoxo de viver da interação do turismo que provém de uma clientela urbana. Apesar de andarilho, Ziggy tem contas em *Instagram* e *Whatsapp*, mas de forma bem singela e discreta em sua interação.

Tinham muitos malucos de passagem em Maragogi, mas dentro da interação, foi com Ziggy que tive a oportunidade de uma conversa mais calorosa.



Figura 35: Ziggy das mandalas em Maragogi. Foto abril 2022.

2.2.4. A estrada é como uma droga, é viciante. Maharavi Das e Família viajando de ônibus pela América Latina até a Praia do Francês

Maharavi Das e Shakiti Das, como os chamarei aqui, são um casal de artesãos argentinos que moram na Praia do Francês. Já moraram por duas vezes no Brasil, mas nesta segunda vez já estão há mais de dez anos. Segundo os mesmos, da segunda vez entraram no país após uma crise em seu país de origem, Argentina, viajando com quatro filhos ainda “de menores” em um ônibus.

Tive a oportunidade de ser vizinho deles por um ano na Praia do Francês, mas se mudaram para uma casa mais próxima da praia para venderem seus artesanatos com mais facilidade. Muitas conversas calorosas tivemos, além de um *olhar*, cuidar a casa do outro quando o outro viajava etc.

Logo que cheguei, fui me apresentar. Eu até então viajava com uma *sucata*, termo utilizado pelos *malucos* para designar elementos de montagem dos artesanatos, como pedras, sementes, cocos lapidados, arames, penas, linhas, dentre outros. Acabei doando praticamente tudo, só não os couros, porque eles são vegetarianos e, portanto, não trabalham com couros de animais mortos, mas ficaram satisfeitos e me convidaram para sua casa.

Lá contei sobre a pesquisa e eles disseram que colaborariam, mas sem registros e gravações de áudio e vídeo. Então, Maharavi começou a contar que ele e Shakit eram casados há mais de 35 anos, casaram-se com vinte anos de idade, e que tiveram 5 filhos, um deles tendo falecido na Argentina. Moraram em Bariloche um tempo, lá vendiam alimentos, doces e empanadas, mas depois vieram ao Brasil. Eram iniciados na religião Hare Krisna, e em Fortaleza, tiveram um restaurante vegano que também ocorriam as celebrações cantadas dos mantras do Hare Krisna. Falaram que conheceram também Jericoacoara, mas que, na época, era extremamente rústica, pois por lá passaram nos anos 90 no século XX.

Maharavi disse que a estrada era como uma droga, viciante. E que mesmo parado um tempo, em Alagoas, sempre estavam viajando quando podiam, tendo ido há pouco à Chapada Diamantina na Bahia. Ele e ela falaram que era como pegar um vírus, que sempre que paravam um tempo numa cidade, seus próprios filhos e filhas diziam estar sentindo falta de viajar. Ele comentou que eu sabia

como é que era, porque já tinha vivido um tempo assim em itinerários, viajando pela estrada e pelas culturas do caminho.

Conversamos também sobre assuntos filosóficos transcendentais, visto que tinham amplo conhecimento dos Vedas, escritas sagradas dos hinduístas, e também haviam bebido o aiuasca, comido cogumelos e outras experiências, de forma espiritual. Porém, diferentes de outros interlocutores, não gostavam de igrejas, nem de rituais religiosos com as plantas de poder. Para eles era tudo meio teatro, e que causava o efeito contrário, de fazer uma falsa espiritualidade, uma vaidade, e que a planta tinha que ser sentida com música e meditação, sem doutrinação de qualquer espécie.

Dei o livro da Cultura Racional (assunto que falaremos no próximo capítulo) para ele, e conversávamos muito fazendo paralelos dos conhecimentos que tinha com os que eu trazia. Observei que o que Maharavi considerava ruim, a doutrina, Paiê em outra fala falou completamente o contrário. Em Canoa, de férias, falei sobre Maharavi e sua postura sobre as doutrinas e o chá, e pontualmente Paiê respondeu, mas se o chá serve justamente para isso, para nos ensinar que a gente não deve querer as coisas, que a vaidade surge não de obedecer a um ritual, mas de não ter capacidade nem de ficar nele e respeitá-lo. Sinceramente, muito interessante achei esse embate.

Outro ponto interessante foi que tanto Maharavi quanto Paiê têm a mesma idade, e são, portanto, da mesma conjuntura intergeracional, que acompanhou tanto a antiga Jeri, ou Serrote, como a Canoa da época das ruas de terra e que a Broadway se chamava ainda Dragão do Mar.

Maharavi também questionava a nova geração de *malucos*, por sua desconexão com a Natureza e seu materialismo de redes sociais, sempre querendo aparecer. Conversamos também sobre Osho⁴², do qual ele era simpático às ideias, e ele sempre frisava que, apesar de tanta riqueza nas comunidades de Osho, o mesmo era verdadeiro, e por isso, desapegado.

Maharavi já tinha passado pelo cristianismo, percebi que em Alagoas, mas que hoje tinha uma concepção liberta de qualquer estrutura religiosa, e até

⁴² Osho foi um psicólogo, filósofo e líder espiritual indiano como muita relevância nos EUA. Era conhecido pela comunidade por ele liderada no noroeste dos EUA que causou bastante polêmica por adotarem comportamentos que chocavam com os povos conservadores interioranos da região. Sua contribuição intelectual na linha do tantra como uma terapia e uma forma de viver, influenciam ainda milhões de pessoas pela Terra até os dias atuais.

citou o filósofo Nietzsche para fazer uma crítica ao controle mental das religiões. Falou que a Salvação, ou a Liberação da vida material, com a promessa do paraíso após a morte, para os eleitos ou os adeptos de qualquer religião, era o que dava o conforto psicológico aos religiosos, mas também, a sua maior ilusão, que fazia crescer sua vaidade e sua sensação de segregação ou de eleito, ou de sujeito que pertence a um grupo que terá sua subjetividade espiritual liberta do mundo material de sofrimento e dor. Mas Maharavi não era ateu: tinha sua concepção aproximada aos Vedas, literatura hindu tradicional, com sua interpretação pessoal, e com fins éticos e praxiológicos de aplicá-los na vida encarnada, e não para fins de além-mundo ou vida após a suposta e factual morte.

Quanto aos artesanatos, faziam arames, linhas, natureza, porém, sem utilizar ossos ou pele de animais, como artefatos de couro, porque são vegetarianos e deixaram de trabalhar com peças de couro. Maharavi também é músico percussionista, com vários instrumentos de percussão árabe, indiana, e também tocava uma espécie de acordeom francês nas suas práticas de yoga e sonorização, que fazia com Shakiti diariamente.

Ele dizia que a prática de Yoga não deve ser uma ginástica aeróbica, mas que tem que ter uma constância diária e, também muito importante, o exercício de sonorização, para trabalhar os órgãos e a vibração energética do corpo.

2.2.5. “Ainda bem que aqui não é uma Pipa ou uma Canoa!” Elementos conservadores e de resistência ao turismo internacional de baladas e drogas na praia do Francês

Neste tópico, através de uma simples situação de atendimento numa adega, vivenciei um *insight* e resolvi trazer a narração da situação com fim de elucidar as diferenças consideráveis, por mim observadas, entre o turismo do Francês e de outras praias e montanhas do circuito turístico nordestino, que tenham uma característica de territorialidade internacional, porém, mais *outsiders declaradas*, como Pipa, famosa praia do município de Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte; e também Jericoacoara no Ceará ou Lençóis na Chapada Diamantina.

Como já havia mencionado no tópico descritivo da Praia do Francês, o *ethos* turístico do lugar não é igual à proposta de Pipa, por exemplo, que possui uma vida noturna preparada e agitada, assim como um público jovem internacional que busca mais experiências com o local, de passar longas temporadas atraídos à vida boemia em consonância com as belezas naturais e os passeios do dia. São duas praias de surfistas, mas o *ethos* de Canoa Quebrada, parece muito mais próximo de Pipa do que da Praia do Francês. Neste relato abaixo, vou tentar elucidar melhor pela experiência etnográfica vivenciada quando retornava de Pipa para o Francês.

Chegando em casa depois de um mês viajando de férias com meus filhos que moram em Fortaleza com a mãe, fui ao Corredor Verde⁴³ encontrar uma amiga filósofa para conversar e colocar os papos em dia. Por sugestão dela, que conhece melhor as pessoas que moram no Francês, me convidou para bebermos um vinho na loja de sua amiga. Chegamos lá, escolhemos um vinho e sentamos juntos da gerente da loja. Logo depois chegou outra amiga da filósofa que tem uma loja de artesanatos na rua Carapebas.

Ficamos conversando, e o papo passou à discussão sobre fé e cristianismo. Minha amiga é bastante crítica ao cristianismo católico e elabora fortes críticas à luz de filósofos como Shoupenhauer e Nietzsche, mas nesse dia, vi que ela foi comedida e leve com as críticas, enquanto a gerente parecia defender a fé cristã incondicionalmente. Depois, falei a respeito de minha passagem por Pipa e que estava encantado com lá, porque o ambiente era mais alternativo e a noite mais festiva e variada, mas logo a gerente rebateu dizendo que, graças a Deus, o Francês não era uma Pipa ou uma Lençóis, pois aquele turismo era desrespeitoso com os mais velhos e a babilônia das drogas acabavam com o lugar. A amiga dela ainda falou que preferia mil vezes, estando na Chapada Diamantina, estar em Palmeiras ou Vale do Capão do que em Lençóis, que historicamente respirava a garimpo, exploração e o astral do turismo era pesado.

Achei muito interessante esse momento de diálogo. Certos elementos críticos em torno de localidades como Pipa e em detrimento de proteger o Francês, tinham um caráter interessante, por um lado, de resistir ao capitalismo

⁴³ Corredor Verde é um local arborizado com alguns restaurantes na Praia do Francês.

selvagem e destruidor, porém, por meio de agentes conservadores do Estado, como juízes e policiais, que foi o que ela disse quando se referia que o Francês nunca iria se tornar uma Pipa, porque ali teria uma violência de Estado implícita e também uma reação conservadora ao turismo nos padrões alternativos de baladas que se têm em Jericoacoara e Morro de São Paulo (na Bahia) por exemplo.

Vale salientar que Marechal Deodoro fica bem próxima a Maceió e a Praia do Francês, apesar do turismo intenso, é bastante metropolitana, sendo que a *sua balada* acontece mais em Maceió. A rua Carapebas, de bares e restaurantes, basicamente tem músicos de barzinhos com violão e fecha às 00h30 mesmo em dias de sábado e feriados. Não existe uma “cultura de noite” como em outras praias turísticas nordestinas. Somado a isso, os próprios moradores “de fora”, não vão com intenção de curtição de baladas, e sim, de surfar e fazer esportes. A quantidade de templos evangélicos é impressionante: só na minha rua tinha dois, e a maior igreja do Francês é, na realidade, um templo evangélico.

Alagoas é um Estado marcado por muita desigualdade social e violência. Dizem que Marechal Deodoro já foi uma cidade bastante perigosa e a Praia do Francês meio largada, mas, anos atrás ocorreram muitas mortes de agentes de facções criminosas, sendo parte da segurança pública acusada de envolvimento com grupos de extermínio, segundo relato de alguns nativos do local. Um clima de violência apaziguada paira sobre o saudável e lindo cenário do turismo diurno da parte baixa litorânea alagoana.

Acredito que esses aspectos mereceriam um estudo mais aprofundado sobre a história da formação política e social do estado de Alagoas e do município de Marechal Deodoro, mas pelas impressões que tive pela vivência do lugar e pelos relatos de moradores locais, existe certo conflito entre conservadorismo moral e econômico e progressismo moral e econômico, ambos do ponto de vista da economia neoliberal, e que ressoam também no cenário político brasileiro.

Marechal Deodoro foi um “ilustre” alagoano da história oficial. Além de combatente da Guerra do Paraguai, também foi líder da Proclamação da República no Brasil, em 1889. A cidade é histórica e sua economia básica está ligada ao plantio de cana de açúcar, usinas de cana de açúcar, ao polo industrial

químico e ao turismo de suas praias, com destaque para a Praia do Francês e a Barra Nova, sendo o Francês mais explorado e elitizado.

Uma certa cultura militar paira sobre a atmosfera cultural do local, e também, certo conservadorismo moral cristão, ainda que as festividades em feriados sejam sempre bem movimentadas, com grandes espetáculos, geralmente, no palco da localidade Pedras. No período eleitoral era nítido o número expressivo de carros que usava adesivos de Bolsonaro ou bandeiras do Brasil adesivadas em vidros e capô de carros.

Essa dinâmica local, a meu ver, interfere no desenvolvimento de um turismo do tipo daquele de Pipa ou Canoa Quebrada, com vida noturna e alternativa cosmopolita mais intensa. Le Rue, ou rua Carapebas, é a rua dos restaurantes e tem a mesma proposta da Broadway de Canoa (interessante, ambas as ruas possuem um nome regional e outro estrangeiro. Canoa tem Dragão do Mar, libertador dos escravos, e Broadway, o local das artes e baladas de Nova York; já o Francês, tem Carapebas, peixe mais comum da região, e La Rue, que é a rua em idioma francês), mas não tem, de fato, o mesmo efeito. A Broadway fica movimentada madrugada adentro, tem várias casas com boates, e bares, e os restaurantes familiares ficam mais nas vielas ou perpendiculares, ou no começo da vila, ao passo que aquela rua é mais arquitetada para a boemia mesmo. Já La Rue, é uma rua repleta de restaurantes familiares e não existem festas de madrugada: os bares que ainda continuam após à meia-noite são apenas alguns, como o Sun Set, que fica já na praia, em frente ao pico de *surf* do Fortunato.

A proposta do turismo no Francês é nitidamente mais diurna, e a perspectivas dos moradores “de fora” que aí ficam, como Maharavi e Shakiti, é de tranquilidade, espiritualidade. Percebo outro público de moradores de fora que, apesar de conhecerem vários picos pelo Brasil, optaram justamente por esse combinado que o Francês oferece, de certo controle do turismo boêmio de noite e baladas.

2.2.6. Sítio paraíso e a família cogumelo

O Sítio Paraíso se localiza na Praia de Jericoacoara, no caminho para o Mangue Seco, após as Dunas do Pôr do Sol. O Sítio é conhecido por ter casas

que sempre estão sendo ocupadas por *malucos de estrada* ou esportistas estrangeiros. Na época em que viajava pelo Brasil como artesão mochileiro (apesar de na época me identificar como *maluco de estrada* não sei bem se eu era isso mesmo), em 2003 e 2004, morei alguns meses nesse sítio, e digamos, que de lá sempre saía para viajar. O sítio não tem energia elétrica instalada, funcionando um gerador em alguns momentos da semana. Ele é repleto de coqueiros, com um braço de riacho passando por dentro, e em frente ao mangue e o mar. O local parece um paraíso na Indonésia ou no Caribe.



Figura 36: Sítio Paraíso visto de longe. Agosto 2020. Foto: Autor.

Muitas experiências com psicoativos foram vivenciadas neste local. Mas saindo de minha biografia, e voltando à última visita de campo, encontrei uma família de artesãos morando nas casas da imagem acima. O filho mais velho era o único que se encontrava e recebeu eu e uma amiga, dona de pousada em Jeri, que tinha me acompanhado de caminhada, com simpatia e hospitalidade. Conversei sobre a pesquisa, e perguntei se ele poderia me conceder uma entrevista, ele disse que sim.



Figura 37: Morador do sítio do paraíso, artesão e atleta de kitesurf, com uma moradora gerente de uma pousada em Jericoacoara. Agosto 2020. Foto: Autor.

Não conversamos muito pois ele teve que ir trabalhar, mas não como artesão: também tinha se tornado instrutor de *Kite surf*, e percebia uma prosperidade naquela família estradeira. Mas, ainda assim, me relatou parte de sua trajetória na estrada. Diz que já nasceu na estrada, como seus irmãos também. Seus pais eram de Mato Grosso, mas viajaram por quase todo Brasil, e já tinham passado várias vezes por Canoa, Jeri e o sul da Bahia, principalmente Trancoso e Arraial da Ajuda. Ele falou que teve problemas para estudar, porque a família sempre estava a viajar, mas que, depois de um tempo, passou a ficar mais tempo nos locais para completar pelo menos o ano letivo. Viajaram de bicicleta vários momentos, inclusive, pelo Pantanal, também, não só no litoral.

Naquele momento, disse que a família já tinha parado em Jeri por alguns anos, e que, com isso, tinha aprendido *Kite* e passou também a dar aulas do esporte, e não só ele, mas também os irmãos. Falou que estavam comprando um terreno em Guriú, praia que fica entre Jericoacoara e Tatajuba, A história deles é bem peculiar, como na realidade a de vários sujeitos que conheci naquele sítio: um dos que moraram comigo na época citada foi o lamandú, e foi de lá que saímos para viajar pelo Nordeste até a Chapada da Diamantina, onde segui para Minas e ele voltou para Jeri.

O Sítio já foi palco de festas eletrônicas, dentre outros eventos, mas pela última visita que fiz, percebi que essa atividade mais capitalista, não se instalou para ficar no Sítio Paraíso, e que os moradores do lugar ainda permanecem, como a família do seu Chico, nativo da região, que administra o local, e os *malucos de estrada* e artesãos, que em grande maioria são os inquilinos do local. Pensei que encontraria um resort internacional como o Essenza, um hotel bastante caro e requintado na vila, mas encontrei uma família de *malucos de estrada*, de pelo menos duas décadas de trajetória, morando com simplicidade, e dando sequência ao *espírito viajero* do Sítio Paraíso.

2.2.7. Outras estradas: Relatos de um cearense pelo mundo e seu pouso em Jericoacoara. Espírito Viajero, Novos Fluxos migratórios internacionais, subempregos e experiências



Figura 38: Espaço de convivência do Trip Hostel de Jericoacoara. Agosto de 2020. Foto: Autor.

Voltando a Jericoacoara, ou melhor, aos agentes sociais e interlocutores, porém, sob uma perspectiva de estrada de um cearense que conheceu Jericoacoara, viajou pelo mundo, e retorna a Jericoacoara, como empreendedor, mas sobretudo, como *cidadão do mundo*, no espaço (Jeri) que para ela dialoga

com esses dispositivos interacionais pelos *cidadãos do mundo* buscados como seu espaço de interação.

Antes é importante dizer que estas entrevistas e viagem de campo foram feitas em agosto de 2020, período de reabertura de viagens turísticas a Jericoacoara depois do primeiro pico de pandemia do coronavírus no Estado do Ceará entre abril e junho de 2020.

Montezuma, nosso interlocutor e também anfitrião de minha viagem de campo, é amigo de alguns amigos em comum de Fortaleza, minha terra natal, e já fui pra sua pousada através de um *transfer* que ele próprio agendou para mim. Posso dizer que foi a vez mais “fácil” de ir à Jericoacoara, pela comodidade da viagem, ainda que de ônibus e *pick-up* D20 nas dunas, como de costume, porém, já com um local agendado para ficar, e com o mesmo interessado em colaborar com a pesquisa. Em outras investidas ao campo os contextos eram outros, inclusive, em relação à pandemia, mas o fato é que não ia a Jericoacoara há pelo menos seis anos, desde a viagem de 2014, pois minha frequência tinha se voltado a Canoa Quebrada.

Montezuma aceitou com entusiasmo compartilhar sua experiência pelo mundo, e elogiou minha iniciativa de transformar a história de viajantes em tema das Ciências Sociais. Para iniciar, me contou uma experiência bem peculiar sobre uma viagem ao Marrocos, que retornarei posteriormente.

Ele falou que fazia Engenharia Mecânica na UFC, e deixou o curso para fazer várias viagens internacionais. Também contou que teve um bar muito badalado em Fortaleza; depois, voltou a viajar, e quando retornou a Fortaleza, trabalhou um tempo como engenheiro na prefeitura da cidade. Foi nessa época que teve seu filho e se casou, mas, logo depois de dois anos trabalhando, seu irmão volta ao Brasil e foi para Jericoacoara pesquisar a possibilidade de eles montarem um negócio.

Daí surgiu a ideia do Hostel e, logo depois, abandonou o trabalho formal e, com o dinheiro que tinha acumulado, entrou com o irmão na sociedade do Hostel, no qual trabalha até os dias atuais. Ele fica uma semana em Jeri, e outra em Fortaleza para cuidar do filho e considera que sua vida mesmo é a da estrada, e, sempre que pode, faz uma viagem. Não mais como antes, e nem como um *maluco de estradas* que vive de vender o artesanato e que faz parte,

ainda que inconscientemente de um movimento, de um fluxo de viajantes que se apropriam de uma estética específica.

Como o mesmo fala, que pega a estrada mundial, pelo prazer e estilo de vida que gosta, mas também apresentando o Hostel de Jeri por onde passa. Assim como os interlocutores da Canoa, gosta muito desse multiculturalismo presente em Jericoacoara, e aponta que o movimento de viajantes no Brasil não era tão comum como no resto do planeta, mas que percebe um contínuo crescimento de pessoas que adotam esse estilo de vida como projeto de existência.

Falei a respeito do movimento dos *malucos de estrada* do Brasil, que era mais antigo, desde os anos 70, 80 do século XX, mas ele disse que o perfil dos viajantes atualmente está cada vez menos parecido com os *hippies* estradeiros, e mais entre as pessoas “normais”, que têm emprego normal, são metropolitanos, e não necessariamente são contra o capitalismo ou algo similar. Disse, ainda, que a própria sociedade atual está com mais receptividade em relação a esses novos viajantes, e a ideia de estrada como estilo de vida possível sem ser algo como uma ruptura total com o sistema e os familiares.

Além das pessoas “normais” estarem cada vez mais adotando esse fluxo de viajar, o próprio fluxo está se tornando mais normal, mais adequado aos padrões, visto que os locais turísticos são atualmente locais de geração de renda e emprego. Nesse discurso, Montezuma faz distinção entre fluxo de mochileiros antigos, estigmatizados como os *malucos de estradas* e antigos *hippies*, do novo fluxo de viajantes, mais aceito pela sociedade, até porque a própria sociedade abriu essa possibilidade em seu itinerário de *habitus*. Claro que percebemos sempre uma discussão dessas *disposições viageiras* com a lógica de ter trabalhos, que estão associados aos serviços oferecidos pelos locais turísticos.

Depois desse momento introdutório, indaguei sobre o início de tudo, quando foi a primeira vez que visitou Jericoacoara e Canoa Quebrada e como despertou para o interesse de viajar pelo mundo, de conhecer locais, pessoas e costumes diferentes, daí, ele descreveu com alguns detalhes sua primeira viagem a Jericoacoara. Vejamos um pedaço da narração:

Cara, na adolescência, eu sempre tinha ouvido falar de Jericoacoara e Canoa Quebrada como as praias paradisíacas do Ceará, e teve o momento que a gente chegou para conhecer. Minha primeira viagem para Jeri foi em 1993 com um grupo de

amigos que tinham a ideia de ir a pé de Jijoca para Jeri, mas acabou que abortamos essa ideia e fomos de pau de arara, na época Toyota Bandeirantes. E a Jeri era uma Jeri bem nativa, naquela época, bem rústica mesmo. Os carros de D20, também de transportes, usavam até botijão de gás como combustível na época. Era época ainda de geradores de energia nas grandes pousadas, a que tinha mesmo, que me lembro, era a Pousada Hipopótamos, era ela e mais uma ou duas que tinham gerador, era bem uma vila de pescadores. Já tinha uma *cena gringa* nessa época, a gente percebeu o gringo já tomando de conta da área nessa época, e os mochileiros, os hippies, esse público que já frequentava nessa época aqui. Depois dessa viagem, Jericoacoara marcou muito a minha vida por que essa viagem, eu devia ter 16 pra 17 anos, então, me abriu para o espírito viajero, foi em Jeri. Que aqui eu encontrei essas pessoas viajeras que vivem rodando o mundo, encontrei um lugar que era simples, mas misturava todas as classes sociais, e de pensamento e de cultura, era bem legal conviver com essa galera, com esse ambiente. Depois dessa viagem, eu fiquei frequentando muito a Jeri, a minha juventude toda foi vir pra Jeri, qualquer feriado, qualquer coisa, a gente vinha pra Jeri. Acampe em vários cantos de Jericoacoara, fiz viagem a pé de Fortaleza pra Jeri, de Jeep, em épocas que não era muito comum, muito popular esse tipo de viagem, e Jeri marcou muito esse espírito de viajar, de liberdade, de encontrar esses pensamentos, essas culturas, e essas pessoas de todo o mundo que aqui (Jeri) eu tinha contato, não era só por televisão, consumir as coisas na televisão ou na escola. (Montezuma. agosto de 2020).

Nessa passagem, Montezuma conta sua primeira viagem a Jeri, e seu vislumbre com a *configuração social* e cultural da vila, vislumbre esse, que o fez despertar para o espírito viajero, que iria marcar sua trajetória de vida, seu estilo de vida, até os dias atuais. Como vimos no relato acima, ele já chega a Jijoca com os amigos querendo ir a pé, coisa que não faria normalmente em qualquer lugar.

Outro ponto relevante é que ele já identifica e segrega os grupos sociais de estrangeiros que percebeu em sua primeira viagem, quando diz que já havia uma *cena gringa* no local, termo que podemos compreender como a vila já tinha esse *ethos* de multiculturalismo, mas também, no sentido de que os estrangeiros tacitamente dominavam, no sentido de serem preponderantes nas relações econômicas, e pela projeção do rumo que as dinâmicas turísticas se desenvolviam na vila.

Outro traço bastante relevante do seu relato de primeiras impressões, são as categorias *espírito viajero* e *pessoas viajeras* por ele utilizadas recorrentemente e que acabou por ser um dos conceitos nativos mais

empregados neste trabalho. Como já mencionado, o *espírito viajero* é como um “vírus” que dá vontade de viver em mobilidade, onde a casa é a estrada e as relações são construídas com as pessoas em mobilidade, tanto as pessoas nativas da estrada, que também estão na estrada, como das pessoas fixas nos locais onde o viajero transita. *Pessoas Viageiras* também é uma definição bem interessante, e mais abrangente que *maluco de estrada*, mochileiro, pois parece que abarca todas essas *performances* de pessoas que vivem em mobilidade e na mobilidade.

Interessante também que o “vírus” do *espírito viajero* parece estar espalhado por Jericoacoara e Canoa Quebrada, ainda que o impacto ou a ruptura de *estilo de vida* antigamente fosse mais intensa do que nos dias atuais em que a dinâmica urbana e virtual está totalmente presente nessas vilas. Mas, voltando ao relato, vemos que Montezuma disse ter feito várias viagens a Jeri, de várias formas, inclusive a pé. A parte em que contextualiza a disposição viajera dos agentes, com a situação interacional do ambiente. Voltando ao trecho:

Que aqui eu encontrei essas pessoas viageiras que vivem rodando o mundo, encontrei um lugar que era simples, mas misturava todas as classes sociais, e de pensamento e de cultura, era bem legal conviver com essa galera, com esse ambiente. (Montezuma agosto de 2020).

Nessa parte, ele deixa claro que sua impressão daquela mistura de pessoas, culturas, classes sociais, era harmônica. Não se vê uma impressão de desigualdades, violência, fome, que se observa em grandes centros urbanos. Assim como nos relatos dos artesãos que pediram demissão para ir para a estrada, o relato de Montezuma está carregado de encanto e vislumbre sobre aquela configuração social e cultural de Jeri, e no qual, como também ocorreu com Paiê, Ginestá, Hermes, em Canoa, o fez escolher a praia como seu porto de *pessoas viageiras*. Assim como falou Hermes, também não diz estar parado em Jeri: se sente um cidadão do mundo, e sempre que pode faz uma logística com a família e o sócio, que é seu irmão e também espírito viajero, para viajar. Já em Jeri, ele foi ao Nepal, uma viagem da qual também gostou muito.

Agora daremos sequência ao estudo da trajetória de vida em viagens internacionais de Montezuma. Começamos analisando esse segundo trecho do relato:

E quando eu entrei na faculdade, eu vi a realidade do Brasil muito pesada, onde eu ia ter que trabalhar pra caralho pra chegar num padrão de vida satisfatório, sei lá, e vi a possibilidade de ir morar em outro canto, comecei a estudar essa possibilidade de sair do Brasil por um desses motivos, um era esse espírito viajero, mochileiro, que desabrochou nessa época de vinda pra Jericoacoara e a situação econômica brasileira, que não dava muita perspectiva para a gente. E a gente começou a planejar, eu e meu irmão, que comunga desses valores e *pensamentos de viajero* como eu, então, era um parceiro pra sair do país. Nos planejamos de ir para os EUA, para morar lá. (Montezuma agosto de 2020).

A geração adolescente dos anos 1990, na qual Montezuma fazia parte, era muito influenciada pela cultura norte-americana estadunidense: filmes, políticas de guerra, música, tanto rock como pop, dentre outros, era o *metier* dos meios de comunicação de massa do período, e somado a isso, a economia americana crescia paralelamente à sua política coercitiva e controladora, diplomaticamente falando.

O sonho de ganhar dinheiro nos países ricos, EUA, Europa Ocidental e Japão, com serviços mais manuais, como faxinas, entregadores, construção civil, garçom, dentre outros, agradava parte de jovens de outros países, como no caso de Montezuma. Ele não acordou um belo dia e disse, *vou morar nos EUA*: é também um ser reflexivo, sociológico, histórico, que o espírito viajero, associado às perspectivas socioeconômicas internacionais, o fez com seu irmão traçarem seu *plano de voo*, sua estratégia de viagem. A passagem abaixo elucida bem o sentimento de Montezuma naquele momento:

O sonho americano também de ir atrás de grana, o espírito viajero, mas com a parte capitalista também de botar dinheiro no bolso e ganhar grana, e o lugar do planeta que se fazia isso era os EUA. Meu irmão foi primeiro, passou seis meses lá e depois eu fui. Ele era formado na mesma faculdade que eu, Engenharia Mecânica, e a gente foi para lá primeiro como estudante de inglês. Ele fez intercâmbio cultural, chamado **workexperience**, que era ir trabalhar lá nos EUA, no começo foi trabalhar em uns locais bem distantes e *paíás*, mas depois, acabou indo para Nova York, que foi quando eu encontrei com ele. A gente passou quatro anos morando direto nos EUA, em vários cantos, Nova York, New Jersey, Flórida e Califórnia. (Montezuma, agosto 2020).

Esse *sentimento* é movido por toda uma conjuntura econômica, social e cultural mundial daquele momento somadas, ou melhor, interagidas com a experiência pretérita do interlocutor com Jericoacoara e o despertar do espírito

viageiro, da conjuntura de neoliberalismo dos anos 1990 até meados da década de 2000, antes da crise mundial das hipotecas dos EUA e Europa, em que a economia americana se mostrava atrativa para imigrantes do perfil dos sujeitos analisados. Além desses fatores, temos também o fato de Montezuma ter a pessoa de seu irmão, um viabilizador de contatos e estratégias para a migração, que, como aponta em seu relato, viajou antes e fez uma rede de relações, que compartilhou com Montezuma. Dando continuidade ao relato, vejamos agora a parte em que Montezuma fala sobre sua inserção no mercado de trabalho, na realidade no mercado dos *subempregos*, dos EUA:

Então, estava falando sobre o trabalho que arranjei quando cheguei nos EUA, em Nova Jersey, que era o trampo de *delivery*. O meu irmão já estava nesse ramo e fui também. Na verdade, antes de iniciar por aí, eu fui pra construção civil, que a brasileira toda, que estava lá, trabalhava mais na construção civil, só que eu fui dois dias trabalhar de servente de pedreiro e já fiquei arregaçado. Eles disseram que não iriam me pagar se eu não continuasse, mas eu não queria nem saber se iria receber ou não, estava com uma dor nas costas do caralho, e não voltei lá. Fui tomar banho e não conseguia nem me abaixar pra pegar o sabonete, pois tinha passado o dia inteiro catando resto de madeira de uma construção e fiquei todo quebrado. Lá na obra, os caras ainda ficavam tirando onda comigo dizendo: - Bora, Ceará! Vai ficar fazendo vidinha aí!- e eu pensava: -Vai se fuder, brother! (Risos), foi logo um batismo de chegada. Lembro também de outra cena, quando o Neto, no restaurante que ele trabalhava de *delivery*, surgiu uma vaga de emprego de lava-pratos, daí eu disse que iria lavar prato era o caralho! Eu ainda estou com dinheiro aqui, pois era a primeira semana que tinha chegado, não estou no desespero, não. Lava-prato e servente de pedreiro é *punk!* Não dava pra mim, não. Daí, eu comecei a trabalhar em várias coisas. Eu me lembro que trabalhei também como lavador de caminhão, **e essa lembrança é marcante para mim**, pois me lembro de estar usando o anel de formatura que minha mãe tinha me dado, e lavando um caminhão no dia de domingo! (Montezuma. Agosto 2020).

Esse ponto do relato é interessante para analisarmos as condições de inserção de um imigrante brasileiro na dinâmica social do trabalho. Montezuma primeiramente vai para a construção civil, não como engenheiro, que é sua formação profissional no Brasil, mas como ajudante de pedreiro, o que no Brasil conhecemos como o servente de obra. O servente de obra é aquele que auxilia o pedreiro, e que faz as atividades menos especializadas que o pedreiro, porém, que demandam maior esforço físico. O trabalho braçal é a condição da sua vaga de trabalho que foi preenchida logo de início. Sem preparo físico, pois além de

magro, o interlocutor era estudante universitário e não exercia nada parecido com servente no Brasil. Percebe-se pelo relato que o mesmo se viu numa situação complicada com esses empregos que demandavam muito esforço físico.

Depois, ele vai relatar, o que fiz questão de deixar em negrito, o que ele chamou de *lembrança marcante*, que era o fato dele estar lavando um caminhão no dia de domingo, com seu anel de formatura em engenharia no Brasil. A questão emblemática ultrapassa o relato pessoal de Montezuma, isso é uma realidade no contexto migratório *sul para o norte*, no sentido dado pela orientação de povos do hemisfério sul, dos países que sofrem com maiores desigualdades sociais, para os países no hemisfério norte, que concentram a maior parte das riquezas do mundo em suas economias. Graduados, Mestres e Doutores do Sul, sendo entregadores, garçons, pedreiros e serventes, faxineiros e cuidadores de idosos e crianças, enfim, o exército de pessoas com alto nível e capital educacional empregados nas atividades mais braçais, e de que não necessitam de suas qualificações oriundas. Esse era apenas o começo dos fatos marcantes que Montezuma iria passear pelo fato de ser imigrante brasileiro nos EUA.

Logo após esse período, ele se concentrou no trabalho de entregador. Percebe-se em seu relato um tom de surpresa, pois ganhava muito bem com essa atividade, chegando a juntar dinheiro para comprar carros importados e novos, fazer viagens pelo mundo, enfim, ter um padrão de vida impensável até para um engenheiro recém-formado no Brasil. Ser entregador em locais como a Flórida, Nova York e Califórnia, além da boa remuneração (também pelo fato dos bens de consumo serem muito mais baratos, relativamente, ao poder de compra do dólar), ele ficava impressionado em ver os artistas da televisão caminharem pelos calçadões das cidades, e às vezes, fazia entrega em mansões de artistas famosos. Apesar do subemprego, naqueles anos, relata com certo *glamour*, um período abundante de satisfação consumista nos EUA. Vejamos a passagem abaixo em que associa seu sonho de consumo nos EUA, ao espírito viajero:

Mas foi bem marcante também essa viagem para o Havaí. A gente juntou um monte de amigos na Califórnia, e fomos passar o Réveillon de 2006 pra 2007 lá, um grupo de dez amigos, amigos que a gente não via a um bom tempo, que eram daqui do Brasil, inclusive, essa viagem começou ainda na Flórida, quando chegou dois amigos do Brasil, e a gente pegou dois

carros lá, meu irmão ainda estava com um carrão na época, uma BMW Z3, e fomos viajando de carro para a Califórnia. Pegamos a Rota 66, foi muito massa. *Aquela experiência de liberdade numa rota famosa por experiências de viajeros*. A gente passou uns 5 dias na estrada, porque a gente parou em Orlando, no Grand Canion, em Las Vegas... fomos fazendo um “pinga-pinga”, que aí a gente se encontrou com o resto da galera na Califórnia e fomos pro réveillon no Havaí. Eu realizei aquele sonho de consumo de adolescente em relação ao Havaí, do surf, dos campeonatos, daquilo que passavam nos filmes que assisti quando era mais novo. Na hora que eu desci do aeroporto e vi o nome Honolulu, eu fiquei extasiado. Foi um desejo realizado, como se eu dissesse pra mim mesmo, pronto o sonho chegou, tá aqui! Estou dentro dele agora. Aconteceu essa mesma coisa em Nova York, também, quando eu desci do metrô e coloquei os pés na ilha de Manhattan, também veio aquela sensação de sonho realizado, que eu estava dentro do filme da *Sessão da Tarde*, ou da *Tela Quente* [programas de filmes na televisão aberta, canal da Rede Globo]. Você entra dentro da coisa, o cheiro da coisa, o visual, tudo mexe contigo. Daí, bicho, essas duas viagens de carro para Califórnia e pro Havaí, foram o ponto alto da coisa. (Montezuma. Agosto 2020).

Além da vontade de sair do país de origem para tentar melhorar de vida em um país como os EUA, eles queriam permanecer de alguma maneira na estrada. Queriam continuar a *viajar dentro da viagem*, se assim podemos afirmar. O contexto simbólico da Rota 66, rodovia americana percorrida pelas gerações *beats, beatniks, hipsters, hippies, yuppies*, dentre outros mochileiros que não se identificaram com nenhum movimento, ao não ser o movimento *on the road*, na estrada. Mas a viagem não era apenas percorrer a Rota 66, ainda que tenha se tornado experiência da viagem, era de ir do sul, Flórida, até o oeste, Califórnia, e de lá partir para o Havaí, que apesar de ser EUA, é digamos diferenciado até para a maioria dos norte-americanos estadunidense.

Outra coisa que me fez entender as introjeções das disposições, no final do relato o interlocutor relaciona estar dentro de um filme que passava em canal aberto em sua época de juventude, e a própria sensação física, *o cheiro da coisa*, *o visual*, existe nesse momento uma comunicação sinestésica, do ambiente, das projeções articuladas entre espectador e mídia, entre imigrante e o local idealizado. Entrar no sonho, como ele mesmo disse. Montezuma afirma que ali foi o ponto alto de sua experiência, nas suas palavras, o ponto alto da coisa, onde a coisa era uma configuração, de EUA em auge de economia, e de sua estadia no país propriamente, onde conseguiu adquirir capital para experienciar seus sonhos de espírito viajero, que também são sonhos de consumo, uma vez

que as próprias relações do campo, e do EUA, insuflam ao consumismo, porque além da imensa cultura de consumo, dão o acesso ao mesmo pelo poder da moeda, pelo menos até a crise de 2009, e essa experiência narrada pelo Montezuma se encontra nessa conjuntura falada a pouco.

Apesar da experiência incrível, ou fantástica, como repetia várias vezes o interlocutor ao se referir aos EUA, ele também trombou com sentimentos xenófobos, por conta de sua origem latina, por falar pouco o idioma inglês, e também, segundo me relatou, à ida de sua mãe para os EUA, para ficarem uma temporada com ele e o irmão foi negada. Ele mesmo, em nossa conversa, fez uma espécie de análise conjuntural, em que envolveu o declínio da economia americana com o aumento de políticas anti-migratórias, e também, que a hostilidade cultural se agravou naquele momento.

O seu irmão, segundo ele, foi quem mais sentiu a proibição da ida da mãe, e também começou a perceber que o fluxo estava indo na contramão, ou seja, a crise se aproximava dos países ricos, e a prosperidade parecia estar no Brasil, principalmente para a área de Engenharia, pela quantidade de projetos na área que cresciam no Brasil. Então, mesmo querendo ficar, Montezuma acabou voltando ao Brasil novamente. Mas como fala o trecho do relato abaixo, eles voltaram com capital, e continuaram a viajar, só que no território brasileiro. Vejamos a passagem:

Tem também o fato de eu não ter o inglês fluente, e isso criava uma certa restrição na interação por lá. Somado a isso, o preconceito em si, por a gente ser imigrante brasileiro, eu sentia que tinha um certo preconceito, mas apesar disso a experiência lá foi fantástica, marcou muito a minha vida. Fizemos uma grana também, voltamos pro *Brasa* (Brasil), com dinheiro e passamos um ano só viajando dentro do Brasil, e foi também muito massa. A gente viajou muito dentro do Brasil, pegamos um carro e fizemos uma *surftrip* no Nordeste Brasileiro até o sul da Bahia, eu, meu irmão e outro amigo. No caminho encontrei *um monte de Jeri*, que fazendo, aqui, um paralelo do que você me perguntou antes [estamos conversando antes de gravar], nos EUA não tem, tipo, uma praia com as características de Jeri, Pipa, Trancoso, Arraial da Ajuda, tipo assim. Mesmo o Havaí, que a gente tem um ideal de lugar praieira, rústica, pelo menos na ilha que eu fui, onde fica a praia de Honolulu, ela é bem turística, é uma metrópole, uma cidade bem grande, com muitos prédios. Tem as áreas mais afastadas do centro da cidade, que tem mais natureza, mas mesmo assim, passa uma Highway do lado, tipo assim, estacionamento com mil carros, grande como Fortaleza, mas muito mais modernizada, a metrópole em si tem de tudo, tem *shopping center* gigante, tem pistas para todos os lados,

talvez aquela mística de ambiente natural do Havaí que passava para nós através dos filmes, talvez exista nas outras ilhas, mas eu não cheguei a ir. (Montezuma. Agosto 2020).



Figura 39: Camisa com Mensagem incentivando a uma vida com viagens para ter uma vida rica em experiências, além de proporcionar qualidade e bem-estar. Agosto 2020. Foto: Autor.

Chegamos ao ponto que, talvez, venha a relacionar as experiências anteriores, de Paiê, Dandara, Hera, Ginestá, dentre outros, que é o ponto em que eles vão fazer uma estrada pelo Nordeste para surfar, o que eles chamam de *surftrip*, e percebem a maravilha que ainda são as praias turísticas do litoral brasileiro, e ao mesmo tempo, como estava mais acessível a logística de viajar e até de morar nestes locais, do que antes de suas viagens para o EUA. Ele deixa claro que as praias turísticas do Brasil apostam, e são mesmo, em grande maioria, rústicas, enquanto as praias americanas são todas muito urbanizadas, a natureza rústica combinada ao turismo não é percebida por lá. A lendária Honolulu dos filmes de *surf* dos anos 1980, é uma grande metrópole, menor que Fortaleza, mas mais desenvolvida e estruturada.

E percebendo essa realidade que Jeri, Canoa, Pipa, dentre outras, estão atravessando, que Montezuma e seu irmão buscaram pousar, fazendo um empreendimento para hospedar viajantes e espíritos viajeiros.

2.3. Beats, Beatniks, Hippies, Malucos de Estradas, mochileiros: Conflitos de Gerações e mudanças *configuracionais socio ambientais e subjetivas* no Neoliberalismo do século XXI

Falam tanto de uma Nova Era, quase esquecem do eterno ser. Só você poder me ouvir agora, já significa que dá pé! Novo tempo sempre se inaugura! A cada instante que você viver! (Gilberto Gil- Música Nova Era)⁴⁴

Hermes gosta de fazer uma clara distinção do que é ser *hippie*, *ser artesão de estradas*, e *ser degradado como os micróbios*. Para ele, os brasileiros gostam de associar o *hippie* ao *maluco de estradas*, ou qualquer artesão ou artista de rua que está de viagem, assim como Hera utiliza na sua fala anterior.

Ele fala que os *hippies* são de sua época, e que não existem mais como movimento. Ser *hippie* era muito complicado no seu país, por não ter liberdade de expressão, como na Holanda e EUA. Nas palavras dele:

Eu realmente não me considero hippie. Esse nome hippie é um nome que aqui no Brasil se dão genericamente as pessoas que estão na rua, pero que realmente de hippies são bem poucos. Meu conceito de hippies são as pessoas que buscavam mais a Natureza, não as estradas como aqui os hippies, as estradas, os micróbios... nome muito feio, não é? Parece que tem uma doença. Não sei por que eles se desprestigiam tanto a si mesmo, eu para mim, o que eu faço é um ofício, riquíssimo, não? O couro a humanidade trabalha desde que o homem caça animais, e se faz, vestimentas, sapatos, casas de couro, recipientes para levar líquido, um bocado de coisa, não? Eu aprendi isso como um ofício, por isso, não me considero um hippie, um artesão. Mas hippie, nem naquela época que tinha os hippies, eu não fui

⁴⁴ Essa música de Gilberto Gil, assim como outras que trago mais a frente, me parece bastante peculiar para apresentar os conflitos e as associações (LATOURETTE 2017), dos atores que reivindicam a performance alternativa, e a busca ou a realização, do estado novo, da nova era, de uma revolução ecológica, cultural e social qualitativamente para a humanidade. A tal da Nova Era já é velha, é a presente e é a que está por vir. Por isso a saída do poeta, Gil, é bem interessante, é a Nova Era, ela sempre será no agora de quem a sente ser vivenciada. Isso tem proximidade sociológica dos estudos reflexivos do Giddens, uma vez que o instante na alta modernidade, passa a ser mais reivindicado do que o futuro, a promessa, a nova era. Apesar de aparentemente existir uma dualidade entre as novas e as velhas gerações de malucos, existem associações diversificadas de razões práticas, portanto, e até certo ponto me contradizendo, não existe uma dicotomia clara entre novas e velhas gerações, mas os meus interlocutores, a maior parte das velhas gerações, reivindicam dos mais novos mais conexão com a simplicidade, a natureza, o místico, e também, resistência ao consumismo capitalista.

hippie, porque na Espanha vivíamos uma situação diferente, com militares no poder, havia muita censura para essas coisas novas que vinha da Europa, daí ninguém era hippie naquela época. Então, a censura era muito grande naquela época. Só saia o que eles queriam que o povo escutasse. (Pedaco de entrevista com Hermes em 2018).

Percebo que, diferente do movimento *hippie* clássico, de paz e amor nos anos 1960, na era do Woodstock, no qual Hermes se referiu, o *maluco de estrada* foi e é no Brasil, necessariamente um artista, um trabalhador, ou seja, um artesão. O artesanato também carrega um jeito, um *ethos* (VELHO, 2012) específico, que faz com que outras pessoas que não são do ramo identifiquem, como sendo artefatos dos *malucos*, tipo uma pulseirinha ou um cachimbo dos *hippies*.

Para Hermes as ideias foram distorcidas e a *malucada* está mais ligada às drogas e ao imediatismo lúdico. Em suas palavras:

É como falamos da prática, não? Naqueles anos que praticamos, que também encontrávamos aquelas pessoas que era Canoa, que era mais alegria, aventura, que vida, vida por todos os lados, não?! Mas chega um momento no mundo que já não há essas coisas, já não tem tantas pessoas na rua, daí, na rua se vai mais encontrar as pessoas que ser *maluco*, é ser alcoólatra, ou fumar pedras (crack), já passam isso sempre para os outros. (Trecho de entrevista com Hermes em 2018).

Percebo que existem várias identificações de acordo com as situações. Como argumentam alguns sociólogos da *pós-modernidade*, fica difícil, dada à conjuntura histórica, ter apenas uma identidade, sólida e coesa, principalmente em grupos sociais itinerantes, mas este trabalho pretendeu, em meio à nova conjuntura da modernidade, discutir os *malucos de estradas* em suas performances observadas e como um grupo social genuíno e ativo na construção dos *territórios de fluxos*, em locais turísticos com alta rotatividade de turistas internacionais mochileiros, com alto índice de novos moradores vindos de outras regiões e investindo em atividades turísticas, como o caso da praias de Jericoacoara no litoral oeste do Ceará.

O conjunto das estruturas históricas atuais condicionam as configurações sociais e os processos de psicogêneses e sujeição, onde atividades performáticas estão relacionadas aos processos de internalização psíquica das estruturas sociais, uma modificação do *Habitus* (BORDIEU 2013) desse viajante

de estrada, que deixa a perspectiva naturalista dos anos setenta, e entra no contexto do turismo festivo de Sol e Praia, o que faz existir uma clara transformação de *Habitus* (BORDIEU 2013) e valores desses sujeitos no decorrer destas três décadas. GIDDENS (2002) e ELIAS (1994) parecem comungar com essas posições.

Mas uma vez reconhecendo a reflexividade da modernidade (GIDDENS 2013) pela relação dialética dos sujeitos com as estruturas, ou na construção das ações práticas planejadas a longo tempo, percebemos que os *estilos de vida* (GIDDENS 2002), não são meras sequencias soltas das temporalidades, e nem sequência contingencial radical desencadeada, mas uma relação entre as práticas dos indivíduos agenciais e das estruturas coletivas e sociais.

Percebo que o *maluco de estrada* não é mero produto do turismo litorâneo, e nem um iluminado artista revolucionário descolado da sociedade (como um Zaratustra angustiado de amor antes de descer a montanha e sair do anonimato ermitão), porém um sujeito, e uma coletividade expressa em práticas compartilhadas, que dialoga totalmente com um tempo de mobilidade, de aceleração do tempo, de encurtamento das distancias, *modernidade desencaixada* (GIDDENS 1991), de fragmentação e ressignificação das ideologias, e de profundo consumismo, tanto objetivado nas coisas, como coisificando as subjetividades.

Tais performances operam dentro de lógicas paradoxais e contraditórias, como a luta pela sobrevivência e a vida boêmia, a busca pela liberdade e sentido e ao mesmo tempo códigos machistas e repressores, como repressão as vestimentas das mulheres, homofobia e outras tendências conservadoras, que, penso eu, ser parte da estrutura simbólica pragmática das ruas e a decadência do ideal hippie ecológico e revolucionário, de alternativa humanitária ao capitalismo, que com o tempo fora se dissipando, e com a pressão consumista e individualista da modernidade contemporânea reflexiva, e o desenvolvimento exacerbado da indústria do turismo, fora dando outro caráter e sentido ao viajante das estradas.

As práticas e discursos observados e analisados estão em relação dialética com a indústria do turismo, mas também com as profundas mudanças estruturais e emocionais, que as coletividades e os sujeitos vêm sofrendo na contemporaneidade.

A seguir, vamos levantar a discussão filosófica a respeito da razão, ou melhor, das racionalidades operantes desses sujeitos, a luz da crítica de Nietzsche da civilização pautada no recalque e na mortificação da vida e dos valores humanos vitais.

2.4. Racionalidades Dionisíacas dos estradeiros

Lamento não ter sido Cristo.
Nem por isso o imitarei.
Aceito-me sem revolta:
Coisa limitada e triste,
Suja de tempo e palavras.

Pesa o pecado primeiro,
Não permitindo que eu veja
Onde mão desconhecida
Fincou o marco final.

Grávido estou de mim mesmo.
Quando chamarem meu nome,
Aos deuses hei de mostrar
A face que me restou:
Coisa limitada e triste,
Suja de tempo e palavras.
(Tiago de Melo. Vento Geral. Poema Lamento não ter sido Cristo. 1984).

Friedrich Nietzsche (1995, 2009, 2014) reflete em sua filosofia sobre a moral humana que a maior parte da construção moral da sociedade se pauta na repulsa e nos castigos aos instintos humanos animais, como a criação do pecado, que para ele não existe em si, como uma lei da natureza, mas é uma criação social e “humana”, pois para ele é feita pelo homem e contra o homem, uma vez que torna os anseios da carne de forma diabólica, reprimindo o ser. Ele vai dizer que tal moral serve para amordaçar os seres humanos, tornando-os fracos e submissos.

Para ele teria que ocorrer uma *transvalorização* dos valores morais, enxergando de forma autêntica as potências sexuais e artísticas humanas, e não apenas a potencialidade da razão “pura” socrática. Digo isso, pois em breve iniciaremos uma discussão sobre o que é ser *maluco de estradas* e que isso passa por um confronto de racionalidades, de práticas de vivências e de ligações intrínsecas ocultadas entre o que é ser “*maluco*” e o que é ser “*normal*”.

Não é à toa este nome *maluco*, pois é considerado um “*louco*”, a pessoa que larga sua vida *formal* e passa a viver viajando pelo mundo. Agora, será que as fronteiras entre *sorrisos* e *caretas* são tão óbvias e antagônicas em tempos de virtualidade e intensa cultura de consumismo? O que é normal e o que é anormal? Isso existe? O normal é que é anormal para quem é visto como anormal? Tais perguntas irão nos ajudar a apresentar o *típico maluco de estradas* segundo as observações e interpretações analisadas nessa pesquisa.

Cada *maluco de estrada* tem seu jeito de ser, de pensar, sua trajetória pessoal de chegada a esta vida de estrada, sua procedência de classe social, e usando o conceito de Bourdieu (2011c), sua *posição social* no *campo* dos *malucos de estrada*, e no *campo social* mais amplo, sendo impossível da conta da multiplicidade de cada *maluco de estrada*. Logo aqui vou me reportar o que vi de incidência entre esses atores sociais.

Tais incidências passíveis de serem observadas como códigos culturais e formas de se portarem entre os mesmos, que faz uma pessoa que viaja pela estrada ser um *maluco de estrada*, e não um *playboy*, um *pardal*, um *jagatá*, um *trabalhador no trecho* ou um *favorzeiro* (categorias, com exceção de trabalhador no trecho, nativas do grupo).

Para o *maluco de estrada*, o *playboy* é o que viaja sem trabalhar, e gosta de se vestir com roupas “de marca” e curtir festas badaladas. O *jagatá* seria o *hippie* que vive em sítios e possui filosofia macrobiótica e orientação espiritualista. Este apelido foi criado, segundo alguns *malucos de estrada*, na época de uma novela da Rede Globo de televisão em que a atriz e cantora Sandy, era uma *hippie* de uma comunidade *jagatá*, em Pirenópolis, no interior do Goiás, onde até hoje existem várias fazendas comunitárias e espiritualistas. O *pardal* é o antigo *maluco* que parou de viajar e fica parado, ou nunca viajou, mas vende seus artesanatos nas *pedras dos malucos*, local onde os artesanatos são expostos a venda. O *maluco de estrada* tem uma visão crítica dessas outras agremiações, pois acham que são de classes sociais superiores e não boicotam ou não são *alternativas* reais ao “sistema”. Os *favorzeiros* já são criticados por serem “escorões” e degradados. Geralmente são alcoólatras ou *drogaditos* que não vendem artesanatos, e ficam a pedir favores.

Muitos *malucos de estrada* acabam na situação de *favorzeiros*, quando se destroem pelo uso excessivo de drogas e deixam de trabalhar. Outros

seguem caminhos contrários, preferindo viver uma vida mais saudável ou parando de viajar por conta de filhos, se aproximando da situação de *Jagatás* ou do *Pardal*.

Vejo também uma possível relação desses agentes ao contexto dos *trabalhadores no trecho*, em mobilidade. Venho me reportar ao trabalho de Guedes (2013), que faz uma etnografia da vida dos trabalhadores de garimpo e de construção de usinas hidrelétricas, oriundos do norte de Goiás, que também viviam uma vida de itinerário, de viagem, de trecho, no sentido similar ao da *estrada* empregado aqui.

O autor constata que o trabalho nos garimpos tem muita relação com festas por parte dos garimpeiros que encontram grandes pepitas de ouro. Não posso afirmar que isto é herança cultural do povo brasileiro, de gastar muito quando ganha de uma só vez, mas como os garimpeiros, os *malucos de estrada* também gostam de viver a vida e o instante e não se importam muito de gastar em “noitadas” todo o dinheiro que ganharam com seu trabalho.

Em uma viagem com Yamandú (*maluco de estrada* de Rondônia que conheci em Jericoacoara, e do qual viajamos juntos até a Chapada da Diamantina, passando por Pipa-RN, João Pessoa-PB, Garanhuns-PE, Praia do Francês-AL, Feira de Santana-BA, durante três meses, de Abril a Junho de 2003) presenciei vê-lo ganhar, de uma só vez, quinhentos reais, vendendo artigos de couro para uma senhora francesa em João Pessoa, na praia de Tambaú. Deixou cem reais comigo e disse para mim: - E aí, *Peter Pan*, até amanhã! - E partiu para a farra, ou como ele me disse: - *Vou pra Boca!* - e saiu dando gargalhadas. Ou nas narrativas de Hera, quando fala das festas que os *malucos de estrada* faziam em altas temporadas em Jericoacoara. Como eles costumam falar: - *Sem miséria!* Nesta situação, podemos ver que o capital econômico importa. Tentam viver à parte do sistema, mas quando podem acessá-lo, o fazem de modo veemente, em algum ponto fazem uma ponte com a situação do Garimpeiro quando encontram uma pepita de ouro.

A questão é como fazem, pois, diferente da Ética Protestante Norte Americana do século XVIII (WEBER, 1967) de acumulação e investimentos com o dinheiro ganho com o trabalho, os *malucos* parecem mais estar sobre uma *ética das emoções*, não vendo outra lógica senão a de sentir prazer imediato e desvalorizar o dinheiro como forma de dignificação do homem. Mais uma vez

percebemos um embate entre a racionalidade do homem dito *consciente e ético*, e a racionalidade *emotiva e aventureira* do *maluco de estrada*.

Forneço aqui apenas a psicologia de toda imputação de responsabilidade. – Em toda parte onde foram buscadas responsabilidades, quem ali busca costuma ser o instinto de *querer punir e julgar*. Despojou-se o devir da sua inocência, quando o modo de ser assim e assado é remontado à vontade, às intenções, aos atos de responsabilidade: a doutrina da vontade foi essencialmente inventada com a finalidade de punir, isto é, de *querer encontrar um culpado*. (NIETZSCHE, 2014, p. 25).

Na passagem acima, Nietzsche reforça sua crítica à Moral e à exacerbação da atitude humana racionalizada, nos moldes da vontade livre aristotélica, apontando para uma vontade de dominar, de vigiar, de punir, com uma máscara de atitudes ponderadas e virtuosas. Para ele é desumano ser excessivamente racional na atitude prática, como também é desumano querer ser perfeito ou divino, demonizando tudo que é apenas, *humano, demasiado humano*.

Penso que a ditas *responsabilidades* convencionadas a chamada *vida adulta*, são impregnadas destas morais das quais o filósofo condena, por condenarem a humanidade a sentir repulsa de suas pulsões⁴⁵ naturais. O *maluco de estradas*, muitos analfabetos e nada eruditos, parecem também *terem compreendido* que é um fardo pesado ser “bom” e “moralista”, e apresentam um comportamento, que por si só, e pela relação que possuem com a sociedade, chocam-se com os padrões pequenos burgueses civilizatórios e colonizadores. Segundo Mignolo (2017), o projeto da Modernidade traz consigo e obscuramente a esfera da colonialidade. Em suas palavras:

Primeiro, a lógica da colonialidade (ou seja, a lógica que sustentava os diferentes âmbitos da matriz) passou por etapas sucessivas e cumulativas que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade: especificamente, nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia. (MIGNOLO, 2017, p. 27).

Porém, longe de um ideal libertário anarquista consciente e descolonizador, muitos *malucos* estão impregnados de preconceitos e valores conservadores (*misoginia, androcentrismo, homofobia*) em seus discursos e

⁴⁵ Utilizando o termo pulsão por achar mais conveniente ao ser humano do que instintivo que parece ser muito reducionista visto a condição humana subjetiva e simbólica.

dispositivos interacionais. Penso que correlacionado ao embate com a vida nas ruas, como também da introjeção psíquica das formas de controle sociais internas ao grupo dos *malucos de estrada*.

Mais que um mecânico reflexo da *vida das ruas* (aqui entendida como uma categoria conceitual e não algo dado) é também permeado pelas relações interdependentes com a temporalidade da *Modernidade tardia*. Esses pontos específicos sobre a esfera política que transita entre a liberdade e o conservadorismo, estou desenvolvendo na minha tese de doutorado, e devido a conjuntura atual, estou em processo de campo e amadurecimento teórico.

Percebo que o *maluco de estrada* não é mero produto do turismo litorâneo, e nem um iluminado artista revolucionário descolado da sociedade (como um Zarathustra angustiado de amor antes de descer a montanha e sair do anonimato ermitão), porém, um sujeito, e uma coletividade expressa em práticas compartilhadas, que dialoga totalmente com um tempo de mobilidade, de aceleração do tempo, de encurtamento das distancias, *modernidade desencaixada* (GIDDENS, 1991), de fragmentação e ressignificação das ideologias, e de profundo consumismo, tanto objetivado nas coisas, como coisificando as subjetividades. Eis que concluímos que as práticas e discursos observados e analisados estão em relação dialética com a indústria do turismo, mas também com as profundas mudanças estruturais e emocionais, que as coletividades e os sujeitos vêm sofrendo na contemporaneidade. Concluímos também que tais ressignificações não são determinantes e nem determinadas, mas que operaram dentro de códigos internos entre os *malucos de estrada* como também os lapidam em suas relações interdependentes com outros segmentos da sociedade.

Tal performance opera dentro de lógicas paradoxais e contraditórias, como a luta pela sobrevivência e a vida boêmia, a busca pela liberdade e sentido e ao mesmo tempo códigos machistas e repressores, como repressão às vestimentas das mulheres, homofobia e outras tendências conservadoras, que, penso eu, são parte da estrutura simbólica pragmática das ruas e a decadência do ideal *hippie* ecológico e revolucionário, de alternativa humanitária ao capitalismo, que com o tempo fora se dissipando, e com a pressão consumista e individualista da modernidade contemporânea reflexiva, e o desenvolvimento exacerbado da indústria do turismo, fora dando outro caráter e sentido ao

viajante das estradas. Para um interlocutor da velha geração, as ideias foram distorcidas e a *malucada* está mais ligada às drogas e ao imediatismo lúdico.

Concordo em partes, e ainda que seja um diagnóstico *factual*, a percepção do interlocutor só tem relevância fazendo a conexão desses comportamentos com as relações afetivas e sociais apresentadas no decorrer do presente trabalho.

3. Trajetórias e encontros com vida transcendental em Canoa Quebrada, Jericoacoara e na Praia do Francês

Neste capítulo abordaremos elementos das narrativas dos interlocutores, em suas trajetórias de vida nas estradas e em Canoa Quebrada, que perpassam a temática da busca pela liberdade, e o encontro com coletivos e situações transcendentais. Primeiramente vamos abordar as perspectivas do uso de psicoativos pela comunidade de viajantes e turistas em Canoa Quebrada, passando pela doutrina Santo Daime e o grupo de estudantes de Cultura Racional.

Não vou me adentrar muito na descrição do Santo Daime e da Cultura Racional, ainda que minimamente vamos apresentar o que são quanto à história e funcionamento, porém, o foco é a experiência desses sujeitos e dessas atividades em Canoa Quebrada, interagindo e moldando subjetividades compartilhadas e trajetórias psíquicas e sociais dos sujeitos em unidade holística. A rede de relações e afetividades e a manifestação perspectiva dos agentes. Canoa e Jeri são conhecidos pelo contexto festivo e também pelo *ethos alternativo*, discutidos neste trabalho. Eu mesmo, as vezes que fui pela primeira vez às duas praias, tinha sempre a dimensão de poder passar uma semana de calção, poder fumar maconha à vontade, ainda que não afrontando os outros, em locais como o mirante do Serrote em Jeri, ou na Praia dos Esteves em Canoa.

Como o foco é relacional, segue a descrição sobre estas experiências, em que dividi em primeiramente uma discussão geral sobre o uso de psicoativos; a dimensão alternativa e de liberdade; depois, a doutrina do Santo Daime, que tem conteúdo Ético cristão, mas com inserção no xamanismo, não só pelo uso do chá, mas também pela dimensão das entidades sincréticas e concepções sensorialmente associadas ao campo metafísico da existência, o campo espiritual; e, por fim, a Cultura Racional, onde parte dos seus adeptos fizeram este percurso pretérito, de uso recreativo, uso do chá em ritual, até chegarem a uma perspectiva transcendental que se utiliza apenas da leitura da obra *Universo em Desencanto*, segundo seus adeptos, para atingir lucidez e estado de consciência alterado, sem necessariamente ser um estado de euforia psicoativa.

3.1. A percepção sobre psicoativos entre os agentes. Experiência, Sociabilidade e Sociedade

Rafael: E sobre o uso de drogas em Canoa?

Paiê: Sempre teve, né? Porque aqui em Canoa é conhecida pela história da liberdade, né? E dentro da liberdade as pessoas têm vontade de conhecer as coisas, de provar as coisas, então, sempre teve. Uma das linhas de experimentação são as substâncias. Aqui em Canoa Quebrada sempre se usou. Faz parte da história daqui. Tinha aquelas pessoas que usavam de um jeito mais abusivo, mas no geral, se usava mais numa intenção de conhecer, de experimentar, muito relacionado em experiência, de experimentar aquela coisa. E eu percebi, depois, que esses alucinógenos, que é chamado pela sociedade de alucinógenos, drogas, é uma coisa meio comum, ou corriqueira dos nativos mesmo, da zona costeira. Que para a sociedade seria uma coisa discriminada, ruim, pejorativa, eu vi que não, que tem certas coisas que são usadas normalmente, num âmbito, num contexto, que não tira o caráter social, não fica antissocial, as drogas eram usadas socialmente, fazia parte do cotidiano das pessoas. Não era um contexto de degradação de quem usa, mas mantendo um contexto social dos usuários, de trabalho, amigos, família. Tipo um relaxante, muito mais coerente do que quem toma uma pílula para dormir, vamos dizer. Mas isso antigamente, hoje em dia não, já vê que esses psicoativos, muitos que surgiram com a nova geração, o crack, a cocaína, em grande escala, porque sempre teve, mas não nesse âmbito atual de degradação, que tem muito hoje aqui. É um problema hoje, uma diferença grande entre esses tempos. (Paiê, 2018).

Paiê, nesse breve relato, vai relativizar a discussão entre o uso de psicoativos, a sociedade, e o conflito de gerações. Na configuração vivida por ele nos anos 1990, Canoa era uma vila de pescadores, mas já com um cenário internacional, e o uso de drogas ilícitas na vila, principalmente a maconha, era visto como elo de sociabilidade e não de antissociabilidade, como ele mesmo diz. O relato fala, inclusive, em contexto do uso das substâncias, que fazia parte, digamos, grosso modo, do pacote vivenciado ao ir para Canoa Quebrada e por lá ficar por um tempo. *As Drogas eram usadas socialmente, fazia parte do cotidiano das pessoas*, diz ele, e nessa passagem fica clara a ideia que percebia dessa relação antigamente. A ideia de busca, de experienciar a vida, sem deixar de cumprir com as responsabilidades da vida cotidiana. O espaço social de Canoa Quebrada, no ontem e no hoje, perpassam por essa temática.

Porém, não é só sobre as drogas que fala, e percebemos que as drogas são a última esfera apontada, e a primeira de todas, seria o motivo de viajar, de estar em Canoa, e de usar as drogas: a Liberdade. Diz o interlocutor: *Sempre teve, né? Porque aqui em Canoa é conhecida pela história da liberdade, né? E dentro da liberdade as pessoas têm vontade de conhecer as coisas, de provar as coisas, então sempre teve.*

Liberdade, História da Liberdade, História da Canoa. Veja bem, até agora, não vimos no discurso a narrativa do tráfico, da morte, dentre outros, ainda que em uma série de outros relatos também mencionou eventos de transmissão de AIDS pelo uso compartilhado de seringas, de algumas pessoas que teriam morrido de overdose, ou por participar do tráfico de drogas, mas o cenário da *Liberdade* tem todas essas realidades de alguma forma interligadas.

Paiê não quis romantizar, não era essa sua intenção, mas queria expressar que a busca interna, a *estrada* e as relações culturais de Canoa Quebrada passavam pelo uso de psicoativos, tanto lícitos como ilícitos, de forma coletiva, tanto que chamou de *história da Canoa*. Mais uma vez, o intuito aqui é apontar essa configuração social fecundante em Jeri e Canoa, que perpassam pela experiência, pela busca, pelas rupturas com narrativas e trajetórias impostas, mas também, pelo circuito turísticos e suas formas de sociabilidades.

No trecho abaixo, meu colega de curso de graduação e também amigo da vida pessoal, integrante do Centro Espírita Beneficente da União do Vegetal, tendo realizado seu trabalho de Doutorado na UNB a respeito de vários aspectos da religião mencionada, nos traz uma discussão sobre a linguagem, em que diz respeito aos alucinógenos e enteógenos. Na passagem, o autor faz uma separação entre o que é droga e o que são essas plantas que produzem estágios de consciência alterado. Trago isso para fazer a ponte com o próximo tópico, no qual os interlocutores vão migrar das experiências de baladas noturnas, para religiões que se utilizam de enteógenos, no caso o Santo Daime, que comungam o mesmo chá que os adeptos da União do Vegetal, o aiwasca. Netto (2017) vai dizer que é preciso uma forma inteligente de nomeação por parte dos órgãos competentes, que a meu ver, perpassa uma mudança de foco para o uso das plantas em rituais religiosos, com uma série de concepções e sociabilidades morais diferenciadas das festividades alcoólicas e de drogas sintéticas para a recreabilidade. Vejamos:

Uma outra questão ainda emblemática diz respeito à linguagem adotada para se referir a estas substâncias. É um fato interessante que ainda não se tenha uma linguagem inteligente para se referir às plantas e/ou substâncias sintéticas que produzem Estados Ampliados de Consciência (EAC), ou seja, ainda se faz necessário criar uma linguagem adequada, mais condizente com a realidade operada por estas substâncias psicoativas (MCKENNA, 2004; STRASMANN, 2013). Estas substâncias ainda são confundidas com “drogas” por parte da mídia e agentes do governo, que se utilizam desta categorização com objetivo ideológico para dificultar um diálogo a respeito da natureza dos psicoativos, assim como de questões ligadas ao abuso de drogas. É possível perceber essa falta de diálogo na produção de uma mentalidade preconceituosa, construtora de estereótipos, mas também na construção de políticas duras e autoritárias no que toca a esta questão⁹². Neste sentido, a forma de denominar a substância psicoativa diz muito da ideologia e da maneira pela qual o pesquisador percebe a ação destas substâncias. A linguagem é uma ferramenta chave na transmissão do conhecimento a este respeito. O próprio nome “substância” não é um consenso entre os pesquisadores, já que alguns usam a denominação molécula, composto, agente, droga, medicamento e sacramento. Strassman (2013), por exemplo, utiliza a denominação “droga psicodélica” que é a forma mais consensual na área médica, porém faz uma ressalva que geralmente este termo vem acompanhado de outros qualificativos, tais como: alucinógeno (que produz alucinações), enteógenos (que gera experiências relacionados com a divindade), misticomimética (que imita estados místicos), oneirógena (que produz sonhos), fanerotímica (que gera sentimentos visíveis), fantasiante (que estimula a fantasia), psicodisléptica (que perturba a mente), psicotomimética e psicotógena (que imita a psicose ou a produz, respectivamente), psicotoxina e esquizotoxina (toxina que causa psicose ou esquizofrenia. (NETTO, 2017, p.95)

Percebo que Netto reivindica por parte dos órgãos de governo e midiáticos maior diálogo a respeito do uso de psicoativos para fins terapêuticos curativos e espirituais. Meus interlocutores dentro de suas trajetórias de vida vão perpassar por uma doutrina aiuaqueira, o Santo Daime, e percebo, aqui, como parte da busca existencial, a viagem sem sair do lugar, aquela busca espiritual, da estrada da vida.

Nos próximos tópicos vamos ver a religiosidade se aproximando com o uso dos psicoativos, no caso, usos ritualísticos e sacramentais de aiuaasca, ou o Santo Daime, nome ritualístico, e da maconha, ou Santa Maria, nome ritualístico. Posteriormente, veremos a narrativa de pessoas que passaram por tais experiências e adotaram para si a Cultura Racional, um conhecimento brasileiro que também dialoga com religiosidade.

Parte dos interlocutores da Canoa tiveram esse perfil, de passarem pelas *estradas* e uso sociais de psicoativos, para uso religioso dos psicoativos, até adotarem um conhecimento como fonte de sua transcendência, de sua busca interior, mas também de sua rede de relação exterior.

3.2. Benção Padrinho! Santo Daime em Canoa Quebrada, uma doutrina, um chá e a comunidade *daimista* dos viajantes de estradas

O povo do Norte gosta muito de pedir a bênção. Para nós, hippies, era um despropósito, coisa antiquada. A princípio tínhamos grande resistência ao costume. Depois fomos mudando nossos conceitos e um dia também elegeríamos Sebastião e Rita como nossos padrinhos.

Finalmente chegou o dia da festa de São João, com o hinário do Mestre Irineu. Tocou para nós, os cabeludos, a mesa central até meia noite, ou seja, durante a primeira parte do trabalho... Nosso desempenho nesse papel foi excelente. Com juventude, simpatia e cabelos longos ficamos durante toda a primeira parte do hinário bem assentados no meio do salão...O Daime que bebemos foi como uma chama que acendeu nosso brilho. Tudo era luz e beleza naquela noite. E a gente, com naturalidade e segurança, viajava na força do chá sagrado, enquanto o povo cantava hinos e bailava ao nosso redor. (MORTIMER 2018. Pág. 17)

O Santo Daime é uma religião amazônica brasileira fundada pelo seringueiro maranhense Raimundo Irineu Serra nos anos 30 do século 20. Esta religião possui um campo ritualístico, o *trabalho* do Santo Daime, no qual percebemos na fala de Lúcio Mortimer (2018) no livro de sua autoria. Neste trabalho se serve o chá aiuasca, também conhecido, como Oasca (UDV)⁴⁶, vinho das almas, yajé, dentre outros nomes.

Trata-se de um enteógeno, que produz mirações e fortes meditações pessoais, que se acredita ter potencial de cura espiritual, além de benefícios ao organismo físico em si. Segundo relato dos agentes de memória e documentação da doutrina e seus adeptos, este chá foi dado ao Mestre Irineu, que na época era soldado nas guerras de fronteiras no Acre, pelos índios do Peru. Falavam que o chá dava poder de ver o Diabo e fazer um acordo com ele, por riquezas materiais. Porém, na força do chá, o Mestre Irineu viu Nossa

⁴⁶ União do Vegetal, outra doutrina que bebe o chá e também de origem amazônica brasileira.

Senhora da Conceição na Lua, que pediu a ele que iniciasse sua missão espiritual na Terra abrindo a doutrina do Daime.

Este chá é feito com plantas da floresta amazônica o Jagube ou Mariri, um cipó, e a Rainha ou Chacrona, folha de um arbusto semelhante ao pé de café. Mestre Irineu, com seus companheiros, iniciaram os trabalhos ritualísticos, que consiste na bebida do chá com orações de abertura e desfecho, e com cânticos coletivos que são recebidos mediunicamente pelos membros da doutrina. Canta-se o hinário no trabalho. O hinário do Mestre Irineu é sempre cantado nos dias de Nossa Senhora da Conceição, Natal e São João, no formato de bailado, e nos dias 15 e 30 de todo mês, o formato é de concentração, com uma seleção de hinos, nem todos do Mestre Irineu, e um período de silêncio total para a concentração na força do chá.

A citação do livro de Mortimer (2018), *Bença Padrinho*, mencionada no início do tópico, fala do Padrinho Sebastião, que fora discípulo do Mestre Irineu, mas fundou uma linha que se expandiu por várias partes do mundo. Lúcio Mortimer foi *hippie* e viajante e chegou à doutrina do Santo Daime através desta linha, nos anos 70 do século 20. Acompanhado de dois amigos, Maurílio e Daniel, que estavam de *malucos de estrada* na época. Depois que conheceu a doutrina, se filiou, ou *fardou*, e ficou nela até sua morte. Maurílio, seu grande amigo, foi quem colaborou para o início dos rituais da doutrina em Canoa Quebrada, inclusive com forte participação de Paiê e seus amigos *hippies*.



Figura 40: Trabalho (ritual) do Santo Daime com o Mestre Irineu sentado ao Centro. Fonte: www.mestreirineu.org



Figura 41: Padrinho Sebastião, com sua esposa Madrinha Rita e atrás a filha, Madrinha Nonata, na Colônia Cinco Mil, na região metropolitana de Rio Branco, Acre. Fonte: www.santodaime.org



Figura 42: Copo com o chá daime. Fonte: www.santodaime.org



Figura 43: Ritual na igreja do Santo Daime Flor da Canoa, em Canoa Quebrada. Fonte: www.santodaime.org

A doutrina teve extrema relevância na vida dessas pessoas, como podemos ver na fala de Paiê abaixo:

Rafael: E a religião? Se você tiver, ela mudou alguma coisa na sua vida de viajante?

Paíê: Porque sempre passei por várias religiões (risos), mas a religião foi fundamental num aspecto, por exemplo, no daime

Rafael: É uma religião alternativa.

Paíê: É, exatamente.

Rafael: Pois, então, fala um pouco do Daime

Paíê: Em que sentido?

Rafael: No que ela mudou sua vida de viajante

Paíê: Para mim mudou até a experiência do alternativo, mudou o valor desse alternativo, de experimentar. Porque mudou o foco de experimentar isso ou aquilo, e experimentar uma vida voltada para a espiritualidade. Porque a vida não era de experimentar isso ou aquilo, e nem de viajar por aí. Poderia até ter esse contexto de viajar, mas o foco não era mais esse. Porque antes o foco era esse, viajar, experimentar, fumar, beber, curtir, então, era assim. Porque no Daime era forma alternativa (se utiliza ayhusca, que contém o DMT, chá preparado com um cipó, jugube, e folhas de um arbusto, rainha, ambos naturais das florestas amazônicas e Andes. Além do uso ritualístico desse psicoativo, temos uma forte presença induzindo a vida comunitária e coletiva, tanto na construção dos espaços, no feitio do chá, no convívio social específico do campo daimista). (Trecho de entrevista com Paíê em 2018).

Paíê passou três anos no Céu do Mapiá, a sede do Santo Daime da linha de Sebastião Mota, na floresta Amazônica, Amazonas, e nas cidades daimistas vizinhas, como: Boca do Acre e Colônia Cinco Mil, em Rio Branco. Esta “estrada”

ele não narrou anteriormente, pois parece que, por ela estar conectada com o que ele chamou de mudança de foco, para a vida espiritual como estilo de vida e *práxis* existencial, naturalmente não colocou nos itinerários de *estradeiro*. Mas é claro que foi uma estrada riquíssima, e no qual ele fora me contando após o término da entrevista, em várias conversas em sua casa. O interessante é que a Canoa Quebrada, tanto fez ele ter conexões afetivas e culturais que o levaram para o Sul do país, Argentina e Uruguai, no qual tem amigos moradores de Canoa que são desses países, e que alguns o incentivaram a viajar para lá, indo inclusive com ele em algumas dessas viagens, como também fez conexão com esse meio alternativo do Norte do país, através do Santo Daime, que chegou com adeptos da doutrina que eram antigos viajantes de estrada, e que conheceram a doutrina viajando pelo Norte nos anos 1970 e 1980.

Como fala no texto da entrevista, até o conceito de alternativo para ele mudou. A experimentação de substâncias ganhou a dimensão espiritual e, com ela, muitos valores também se modificaram. Porém, a experiência com a doutrina para algumas pessoas pode ter um caráter conflituoso, principalmente, na questão do que é coletivo e o que é privado, e também pelo desenvolvimento espiritual de cada um. Abaixo vemos um relato de Ginestà em que mergulhou de cabeça na ideia de coletividade, mas que, depois, se viu deslocada e teve que sair para examinar o que realmente era importante na sua busca espiritual. Vejamos:

Fiquei aqui em Canoa e conheci aqui uma galera, como o Paiê. Eu estava procurando preencher esse vazio, tristeza e tal, me falaram que tinha uma doutrina, chamada Daime, que dava um chá que é Aiauasca, que era muito forte, que mostrava a nós o que estava passando em nossa vida. Daí, a gente foi lá um dia e falamos que queríamos experimentar, e fomos experimentando algumas vezes.

Daí, a gente decidiu ir morar no sítio da Nova Jerusalém, de uns irmãos. Passamos a construir uma casa lá, e na época, eu era muito inocente, acreditava que seríamos felizes, vivendo em comunidade. Construimos uma casinha simples, e eu fiquei grávida de meu primeiro filho [hoje ela tem dois filhos com seu companheiro], mas as coisas lá não eram tão boas como pareciam. Passamos lá dois anos. E muito isolados por lá. Vida espiritual e menos material. Eu ia manguear na praia, meu companheiro cuidava das plantas de lá, ele era o jardineiro do sítio. Depois, comecei a ficar constrangida e com vontade de ir embora de lá. Percebia que não estávamos no mesmo caminho que outros de lá, que não queríamos as mesmas coisas, não

tínhamos privacidade e ficou ruim a convivência. (Ginestà em abril de 2019, na praia dos Esteves, ou do Estevão).

Ao mesmo tempo em que ela se viu com seus familiares e amigos numa energia mais simples e espiritual, a convivência coletiva, com diferenciados objetivos pessoais e culturais em jogo, a fez sentir constrangimento e a fez romper com o projeto de comunidade, de morar junto na Nova Jerusalém, e só depois veio novamente a se envolver com um coletivo de busca interior e transcendental, que foi quando conheceu a Cultura Racional e, nela, passou a ser estudante e colaboradora. Porém, em sua casa privada, não mais com a perspectiva de comunidade religiosa na proposta anterior.

3.3. Cultura Racional em Canoa Quebrada. Portal Extracósmico e Razão Transcendental

Então, depois de oito meses que nasceu o Leon, conheci a Cultura Racional. Daí, que mudou minha vida, realmente. Porque eu vi que não, nem um lugar e nem outro, mas era dentro, daí, passei a estudar a Cultura Racional, e obter as respostas que eu queria, e, pronto, sabia que era aqui (Canoa), na verdade, nem aqui, nem ali, mas que já estava aqui, que Brasil é o país escolhido pela Cultura Racional, e que estávamos melhor aqui que em qualquer outro lugar. (Ginestà em abril de 2019, na praia dos Esteves, ou do Estevão).

Segundo relato de estudantes e adeptos, a Cultura Racional é um conhecimento trazido em vida pelo Senhor Manoel Jacinto Coelho, na Tenda Espírita São Francisco de Assis, no bairro do Méier, na cidade do Rio de Janeiro, em 04 de outubro de 1935. Ela é composta por uma longa *Obra*, de mil livros, em que tratam de estudos sobre Cosmogonia e transcendência do plano da matéria para retorno ao Mundo Racional através do desenvolvimento do raciocínio, que não é no mesmo sentido trazido pelos gregos clássicos, que conduz o animal Racional através da leitura da *Obra* para um novo patamar de humanidade e compreensão cognitiva e sensitiva da Natureza e do Universo.



Figura 44: Senhor Manoel Jacinto Coelho, o autor dos livros *Universo em Desencanto* e da *Cultura Racional*. Fonte: www.soundcloud.com

A obra se chama *Universo em Desencanto*, pois a premissa é de que o universo de matéria como conhecemos é uma prisão e não uma maravilha. O encanto não é visto como algo qualitativamente bom, e sim, o desencantar, que seria análogo a se libertar do jugo do plano material de expiação e sofrimento.

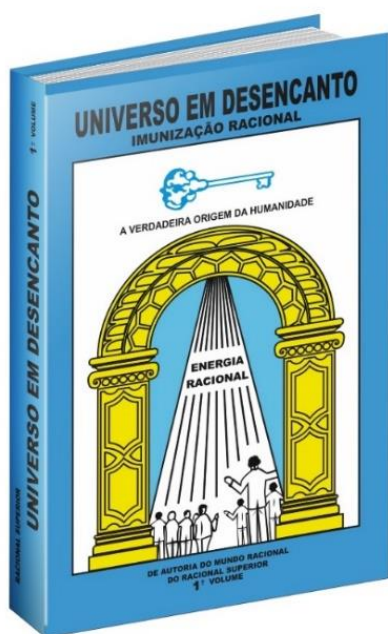


Figura 45: Capa do Livro 1 da coleção *Universo em Desencanto* da *Cultura Racional*. Fonte: www.culturaracionalbrasil.wordpress.org



Figura 46: Canoa com a Vela pintada com o símbolo da Cultura Racional. O casal proprietário da Canoa são moradores de Canoa Quebrada, e também foram fardados preteritamente na Igreja Flor da Canoa, do Santo Daime. Fonte: www.livroracional.org



Figura 47: Divulgação da Cultura Racional na rua da Broadway em Canoa Quebrada. Fonte: www.livroracional.org

O fato é que vários adeptos do Santo Daime passaram a ser adeptos da Cultura Racional em Canoa Quebrada, e em vez de fazerem rituais com substâncias, alimentam seu raciocínio, dimensão cognitiva divina localizada no meio do cérebro, na glândula pineal, por meio da leitura dos livros e de sua

divulgação em praças e ambientes públicos. Eles passaram a divulgar a Cultura Racional na Broadway todo sábado à tarde, e facilitar às pessoas o acesso aos livros.



Figura 48: Caravana da Cultura Racional na entrada do calçadão da rua Broadway em Canoa Quebrada. Fonte: Autor (maio 2023).

Paiê, que passou aqui neste trabalho por todos os pontos anteriores, também é um dos adeptos, e uma das constatações mais interessantes é que ele deixou de usar não só o Daime, mas todas as substâncias pretéritas, e bebe um vinho socialmente e raramente.

A seguir trabalharemos algumas temáticas epistemológicas da Cultura Racional, dentro da lógica da pesquisa antropológica da religião e da Antropologia do Conhecimento, depois, retomarei a discussão etnográfica e sociológica do *habitus* dos interlocutores perpassados pela matriz cognitiva e Ética Racional em suas vidas, que é o real foco de investigação da Tese.

Acrescido a isso, acabei desenvolvendo uma mini-etnografia deste ponto dentro do trabalho, ou pelo menos, foi a impressão que me deu e não quis mexer nisso.

3.3.1. Cultura Racional: Narrativa Cosmogônica e Antropogonia

Antes de mais nada, estou aqui na condição de pesquisador e não de questionador ou crítico de matrizes religiosas. Nem também fazendo a posição de doutrinador religioso ou filosófico. Quem tiver interesse em se aprofundar no conhecimento, busque os livros da obra mencionada. O objetivo maior aqui é de situar os postulados do conhecimento com a mudança de vida dos *viageiros* aqui reportados, e por trás desses *viageiros*, a teoria social e antropológica no contexto da atualidade.

Outro ponto importante é da apropriação indevida de epistemologias apresentadas: não são minhas ideias as descritas a seguir, mas é sim, a minha interpretação e diálogo com outras filosofias e análises sociais da religião e da ciência, e meu esforço ético em preservar a integridade da interlocução e da interpretação. Espero que seja efetivo na escrita. Não me atentarei à vida pessoal do Tim Maia ou do Senhor Manoel Jacintho Coelho, e as minisséries dos canais de mídias existentes, o intuito será mais de dialogar com a Cultura Racional como epistemologia, que ela se propõe a ser, e que pelo que pude perceber, isso é de fundamental importância para o estudo e desenvolvimento do raciocínio⁴⁷ para seus adeptos e estudiosos.

Pela leitura de diversos livros da enciclopédia da Cultura Racional e por relato de estudantes interlocutores, resolvi apresentar ao leitor um breve resumo a respeito de alguns conceitos e categorias da *Lógica Racional* da Cultura Racional, que se apresenta de forma diferenciada do que foi pensado como categoria Racional pelos filósofos gregos e modernos principalmente.

Um dos pontos-chaves do conhecimento Racional (daqui para a frente ao falar Racional estou me referindo ao ponto de vista da Cultura Racional) é o estudo do funcionamento do cérebro humano, o pensamento, a imaginação e o raciocínio, mas também, são as narrativas de origem do plano material de existência, ou seja, a origem cósmica da natureza como o universo e dimensão,

⁴⁷ Desenvolvimento do Raciocínio, é o desenvolvimento da cognição Racional da glândula Pineal, que segundo os estudos Racionais, será a nova forma de pensar, ou melhor raciocinar, da Humanidade, e que por conseguinte é um dos atributos almejados por quem estuda, ao mesmo tempo que é a consequência evolutiva da Natureza, ou seja, do Universo. A uma relação Sociogenética da cognição individual com o todo Social, como também uma dimensão de totalidade à *lá* Spinoza, em que a grande substância é o Universo que que nós somos movidos pelo mesmo como ferramentas de um todo.

e a origem da humanidade e dos seres que habitam a dimensão material, sendo os seres visíveis e invisíveis.

Então, vamos aos pontos. Com relação aos aspectos Cosmogônicos, o Mundo Racional é a Origem e o mundo ou Universo Encantado, composto pelas energias elétrica e magnéticas como base de tudo existente de matéria, inclusive, matéria invisível como ondas sonoras e raios ultravioletas, é um mundo deformado de seu estado real de Natureza, que para quem vive nesse mundo é a própria existência. O verdadeiro ser é o mundo Racional, e o mundo da matéria, passageiro e transformativo, é de origem Racional, mas está num estado de encantamento, ou preso na dimensão temporal.

Então, qual a causa de o mundo material ter se deformado e constituído um outro estado de natureza energética? Daí, vem a explicação antropogônica, ou seja, a humanidade é a causa da transformação. Segundo o material do primeiro livro da obra, o primeiro ser a se transformar foram os próprios habitantes do mundo Racional, que seriam seres individualizados, a título de comparação, como os humanos que possuem personalidade individualizada. Estes seres passaram a, como fala o escritor, “progredir por uma parte da planície que não estava pronta para entrar em progresso, que foram se transformando”. E essa “aventura” duraram vinte e uma eternidades até o ponto em que nos encontramos nos dias atuais.

A energias desses seres foram saindo de suas áureas e formando aos poucos uma luz fosca prateada, que com o tempo se transforma no Sol, o mesmo passa a emitir uma energia térmica que transforma a dimensão, chamada de Planície Racional, que também passa a liberar energia formando outros seres do firmamento, como estrelas, lua e Planetas.

A deformação da parte da planície que veio se derretendo, virando goma e depois de derretida virou água, ao mesmo tempo que a outra parte da mesma planície que tinha a resina, e essa resina, com calor da luz, começou a empolar, depois de empolada começou a torrar, virando cinza, completaram o seu estado de deformação, quando a água, penetrando na cinza, com o tempo, apodreceu, gerando dessa podridão, micróbios de todas as formas. Então, esses tantos racionais, que entraram por essa parte que ainda não estava pronta para entrar em progresso e por não estar pronta é que começou a deformar-se. Essa deformação provocou o deslocamento da planície que está cá em cima, e, conforme iam progredindo, essa parte da planície não pronta para entrar em progresso, foi descendo e descendo com ela, também esses racionais, igualmente se deformando e

perdendo as virtudes. E conforme iam perdendo as virtudes, essas, foram se acumulando, e depois de um certo tempo de todas reunidas, começaram a se deformar em um foco de luz. (COELHO,1973, p. 79).

Ele explica que a planície se divide em dois seres energéticos que com o tempo vão se diferenciando até formar as porções de Terra e as porções de águas, sendo que a terra teria sua origem das águas primordiais, que ele explica, a título de analogia, mesmo dizendo ser impossível imaginarmos como era, que a constituição primeira da água e pós-degeneração da planície, ou seja, entre a origem e o que conhecemos como água, seria uma goma, uma estrutura gomosa e a terra uma estrutura de resina.

Também explica que o movimento de degeneração vai formando os astrais, no qual didaticamente divide em Mundo Racional, Astral Superior, do qual ainda não está sob a forma de eletricidade e magnetismo, o Astral Inferior e o Astral Térreo, no qual existe o plano da Natureza, material do qual vivemos e do qual o espiritismo e a Ciência tomam como única dimensão, então, por isso, segundo o escritor da obra, os enigmas e mistérios sobre as origens metafísicas e físicas dos seres.

Os seres humanos foram em algum momento habitantes do mundo Racional, mas também poderão vir a ser outros seres da natureza, os irracionais do chão e os invisíveis, que ele trata de exus⁴⁸.

Com relação à Humanidade, foram até o fim e se deformaram em seres agregados de três energias: a elétrica, a magnética e a racional, então, a glândula pineal é a ponte cognitiva para o mundo Racional, e a cultura Racional livresca, o combustível, a terapia de desmagnetização, o controle sobre o pensamento e a imaginação, que é o senhor de toda a construção das

⁴⁸ Exus aqui não tem relação com o orixá Exu do Candomblé, necessariamente, mas tem uma conotação de individualidade invisível que se comunica conosco pelo pensamento e a imaginação, que através disso pode nos colocar em situações de confusões mentais, desejos que não nos fazem bem e que podem acarretar consequências. Esses exus têm a missão de nos testar, para ver até que ponto temos controle racional e equilibrado sobre o que pensamos e o que fazemos com o pensamento, nesse ponto podemos fazer a relação que cotidianamente uma pessoa pode se tornar um cavalo de um exu, caso ela faça tudo o que eles transmitem. O escritor menciona que essa forma de sofrimento também é uma purificação do ser, a lapidação, que essa lapidação vai sendo substituída pela Imunização Racional, com o estudo da Cultura Racional, portanto o equilíbrio da vida material e social psíquica depende da consciência de que somos seres com tais dimensões cognitivas e que a energia Racional tira o sujeito da condição de cavalo de exu, para compreender a mecânica e ter mais calma como método de ética na vida material.

civilizações que já existiram no tempo e no espaço, inclusive, a nossa atual científica filosófica e religiosa.

Os seres humanos, então, são seres existenciais e essenciais, uma vez que estão tomados pela roupagem física da planície degenerada, o corpo fluídico elétrico e magnético, e o corpo fluídico de origem Racional, que até então, antes da Cultura Racional, estava paralisado, em latência. Segundo a obra, em 1935, o Universo ou Natureza, mudou a sua fase, então, aspectos da falência moral, física e financeira estariam ligados a aspectos físicos e substanciais da própria dimensão elétrica e magnética como um todo, como dimensão, e portanto, de suas ferramentas, todos os seres do Universo, mas em particular, os seres humanos, que são regidos pelo pensamento e a imaginação, e que, segundo o escritor, estariam perdendo força, e causando o descontrole emocional dos seres, inclusive relacionando aos fenômenos da Natureza como furacões, secas, tempestades, superaquecimento global, dentre outros.

Logo, a leitura do livro é uma espécie de proteção pelo conhecimento de si e da natureza como um todo. Para o escritor, a leitura é um tratamento e ao mesmo tempo uma libertação do julgo material, que para o mesmo, não é a única forma de existencial, ou que na realidade, é uma não existência aparentando ser a única existência, o que me fez lembrar a metafísica de Parmênides, em que ele diz o *Ser é e o não ser, não é*. Na lógica do filósofo grego, a transformação continua das coisas sujeitas ao devir, provavam pela transformação que não eram um ser, que as formas essências seriam eternas e portanto inteligíveis e não sensíveis.

Outro aspecto relevante é o fato da ótica epistêmica Racional do que é ser consciente e ser inconsciente. Nos termos marxistas, ser consciente é ter uma *práxis* revolucionária frente a um sistema de classes sociais e de exploração física e cultural de classes com meios de produção e controle de superestruturas sociais simbólicas de poder sobre outras. Consciência Revolucionária é, portanto, o contrário de alienação e inconsciência social. Já nos termos Freudianos, a Consciência faz um meio de campo entre as estruturas sociais de controle, e as forças do inconsciente movido por uma zona mais animalesca de nossa psiquê. Portanto, estar consciente seria ter certo controle entre o equilíbrio de natureza e sociedade, o ego seria uma ponte entre o id, e o superego, e não a supressão do segundo sobre o primeiro.

Porém, na perspectiva Racional do *Universo em Desencanto*, não ter conhecimento prático da origem do universo e da humanidade, ou seja, da *mecânica da queda*, como ele metaforicamente fala, é estar inconsciente. A glândula pineal é a única capaz de possuir cognição consciente, o desenvolvimento do raciocínio é o desenvolvimento da consciência. A consciência é um processo e não apenas uma constatação, apesar de todas as outras formas de tomada de consciência abordar anteriormente sejam também processuais. Mas a grande diferença é que existe um ceticismo claro em relação a tomada de consciência apenas nos planos da existência social material, seja ela psicológica ou sociológica. A tomada de consciência parte de um desencanto com o encanto, porque até as formas de compreensão do encanto são labirintos sem saídas, e que se acabam com o fim do sujeito, ou seja, com a morte como conhecemos nominalmente a transformação das vidas dos seres.

Vejamos abaixo um trecho do 1º livro da réplica da coleção *Universo em Desencanto*, na página 100, como o título do tópico, *O Encontro da Humanidade com seu mundo de Origem*:

O objetivo do conhecimento de CULTURA RACIONAL é ligar toda a humanidade ao seu verdadeiro mundo de origem, o MUNDO RACIONAL, desligando a pessoa da energia elétrica e magnética, que é a energia animal, e legando a pessoa na verdadeira energia do seu natural, que é a Energia Racional. E daí surgindo a Racionalização no mundo, por estar ligado à energia verdadeiramente consciente, por ser Racional. Como estava a humanidade ligada as duas energias inconscientes, a elétrica e magnética, nunca que poderiam desvendar os mistérios e os enigmas, por ser deste campo aqui primário, o campo elétrico e magnético, nunca que a humanidade poderia sair desse primarismo. E daí a causa de todo esse transtorno universal, a energia animal, a elétrica e magnética. (COELHO, 1974, p. 27).

Percebe-se que, na passagem do texto, a atribuição da inconsciência está atrelada à condição animal, que para o escritor é ontologicamente deformada, portanto, a energia elétrica e magnética, a linguagem científica, o campo elétrico e magnético, por si só é o campo da inconsciência. Em outras passagens, ele vai atribuir conceitos espíritas como obsediados pela matéria, ou engabelados pela matéria. A inconsciência se deve ao simples fato de ser um animal dentro de uma dimensão fora do seu estado natural, sendo o estado material e temporal inconsciente.

O que me deixa bastante intrigado é que alguns trabalhos antropológicos sobre as narrativas míticas ameríndias parecem ter uma ligação com essa narrativa cosmogônica em que o ser humano tem uma relativa notoriedade na construção do universo e que ele estaria adormecido na mentalidade concreta que separa o ser e a sociedade da natureza, vejamos esse trecho de DANOWSKI (2014):

A existência do “mundo antes de nós”, embora seja considerada por alguns como um desafio filosófico (ver adiante), não parece um estado de coisas de difícil figuração para o homem comum. Mas a possibilidade de um “nós antes do mundo”, a preexistência ontocsmológica do humano ao mundo, é uma figura menos usual na vulgata mitológica ocidental. Veremos que ela é uma possibilidade largamente explorada pelo pensamento ameríndio. A dualidade mítica “humanidade/mundo”, pensada a partir de sua dissolução por subtração de um dos pólos, coloca-nos assim diante de quatro casos básicos, ao levarmos em conta sua projeção para o futuro ou para o passado...O mundo depois de nós pode ser visto como uma nova Idade de Ouro para a vida, ou, alternativamente, como um deserto silencioso e morto; a humanidade após o fim do mundo pode ser vista como uma raça de super-homens cujo destino é o cosmos infinito, ou como um punhado de sobreviventes miseráveis em um planeta devastado, e assim por diante. (DANOWSKI, 2014, p. 34).

Gosto muito dessa citação, pois recorre às possibilidades: e se os ameríndios não forem meras crianças grandes, que precisam da episteme ocidental para chegar à fase adulta? Sem querer trocar uma episteme por outra, mas querendo dialogar, acredito ser muito interessante este trecho, pois na perspectiva ocidental, separatista, surgimos do chão, do mundo, e não o mundo é consequência dos habitantes deles, ou seja, da humanidade.

Como fora descrito, na Cultura Racional, vemos as duas possibilidades: os Racionais, pela sua desobediência, movimentaram a transformação da Planície Divina Cósmica em universo de matéria elétrica e magnética, mas ao mesmo tempo, os seres humanos são nascidos do chão, porque não são mais os mesmos Racionais, e sim, a combinação da energia Racional com a energia elétrica e magnética, formando, assim, o animal racional, que ontologicamente, é um outro ser diferente do que foi o Racional. E o objetivo da Humanidade é voltar a ser Racional, ou seja, muito parecido com o trecho da citação que diz: *A humanidade pode ser vista como uma raça de super-homens cujo destino é o cosmos infinito*. Porém, isso não invalida de ter o deserto devastado com seus

sobreviventes miseráveis, pois os que continuarem a usar o pensamento e a imaginação, continuaram com a cultura de destruição da natureza, e conseqüentemente, de si.

A questão de ir para o cosmos divino, tanto nas narrativas ameríndias, quanto no desenvolvimento do raciocínio contido na glândula pineal humana, certamente, não é a mesma de construir uma super tecnologia artificial para colonizar e destruir outros planetas do universo.

Passando esse ponto filosófico e descritivo cosmogônico e antropogônico inicial, vamos falar um pouco das categorias sociológicas de desencanto, positivismo e falência, moral, física e financeira, utilizadas pelos clássicos como Weber e Durkheim, nessa perspectiva narrativa Racional.

3.3.2. A Natureza mudou de Fase. Analisando as categorias sociológicas clássicas de Desencanto, Positivismo e Racionalização, dentro da abordagem transcendente Racional.

Desencanto do Mundo, Racionalização do Mundo, Positivismo do Mundo, tais categorias, assim como a de consciência levantada acima no tópico anterior, são categorias caras a interpretação sociológica de Max Weber e Émile Durkheim, assim como a de consciência e *Práxis* sociais o foram para o jovem Marx, visto que a quem diga que o Marx (1985) escritor do *Capital*, já estava desencantado da revolução ou com a ética entre os humanos, mas isso não é o foco desse tópico.

Max Weber (2009) traz a perspectiva de uma modernidade expansiva, que, além de modificar as estruturas econômicas, também modica as estruturas das ações sociais dos sujeitos. Durkheim falou a respeito de uma tendência às solidariedades sociais mecânicas se transformarem em Orgânicas, ou seja, das relações tradicionais para as complexas, capitalistas contratuais, e numa linha similar, Weber diz que o desencanto do mundo é justamente a destruição dos aspectos encantados, míticos de compreensão do mundo, pelo crescimento da burocratização do mesmo com a modernidade capitalista e com a crise do encantamento do mundo. Sua perspectiva de desencanto é social, ainda que de uma sociedade ocidental como modelo de civilização, mas que até certo ponto e violentamente, foi ocupando o local de comando no desenvolvimento das

estruturas sociais do mundo. Racionalização e burocratização, também ocorrem com essa expansão, e cada vez mais a tecnologia de controle da sociedade pelos indivíduos é feita de forma automatizada e impessoal.

Durkheim em seus estudos sobre o suicídio, frisa que grande parte da desilusão com a vida, é acompanhada pela desilusão da vida social, e aponta para uma falência da vida moral no crescimento desordenado das sociedades capitalistas orgânicas. O suicídio anômico é um suicídio de desencanto, porém, de extremidade a ponto de o sujeito tirar sua própria vida.

A Cultura Racional nasce em 1935, e tem continuidade expressiva nos anos de 1970 para frente, porém, certas categorias do pensamento sociológico são trazidas no texto com outras dimensões cognitivas interpretativas. Por exemplo, o título do livro, *Universo em desencanto*, traz o *Desencanto* não só das estruturas e narrativas míticas das religiões tradicionais, que ele chama de conhecimento do temor trazido sobre a égide de *contos, lendas e histórias*, o qual não é mais bem visto pela comunidade positivista, como ele chama ao livre pensador acadêmico, detentor do alto nível de instrução do alfabeto artificial. Porém ele não para por aí, e retoma a concepção metafísica da existência associada a uma mudança ontológica da Natureza. Logo não é apenas desencanto social e cultural, mas desencanto da matéria, da existência na qual experienciamos.

Outro aspecto associado ao desencanto é a falência moral, física e financeira como ele chama, são aspectos, da falência cognitiva do pensamento e da imaginação, e que quanto mais se desenvolvem tecnologias sociais de melhoramento e conforto, mais a destruição da Natureza e do ser humano, pelo excesso de estímulos e desgastes com a vida social, ocorre, chegando ao ponto da construção de artefatos bélicos de destruição total das vidas no planeta. Nesse ponto ele associa a Natureza deformada com um ceticismo da civilização filosófica científica e religiosa no planeta, da qual é regida pelo alfabeto artificial, que por consequência é regido pela limitação cognitiva da máquina do pensamento e da imaginação, e que agora estão ainda mais degeneradas. Então quanto mais aumenta o progresso, de tecnologias, mais aumenta o regresso, a ameaça planetária e a falência diplomática e saudável da vida econômica e social da Humanidade.

Logo, dentro deste prisma, os estudantes passam a enxergar o plano das vaidades e ambições materiais, aqui também estão os vícios de personalidade, como uma ilusão, que deve ser vivida, mas que não é mais o foco de estar existindo. Dentro dessa ótica a vida simples, que não é ser pobre, mas no sentido estoico grego, de desapego as vaidades e ambições sociais, passam a constituir um método e um estilo de vida, dentro da vida material. E como ele aborda, *a vida começa a dar certo*, não no sentido de ficar rico e famoso, mas de entender a condição humana, e não se desesperar ou se apegar, mas encarar como ela deva ser encarada, como passional e passageira, e isso por se só é como um remédio para parte dos tormentos psíquicos dos seres humanos.

Logo, percebo que tais prerrogativas categóricas dos clássicos foram utilizadas, mas que só em partes tem interpretação cognitiva semelhante com a Cultura Racional.

A *Gaiola de Ferro* que Weber (2009) preconizava para a Modernidade, no seu desenrolar burocrático da História, uma vida social extremamente sufocante e desnaturalizada, e sua perspectiva de Desencanto do Mundo como morte do fantástico, do místico, até certo ponto Nietzscheano, uma vez que o desencanto como morte de Deus, da narrativa religiosa, pelo triunfo da racionalidade científica.

Ambas as perspectivas eram pessimistas dentro da ótica do autor, pois não parecia que a humanidade caminhava para uma qualidade de vida social com o desenvolvimento do burocratismo no capitalismo.

Já o Desencanto dentro da ótica Racional não é um ceticismo sem solução, um caminhar para destruição. Essa perspectiva apresenta a solução da falência moral, física e financeira da humanidade pela Imunização Racional, que é um desenvolvimento cognitivo e orgânico pelos estudos da obra *Universo em Desencanto*.

Existe uma forte assimilação dos estudantes na leitura dos livros, e similar a outras religiões, pela aceitação que no plano da deformação (plano material) só existirá a idealização de formas puras universais, mas nunca de fato a sua efetivação.

O *Bem* enquanto sistema social, só será possível, segundo o escritor (que se identifica como entidade suprema do mundo original que deu causa a matéria, o Racional Superior, no aparelho Manoel Jacintho Coelho), com o

desenvolvimento cognitivo Racional, e, portanto, é algo que transcende a lógica de organização cultural e social da vida do capitalismo ao de economias distributivas totalitárias.

Acredito que com o advento da perspectiva psíquica do Neoliberalismo, de uma certa busca individual, uma autoajuda, tal prerrogativa fica possível de ser incorporada e performatizada na vida social, uma vez que a Cultura Racional não requer templos, nem igrejas, a racionalização é livresca, a metodologia é a leitura diária desse conhecimento, a divulgação semanal em locais públicos, e a colaboração na confecção dos livros, para torná-los acessíveis a população em geral.

Com relação aos interlocutores, a maior parte dos estudantes observados são remanescentes do Santo Daime, que trabalham com uma linguagem também espírita, cristã, Kardecista e Umbandista, que está presente nos estudos da Cultura Racional, junto com as narrativas filosóficas e científicas. Para o escritor, o Racional Superior, no caso a entidade ligada ao escritor, *a Cultura Racional não é contra nada nem contra ninguém, mas a favor de tudo e de todos, a continuação e o início da cultura da humanidade*⁴⁹. Essa perspectiva eclética e também continuísta, também se faz presente no contexto histórico da atualidade, ainda que a obra tenha sido escrita antes do advento das mídias sociais.

Importante destacar, afim de que o leitor não interprete mal, que o presente tópico não pretende comparar os respectivos significados conceituais de *desencanto, racionalização, positivismo, fanatismo, religião* da obra lida pelos interlocutores dessa pesquisa, no caso o *Universo em Desencanto*, e os significados científicos sociológicos construídos nos estudos de Weber sobre a burocratização e racionalização do mundo e de Emile Durkheim a respeito da divisão do trabalho social e a função moral e funcional das religiões. O que quis expressar foi que a Cultura Racional trabalha com as categorias das Ciências Sociais, mas sobre um perspectivismo espiritualista da sua ontologia Racional.

⁴⁹ Esta frase é muito comum e repetida nas obras *Universo em Desencanto*, sua narrativa procura ser a verdade absoluta incontestável por ser desconhecida e revelada, portanto, um dogma. Porém a leitura diária recomendada tem uma função terapêutica e energética, nas palavras do escritor, *a leitura diária equilibra o aparelho*.

Desencantar-se é “se salvar”, pois o mundo do devir para esses estudantes é uma deformação de um mundo perfeito e original, por tanto uma prisão, uma caverna como na *Alegoria* de Platão (2000). A vida material temporária é o Encanto e o retorno a origem o Desencanto. Essas narrativas estão mais associadas as religiões brasileiras de matrizes africanas e indígenas originárias do que propriamente ao campo epistemológico científico. Portanto, apenas para elucidação do leitor as diferenças semânticas conceituais.

3.3.3. A Cultura Racional é a Cultura do 3º Milênio. Descrevendo e comentando categorias nativas dos estudantes de Cultura Racional e o sistema de transformação do mundo material e de retorno ao Mundo Racional.

Para mim, a ganância não é de fato um desejo; portanto, não é preciso fazer nada em relação a ela. É preciso, sim, compreender o vazio que se está tentando preencher e fazer a pergunta: “Por que estou vazio? Toda a existência é tão plena, por que estou vazio? Talvez eu tenha perdido o rumo. Não esteja mais me movendo numa única direção. Não sinto mais a vida, e essa é a causa de meu vazio”. Portanto, sinta a vida, deixe-se levar e aproxime-se dela em silêncio e paz, em meditação. E um dia verá como se torna pleno, preenchido, transbordando de alegria, bem-aventurança e bençãos. E possuirá tanto dessa dádiva que poderá doar ao mundo inteiro sem ficar exausto. Nesse dia, pela primeira vez, você não sentirá qualquer ganância em relação a dinheiro, comida, objetos ou qualquer outra coisa. Não viverá mais com uma ambição que não possa ser preenchida, uma ferida que não possa ser curada; viverá naturalmente, e o que for necessário você encontrará. (OSHO, 2021, p. 34).

Na Cultura Racional, milênios, eternidades, eras e degraus, são dimensões temporais, mas das quais não possuem o mesmo significado de tais significantes, no que ela chama de Alfabeto Artificial, de onde foram geradas as religiões, filosofias e a ciência moderna, no qual ela nomeia de Cultura do Encanto ou do Pensamento e da Imaginação. Como já fora falado anteriormente, sua concepção de raciocínio é também diferente da filosofia ocidental. Possuem mesmos significantes, mas significados diferentes. Então o Pensamento e a Imaginação são instituições cognitivas geradas das energias elétrica e magnética, que são a constituição elementar de todo o Mundo do Encanto, ou da Matéria.

Estava estudando algumas categorias nativas desse conhecimento no 26º volume do *Histórico*, que na ordem total, seria o 92º, já que são 21 livros da *Obra*, com média de 320 páginas, 21 da *Réplica*, com média de 120 páginas, 21 da *Tréplica* de 120 páginas em média, 1 *amarelinho* de 150 páginas, 2 *amarelões* de 320 páginas em média, e o *Histórico*, completando os 1000 livros, sendo que o *Histórico* possui até o 356 com média de 150 páginas e os restantes de fascículos entre 20 a 40 páginas com letras aumentadas.

Antes de mais nada, acredito ser interessante analisar as categorias nativas pela cognição de si mesma e não apenas relacionando com temas da Sociologia e da Filosofia. Essas categorias são a construção de visão de mundo e práxis de seus estudantes, e como este trabalho também é de Antropologia, deve-se considerar que este tópico não se preocupará em criar amarras com outros significantes, se não os da Cultura Racional, até porque, facilita uma tradução ao leitor e compreensão do mesmo de certos *Habitus* descritos aqui nas narrativas de vida desses estudantes que foram interlocutores desse trabalho.

Começamos, então, com algumas citações comentadas. Também gostaria de dizer ao leitor que passei 11 anos para ler a enciclopédia completa e que, no momento, estou relendo a três anos, e este livro, o 26º, assim como o primeiro da *Réplica* e o oitavo do *Histórico*, foram selecionados aqui para apresentar as categorias nativas. Vejamos essa primeira:

Para que ficassem assim, houve a formação do pensamento, para o desenvolvimento da mente e a mente pudesse entender e compreender a sua verdadeira semente...É com a evolução mental, surgir daí o entendimento e compreensão espiritual, para que pudessem evoluir e progredir cosmologicamente e espacialmente e atingir a meta desejada que era saber de onde vieram e para onde vão. (COELHO, 1977, p. 06).

Um dos mais antigos estudantes de Cultura Racional de Cuiabá, do qual tive oportunidade de conhecer em viagem para lá, comentou que o conhecimento Racional não é apenas de interpretação em si e para si. Ele é também uma *práxis*, no sentido de uma prática performática e vivenciada. Ele afirma que entender, compreender e sentir o conhecimento é com único meio e fim de colocá-lo em prática. Nesse ponto tem uma aproximação com os filósofos Helenistas, em especial os estoicos e os epicuristas. Porém, percebo que não finda em saber viver, sem preocupações, como os Estoicos Gregos, ou em sentir

prazer inteligente e moderado, a Ataraxia de Epicuro. Vai mais além disso. A meta final é a transmutação da matéria e libertação do habitante divino dentro da glândula pineal, para seu mundo de origem, o mundo que deu origem ao material, aqui chamado de Mundo Racional.

Sendo o Pensamento uma preparação material e cósmica, para encontrarem a meta final que é a origem de todos, de Racional... Encontrando assim, então, pela evolução do Raciocínio, o verdadeiro mundo de origem, o Mundo Racional. (COELHO, 1977, p. 06).

Além do benefício de controlar e entender como devemos observar o pensamento dentro das nossas atitudes e ações cotidianas, também é o estudo para chegar ao raciocínio, que é a cognição superior e ligação com a vida real, eterna, fora e sem matéria. Além disso, existe uma relação entre conhecimento espiritual com o desenvolvimento da história da humanidade e de sua potência cognitiva, como uma preparação, pois por si só, perde o sentido na vida do devir, tanto heraclitiano quanto hegeliano.

A evolução espiritual foi o início do desenvolvimento para depois de desenvolvidos passarem para um grau superior, que é o desenvolvimento do raciocínio, para entrar em contato com os habitantes do Mundo Racional, que são os seus irmãos, como tudo e como todos que existem nesse mundo são seus irmãos. (COELHO, 1977, p. 07).

Nessa concepção de existência, todos e tudo que existe no plano da matéria é de origem Racional, portanto, também é Racional. Como se Teseu fosse a Humanidade no labirinto do Minotauro, que seria o pensamento, e o fio de Ariadne, o Raciocínio, no qual, Ariadne como a Fase Racional, puxa a Humanidade de volta para fora do labirinto, antes que ela seja devorada por sua própria forma de viver no mundo, pensando e imaginando⁵⁰.

Todo ser diferenciado na matéria é irmão, porque é constituído em primeira instância pela energia Racional, e a deformação é que faz a diferenciação dos seres com ego e persona na matéria. Nesse momento fiquei a me indagar, não seria esse o verdadeiro átomo de Demócrito, a essência Racional de tudo que existe? Outro ponto interessante nessa cosmogonia, é que tudo seria de origem da água, que em algum momento teria sido a Planície Racional, ou “o chão do céu”, no sentido de espaço, lugar onde habitavam os

⁵⁰ Mito do Fio de Ariadne, na Grécia Antiga.

Racionais, ou melhor, onde Habitam, segundo essa perspectiva. Apenas o Sol teria outra origem, pois é formado pela energia dos habitantes, que é chamada de Virtudes, ou Vida desses seres.

Então antes de serem bichos, eram água, antes de serem água eram goma, e antes de serem goma, eram Planície Racional... Então a água é a vida e é o comando da vida, porque a vida é feita da água, todas as vidas, menos o Sol que foram as virtudes dos primitivos que começaram a progredir por conta própria em cima da planície que não estava pronta para entrar em progresso. (COELHO, 1977, p. 08).

Outro aspecto importante, são os marcos temporais, milênios, eras, eternidades, degraus. Milênio não são mil anos, mas um conjunto de eternidades, que por sua vez, são temporalidades finitas, mas infinitas para a compreensão temporal humana. Ele divide a mecânica de descida, ou deformação da energia Racional em Elétrica e Magnética, e o retorno a origem Racional novamente, em três milênios. O primeiro milênio seria a formação magnética e da imaginação, propriamente dita, no segundo milênio, as eternidades que estavam na formação elétrica e do pensamento, e o terceiro milênio o desenvolvimento do Raciocínio e o retorno da energia elétrica e magnética, em uma só, a racional.

Logo do mesmo jeito que desenvolvem os humanos, desenvolvem os planos de existência, as sete partes, o sol, a lua, as estrelas, a água, a terra, os animais e os vegetais, sendo que a humanidade sempre teria sido três em um, por isso o pensamento desenvolvido em relação aos demais seres, mas por ser desenvolvido pela mecânica elétrica e magnética, quanto mais se “progredir” na matéria, mais se destrói a existência, mais se banaliza o sentido de viver, e é daí que entra a compreensão nativa do que são os sonhos. Vejamos a citação a seguir:

Mas tudo sonho de quem ainda está sonhando que desta maneira ainda pode existir um paraíso no mundo inteiro, só mesmo de quem sonha demais...O sonho foi do animal livre pensador. Como animal ninguém podia se conhecer; agora na Fase Racional, todos saberão de onde vieram e para onde vão, como vieram e como vão... E por viverem sonhando, é que nunca souberam de onde vieram e para onde vão, por viverem sonhando. Agora na fase do raciocínio não, não há sonhos, há a realidade positiva e absoluta. (COELHO, 1977, p. 53)

Dentro dessa ótica, a consciência positiva, ou o *se conhecer*, na categoria nativa, é diferente da crítica aos dispositivos de alienação propostos por Marx (2011), no qual fala que qualquer metafísica de além mundo é um controle social da religião, o *ópio do povo* (MARX, 2011) ou de Nietzsche (2009) que seria um controle moral, com intuito de amortecimento da vontade de potência, de ser humano demasiado humano, nas palavras do mesmo, *aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força* (Nietzsche 2009)⁵¹.

Para a Cultura Racional, tanto os críticos quanto os alienados só concebem a perspectiva materialista da existência, mesmo os religiosos, mantém o fim em uma sociedade materialista, onde a espiritualidade é a evolução dentro da matéria. Logo, a consciência não brotaria do julgo moral, nem revolucionário materialista histórico, antes se aproximaria das concepções espíritas do que a concepção eurocêntrica de sociedade ou trabalho.

A inconsciência é viver de sonhos, e tanto o crítico, quanto o religioso, sonham com um mundo melhor, mas com as ferramentas do pensamento e da imaginação, no manejo de uma natureza em constante devir. Eles são encantados, mesmo que acreditem ou não em Deus, porque para o desencanto, Deus não é uma questão de crença, nem a Ciência é uma questão de fé ou confiar, mas uma questão de Logos, de lógica e, portanto, da esfera cognitiva do raciocínio.

Se a vida é o ciclo de viver e morrer, todo o ciclo é vida, e os sonhos são a lapidação do pensamento na substância da História e temporal (*Devir*), mas que para o conhecimento Racional, não tem sentido em si e para si, pois sempre se transforma, sempre o tudo vira nada. O sonho não é para fim do pensador, e sim, para fim de seu sofrimento para que tome consciência real ou positiva, que é o retorno ao mundo de origem. Toda a História material e ideal é inconsciente, pois não é um ser em si, mas para outro ser, o seu ser essencial e original, o Mundo Racional, e o Raciocínio em cada ser individualizado.

O que pude perceber sobre essa ótica na vida dos interlocutores é que o aparente ceticismo da vida material, em vez de se tornar um desespero, pelo

⁵¹ Sinceramente, acho linda essa frase. É poética como uma filosofia dionisiaca deve e pode ser. Não que admire o controle pela força de qualquer coisa, pois seria a prova do erro, mas no que tange a justamente o contrário, a democratização da fonte da vida, não um descontrole, mas sendo controlado pela fonte da vida, há de se ter uma certa admiração...

contrário, torna-se como uma lente, um escudo e uma alegria, que o faz viver mais em paz e sem expectativas com as ambições da vida da matéria, ainda que aparentemente sejam justas, como a revolução em seus aspectos ideais, mas que destrói o bem mais precioso, a própria vida, única chance real de ligação com o mundo Racional.

Nesse tópico quis elucidar alguns aspectos epistemológicos da Cultura Racional, todavia, se faz mister um contraponto instigado pela Filosofia e Sociologia da Religião, ainda que seja entusiasta de alguns pontos elucidados anteriormente. Faz parte do trabalho do antropólogo conhecer como os interlocutores concebem o conhecer, para que não incorremos no descuido do etnocentrismo epistemológico, e acredito que possa ser saudável discutir alguns aspectos sobre o viés da crítica, própria da linguagem filosófica e científica.

No que diz respeito a salvação, isso não é novidade se olharmos para outras matrizes religiosas, como também não é novidade ao sentimento de pertencimento a um grupo especial, que vai ser arrebatado, salvo ou eleito. Apesar também de os livros repetirem que não se trata de ciência, filosofia ou religião, nem seita e nem doutrina, possui diversos aspectos associados as epistemologias da ciência, religião e filosofia. Toda doutrina tem como seu carro chefe a perspectiva da verdade, do encontro transcendental, já que a razão “falhou” com a realidade nua e crua.

Nietzsche (2009) faz a crítica à moral do rebanho, pois ele sempre precisa de um líder para se espelhar, e para frear suas vontades de potências, enquanto na realidade ele precisa ser o senhor, e potencializar todos os aspectos que entusiasma a vida, que faz a vida ser mais vivida. Uma crítica ao esperar para a vida divina um bem-estar espiritual, enquanto na matéria teríamos que exercitar a abnegação e intenções com os prazeres mundanos, sociais e fisiológicos.

Percebo que alguns estudantes podem adotar tal prerrogativa com a Cultura Racional, e interpretá-la como uma religião, no sentido de *negação de si* e que sua condição de servo e de subserviente a suposta vida eterna imaterial, após a morte. Nas palavras de Nietzsche acerca da vida religiosa:

Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorar-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancara fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e

pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autossacrifício. Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos aqui diante de uma desarmonia que se quer desarmônica, que frui a si mesma neste sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica. (Nietzsche, 2009, pág. 99)

Nessa passagem o filósofo explicita o paradoxo da moral do rebanho, que é com a violência, com a força da moral ressentida com a vida, com a vitalidade, negar a própria vida. Porém, o que pude perceber no comportamento ético e moral dos estudantes é que no contexto da Cultura Racional o sujeito está de posse das duas éticas (moral do rebanho ou moral do senhor) propostas pelo filósofo.

A narrativa dos estudantes a tomada de consciência da vida temporária, o faz buscar viver como um estoico, sem ambições e ligações com vaidades, e sua promessa metafísica, é para agora, no estudar, no se transformar pela busca de desenvolver o raciocínio que o possibilitará ter condições reais de ser senhor de si, ou seja, uma “verdadeira” moral do senhor, visto que para essa concepção de vida enquanto o animal racional estiver regido pelo pensamento e a imaginação, será apenas uma ferramenta da Natureza, enquanto o cosmos material total, portanto *mais um tijolo no muro*⁵² na vida material.

Logo, mais uma vez, fica complicado uma comparação direta da crítica a negação de si, da vida mundana, uma vez que a qualidade da vida é desenvolvida (segundo os estudantes) mediante uma leitura, ou, um conhecimento, que melhora a vida mundana, ou seja, é preciso estar vivo e dizer sim a vida, porém esse sim, pode ser encarado como um não, uma negação, visto que o conhecimento Racional traz o ceticismo da vida do devir.

Outro ponto que percebo nas dinâmicas dos interlocutores, é um discurso narrativo filosófico e mitológico, pois é argumentativo pela lógica, mas também fantástico, pois trabalha com metafísicas, como os espíritos, como se fossem

⁵² *Another Brick in the Wall*. Música do Pink Floyd que significa mais um tijolo no muro, uma alusão a pessoa ser mais um tijolo no muro social, e também uma crítica ao muro de Berlim, que dividia a Alemanha até então quando o disco foi lançado em 1980. Aqui trouxe no sentido da ótica dos estudantes de Cultura Racional, que a transcendência a condição de tijolo do cosmos material depende da adesão e dedicação aos rios da Cultura Racional, que é ler a enciclopédia Universo em desencanto, Divulgar com painéis em praça pública, e busca no íntimo uma transformação moral tendenciada pelo grandioso fato de conhecer a si mesmo e a origem do universo.

dados empíricos, como realidade, e não hipótese ou crença. O campo moral também se faz presente e é um dos alicerces das religiões, pois, no caso da Cultura Racional, se existe um dever de fazer a propaganda do livro, de salvar o seu irmão, e de se salvar, mediante a leitura e a divulgação, ou seja, existe uma adesão a práxis religiosa, a um estilo de vida normativo nos parâmetros da Doutrina.

A influência da simbologia espírita de matriz africana é clara, porém com outros significados aos significantes, como por exemplo o Exu. Exu é um orixá na umbanda, uma entidade que trabalha os mundos, um mensageiro. Já na Cultura Racional, os Exus são seres invisíveis, do espaço térreo⁵³, e nos acompanham, aos animais racionais, como espécie de conselheiros invisíveis, nos transmitindo pensamentos que nos fazem agir, podendo agir para se prejudicar, sofrer, ou acertar, lapidar. Eles são invisíveis do espaço, mas também animais irracionais, fluidos elétricos e magnéticos. E assim várias outras simbologias de Umbanda são ressignificadas nesse discurso narrativo.

O fato é que, em 1935, na origem dos escritos do Racional Superior, era uma época entre grandes Guerras Mundiais e o racismo religioso era muito forte. A roupagem científica do Kardecismo, com explicações racionais para um suposto mundo espiritual, também estava a influenciar os centros espíritas umbandistas da época, que passavam por um branqueamento, no sentido de cultura europeia, de suas ritualísticas. Vejamos na citação a seguir este contexto histórico, nas palavras de Ricardo Neuman, no seu trabalho de Mestrado pela UFSC, intitulado: *“Cultura Racional: As leituras do maior homem do mundo”*:

Durante a década de trinta houve uma intensificação nas perseguições as religiões mediúnicas, fundamentalmente aquelas ligadas ao passado africano, como a Umbanda. As novas condições de urbanização dos grandes centros do sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) foram um fator preponderante nesse processo, já que as práticas rituais das religiões mediúnicas afro não se “adaptavam”, na visão das elites “civilizadas”, à nova ordem vigente decorrente do crescimento das cidades. Com isso, intensificou-se o trabalho dos chamados intelectuais de Umbanda, que tentavam dotá-la de um reconhecimento social de seu capital simbólico. Ortiz, fala de um processo de “legitimação racional”, no qual esses intelectuais tentarão dotar a Umbanda de uma base doutrinária

⁵³ Na Cultura se trabalha com estratificação de astrais, por exemplo, astral térreo, são seres que habitam o espaço próximo ao chão da Terra, já astral inferior próximo ao Sol, astral superior, acima do sol e das vistas materiais possíveis, e por fim o mundo racional.

Eucarística, a fim de separá-la do caráter ágrafo do Candomblé. (NEUMANN, 2008, p.11).

Uma “cientificação”⁵⁴ das religiões espíritas, era também um impulso do etnocentrismo europeu, mas também o processo de continuidade das interações culturais mundiais. No próprio livro o Racional Superior diz que o Brasil é a terra escolhida por Deus, por aqui correr o sangue de todas as nações, e que a cor de pele bronze, típica do brasileiro, era a demonstração que tínhamos os fluidos de todos os povos.

Essas concepções não trazem os conflitos de colonialidade e racismos religiosos, que abordaremos mais a frente, pelo contrário, reforça um certo mito da democracia racial brasileira, que autores como Gilberto Freire, flertaram em suas interpretações sociológicas da formação nacional do Brasil.

Porém, a até que ponto podemos afirmar, enquanto cientistas, detentores da crítica argumentativa empírica, que toda uma matriz de conhecimento religiosa se procedeu por influências históricas de fundação? Ou até que ponto os significados que se dão em matrizes de conhecimento religiosa tem que serem analisadas pela crítica científica empírica? Pode se ter o diálogo, as suposições, mas o respeito as dimensões epistêmicas.

Nesse ponto não posso adentrar, prefiro a descrição, e o contraponto sem sair do jogo limpo, ou seja, na intenção de destruir, ridicularizar pelo meu crivo epistêmico, dessa forma sairia do que considero Ciência e Antropologia. É possível elaborar críticas, mas não desconstruir matriz de conhecimentos dogmáticos religiosos, ou não é o meu ponto aqui.

Aqui o ponto é mais de compreender por que as buscas existenciais de estrangeiros viajantes no Brasil vão se colidir com religiões aiuaqueiras, e posteriormente, com a Cultura Racional, que a meu ver tem um forte vínculo com a Umbanda Brasileira e ao mesmo tempo com o discurso filosófico existencial antropológico e cosmológico.

Por fim, acredito que a discussão de *Habitus* (BOURDIEU, 2011), do Neoliberalismo, da exaltação da busca individual, do *projeto reflexivo do eu* (GIDDENS, 2006), como fora comentado anteriormente, e como voltarei a

⁵⁴ Mais no sentido de discurso narrativo científico do que de procedimentos instrumentais científicos.

trabalhar no *Capítulo 5*, tem toda a relação com as possibilidades performáticas dos interlocutores e dos aspectos simbólicos existenciais que se afinam.

Por hora ficamos com essas abordagens elucidativas de conceitos e a seguir continuaremos a discorrer sobre as reconfigurações e os impactos sócios ambientais das relações sociais ocorridas com a expansão do turismo nas localidades e intersubjetividades analisadas.

4. Os impactos e reconfigurações ocorridas com as interações sociais impulsionados pela migração e o turismo

Nessa seção vamos descrever alguns aspectos de modificações sociais, urbanas, psíquicas e culturais, que vamos metodologicamente chamar de *reconfigurações sociais* (ELIAS, 1994) e transformações de *Habitus* (BOURDIEU, 2011).

As reconfigurações, para serem entendidas, precisam de breve retorno ao passado, através da pesquisa das narrativas de vida e etnografia, afim de dimensionar o que existia como configuração social em dado momento, e como isso se reconfigurou em novas dinâmicas sociais e pela ressignificação cultural causada pelo contato interacional de vários *Habitus*, ou seja, de vários códigos culturais incorporados, em interação objetiva e subjetiva, e, relacionados, interagidos em *espaços transterritoriais* (Jeri, Canoa), ao mesmo tempo em que são seus construtores, seus ressignificadores, os próprios *agentes de modelagem social e cultural* desses *espaços transterritoriais*.

4.1. Do sonho da Pasárgada ao Turismo Antrópico internacional

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino

Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcaçoide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*, 1930)

Não, eu não sou Bandeira, mas quanta semelhança em 90 anos de distância... A fome de sexo, aventuras e loucura parecem a oposição saudável frente à também saudável dicotomia da *civilização civilizada*. Essa Pasárgada é possível em contexto de hiperindividualismo causados pela sutil e *rejeitada* onda Margaret Thatcher de Neoliberalismo apocalíptico? A suscitada questão de *onde aterrar ou como aterrar* (LATOURE 2020) chegou até as zonas turísticas que pregavam a possibilidade de viver o Paraíso na Terra, com relações de capitais internacionais simbólicos em agências humanas e não humanas em interação socioambiental.

Nessa crítica de uma globalização reducionista, que induz à homogeneização, que obriga a todas as manifestações culturais locais do Planeta a terem o parâmetro epistêmico da modernização *paneurocêntrica* (SANTOS, 2019) e sufocam suas relações locais, Bruno Latour (2020) nos faz pensar se é reação à modernização da vida, ou resistência a tal obrigação subjetiva e objetiva da existência no planeta Terra, o que alguns críticos ao modelo acelerado de intervenção antrópica mediada pela sociedade associada do capitalismo internacional, ou simplesmente, o incomodo de antigos artesãos em praias turísticas no litoral cearense. Nas palavras de Latour (2020):

Recusar a modernização talvez seja um reflexo do medo, uma falta de ambição, uma preguiça nata, sim; mas, como bem disse

Karl Polanyi, a sociedade sempre tem razão em se defender contra ataques. Recusar a modernização é também resistir corajosamente, recusando trocar sua província por outra – Wall Street, Pequim ou Bruxelas – ainda mais estreita e, sobretudo, infinitamente distante; por consequência, muito mais indiferente aos interesses locais. Será que é possível fazer os que seguem entusiasmados com a globalização-menos entenderem que é normal, que é justo, que é indispensável querer conservar, manter, garantir o pertencimento a uma terra, a um lugar, a um solo, a uma comunidade, a um espaço, a um meio, a um modo de vida, a uma profissão, a uma habilidade? Reconhecer esse pertencimento é justamente o que nos mantém capazes de registrar mais diferenças, mais pontos de vista e, sobretudo, de não reduzir sua quantidade. Sim, os “reaças” se enganam a respeito das globalizações, mas os “progressistas” também se enganam sobre o que mantém os “reaças” presos a seus usos e costumes. (LATOUR, 2020 p. 20).

Realmente, uma discussão interessante essa levantada por Latour, e que até certo ponto, tornou o meio sociocultural, ou os meios, conhecidos como *alternativos*, de uma complexidade jamais vista. A reação e a resistência, por vezes, estão bem delimitadas e separadas, mas por vezes, ocorrem certas mesclas praxiológicas, que desafiam o cientista social mais cartesiano.

Pessoas que se reivindicam *alternativas*, como os artesãos viajantes de *estradas* (interlocutores desse texto), por considerarem seus *estilos de vida* (GIDDENS, 2006) como rupturas tácitas e táticas ao sistema de normas e padrões culturais hegemônicos, e por considerarem suas trajetórias de vida, de resistência à vida *antinatureza*, ou que eles consideram como algo que os oprimem dentro, subjetivamente, e fora, nas relações socioeconômicas.

Porém, a contradição entre poder econômico e acesso ao meio alternativo na atualidade, como pousadas de modelos sustentáveis e ecológicos, parecem esvaziar a crítica ao capitalismo por parte do meio alternativo, uma vez que o empreendimento capitalista é o suporte para o projeto, e a unidade grupal, na perspectiva da bolha, retira o contexto da sustentabilidade como um projeto de equidade social, e não mais uma *Arca de Noé*⁵⁵.

Antes de adentrarmos na discussão empírica com os interlocutores da pesquisa, façamos breve relação da discussão de historicidade, questões ambientais, modificações objetivas e subjetivas de agentes, autorrelações e

⁵⁵ Alusão a Arca de Noé, como se fosse possível construir seu paraíso em empreendimentos capitalistas que ignoram o restante do dilúvio social que perpassa o Planeta em crises ambientais e sociais intercontinentais.

disposições de *hysteresis* (BOURDIEU, 2011a), e Antropoceno no contexto mais geral, tomando por base a discussão de Latour (2013) e Mignolo (2017), de necessidade da associação crítica entre capitalismo, modernidade, Antropoceno e colonialidade.

4.2. Historicidade das questões socioambientais na contemporaneidade e das subjetividades envolvidas

E se tivermos errado o caminho? Na verdade, nossa sociedade “moderna” nunca funcionou de acordo com a grande divisão que funda seus sistemas de representação do mundo: a separação radical entre a natureza, de um lado, e a cultura, de outro. Na prática, os modernos não pararam de criar objetos híbridos, que pertencem à natureza e à cultura ao mesmo tempo, e que eles se recusam a pensar. (LATOURE 2013, p. 12)

Repetindo a célebre indagação de Bruno Latour mencionada acima: *E se tivermos errado o caminho?* E vendo a possibilidade de mais uma indagação: *Então, qual seria o caminho certo, o que era errado?*

Talvez, novamente, a questão não seja dicotômica, de certo ou errado, mas de todo jeito, analisemos melhor a questão, pra não dizer o *mito*, de *ser moderno, de ser a cultura uma atividade supranatural e sobre o natural*, enfim, compreender a atual narrativa crítica ao conceito de modernidade em oposição ao tradicional, de sociedade em oposição à natureza, dentro do contexto histórico, em que emergem movimentos sociais ambientalistas e uma atmosfera internacional de preocupação com um apocalipse planetário causado pelo sistema desenvolvimentista sem sustentabilidade ambiental e social.

No livro *Jamais Fomos Modernos* (2013), Latour argumenta que a construção da narrativa da *Modernidade*, do *cidadão moderno*, foi mais uma tentativa de imposição epistemológica do Ocidente capitalista em relação ao resto do planeta. A narrativa traz consigo a ideia de estágio cultural superior aos demais, com o advento da vida civilizada e científica.

Longe de ser um obscurantista ou um *anticiência*, mas justamente o contrário, o autor argumenta que, para se fazer ciência, antes de mais nada, é preciso ter ciência de que a bandeira da Modernidade não era tão insolúvel como se apresentava, que a dicotomia *cultura e natureza* nunca existiu de fato, e que, na realidade, todo o esforço nessa separação nos mostrou que essas instâncias

nunca estiveram segregadas, e que a *hibridez* é a real situação de toda a *Modernidade*. Por isso, em defesa da Ciência, ele pretende fazer justiça e encarar que a separação do ser humano civilizado para o ser humano selvagem, nunca teve uma separação definida na essência, mas que essa própria divisão é parte do discurso de dominação cultural e subjetiva, e que nunca ocorreu uma divisão clara e essencial de *natureza e sociedade*, mas sim, uma narrativa pseudocientífica no *campo de disputas simbólicas de poder* (BOURDIEU, 2013).

Multiplicam-se os artigos híbridos que delineiam tramas de ciência, política, economia, direito, religião, técnica, ficção. Se a leitura do jornal diário é reza do homem moderno, quão estranho é o homem que hoje reza lendo estes assuntos confusos. Toda a cultura e toda a natureza são diariamente reviradas aí...Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem. (LATOURE, 2013, p.08).

Nesse trecho do mesmo livro, Latour vai expor que os noticiários relacionam desde a Aids, a fome na África, das crises ambientais e climáticas com o cotidiano de jornais televisivos. Também aborda que, na própria academia, a Universidade, a tal segregação exata das profissões, e linhas de conhecimento, não conseguem escapar da *holisticidade e da hibridez* que a epistemologia possui. Como separar ou opor natureza e sociedade, se a sociedade é uma questão da natureza e a natureza é uma questão cultural e social? Concordando com Latour, só que ainda num contexto mais interligado e informatizado que o período em que o autor escreveu essa obra, é só acessarmos o canal de notícias pelo celular, e instantaneamente veremos coronavírus, crise econômica, queimadas e distúrbios climáticos, relações tensas comerciais e políticas, entre China, EUA e Afeganistão, tudo *ao mesmo tempo, e agora!*

A narrativa criticada por Latour, acredito eu, também é estabelecida por outros teóricos, porém, numa associação da Modernidade, ou pelo menos ao projeto, como uma continuidade de estruturas psíquicas e institucionais da *Colonialidade*. Implicitamente, o projeto da civilização e do domínio da cultura sobre a natureza, justificada pela *ontologia praxiológica* do Homem, o *direito*

divino da Razão, ou o direito essencial do homem Ratio, “à la Kant”, sobre a dimensão...

O que está sendo tirado de nós diz respeito a nossos vínculos, nosso modo de vida; é uma questão de solo, da propriedade que desaba sob nossos passos, e essa preocupação atinge todos da mesma forma, tanto os antigos colonizadores quanto os antigos colonizados. Na verdade, não, ela apavora muito mais os antigos colonizadores, menos habituados a essa situação que os antigos colonizados. A única certeza é que todos estão diante de uma carência universal de espaço a compartilhar e de terra habitável. Mas de onde vem tanto pânico? Do mesmo profundo sentimento de injustiça experimentado por aqueles que se viram privados de suas terras à época das conquistas, depois durante a colonização e, por fim, durante a era do “desenvolvimento”: uma força vinda de fora o despoja de seu território e você não pode detê-la. Se é isto a globalização, então compreendemos retrospectivamente por que resistir sempre foi a única solução, por que os colonizados sempre tiveram razão em se defender. Esse é o novo modo de perceber a condição humana universal – uma universalidade completamente perversa (a wicked universality), é verdade, mas a única da qual dispomos, uma vez que a precedente, a da globalização, parece desaparecer do horizonte. A nova universalidade consiste em sentir que o solo está em vias de ceder. (LATOURE, 2020, p. 40).

Nessa obra mais recente, *Onde Aterrar?* (2020), Latour desenvolveu melhor a temática do parâmetro Colonial da Modernidade, que lidou com a “Natureza”, no que o homem europeu moderno considerou como cenário legítimo de sua usurpação infinita, os *recursos naturais*, e apesar da bandeira da Racionalidade Iluminista da narrativa Civilizadora Europeia sobre o mundo (“civilizar” não só aos *não-modernos*, mas na prepotência de dominar a Terra e o Universo, os *não-humanos*)⁵⁶, os pressupostos de superioridade racional, para imprimir com violência o domínio de povos com outras dinâmicas de existência e do próprio planeta Terra, não parecem terem bases racionais assim como anunciam...

O fato é que, de repente, a violência da perda do chão, não só do território, mas de todo o complexo de existência integrada de natureza e sociedade, agora passa a ser sentida pelos próprios que usurparam, a questão é que o planeta

⁵⁶ *Não modernos*, segundo Bruno Latour e Philippe Descola, seriam as sociedades que não possuem a matriz ocidental capitalista eurocêntrica como parâmetro de sociabilidade, já os *não humanos*, aqui no contexto mais amplo que os reinos vegetal e animal, biotípico, englobando, geofísico, como os minérios, e até o cosmos, expansão para órbita e estudo de possíveis locais de moradia humana extraterrena, tal qual a lógica é a mesma de antropocentrismo, na centralidade do humano sobre “os planos e as coisas”, a lógica da modernidade que divide cultura de natureza, sendo a primeira ativa sobre a segunda.

Terra ainda é a única possibilidade de moradia e existência para *modernos e não modernos*, e a extensão desse modelo predatório com retórica racional, ameaça agora seus próprios gerentes. Como dizia Marx (1985), *o feitiço virou contra o feiticeiro*, porém, ainda muito maior as consequências do *feitiço*, que além do fetiche do capital e da mercadoria (MARX, 1985), transformou-se em uma conjuntura de destruição do próprio jogo, ou seja, *do feitiço e dos feiticeiros*.

A violência epistemológica e simbólica da *Modernidade*, foi e ainda é, tacitamente e taticamente declarada. Falar inclusive de narrativa de *Modernidade, Civilização*, sem falar dos aspectos da *Colonialidade*, herança amarga e estrutural do *Colonialismo*, é chover no molhado, ou pelo menos, ocultação de uma das mais fortes variantes sociais que influenciou a construção do *mito da Modernidade*, acompanhando a linha de raciocínio de Latour em diálogo com Boaventura Santos (2019) e Walter Mignolo (2017), críticos das matrizes epistemológicas e suas estruturas de poder, oriundas da herança Colonial. Nas palavras do próprio Mignolo:

A tese básica – no universo específico do discurso tal como foi especificado – é a seguinte: a “modernidade” é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a “colonialidade”. A colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. Por isso, a expressão comum e contemporânea de “modernidades globais” implica “colonialidades globais” no sentido exato de que a MCP é compartilhada e disputada por muitos contendores: se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais. Consequentemente, o pensamento e a ação descoloniais surgiram e se desdobraram, do século XVI em diante, como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados. No entanto, “a consciência e o conceito de descolonização”, como terceira opção ao capitalismo e ao comunismo, se materializaram nas conferências de Bandung e dos países não alinhados. Esse é o cenário da transformação de um mundo policêntrico e não capitalista antes de 1500 para uma ordem mundial monocêntrica e capitalista de 1500 a 2000. (MIGNOLO, 2017, p.02).

Este é o cenário que se configura na contemporaneidade. Bourdieu (2011a) ressaltou a importância de uma Sociologia da Ciência, e da própria Sociologia, como uma espécie de estudo sobre quem estuda, quem analisa, quem é perito. Um estudo sobre as perícias e os peritos científicos. O

interessante disso, é que em algum momento essa Ciência Ocidental reflexiva, em uma auditoria consigo mesma se deparou com a *Colonialidade*, e se assustou com o que viu, pois longe de ser um fenômeno a parte de suas esferas, era justamente o contrário, um sustentáculo legitimador da epistemologia Norte Eurocêntrica, exportador do modelo Ocidental capitalista.

E por que falar nisso? Porque a epistemologia e a prática são indissociáveis. A visão de cultura Ocidental civilizada redentora do selvagem *in natura* fora a mesma que separou a sociedade da natureza, e que criou um modelo desenvolvimentista sem planejamento ambiental, como se fossem entes à parte da Natureza, e não a própria Natureza. Vejamos a passagem de Ribeiro a respeito do contexto de novos movimentos sociais ambientalistas:

O destaque à crise ambiental correspondeu, essencialmente, à formação de um movimento social tecido sob uma nova racionalidade ambiental que enxerga no intercâmbio indissociável entre os elementos sociais e os processos ecológicos um fator crucial de sobrevivência da espécie humana (LEFF, 2010). Tal interpretação sinaliza uma ruptura na edificação do pensamento ambiental, e receberá novos contornos ao longo das décadas de modo a constituir uma faceta paradigmática, que impõe dilemas e obstáculos ao desenvolvimento concebido na modernidade. Assim como atesta Porto-Gonçalves (2006, p.51), “até a década de 60, a dominação da natureza não era uma questão e, sim, uma solução – o desenvolvimento”. (RIBEIRO, 2012, p. 213)

De maneira que, a configuração de uma sensibilidade ambiental sustenta este novo paradigma constituído no processo de globalização, quando as visões em relação à natureza se modificam e as interpretações e indicadores relativos ao desenvolvimento estabelecem alternativas às vertentes paradigmáticas impostas pela economia do crescimento sem limites. O meio técnico-científico será fundamental para a construção cultural da questão ambiental, a partir dos padrões normativos construídos na esfera política internacional. (RIBEIRO, 2012, p. 214).

Interessante observar, que na segunda passagem, em contraposição à primeira, mostra que a Ciência, antes pautada numa Modernidade que exauri a Natureza e a separa da Cultura, como pressuposto de *Moderno*, do desenvolvimento sem considerar o que está sendo desenvolvido, passa a ter papel central no movimento de restauração, de integração e de reconhecimento da natureza como agência social.

5. Sociologia da Mobilidade no século XXI e Disposições da Colonialidade a luz de Contextos Equatoriais

Neste capítulo vamos trabalhar com a discussão teórica a respeito da Colonialidade nas relações internacionais no âmbito da CPLP e um paralelo com outras zonas equatoriais, como os países caribenhos, que foram antigas colônias, e que possuem estruturas econômicas, psíquicas e culturais, marcadas pelo colonialismo e a colonialidade.

A proximidade cartográfica social, também levanta críticas em relação as outras regiões do Brasil, em relação ao Norte e Nordeste, que comungam em seu imaginário um elo de superioridade social, racial e econômica, não podendo ser vistas de formas homogêneas. Tal parentesco trazido pelo colonialismo e a colonialidade, será apontado neste tópico como maior proximidade entre o Nordeste brasileiro, os países da CPLP e do Caribe, do que propriamente, entre as regiões do Brasil.

O presente tópico foi corroborado com o contato com a UNILAB, já mencionado na *Introdução e Prefácio*, e achei importante aproveitar meu estudo sobre os países de língua portuguesa na África, os Estados Nordestinos do Brasil e os Países Caribenhos, para uma discussão a respeito das tradições colonialistas inseridas nas relações do turismo, e da cultural em geral de países próximos à Linha do Equador, que até hoje sofrem com aspectos mais selvagens e violentos da colonização fruto da colonização e do eurocentrismo na bandeira de um iluminismo universalista e civilizatório.

5.1. Nem Norte e Nem Sul, a maior parte das desigualdades sociais, encontram-se próximo ao Equador

O título do tópico sugere uma crítica à ideia de divisão Norte-Sul, como dominantes e dominados. Na realidade, dominantes e dominados, estão espalhados por todos os países em todo o Globo terrestre. A luta de Classes, é latente, mas as lutas pela vontade de poder, ultrapassam qualquer conjuntura econômica, sem as menosprezarem.

A grande realidade, é que essa teoria Norte-Sul, sempre ocultou uma grave realidade, que os países e regiões próximas ao Equador, são o Sul do Sul,

ou seja, são estratificadas e subordinadas por países periféricos, mas em emergência de serem centrais... A questão está longe de ser geográfica, mas a Geografia em números estatísticos também se faz presente, e a Antropologia ou Microsociologia, ou Psicologia Social, podem até ignorar, mas não podem contradizer os números.

Bem de longe, sabemos que o Nordeste Brasileiro, um exemplo de *Sul do Sul* dentro do território político, social e cultural brasileiro, é onde se situam os maiores índices de pobreza, fome e violação aos direitos básicos humanos. Não é à toa, que a maior parte dos países Africanos de língua Portuguesa estão também nessa zona equatorial, com exceção de Angola e Moçambique que também são massacrados pela miséria e violência.

Outro setor próximo ao Equador que também sofre muito com as dinâmicas políticas e econômicas internacionais, é a zona costeira caribenha, onde, até Cuba, com sua autonomia política relativa, sofre com bloqueios econômicos e políticos terríveis. Veja os uma passagem de Marín Guardado (2010) a respeito do turismo caribenho Mexicano:

Ahora bien, en el presente la producción de “destinos” turísticos, de espacios-mercancías, refiere a una industria dinámica que responde y al mismo tiempo crea nichos de consumo. Este proceso es cada vez más complejo y permeado por la creciente competencia entre países y regiones por atraer los flujos de turistas y sobre todo, las inversiones de capital, lo que supuestamente garantiza la inserción del destino en el mercado mundial. De ahí que observaremos una “turistificación” intensiva por todos los lados del mundo, representada por la promoción de circuitos turísticos que presentan una oferta diversificada, donde se instrumentalizan diversos recursos, valores y símbolos: entre ellos, paisajes, biodiversidad, arquitectura, historia, cultura, personas, texturas, colores y sabores. (MARÍN GUARDADO, 2010, p. 234).

Trago toda esta discussão, pois parece que tais locais, onde acabo de posicionar como regiões com maiores índices de pobreza e subdesenvolvimentos, são cada vez mais procuradas por investidores do turismo, e também, por pessoas civis que almejam mudarem de vidas e saírem das grandes metrópoles internacionais.

Como bem explica Marín (2010), os investimentos são por toda parte do mundo, e na dinâmica selvagem do neoliberalismo em países periféricos, a usurpação e mercadorização ocasionada pelo fluxo da indústria do turismo,

resulta em um processo ainda muito marcado pela desigualdade econômica e a transformação desigual de culturas e saberes populares pelas atividades de padrão capitalistas.

A cultura local é transformada em mercadoria, e espetáculo. Vejamos mais um ponto levantado por Marin na península de Yucatán:

Es así que en la península de Yucatán podemos identificar el auge de la especulación inmobiliaria, asociado a la apropiación y privatización de la costa, la restauración de los centros históricos (de Mérida y Campeche, principalmente), lo mismo que la Expansión de la patrimonialización de la cultura con fines políticos y comerciales, de ahí que el Gobierno de Yucatán emprenda el proyecto para construir a Chichén Itzá como “la capital de la cultura Maya”. Igualmente, se destaca la proliferación de eventos culturales y espectáculos que sirven para proyectar la imagen del lugar y atraer a turistas, de ahí el afán por organizar el festival Internacional de Jazz en Playa del Carmen o el interés del Gobierno de Yucatán por promover la entidad a través de telenovelas, programas de televisión y la organización de conciertos como el Plácido Domingo, Sara Brightman y Elton John en el sitio arqueológico de Chichén Itzá. (MARÍN GUARDADO, 2010, p.235-236).

Mais uma vez vemos o combinado capital, turismo e espetáculo da vida local, das atividades culturais transformadas em produtos de entretenimento na esfera do Turismo, tão comum aqui no Nordeste brasileiro também.

5.2. O turismo como processo civilizador e colonizador ocultado

O turismo é uma atividade de extrema relevância para o desenvolvimento econômico capitalista em localidades com potenciais paisagísticos ambientais e culturais, em todas as partes da Terra. Interessante como as facetas do capitalismo se movimentam pelas sociabilidades na história. Em algum momento tivemos contextos de expansão marítimo comercial e o comércio capitalista de mão de obra escrava, o chamado sistema mercantil colonialista.

Por trás dessa expansão de modelo econômica, a sustentação ideológica, religiosa e estrutural das invasões, dos genocídios, da exploração das culturas e paisagens, em formato mercantil. A colonização foi a base para a expansão mercantil, mas também para o cristianismo do espírito do capitalismo, tão descrito por Max Weber, *Na Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1997), e os padrões coloniais subjetivados, a perpetuação da colonialidade e do

racismo estrutural na história de praticamente todos os países que foram colônias ou que foram colonizadores. O racismo estrutural é o cimento da História do Brasil, mas também é de Portugal, e porque não dizer, do capitalismo, como fala brilhantemente o historiador pernambucano e teórico marxista Jones Manoel.

A construção da colonialidade, da ideia universal de civilização, e com isso o Processo Civilizador, como uma internalização de *habitus e disposições sociogenéticas e psicogenéticas* (ELIAS, 1997), estão entrelaçados com o patriarcalismo, o patriarcado e o racismo, proveniente principalmente da escravidão africana e da dominação cultural dos povos ameríndios, pelos processos de usurpação e catequização, mediante a educação religiosa e a proibição de suas culturas e epistemologias nativas.

Digo isso para adentrar nos dispositivos de continuidade colonialista mais sutis, como o desenvolvimento do turismo nas regiões. O Turismo não é uma invasão militar, como o foi o “descobrimento” das “Américas”. Mas é uma invasão do capitalismo, uma vez que a especulação imobiliária, os empreendimentos, e atividade de entretenimento fazem circular uma economia e gerar uma cultura para receber tais dinâmicas sociais e econômicas. Isso também implica em criação de sociabilidades e subjetividades, que tanto foram apresentadas etnograficamente aqui.

Então, por que o Turismo é também um processo civilizador e colonizador ocultado? Porque ele também promove uma educação, rotinas, depreciações de antigas atividades socioculturais, e trazem a dinâmica dos fluxos migratórios, e com elas, as novas formas de sociabilidade realizadas nas interações entre os diversos tipos de agentes sociais e culturais, desde ao pescador da doutrina do Santo Daime, como ao Irlandês proprietário de embarcações nos rios da Amazônia.

Contudo, esse trabalho identifica não apenas pessimismo e impactos destrutivos nesses processos ocultados, mas sim, obviamente, onde o capital se expande, tende a causar danos, desigualdades, relações de exploração, usurpação, danos etnológicos etc. Mas o romantismo da conservação isolacionista, virou algo não mais palpável na era *cyberdigital* de redes sociais. A colonização atravessou as fronteiras do turismo, na realidade, porque já estava lá um tanto disso.

Portanto, a expansão do capital com o advento da expansão das atividades turísticas, não são todas iguais, apesar de todas possuírem pontos similares. As questões culturais e sociais dos locais também interferem nesses processos. Existem turismos mais agressivos e destruidores, e outros que parecem ter mais controle e democracia de acesso as diversas classes sociais que configuram os *lócus* turísticos, aqui no caso, Cano, Jeri, Maragogi e Praia do Francês.

Podemos sempre observar, que em grande maioria, o marcador racial do turista com capital econômico é o branco europeu, mesmo daqueles provenientes do Estado brasileiro, e que, em contrapartida, os trabalhadores são as pessoas com pele parda ou negra, como os artesãos, os garçons, garis, guias, bugueiros, rendeiras, cocadeiras, dentre outras atividades laborais de serviços.

5.3. Proximidades socioculturais e ambientais entre o Nordeste Brasileiro, o litoral caribenho e os países Africanos de língua Portuguesa. Marcas estruturais do Colonialismo e da Colonialidade de regiões periféricas

Como já fora abordado nos tópicos anteriores a expansão do modelo turístico internacional nordestino tem suas similaridades com os modelos dos países de língua portuguesa africanas, como Angola, Guiné Bissau e Moçambique, como também com a costa caribenha. Todas as regiões possuem o que em comum? Histórico de formação social e nacional a base da escravidão de africanos, a catequização e aculturação dos povos originários, e a construção de um sistema simbólico e econômico de privilégios as famílias colonizadoras, que chega até a questão do marcador racial, no caso os descendentes de europeus, os brancos.

Acompanhado ao racismo, portanto, existe o sistema de branquitude, que traça a cartografia racial e social desses países marcados pela colonização, a catequização e aculturação de povos ameríndios e a escravidão mercantil africana. Como aponta Karl Marx (1985), em *O Capital*, a geração originária da riqueza da burguesia europeia, que deu suporte para a revolução industrial e a continuidade até os dias atuais, foi a pirataria, o saque dos recursos minerais, o metalismo, a destruição de culturas e subjetividades, e a imposição de um

sistema simbólico e econômico universal e universalizante, chamado de civilização.

O Nordeste Brasileiro, com o declínio do açúcar, e a ascensão do ouro e posteriormente do café, migrou a geopolítica do Brasil para o Sul e o Sudeste do país. O desenvolvimento, por exemplo, de Jericoacoara e Canoa Quebrada, em nível de turismo capitalista, iniciou na década de 1980, e apenas após a década de 2000 realmente tomou proporções muito maiores.

O Caribe, região da América Central, também fora marcada por escravidão intensa de africanos, aculturação e catequização de indígenas nativos, e de imposição dos sistemas simbólicos das matrizes coloniais de poder (MIGNOLO, 2017). Não é à toa que se chama Maragogi de Caribe Brasileiro, em parte por conta da paisagem com corais e mar azulado, mas também, pelas etnias, pelas desigualdades, pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), e pela relação patrimonialista, com privilégios concedidos à branquitude. Fanon (1983) relata bem essa realidade em Martinique, sua ilha natal. A pressão que os negros sofriam por serem eles mesmos, tendenciando a usarem até maquiagem para “embranquecer”.

Pelos relatos dos colegas de trabalho do projeto da UNILAB, também se constatava que o turismo não era para usufruto dos povos africanos originários, mas sim, e principalmente, de europeus e norte-americanos. Falavam, também, que em Angola, o sul e o norte do país possuíam regionalismos, e que a parte sul, mais mestiça, portanto, mais embranquecida, tinha costume de hostilizar e zombar das etnias rurais da parte norte, com o termômetro da civilização europeia como elo de distinção.

Portanto, as similaridades, além de geográficas físicas, são também históricas, antropológicas, e sobretudo, sociológicas. A colonialidade e o racismo estrutural, num sistema de privilégios aos descendentes de europeus, é a marca dessas regiões marcadas pela história da colonização, da catequize e da escravidão africana, e além desses fatores, também o patriarcalismo, o patriarcado.

Desde o século XVIII, sobretudo com o iluminismo, no eurocentrismo foi-se afirmando a mitológica ideia de que a Europa era pré-existente a esse padrão de poder, que já era antes um centro mundial do capitalismo que colonizou o resto do mundo, elaborando por sua conta, a partir do seio da modernidade e da racionalidade. E que nessa qualidade, a

Europa e os europeus eram o momento e o nível mais avançados no caminho linear, unidirecional e contínuo da espécie. Consolidou-se assim, juntamente com essa ideia, outro dos núcleos principais de colonialidade/modernidade eurocêntrica: uma concepção de humanidade segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos... Não só o liberalismo, mas também no chamado materialismo histórico, a mais difundida e a mais eurocêntrica das vertentes derivadas da heterogênea herança de Marx. (QUIJANO, 2009, p. 75).

Como aborda Quijano no trecho acima, até concepções críticas à sociedade do capital, não conseguem se desvincular das perspectivas de colonialidade epistemológicas. A tal sequência histórica de sistemas produtivos, em suas antíteses e sínteses, ainda sim, estão sob o crivo da perspectiva da história europeia, e da história da epistemologia europeia, como a ponta de lança do conhecimento humano. O materialismo histórico e dialético europeu é também tomado como discurso de universalidade, e de evolucionismo material e simbólico da humanidade como um todo.

O sistema simbólico turístico internacional toma de assalto todas as outras ideias de mobilidade sob o crivo do capital, ou melhor, do sistema de valoração simbólico e econômico da sociedade capitalista eurocêntrica ocidental. A questão é que o processo de usurpação e submissão das epistemologias do Sul, ainda permanecem em moto contínuo de invasão e destruição. Como diria Roger Waters, *The show must go on*⁵⁷, mas será mesmo que o *show* aparente da narrativa universalista de capitalismo como destino da humanidade é latente visto de perto? Tenho receio de dizer que não, e pecar por romantismo e otimismo antropológico democrático, mas que fique bem claro que tais relações são conflituosas e recheadas de violência simbólica.

As proximidades dos processos expansionistas dos mercados de capitais do turismo internacional não apenas impactam as populações tradicionais, mas também envenenam qualquer possibilidade de não ser isso, daí, decorre que tais similaridades não ocorrem mediante apenas o inevitável movimento substancial

⁵⁷ Canção de autoria de Roger Waters no álbum *The Wall*, de 1979, da banda Pink Floyd. Dentro do contexto do álbum, que é uma ópera-rock, *The show must go on* é a música que toca quando o personagem Pink, após sua internação psiquiátrica, retorna travestido como um ditador fascista. Tradução: O *show* tem que continuar. Ou seja, mesmo que de forma predatória e anárquica, a sociedade do capital, das crises humanitárias, se reveste de tecnologias e promessas e continua o seu *show* rumo a uma crise ecológica planetária.

dialético da história, e a luta de suas forças produtivas, mas da guerra contra os sentidos existenciais da diversidade cultural e metafísica dos povos que não se identificam com o processo civilizador, ainda que precisem navegar obrigatoriamente nele.

6. Dialogando com relatos sobre os períodos de isolamento social na Covid 19

Neste presente tópico fiquei a indagar se não seria melhor fundir com o capítulo anterior, mas cheguei à conclusão que não. Apesar dos capítulos quatro e cinco apontarem para discussões sobre os contextos impactantes e estruturais de colonialidade nas relações sociais e culturais do turismo em países periféricos, entendi que este tópico, apesar de se relacionar com os demais, necessitaria de uma atenção particular.

Óbvio que estruturas de conservadorismo, junto à retórica neoliberal e de colonialidade, perpassam os assuntos que abordamos a posteriores, mas além de possuírem um cunho etnográfico peculiar, também remotam a uma discussão muito interessante sobre a confusão entre os discursos de esquerda e direita, de conservadorismo e progressismo, de caretas e alternativos. As disposições nunca foram totalmente fronteiriças, ou apartadas, pelo contrário, sempre foram relacionais, e a aparente segregação simbólica é, na atualidade, completamente indefensável, segundo o ponto de vista interpretativo que aponto a seguir.

No primeiro ponto, temos a discussão das opiniões diversificadas sobre o isolamento social, em Jericoacoara e Canoa Quebrada, pois eram os *lócus* em que estava inserido e próximo na época. Posteriormente sobre a questão da vacina ou das vacinas em geral, nos contextos das praias e meios alternativos, como também, e por fim, uma discussão sobre pontos como revolução armada, democracia burguesa, fascismo, dentre outros, que retornam no cenário pandêmico do mundo e no Brasil, no período do governo de Jair Bolsonaro.

Nesse período, tinha acabado de qualificar o trabalho de Tese, em julho de 2020, e como já mencionei desde o *Prefácio*, novos temas, novas visões, lutas simbólicas e saídas transcendentais dos agentes, foram surgindo, e impossíveis de ficar de fora desta pesquisa. Então, vamos aos detalhes comentados.

6.1. “Fecha Tudo e Ninguém sai na rua”, Relatos sobre o período de lockdown na pandemia de Covid 19

Após a qualificação do trabalho, em julho de 2020, o turismo passou a retomar as atividades, porém, com uma série de restrições, como número de pessoas em ambientes como restaurantes, bares, museus, dentre outros, o uso obrigatório de máscaras nos coletivos intermunicipais, aferição de temperatura para adentrar em qualquer ambiente ou viajar, número limitado de poltronas em coletivos, e de hóspedes em pousadas.

Eu aproveitei para ir a Jericoacoara, e lá passei uns quinze dias, no *hostel* onde conheci Montezuma, que foi um importante interlocutor da pesquisa. Além dessa viagem, logo no mês posterior, em setembro, e até meados de outubro, loquei uma casa em Canoa Quebrada, e fiquei por lá também.

Nesse período, todos ainda guardavam memórias recentes do período mais duro de isolamento, de março a junho de 2020, no caso do Ceará, e, além de continuar as investigações de praxe, surgiram esses temas: como ficaram as subjetividades dos *viageiros* isolados em *portos de argonautas*? E além dos *viageiros*, como respondeu a população em geral que habitava Jericoacoara e Canoa Quebrada nesse período de então? Não foi necessário que eu nem mencionasse isso como uma pergunta de questionário, porque simplesmente ela era o que mais aparecia à “vidência” do antropólogo naquele momento.

Primeiramente, quando fui comer um “prato feito” próximo à antiga Padaria da Madrugada de seu Antônio, em Jeri, a atendente começou a falar espontaneamente sobre o fim de semana do fechamento da vila por conta da pandemia de Covid-19. Ela falou que era dia 20 de março, tudo estava normal, quando de repente, começaram a chegar carros de policiais militares e federais, e várias jardineiras e D20, foram sendo escaladas em sequência rápida de tempo, intervalo de saída, e todos os hóspedes e turistas, que não possuísem residência fixa na vila, teriam que sair imediatamente naquele final de semana. Ela contou que parecia coisa de cinema, de filme. A própria população local ficou meio que apavorada com tanta ação.

Disse também que, num intervalo de três dias aproximadamente, a vila mudou radicalmente, tudo fechado e com fiscalização rigorosa do acesso à praia e aos locais de compra de mantimentos e alimentos. Isso, segundo ela, teria

durado com mais rigor até junho, depois, foi ficando mais solto, e em julho iniciaram novamente as atividades, mas ainda com redução de 75% da capacidade da cidade.

Nesses dias que passei por lá, em meados de agosto de 2020, o movimento já estava maior, mas ainda assim, bem reduzido do que costumava ser Jericoacoara de dia e de noite. Lembro que as pessoas não usavam muito as máscaras em Jericoacoara se comparada com o que tínhamos em Fortaleza, nessa época, e principalmente, por pessoas esclarecidas de esquerda das Universidades, que até certo ponto, era o público que gosta de viajar para Jericoacoara e Canoa. Daí, minha percepção ir ficando mais atenta às questões que vou trabalhar nos tópicos a posterior.

Os alternativos da cidade, Fortaleza, eram mais normativos, e possuíam maior empatia em relação a não quererem ser condutores ou transmissores da doença e ameaçar a vida de vulneráveis, pelo menos nos discursos e em algumas situações de convivência social nesse período. Já os turistas e moradores de Jeri e Canoa pareciam ser críticos às opiniões da mídia, e nesse momento, quem tinha esse discurso era a direita das cidades grandes, apoiados pelas atitudes do próprio presidente da República do Brasil e do então presidente da República dos EUA.

Montezuma também comentou algo que achei bem interessante, que a Jericoacoara por ele vivenciada naquele período tinha ficado mais intimista, mais restrita aos moradores e amigos, como era antigamente, em suas palavras. Ele até falou que eu teria gostado de morar lá naquele período, pois quis indicar um comparativo a morar na Caiçara de Baixo, como morei no passado.

Em Canoa, a questão do isolamento também foi bem controlada, segundo Paiê, não só pelos agentes do governo, mas também por pessoas do meio alternativo que tinham o perfil similar aos que mencionei a pouco sobre os alternativos ou universitários de esquerda dos grandes centros urbanos. Paiê falava que, sempre que podia, ia com a filha e a esposa tomarem um banho rápido de mar, mas que, geralmente, a praia estava deserta. Ele, como prateiro artesão, teve também um grande impacto financeiro, mas que depois diminuiu com a reabertura dos rituais do Santo Daime pelo Brasil, já que, além de anéis e colares que vende na praia, produz muitas estrelas de prata para os fardados da doutrina do Santo Daime.

Paiê criticava o exagero de certos controles sociais do período pandêmico, e identificava certos exercícios de recalques, de autoritarismo e arrogância, por quem vendia o discurso de empatia à vigilância sanitária, mas não era contra o isolamento e nem negacionista. Dizia ser complicado falar ou se posicionar perante quem estaria nos extremos de opiniões, os que negavam a pandemia, e os que se apavoravam excessivamente com ela, utilizando como pretexto para transferir recalques autoritários aos outros que julgassem estar quebrando as regras da vigilância sanitária.

Realmente, meu objetivo não é fazer um julgamento da opinião ou do julgamento praticado de meus interlocutores, mas do ponto de vista sociológico, é sim interessante para contextualizar e conjecturar com as demais esferas da vida social mundial da atualidade.

A seguir, abordaremos a questão das vacinas e dos arquétipos políticos performatizados nesse período pandêmico nos portos dos argonautas.

6.2. A questão da Vacina antes e depois da covid 19 nos meios alternativos

Tomar vacinas imunológicas são controles de Biopolítica governamentais, e pelo menos para mim e muitos como eu, não eram palco de visualização de embates e representações políticas fortíssimas. Depois que passei a viajar pelas *estradas*, ainda na década de 2000, comecei a conhecer diversas famílias que tinham desconfiança com as biopolíticas de vacinação, isso quase vinte anos antes do embate que se instaurou em 2020 e 2021, e até os dias atuais, sobre tomar ou não tomar os imunizantes contra a Covid-19. Mas vamos por partes.

Ainda quando era morador da Caiçara de Baixo, um casal de amigos que tiveram seus filhos em casa, auxiliados pelas parteiras quilombolas da região, naquela época, também decidiram não vacinar suas filhas. Porém, após alguns anos foram obrigados, e também mudaram de opinião, e vacinaram as meninas.

Outro caso interessante foi de um casal que foram interlocutores da Dissertação de Mestrado, que também tiveram seus filhos em casa, a mãe, inclusive, seguiu com a profissão de doula e parteira. Esse casal ficou bem estigmatizado no período por terem guardado a placenta, e também terem certa resistência em vacinar seus filhos recém-nascidos. Lembro que o médico da

região, que era amigo do casal, também os pressionou para que vacinassem as crianças. Nesse caso, teve certa pressão maior do Estado em cima deles.

Os meios alternativos dos anos 1970, 80 e 90 tinham bastante desconfiança com os órgãos de saúde governamentais, que interditavam terapias orientais, que priorizavam fármacos químicos alopáticos, ou seja, que viam a saúde e a medicina como meio de otimizar o capital e o sistema de saúde comercial.

Porém, o que ocorreu no período de pandemia em relação às vacinas da Covid-19 foi um tanto peculiar ou até “novo”, enquanto fenômeno social. A Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, no início da República brasileira, tinha um contexto de resistência por trás, sendo que, na historiografia oficial, aponta apenas para o atraso e a rudez dos povos dos morros cariocas. Mas vendo por um lado crítico, eles desconfiavam de suas elites, que em grande maioria eram seus antigos senhores, proprietários, e que moravam nas praias. Existia um medo, por parte da população, de extermínio, e isso não era à toa, visto que a escravidão no Brasil foi uma necropolítica, ou seja, o esgotamento de seres humanos até a morte.

Agora em 2020, o temor parte das classes conservadoras liberais de elite, que em sua maioria eram negacionistas e que atribuíam o movimento de vacinação a uma política de extermínio, de conspiração de grandes blocos internacionais que teriam propagado o terror da pandemia para fazer da vacinação uma política de extermínio com pele de salvação, um cavalo de Tróia, ou um lobo com pele de cordeiro. Vide, por exemplo, as análises sociais do fenômeno pandêmico em Grossi e Toniol (2020) e Bitencourt, Andrade, Estevinho (2022).

A reboque disso, a discussão de cientificismo e de negacionismo, e as variantes mistas de narrativas, entraram dentro de um embate massivo internacional. Desta vez não eram os coletivos de esquerda ou os coletivos de comunidades rurais alternativas que criticavam a política de vacinação, e muito menos as periferias da República Velha carioca, eram, por ironia, as populações conservadoras, de direita, que possuem grande parte dos sistemas de capitais e privilégios herdados dos sistemas capitalistas coloniais periféricos. O homem branco, militar, presidente da República, era um dos maiores representantes desse pensamento.

Muito curioso como essas configurações sociais se manifestaram na atualidade da pós-modernidade “bipartida”, mas em consenso com o neoliberalismo e a sociedade do capital. Cada narrativa construiu sua visão de crítica, de empatia, de cidadania. E nessa confusão, o Brasil foi um dos maiores fracassos no controle das mortes da pandemia, mas isso também é palco de diversidade de narrativas: as subnotificações. Os pró-vacinas acham que morreram mais pessoas e que não foram notificadas, já os negacionistas, acreditam que as notificações de outras doenças, como câncer ou pneumonia, eram relatadas como Covid-19 a fim de gerar recursos e divisas para os governos estaduais e municipais da federação.

Percebi, mais uma vez, que os interlocutores apresentavam opiniões as mais diversas, uns mais conservadores, outros mais cientificistas, e isso também foi combustível para desafetos, rupturas de amizades, dentre outras consequências que isso traz às sociabilidades de longas décadas. Acredito que o que já estava latente no campo acadêmico, *as guerras de ciências* (LATOUR, 2017), parecem ter descido ao campo das massas, ou da vida ordinária. A questão é, *ainda existe esperança no fundo da caixa*⁵⁸?

6.3. A crise categórica política em um contexto ultraneoliberal de “esquerda e de direita” ou “progressista ou conservadora” e a confusão dos sujeitos na aplicação da identidade performática.

Acredito que nos dois tópicos anteriores a este, tenham nos dado uma ideia do que o título desse tópico expressa, dentro da narrativa antropológica, das configurações e disposições das histórias vivenciadas pelos interlocutores aqui descritas e narradas. Com o diálogo de alguns textos, como *a fábrica do sujeito Neoliberal*, e outros vamos analisar as configurações já descritas acima.

O sujeito Neoliberal em formação, do qual gostaríamos de delinear aqui algumas das características principais, é o correlato de um dispositivo de desempenho e gozo que foi objeto de inúmeros trabalhos. Não faltam hoje descrições do homem “hipermoderno”, “impreciso”, “flexível”, “precário”, “fluido”, “sem gravidade”. Esses trabalhos preciosos, e muitas vezes

⁵⁸ Referindo à caixa de Pandora, o mito grego trazido por Bruno Latour, para comparar a Ciência. No mito, Pandora era a mais bela das mulheres, que causou guerras entre os homens. O autor se utiliza da metáfora para fazer suas análises sobre uma ontologia científica possível longe do sequestro político. A pergunta é: é possível?

convergentes, no cruzamento da psicanálise com a sociologia, revelam uma condição nova do homem, a qual, para alguns, afetaria a própria economia psíquica... Alcançar o objetivo de reorganizar completamente a sociedade, as empresas e as instituições pela multiplicação e pela intensificação dos mecanismos, das relações e dos comportamentos de mercado implica necessariamente um devir-outro dos sujeitos. O homem benthamiano era o homem *calculador* do mercado e o homem *produtivo* das organizações industriais. O homem neoliberal é o homem *competitivo*, inteiramente imerso na competição mundial. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 321-322).

Vejamos alguns pontos cruciais e iniciais do texto de Dardot e Laval nos quais me serão caros a discussão categórica pretendente. A questão da flexibilidade, do fluido associado ao precário, ou, a constante situação de insegurança, não reflete apenas no comportamento do trabalhador no meio de trabalho, mas na psique dos seres, no reagrupamento de suas disposições praxiológicas, ou seja, de como eles concebem, interpretam e agem do mundo. A Ética Fluídica do homem hipermoderno, não possibilita o enrijecimento das categorias políticas, tipo, o que é esquerda ou direita, o que é socialismo ou capitalismo, o que é conservador ou progressista, o que é materialismo e idealismo.

A sensação de patologia na Necropolítica da subjetividade do homem neoliberal é simplesmente o método vendido como antídoto ao homem atrasado do estado de bem-estar social, ou ao comunismo nacionalista soviético. Por outro lado, o homem neoliberal, não está apartado dos Estados de economia totalitárias, a exemplo da China, e seu intenso comércio internacional. Tanto regimes de democracia burguesa quanto totalitários de economia mista, não delimitaram ou desenharam a transformação da psiquê e das figurações sociogenéticas e psicogenéticas, impulsionadas pela dinâmica contemporânea neoliberal na era das revoluções tecnológicas sociocomunicativas.

Associado a isso, a radicalização de discursos *pró* e *contra* a narrativa paradigmática do campo científico de produção de conhecimento e de, até certo ponto, opções cognitivas existenciais, ainda que em concorrência com as epistemologias religiosas. Pensou-se que Kant e Nietzsche tivessem batido o martelo, ou melhor, que o “respeito” epistêmico de Ciência e Religião tivessem sido formalizados, mas a Guerra Fria Epistemológica nunca cessou, e com o advento da “democratização” de narrativas pela rapidez das redes sociais, *o que*

era gelo derreteu... traduzindo, as violências simbólicas foram desmascaradas, mas além disso, o sustentáculo diplomático passou de sólido para líquido. Retorno de teorias geocêntricas, constantes atualizações de hipóteses científicas de origem do universo, e adoção dos paradigmas religiosos como verdades *de fato* e não metáforas, fizeram o campo político e social também modificar.

Vemos capitalistas midiáticos sendo chamados de comunistas, apenas por defenderem aspectos morais de direitos humanos, ao mesmo tempo em que pessoas com discursos moralistas e nacionalistas, promovendo a radicalização da retórica mais selvagem do capitalismo, como utilização de trabalho semiescravo, privatizações aceleradas e uma sutil proliferação do *preariado*, dos trabalhadores informais, com a ideologia do empreendedorismo.

Esses formatos sociais de psiquê, produzindo as ações práticas dos sujeitos, ao meu ver, e numa proposição bem Weberiana, até certo ponto, parte de um desencanto do mundo, mas também, do desencanto com o desencanto do mundo, no qual a racionalização científica da vida cotidiana, se não fracassou, criou sua própria crítica de forma tão científica, que a desnudou.

A instabilidade das categorias *alternativo* ou *careta*, deixou de ter a conotação de ter mente aberta ou não, de usar psicoativos para expansão da consciência, e como dizia Nietzsche (2009), a sociedade moral cristã transformou desejo em vício, quando aprisionou a vontade de viver como algo errado, profano, um pecado. O ultraliberalismo civilizatório e o homem hipermoderno tiveram que ligar o modo esquizofrênico para sobreviver, ou seja, a indeterminação também de suas identidades e categorias coletivas de classes sociais. Não há esquerda ou direita fora do neoliberalismo, porque não há estabilidade na instabilidade, é questão de lógica, sim, mas também o é de ilógica, e a ilógica é mais real do que a lógica, porque ao devir a ideia também é sua aprendiz.

Como dizia Raul Seixas, na sua célebre música *Anos 80: Ei anos 80, charrete que perdeu o condutor/ Ei, anos oitenta, melancolias e promessas de amor/ Melancolias e promessas de amor*⁵⁹.

⁵⁹ Raul Seixas fez essa música num momento de sua carreira bem crítico e menos místico. Os anos 1980, como o reflexo de uma crise existencial da Humanidade, que a leva aos patamares

Seria um erro denegrir essa dimensão da ética empresarial como se fosse apenas engodo e usurpação. Essa é a ética de nosso tempo. Mas não devemos confundi-lo com o existencialismo fraco nem com o hedonismo fácil. A ética empresarial encerra, é claro, essas formas éticas, exaltando o “homem que faz a si mesmo” e a “realização plena”, mas é por outros aspectos que ela se singulariza. A ética da empresa tem um teor mais guerreiro: exalta o combate, a força, o vigor e o sucesso. Ela transforma o trabalho no veículo privilegiado da realização pessoal: sendo bem-sucedidos profissionalmente, fazemos da nossa vida um “sucesso”. (LAVAL; DARDOT, 2016, p. 333).

O viés empreendedor de si, “naturalizou-se” ainda que nada de natureza tenha essa prerrogativa do homem político neoliberal. Assim como o *self*, o coletivo, também passa a tomar como parâmetro a competição esquizofrênica de um capitalismo “democrático”, que não permite concorrência com uma Ética de coletividade e revolução. A reordenação da história, tendo como base a crítica da abstração do capital como essência do jogo social, diluiu-se nas concepções políticas, e discursos clássicos, como a superestrutura de uma época é das classes dominantes da mesma, por isso não devam ter credibilidade para as classes revolucionárias, veio a parecer bizarro, quando não, completamente inadequadas.

Revolução, ou tomada de poder, ou qualquer aspecto de aproximação ao leninismo clássico de 1918, hoje vestem roupagens fascistas, e a esquerda mundial, propõe o gerenciamento do capital, de maneira democrática...mas só que a única democracia é a de assumir a ideia narrativa performática, de um sujeito resiliente, que supera as adversidades com a superação de si mesmo, mas nada disso tem resultado de identidade, uma vez que, por trás do discurso identitário, respira uma falsa democracia política vendida pelo Neoliberalismo contemporâneo. A questão não é de crise estrutural, mas de falta de foco, não é de dominação simbólica das classes dominantes, mas de mentes ociosas, não é de biopolítica, mas de necropolítica legitimada com a promessa de sucesso, enquanto poucos vivem suas prerrogativas idealistas com camisas do Bob Marley e do Karl Marx.

de consumismo e individualismo para preenchimento de um vazio existencial. A canção *Anos 80* é de autoria de Raul Seixas e Dedé Caiano e foi lançada no álbum *Abra-te, Sésamo*, de 1980.

Nunca se viu um esgotamento tão intenso da vida sob a bandeira de liberdade, nunca se viu identidades tão lastreadas pela falsa ideia de *self*, nunca se viu tanta confusão em saber em que lado a esquina vai virar, se para a direita, ou se para a esquerda, porque, enfim, só parece termos uma opção, centros floreados e espetacularizações pela liberdade mórbida da sociedade do capital hiperespetacular contemporânea, ou, *a sociedade do espetáculo* (DEBORD, 1997).

Essa constante da economia capitalista que é a *baixa da tendencial do valor de uso* desenvolve uma nova forma de privação dentro da sobrevivência ampliada. Esta não se torna liberada da antiga penúria, pois exige a participação da grande maioria dos homens, como trabalhadores assalariados, na busca infinita de seu esforço; todos sabem que devem submeter-se a ela ou morrer. É a realidade dessa chantagem: o uso sob sua forma mais pobre (comer, morar) já não existe a não ser aprisionado na riqueza ilusória da sobrevivência ampliada, que é a base real da aceitação da ilusão geral no consumo das mercadorias modernas. O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral. (DEBORD, 1997, p. 33).

O que me deixa surpreso tanto com Karl Marx (1985) quanto com Guy Debord (1997), é pela capacidade prognóstica futura do capitalismo, apenas pelas deduções e induções empíricas de sua época, combinada a uma fina análise do mundo pelo viés do materialismo histórico e a dialética. Debord não vivenciou a nossa era digital, permeada pela internet, mas sua sensibilidade para reconhecer a espetacularização da vida ordinária, pela mercadorização crescente das relações humanas, a baixa tendencial do *valor de uso* se torna abusiva no contexto da alma humana, que a meu ver não é o mesmo *self*, ou estilo de vida. A *alma* tem um quê de *áurea*, de coletividade, ainda que religiosamente seja vista como individualidade ou mônada. Não vou me atrever a criar uma categoria sociológica *alma* ou *soul*, porque acredito que as demais, *ethos*, *self*, *ego*, *habitus*, estilos de vida, “dão conta do recado”. Mas a sociedade do espetáculo é uma colonização de subjetividades, onde a metafísica do capital não tem nada de além, mas é sentida *na pele, no suor e nos músculos...*

A sociedade do espetáculo não é a sociedade da informação meramente, mas a combinação do capitalismo tardio com essas dinâmicas processuais com o advento do tecnologismo como forma de relação social, excludente e monopolista.

Os *viajantes de estradas* resistem com suas performances, mas, onde pode haver resistência se o jogo do Turismo é o jogo da sociedade do espetáculo e da psiquê neoliberal dos sujeitos? E até que ponto suas resistências não são atualizações do processo de mercadorização da vida subjetiva?

Com o advento da pauperização dos trabalhadores pelo neoliberalismo, principalmente em regiões periféricas, comer e morar voltaram à pauta do dia, e com ela, as demais da sociedade do espetáculo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O MUNDO MÓVEL DE CORPOS E CIDADES EM MOVIMENTO, LATENTE AMEAÇA DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL PLANETÁRIA E A BUSCA EXISTENCIAL RECONFIGURADA NESSES QUARENTA ANOS DE NEOLIBERALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA ZEN CIBERNÉTICA.

Cibernética, eu não sei quando será!
 Cibernética eu não sei quando será,
 Mas será quando a Ciência estiver livre do poder
 A consciência livre do saber
 E a paciência morta de esperar
 Ai então, tudo e todo tempo será dedicado a Deus
 E a César dar a Deus as armas caberá
 Que a luta pela acumulação de bens materiais
 Já não será preciso continuar
 Onde lia-se alfândega, leia-se pandega
 Onde lia-se lei, leia-se lá, lá, lá
 Eu não sei quando será, cibernética,
 Eu não sei quando será,
 Cibernética, eu não sei quando será,
 Cibernética, eu não sei quando será.
 (*Cibernética- Ao Vivo*, Gilberto Gil, 1974)

Trouxe esse trecho da música de Gil, porque acredito ser um bom fio condutor inicial para as considerações finais deste trabalho. Porém, antes de mais nada, apresentemos algumas indagações. Viajar é fugir, alienar-se, buscar, transcender ou se encontrar? O Turismo é a oficina emocional de nossas vidas cotidianas vazias tomadas pela anestesia do consumismo? *Espírito Viajeiro* está tomado por uma depressão *pós-moderna* ou pelo seu fluxo de tendências dentro das subjetividades mercadorizadas? Viver em trânsito, em fluxo de mobilidade se tornará o *habitus* massificado e não a excentricidade crítica ao modelo civilizatório tecnoindustrialista de existência ancorado no capitalismo e na destruição ambiental? O campo da política será destituído de sua violência simbólica de dominação sobre os demais campos do conhecimento e da vida ética, das razões práticas? Voltemos ao início da música: “Cibernética eu não sei quando será...”.

Este trabalho não tem condições reais de responder tais questões, mas teve o atrevimento de observar alguns cenários antropológicos dos quais elas se fazem presentes. A música, que é de 1974, ou seja, a 49 anos atrás, quase meio século, nos reporta a questão de que, se a tecnologia, a cultura digital, que

aumentaria possivelmente a comunicação e o conforto da humanidade, também viria junto com a qualidade humanística da subjetividade e das estruturas organizacionais da sociedade contemporânea de mercadorias. Como se a humanidade também fosse desenvolver tecnologias de afeto, de amor, e com isso, um salto qualitativo das relações sociais. A revolução das máquinas e das comunicações com a revolução dos corações, e de éticas amorosas para com o planeta, com os outros e consigo. A Utopia de um tropicalismo zen cibernético, como podemos categorizar com todo respeito aos mentores artísticos.

As esperanças de Gil acerca da Cibernética, Dionisíaca e Apolínea, ainda estão por vir, ainda que alguns não tenham paciência de esperar, porque nunca na realidade foi preciso esperar. *A consciência livre do saber e a esperança morta de esperar...* acredito que o *Habitus* dos *viageiros* mencionados aqui, tenham um pouco disso, que a consciência não seja subjugada aos meios de reconhecimento, pelo mercado de capitais educacionais, que na vida, enquanto *práxis*, posso ter alguma liberdade dentro da prisão. *A esperança morta de esperar*, a inquietude da modernidade tardia, é o reflexo de um padrão agonizante de vivências para as massas, e uma desigualdade sem limites em relação ao poderio de capitais de pouca parcela da humanidade.

Mas a agonia existencial de consciência do fim, de consciência do nada vir a ser, ela se vai com a anestesia das distrações do ter ou não ter na vida material? A esperança de algo é não ser o algo, aquela esperança morta, ou desencantada, tende a se libertar do encanto... Alguns *viageiros* utilizam suas viagens como pontes a uma *práxis* existencial interna, ou seja, a mobilidade do ser nunca é apenas acúmulo de quilômetros rodados, mas geralmente, de experiências que o levam à *busca* do seu ser, e até o fluxo de mobilidade externa, com o tempo, perde o sentido, porque não parece mais ter a capacidade de impressionar e de *expressionar*, de causar mudanças substanciais na psiquê e na energia de quem a sente.

As *estradas* continuam sendo rotas de conhecimento, continuam também não sendo, ou seja, de quem se perde sem perspectiva nenhuma de um encontro. As *estradas* são um negócio, e as *estradas* também nada são, como um vento, um dia de sol, uma recordação.

Como passei todo o texto transcrevendo situações e pessoas com diálogo teórico reconhecido, mesmo o decolonial ou o sociológico da Sociologia que são

críticos até com os sistemas de reconhecimento dos capitais educacionais na estrutura do capitalismo tardio pós-colonial com estruturas de colonialidade, neste momento, tomei a liberdade poética, portanto, não estranhe o leitor de eu simplesmente estar fazendo um *Posfácio*, pois, já o fiz no *Prefácio*, agora, é o momento de defender a Tese, e ela, não se defende só com consensos de paradigmas dominantes nas Ciências Sociais: isto me dará o título de doutor ou me reprovará, que também é possível.

A Tese de que o meio ambiente e a subjetividade dos indivíduos sejam sufocados, *o mal-estar da cultura* de Freud, e ao mesmo tempo, os movem a buscar outras formas de viver, e daí, a *estrada* é um fluxo, e as praias turísticas do Nordeste analisadas são umas escolas, acredito já ter “provado”, dezenas de vezes nas narrativas e diálogos trazidas no enredo desta literatura. Mas algo a mais foi dito, e precisava o ser, que extravasou o campo da Sociologia e da Antropologia do Turismo, e adentrou na Sociologia e Antropologia da Religião, e mais que isso, na Filosofia de Ontologia do Ser: afinal, “*Você acredita na realidade?*” (LATOUR, 2017, p. 355). Nas palavras do autor:

Estou certo, porém, de que quando nos defrontamos na linha de frente, como sucedeu ao meu amigo responsável pela pergunta que deu início ao livro, “*Você acredita na realidade?*”, estaremos todos desarmados, em trajes civis, uma vez que a tarefa de inventar o coletivo é tão formidável que, em comparação, torna as outras guerras irrisórias - inclusive, é claro, as guerras na ciência. Neste século, que graças a Deus está chegando ao fim, parece que esgotamos os males escapados à caixa da desastrada Pandora. Embora a curiosidade irrefreável é que tenha instigado a donzela artificial a abrir a caixa, não há motivo para deixarmos de investigar o que restou lá dentro. A fim de encontrar a Esperança que ficou bem no fundo da caixa, precisamos de um artifício novo e mais complexo. Eu cheguei perto. Talvez seja mais bem sucedido da próxima vez. (LATOUR 2017, pág. 356).

Pois é, e se Latour estava a questionar *a realidade*, motivo e objeto epistêmico das Ciências, essa conjuntura é bem mais ampla do que o meio acadêmico. Michel Foucault, em *a Microfísica do Poder* (1999), em seu ensaio sobre a verdade, também se questiona se é ideologia ou a verdade o motivo da política, uma vez que verdade é um paradigma consensual temporário e funcional, o que corrobora com a questão de Latour sobre o que é a realidade e se há esperança de fazer uma Ciência da realidade.

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia”, mas em termos de “verdade/poder”. (FOUCAULT, 1999, p. 13).

Muito interessante esse trecho que reforça o pragmatismo da verdade, como um sistema simbólico prático de reconhecimento que movimenta a economia, ou melhor, as economias e os capitais no sistema capitalista de mercadorias. Mas como reforça o autor, é pautado na força que mantém a mesma verdade, no binômio verdade e poder, e não no tipo ideal da verdade, na qual a ciência seria a pura verdade e a ideologia a falsa verdade. O que pauta a realidade, de Latour (2017) e a verdade de Foucault (1999), é o binômio pragmatismo e poder, mas também, conflitos políticos históricos em dinâmicas.

Nessas subjetividades *viageiras* percebi muitas inquietudes em relação a essa pergunta, *you acreditada na realidade?* Mas daí, nos vem mais perguntas, como: qual realidade? Qual vida? O que é a verdade? Para que serve a verdade?

Para os adeptos do Racional e do Santo Daime, a realidade é uma questão Metafísica, o que prova o ser, o que está além e ao mesmo tempo é o ser, a existência e o devir. O ser divino, como uma bebida sagrada, o aiuasca, ou o ser divino em um órgão físico específico, a glândula pineal⁶⁰.

Fazendo um breve giro final pela ordem das temáticas deste trabalho, tivemos início com a apresentação da temática, dos campos e configurações sociais do turismo e os interlocutores. Abordei sobre a forma como surgiu a

⁶⁰ Na Cultura Racional a glândula pineal no cérebro humano, tem a importância divina, pois é a máquina do raciocínio, e o raciocínio é o aspecto cognitivo Racional, fazendo uma analogia, como o pensamento de Deus, como se pensa no mundo original imaterial. Já no Daime, vemos alguns hinos que se refere a bebida aiuasca como um portal de ligação com o divino, com a Natureza. Interessante, porque li um tempo atrás, infelizmente não terei essa fonte, uma matéria científica sobre os estudos da glândula pineal e o consumo de plantas enteógenas, como o santo daime. Afinal, não é a bebida em si que causa o estado de transe, mas como ela se conecta no corpo humano, e esse por sua vez reage de forma hormonal, mexendo com as glândulas do corpo humano, mas também fluidicamente espiritual. Muitos bebedores do aiuasca, dizem em algum momento sentirem a sensação de morte e que aquilo produz o estágio de consciência alterada. Existe também a limpeza orgânica, vômitos, urina e fezes, mas posteriormente a limpeza espiritual, com as mirações e os fortes exames de consciência, mexendo de forma relevante no sentimento moral de quem bebe o chá.

temática das subjetividades *viageiras* em simultaneidade ao processo neoliberal tardio e a expansão da indústria do turismo no litoral nordestino do Ceará e Alagoas, para singela comparação.

Outro tópico, ainda na *Introdução*, uma atenção às discussões metodológicas, o fazer da Sociologia e da Antropologia, e como podemos nos aportar em discursos metodológicos relacionais, ainda que com disposição argumentativa teórica amarrada aos fatos observados em campo. Além das temáticas de imaginação sociológica (MILLS, 1969) e Sociologia Relacional e Reflexiva (BOURDIEU, 2011a), comentamos os processos da pesquisa em OLIVEIRA (2006), sobre *o olhar, o ouvir e o escrever*, na pesquisa Antropológica e da importância de escrever com leveza, ainda que com profundidade, com diálogo propiciado pelo escritor Ítalo Calvino.

No segundo capítulo chegamos então à apresentação mais descritiva dos locais onde passam as tramas e performances dos *malucos de estradas* e *viageiros* mochileiros que passaram e que aportaram em praias turísticas Nordestinas, no caso: Jericoacoara, Canoa Quebrada, Praia do Francês e Maragogi. Duas praias de cada Estado (Ceará e Alagoas), com características similares, como a beleza natural, o fluxo intenso de turismo e a rotatividade considerável de *malucos de estrada* e *viageiros* em geral, por essas praias, muitos, inclusive os interlocutores dessa pesquisa, aportando aí nesses locais.

Nesse momento, no segundo capítulo, categorizam-se os *malucos de estrada* e outros *viageiros*, com aporte em suas experiências de vida, e seus *habitus* dentro do campo de interações sociais da estrada. As suas histórias de rupturas com as vidas que levavam antes de se tornarem *malucos de estradas*, as racionalidades de um artesão na *estrada* e dos conflitos e associações geracionais entre os *viageiros*. Importante contribuição as experiências de rupturas dos agentes, seus históricos de entrada na vida das estradas e chegadas e vivências em Jericoacoara, Canoa, Francês, Maragogi, com uma discussão envolvendo *o mal-estar na cultura* de Freud (2019), Le Breton (2009), e sua Sociologia das Emoções, como Giddens (1991) e Bourdieu (2011a/b/c), para dialogar sobre os estilos de vida e o *habitus* desses *viageiros* no campo do turismo na alta modernidade. Nesse momento, começa a movimentar a Tese, nas análises empíricas e categóricas do mundo atual neoliberal e da trajetória de

vida de meus interlocutores viajeiros e moradores de *vilas de argonautas*, ou melhor, de vilas turísticas.

Além do esforço em categorizar certos ritos e regras culturais dos *malucos de estradas*, dos *capitães de areia* anarquistas ou dos trabalhadores de resistência contracultural, temos uma discussão filosófica à luz de Nietzsche, sobre esse impulso aparentemente *Dionisíaco* apenas, do *maluco* ser pura contingência, vivendo sem planos algum apenas guiado pelo momento, mas que observamos em campo que, por trás disso (do estereótipo do malandro *anti-trabalho*), temos a correria do dia a dia, da racionalidade de seu campo material e simbólico de existência, apontando também a influência *Apolínea* da performance social desses agentes.

Essa racionalidade o faz ser, o *maluco de estrada*, um ator social dentro da rede de atores no contexto das vilas turísticas. Acredito que antes de se tornarem nativos vindos de fora, quando passam a morar definitivamente nos locais, esses estradeiros têm suas vidas similares aos mochileiros trabalhados por (FALCO, 2016) no que tange à interação com as pessoas das vilas. Paiê e Hermes sempre falam de Canoa como sua família, um local ao qual pertencem. Vejamos a parte em que Débora de Paula Falco (2016), no seu tópico sobre metodologia de pesquisa, em que, similar à minha, acompanha seis mochileiros e atribui um esforço autoetnográfico para coleta de dados empíricos:

Por esta razão a metodologia preponderante é a entrevista em profundidade qualitativa feita com seis mochileiros. A autoetnografia configurou-se como uma forma de compreender melhor a perspectiva destes indivíduos para entrevistá-los e escrever sobre eles. É condizente mencionar que os mochileiros, pelo observado na prática de campo, não se fecham em guetos, mas convivem com tantos quantos possíveis atores sociais da cidade. Isto inclui nativos, imigrantes, turistas de outras tipologias e mochileiros. (FALCO, 2016, p. 102).

Apesar de meus interlocutores serem em grande maioria ex-mochileiros ou *malucos de estrada*, que são mochileiros, mas específicos de um campo simbólico (BOURDIEU, 2011b) de mochileiros, que acredito estarem em outra tipologia de agente social e mobilidade, porém, achei interessante ressaltar a forma como foi trabalhado pela autora com outras categorias de mochileiros, e que a dimensão de sociabilidade e afetividade dos mochileiros com os portos turísticos, onde podem ampliar suas performances de viajantes, também tornam ambientes de migração definitiva em potencial. O fato é que vilas com pessoas

transeuntes, em mobilidade, geram atmosferas e psiquês de mobilidade, de multiculturalismo, no contexto da alta modernidade da hiperconexão e da sociedade pautada no *Big Data*.

Ziggy e Maharavi, Maragogi e a Praia do Francês. Os estilos de vida de antigos viajeros pelas praias de Alagoas. Importante, também, o aparecimento de outros interlocutores *estradeiros* na minha passagem por Alagoas. Assim como a família cogumelo do Sítio Paraíso em Jericoacoara, a família de Maharavi e Shakti, viajando de ônibus pelo Brasil e aportando no Francês, ressaltam os dispositivos encontrados nesses locais para que esses viajantes encontrem elementos objetivos e subjetivos que os façam ficar. A questão do estar viajando sem sair do lugar, ou que viajar é viciante, ressaltado por Maharavi, é aquecido pela dinâmica de interação social que possuem essas praias turísticas. Ziggy, o interlocutor que teve menos interação temporal, foi importante por ser um agente que faz interfaces intergeracionais, e que ainda está na rua como *micróbio*, apesar de longe de drogas químicas e com uma pegada mais espiritualista.

Terminamos o *Capítulo 2*, o maior do trabalho, acrescentando a discussão sobre um brasileiro viajando e trabalhando com bicos nos EUA e seu retorno ao Brasil, mais precisamente a Jericoacoara. Nesse momento se fez o contraponto do brasileiro no estrangeiro, em locais turísticos no estrangeiro. Montezuma, assim chamado, passa por um período áureo da economia americana até a chegada da crise de 2006, na qual ele vai para Europa, e depois, retorna ao Brasil. Discutimos a respeito dos entraves políticos e econômicos de latinos nos países centrais da economia mundial, com o *precariado*, termo utilizado para trabalhadores informais no contexto atual do neoliberalismo, muito recorrente em zonas turísticas, e o preconceito social e racial.

O terceiro capítulo trabalhou os aspectos subjetivos, as viagens espirituais dos viajeros que aportaram nas praias, principalmente em Canoa Quebrada, com o advento da Igreja do Santo Daime e da Cultura Racional, as subjetividades atreladas às buscas existenciais e ao contexto de individualismo do Neoliberalismo tardio. O que, até a Qualificação, tinha sido um mero capítulo descritivo de ações místicas ressignificadas pelos agentes sociais, no intuito de reforçar a tese de que, em locais turísticos, os viajeros procuram também expandir suas viagens em ritos e rituais espiritualistas, nos quais apareceu na

trajetória dos interlocutores o Santo Daime, doutrina aiwasqueira cristã xamânica, e a Cultura Racional, um conhecimento com raízes no espiritismo, na Filosofia e na ciência, mas com viés de salvação do mundo material, transcendental.

Logo, acabei por me aprofundar um pouco mais no conteúdo doutrinário e cognitivo, assim como o ritualístico. Ainda que a Cultura Racional se apresente sem igrejas ou templos, ou reuniões, possui as divulgações, as caravanas, a banda e a colaboração, com feitio do livro, que são elementos de atividade coletiva e com uma simbologia energética religiosa, por exemplo, ler e colaborar faz desenvolver o raciocínio, e se isso é se ligar ao pensamento de Deus, é algo além de fazer um livro ou divulgar um conhecimento, tem um aspecto transcendente e místico, também. E trabalhou-se dois tópicos a respeito da Cultura Racional, além do aspecto descritivo e jornalístico, foi trabalhado o aspecto performático, linguístico e cognitivo do conhecimento livresco que pressupõe uma lógica de consciência moral pela consciência cosmológica e antropológica do ser Racional.

No quarto capítulo tomamos de empréstimo a discussão sobre o Antropoceno e as posições políticas frente ao sistema esgotador e destruidor dos recursos socioambientais, o capitalismo tardio em crises cíclicas. Tomamos como base os textos de Bruno Latour, *Onde Aterrar?* (2020) e *Jamais fomos modernos* (2013), para discutir os impactos ambientais dentro de praias turísticas, já preparando a discussão para o quinto capítulo, que vem a discutir os aspectos colonialistas e de colonialidade nas atividades turísticas de regiões periféricas próximas à Linha do Equador, tomando o Nordeste brasileiro, o Caribe e os países africanos de língua portuguesa como elos comparativos, por suas dinâmicas de formação social e nacional históricas, mas também, pelos modelos excludentes de turismo em zonas periféricas que possuem legislações ambientais e sociais frágeis, ou não cumpridas, e tudo isso, a custo de uma atmosfera neoliberal e o desenvolvimento de uma sociedade do espetáculo.

No sexto capítulo, que também surgiu após a Qualificação, pelo momento histórico e social vivenciado com o advento da pandemia de Covid-19. Foi importante discutir como abalou as estruturas econômicas e psíquicas dos viajeros e artesãos, e suas redes de solidariedades nos vilarejos. Além desses

pontos, a discussão sobre a mentalidade Neoliberal e a Sociedade do Espetáculo dentro da polarização política, cultural e social no mundo.

Acredito que este trabalho, dentro dos seus limites de possibilidade, nos faz refletir sobre os impactos da modernidade, ou de sua invenção, à subjetividade e ao planeta, mas também, impulsiona uma busca existencial a certos grupos sociais, no caso, os viajeros. Para finalizar, trago este trecho da música de David Bowie, que conta a história de um *spaceman*, ou astronauta, que acaba se perdendo no espaço, fazendo uma analogia à situação planetária e seu progresso capitalista fundado em crises humanas e planetárias.

Parece que a Humanidade se encontra na espaçonave da música *Space Oddity* de David Bowie⁶¹, no qual parecemos todos estarmos gritando: *Can you hear me, Major Tom? Ou, Planet Earth is blue and there´s nothing I can do... (Pode me ouvir, Major Tom? O Planeta Terra é azul, e não há nada que eu possa fazer...).*

Apesar de todos os esforços das pesquisas sociais e naturais a respeito dos impactos de atividades capitalistas, um clima de “descida de ladeira” ou crises seríssimas ambientais e sociais latentes paira no ar. Antes, era o *espectro do comunismo que rondava a Europa*⁶², agora parece ser o *espectro do Antropoceno rondando o planeta*.

Como disse o tripulante da espaçonave *Space Oddity*, num misto de admiração e indeterminação, *O planeta Terra é Azul e não há nada que eu possa fazer*.

⁶¹ Cantor e compositor britânico de rock roll e pop muito influente no século XX e XXI. *Space Oddity* foi lançada em 1969 como faixa principal do álbum *David Bowie* e foi o primeiro (de muitos) sucessos do artista. A faixa se destaca pela letra sem narração, montada apenas pelo diálogo entre o controle de Terra e o Major Tom.

⁶² Frase dita por Karl Marx na gazeta Renana a respeito do movimento social científico e da consciência de classe do proletariado que estava tirando o sono dos burgueses.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. Coordenação: RIBEIRO, Djalmila. São Paulo: Sueli Carneiro/ Pólen, 2019.
- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1999.
- ASSIS, Lenilton F.. **Entre o Turismo e o imobiliário**: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade- Camocim/CE. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 2012.
- AUGÉ, Marc. **Não- Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Editora UNESP e Editora UFAL, 2010.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O labor criativo na pesquisa**: experiências de ensino e investigação em Ciências Sociais. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2017.
- BARRETO, Margarita. **Interfaces entre turismo e migrações**: uma abordagem epistemológica. Revista Passos, revista de turismo y patrimônio cultural. Vol. 7, N. 1. Universidade de Laguna, Espanha, 2009.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BITENCOURT, Silvana M.; ANDRADE, Cristiane B.; ESTEVINHO, Telmo A.D. (orgs.). **Cuidado e a pandemia da Covid-19**: aproximações interdisciplinares e interseccionais. Curitiba: Appris, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Cap. II: Introdução a uma sociologia reflexiva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011b.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 11ª edição, 2011c.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARNEIRO, Henrique. **Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência**. In: Drogas e culturas: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

CARNEIRO, Henrique. **Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo**. In: Álcool e drogas na história do Brasil. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. As artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Prefácio de ANDRADE, Mário. Capítulo 1 e Capítulo 2. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 1ª edição, 1978.

CLIFFORD, James. **A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA**, Antropologia e literatura no séc.XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COELHO, Manoel Jacintho. **Universo em Desencanto**. Livro 1 da Obra. Belford Roxo, Rio de Janeiro: Editora Racional, 1971.

COELHO, Manoel Jacintho. **Universo em Desencanto**. 1º da Réplica. Belford Roxo, Rio de Janeiro: Editora Racional, 1974.

COELHO, Manoel Jacintho. **Universo em Desencanto**. 26º do Histórico. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro: Editora Racional, 1977.

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há um Mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis (Desterro): Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DANTAS, Eustógio W.C. **Maritimidade nos trópicos: por uma Geografia do litoral**. 2 ed. Fortaleza: UFC, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. “**L’anti-Edipe: capitalisme et schizophrénie I**”. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. “**Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie II**”. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia de la liberación**. Bogotá: Editora Nueva América, 1996.

DUSSEL, Enrique. “**Europa, Modernidade e Eurocentrismo**”. In: Edgardo Lander. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericana. Buenos Aires: Clacso, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da Vida Religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia editora Nacional, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EPICURO. **Carta a Meneceu sobre a felicidade e outras cartas**. Epicuro; traduzido por Ana Death. Jandira, SP: Principius, 2021.

ELIAS, Nobert. **Os Alemães**. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

ELIAS, Nobert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador vol. I**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.

FALCÃO, D. **Experiências de mochileiros**. Sentidos e Significados em uma Dinâmica de Lazer na Sociedade Contemporânea. Belo Horizonte: Dissertação de mestrado em Educação Física UFMG, 2013.

FALCO, Débora de Paula. **Trajetórias do eu mochileiro na estrada de corpo, alma e artefatos**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado PUC-RJ, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Prefácio de Sartre, Jean Paul; Capítulo 1. Da violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FERREIRA, Pedro P., **Skatografia- o caso do “pico”** In: VIDA & GRAFIAS, Narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Org: KOFES, Suely & MANICA, Daniela. Rio de Janeiro: FAPERJ & Lamparina, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. 14ª Edição.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** São Paulo: Editora Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a Histeria (1983-1985).** Rio de Janeiro: Imagino, 2006.

FREUD, Sigmund **O mal estra da Cultura.** Porto Alegre: L&PM POCKET, 2019.

FREUD, Sigmund **Totem e Tabu.** São Paulo: Peguins Classics, Companhia das Letras, 2013.

GALVÃO, Alessandro Gagnor. **Jericoacoara Sonhada.** São Paulo: ANNABLUME, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora LTC, 2011.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas:** o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade.** Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro. Zahar. 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Editora Vozes. Petrópolis. 1992.

GOFFMAN, Erving. **Estigma –** Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Coletivo Sabotagem. 2004.

GROSSI, Miriam P.; TONIOL, Rodrigo (orgs.). **Cientistas sociais e o coronavírus**. Porto Alegre: ANPOCS/ Porto da Ilha, 2020.

GUEDES, André Dumas. **Na estrada e na lama com Jorge, um brasileiro**. Trabalho e moradia nas fronteiras do desenvolvimento. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 319-345, jan./jun. 2013.

GUEDES, André Dumas. **O trecho, as mães, e os papéis**. Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. São Paulo: Garamond, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, UNESCO, 2003.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteira, Híbridos**: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional. Mana 3(1) 7-39, 1997.

HARVEY, David. **A condição Pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boi Tempo, 2010.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Do Habitus ao Patrimônio Individual de Disposições**: Rumo a Uma Sociologia em Escala Individual. Dr. Eduardo Diathay Bezerra de Meneses. Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Vol. 34, no 2, p. 07-29, Fortaleza, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUR, Bruno. **a esperança de Pandora**. Ensaio sobre a realidade de estudos científicos. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 2013.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LE BRETON, David. **A antropologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo. UNIFESP. 2013.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**. Antropologia das emoções. Petrópolis. Vozes. 2009.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Desaparecer de Si**. *Uma tentação contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. **Em Tudo O Que Eu Faço, Eu Procuo Ser Muito Rock and Roll**. Rock, estilo de vida e rebeldia. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2013.

LIMA, Rafael Cavalcante de. **O Vento e a Vela**: Modificações culturais dos Caiçarenses de Baixo com o desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara. Monografia de Conclusão de Curso. Bacharelado em Ciências Sociais. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2012.

LIMA, Rafael Cavalcante de. **Vidas Volantes**: Estudo das reconfigurações socioculturais do vilarejo de Caiçara de Baixo nas interações sociais entre antigos e novos moradores. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2016.

LOPES, NEI. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006.

OSHO. **Pérolas de Sabedoria**: Mensagens sobre a existência/ Osho; tradução de Carlo Corabi. São Paulo: Planeta Brasil, 2021.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, Em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KOFES, Suely. **Narrativas biográficas**: que tipo de antropologia isso pode ser? In: VIDA & GRAFIAS, Narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Org: KOFES, Suely & MANICA, Daniela. Rio de Janeiro: Edições: FAPERJ & Lamparina, 2015.

MARCUS, George. **Ethnography in/of the World System**: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. Department of Anthropology, Rice University, Texas, EUA: Annual Review of Anthropology, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARÍN GUARDADO, Gustavo. **Turismo, capitalismo y producción de lo exótico**: uma perspectiva crítica para el estudio de la mercantilización del espacio y la cultura. Cidade do México: Relaciones 123, VOL. XXXI, 2010.

MARÍN GUARDADO, Gustavo. **“Turismo, globalización y desarrollo local: Puerto Vallarta y los retos del porvenir”**. Cidade do México: Estudios Demográficos y Urbanos, vol. 24, número 1, 2009, 219-247.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **O Capital**. Volume 1. Coleção: Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural. 2ª edição, 1985.

MARX, Karl. **O Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis. Vozes. 2011.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do Homem Simples**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais**: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. Dossiê: Dialogos do Sul. Civitas, Porto Alegre, V.14, n.1, p.27- 42, jan-abr. 2014.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005, 2ª edição.

MBEMBE, ACHILLE. **Necropolítica**. São Paulo: N-1. 2018.

MELO, TIAGO. **Vento Geral (1951-1981)**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

MILLS, C. WRIGHT. **A imaginação sociológica**. Cap I: A promessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade**: O lado mais escuro da modernidade. Rio de Janeiro: 32º Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2017.

MORAES, Camila Maria dos Santos. **Da etnografia multissituada aos métodos móveis**: um relato etnográfico móvel do turismo em favelas. João Pessoa: Áltera, v.1, n.12, p. 209-237, jan./jun. 2021

MORTIMER, Lúcio. **Bença, Padrinho!** A História do expensor da religião do Santo Daime. São Paulo: Editora ICEFLU, 2018.

MUDIMBE, V.Y.. **Invenção da África**. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

NETTO, PATRICK WALSH. **O exemplo na vida de quem prega**: uma análise do CEBUDV a partir dos seus sócios. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília: UNB, 2017.

NEUMANN, Ricardo. “**Cultura Racional**: As leituras do ‘Maior Homem do Mundo’”. Florianópolis: Dissertação de Mestrado de História, UFSC, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o Martelo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Editora Escala. 3ª Edição, 1995.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O Nascimento do Brasil e outros ensaios**: “Pacificação”, Regime Tutelar e Formação de Alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006.

PLATÃO, 427-347 a.c. **A República/ Platão; tradução de Carlos Alberto Nunes- 3 ed.**- Belém: EDUFPA, 2000.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da Natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. Argentina: CLASCO, 2005.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**. Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens. São Paulo: Edições Aleph, 2009.

RIBEIRO, Djalmila. **Lugar de Fala. Coleção Feminismos Plurais**. Coordenação: RIBEIRO, Djalmila. São Paulo: Sueli Carneiro/ Pólen, 2019.

RIBEIRO, Fernando Pinto. **O paradigma ambiental na globalização neoliberal**: da condição crítica ao protagonismo de mercado. Revista Sociedade & Natureza, Uberlândia, ano 24, n.2, p. 211-226, mai/ago, 2012.

ROBERTSON, Roland. **Globalização**: teoria social e cultura global. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições ALMEIDINA S.A., 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

SILVA, Antônio Gislailson Delfino da. **Nha Terra: Guiné-Bissau em relatos e fotografias.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

SILVA, Igor Monteiro. **O mundo não é tão grande: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração.** Tese de Doutorado em Sociologia. Fortaleza: UFC, 2015.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Decolonizing methodologies: Research and indigenous peoples.** London: Zed Books Ltd, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

SIMMEL, George. **A Natureza Sociológica do Conflito.** In: Sociologia. Org.: Evaristo de Moraes Filho. Coleção: Os Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SIMMEL, George. **Sociologia do Espaço.** In: O espaço na vida Social. São Paulo: Estudos Avançados, 2013.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Fundamentos para uma sociologia compreensiva. Vol.1. Brasília: Editora UNB, 2009a.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o “espírito” do Capitalismo.** São Paulo: Pioneira. 1967.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Fundamentos para uma sociologia compreensiva. Vol.2. Brasília: Editora UNB, 2009b.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 1982.

TEIXEIRA, Yasmin de Oliveira Alves. **Diferença e distribuição nômade na filosofia política de Deleuze e Guattari.** *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 155, ago./2023, p. 567-588.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2011.

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor.** São Paulo: Editora SENAC, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

APÊNDICES

No presente tópico trouxe duas partes que não pude colocar anteriormente, mas que acredito ser complementar para o leitor que quiser ainda mais um recurso cognitivo a respeito da visão de mundo dos interlocutores estudantes da Cultura Racional. No primeiro momento trago a entrevista na íntegra com Paiê, me falando a respeito da Natureza, em seu ponto de vista alcançado pelos estudos da Cultura Racional.

No segundo ponto, apresento a perspectiva da Potiguar, sobre o que é o fanatismo, no caso dentro de sua experiência com os estudos e com o sentimento dos outros com ela em relação a sua dedicação aos estudos Racionais. Aproveitei para dialogar com alguns trechos dos livros *Universo em Desencanto* que falam a respeito do fanatismo pela vida da matéria.

Bom complemento!

APÊNDICE A- ENTREVISTA COM PAIÊ NA ÍNTEGRA SOBRE SUA PERSPECTIVA DA CULTURA RACIONAL

Paiê me concedeu uma entrevista da qual examinei que poderia ter si tornado mais um tópico do capítulo três, mas resolvi colocar no apêndice a entrevista na íntegra, pois acredito ser rica sua forma de expressar as categorias e sua forma de chegar até esse conhecimento.

Pensei em colocar apenas alguns trechos da entrevista no capítulo três, mas depois achei melhor colocar aqui, a fim de que o leitor tenha mais essa oportunidade de ver na voz do nativo as suas percepções a respeito do conhecimento adotados pelos espíritos viajados da Canoa Quebrada, como continuação das suas estradas, das suas razões práticas e performáticas. Essa parte foi feita mediante perguntas minha por *Whats Up* e respostas do mesmo também pela rede social, visto que estava no então momento em Alagoas e ele em Canoa Quebrada. Sigamos com minhas indagações ao Paiê:

“Paiê para finalizar o texto queria saber se você vai me conceder sua visão da Cultura Racional em algumas perguntas, pode ser? Se pode então vamos lá: Primeira pergunta: Por que é que você estuda Cultura Racional? E por que que você saiu do Santo Daime para ficar só no estudo da Cultura Racional?

Segunda pergunta: Como foi que você conheceu a Cultura Racional? E logo depois que você conheceu já aderiu a ela, como um estilo de vida?

Terceira pergunta: O que você entende por Natureza depois que você conheceu a Cultura Racional? Pois existem aqui nesse trabalho vários relatos seus falando sobre a Natureza, em relação a ter uma vida mais simples, longe de tanto urbanismo e tal, mas em relação ao seu estudo de Cultura Racional, gostaria de ouvir.” Responde Paiê:

“Pois bem, Rafael, a primeira pergunta, por que eu me tornei um estudante de Cultura Racional? A primeira questão pra mim é que foi natural, a Cultura Racional chegou para mim naturalmente, foi um processo natural, e na Cultura Racional eu encontrei assim as respostas mais verdadeiras que eu buscava, entende? Então na Cultura Racional, na medida da minha capacidade de percepção, o que eu posso perceber, e os relatos que ela fala do que eu posso perceber aqui nesse movimento da vida, como é a vida, o que é a vida, é o mais real, como mais lógica, base e, além disso, comprova no fato, no que acontece,

não no que a gente pensa, o que a gente acha, no que a gente acredita, entende? Mas no próprio fato desse movimento da vida, que é a vida, e tem coisa que a gente não consegue perceber ainda, porque nossa limitação não permite. Mas tudo aquilo que eu consigo perceber, dentro da Cultura Racional eu consegui resposta pra tudo, e até mais né (risos), mais do que eu me questionava, então dentro da Cultura, a Cultura me deu esclarecimento, dessa vida, esclarece o porquê da vida, o porquê das coisas que acontecem, que também dentro da espiritualidade eu via mais não conseguia compreender, porque tem certos movimentos que era contrário à aquela doutrina, e acontecia, na vida mesmo, vários movimentos que acontecem. Então, eu passei a estudar a Cultura Racional porque ela me saciou, os meus questionamentos, as minhas dúvidas, as minhas angústias, de sofrer por ver certas coisas e não compreender e sofrer, então por isso eu me tornei um estudante, assim basicamente.

Então, Rafael, vamos pra segunda pergunta, quando foi que eu conheci a Cultura Racional? Pois bem, eu vi o livro pela primeira vez em 1988, quando trabalhava nas Bombas King (empresa de metalurgia de então) e lá tinha dois amigos meus, um que trabalhava na parte de desenho comigo e o outro que era da produção, e eles estudaram, na época não me identifiquei. Não *me pegou* na época, acho que tive que amadurecer um pouco.

Daí, depois de todo o meu caminho assim, de vir morar em Canoa Quebrada, ficar ali vivendo a noite, a curtidão, aproveitando assim, teoricamente, quando a gente é jovem quer aproveitar a vida, daí depois passei pelo mundo espiritual, conheci o Santo Daime, aí amadureci no mundo espiritual, daí naturalmente pela necessidade de fazer o chá, o Daime, daí eu tive a oportunidade de ir e conhecer a Cultura Racional, que aí o Mário me apresentou né, mais detalhadamente, daí foi um processo tão natural, que eu não tinha como negar, e aí então comecei a estudar e a tomar o chá, e foi me esclarecendo várias coisas né, pois eu já estava bem maduro, e foi me abrindo e me mostrando assim uma realidade diferente do que a que eu acreditava, de toda essa minha bagagem.

E aí, eu ainda passei um tempo no Daime, mas porque eu deixei de tomar Daime, como doutrina, como, dentro do Santo Daime, e seguir só estudando a Cultura, porque dentro do próprio Daime com a Cultura, eu compreendi realmente o que ela propõe, o que ela fala, dentro de uma nova fase, isso que

eu já tinha visto quando era mais novo com a Nova Era, eu sou aquariano, e a Nova Era de aquários, as primeiras informações que tinha era de que tudo que foi construído pelo homem, não serviria para a Era de Aquários, serviu pra Era de Peixes, mas pra de Aquários não.

Isso daí ficou na minha mente e quando chegou a Cultura daí eu vi que realmente era isso, que nada daquela construção que o ser humano fez, da própria espiritualidade foi bom, muito bom, serviu e cumpriu com a sua missão, mas que necessariamente não dá pra essa Fase, que é uma fase consciente, uma nova consciência, então pra mim eu enxerguei que não seria o mundo espiritual ficar na harmonia, com vários Deuses e que todos serão um só, pensar que é o ser humano que está carregando essa evolução dele mesmo, e pra a nova consciência é o que a Cultura prega, prega não, define né, vamos dizer, é que a nova consciência é cair na realidade que não é o ser humano que carrega sua evolução, entende, a evolução é a própria Natureza que rege esse processo né, tanto a natureza daqui, como o natural da natureza, ela é que rege essa evolução, e no mundo espiritual não, quem rege essa evolução são os próprios seres humanos, através de provação, através de apreender, através daquilo, de evoluir sua cabeça, seu intelecto.

E aí, dentro da Cultura e do próprio Daime, eu vi, que eu tinha fechado o ciclo, que tinha que ser fechado esse ciclo, senão eu iria confundir com outro ciclo, então, por isso que eu tive que parar, cortar o ciclo da espiritualidade, com o Santo Daime, e agora começar outro ciclo. Que é um ciclo consciente, um ciclo de conhecimento mesmo, né, da própria Natureza e da gente. Só pra complementar, é que eu vi a primeira vez em 1988, e fui reapresentado em 2009, 21 anos depois, o que me foi relevante, por conta do número 21 ser um número bastante comentado na Cultura Racional.

E a questão da Natureza né Rafael, pra mim é, tipo assim, a Natureza pra mim é esse conjunto elétrico e magnético. Ela é composta de todo esse conjunto elétrico e magnético. E o Magnético é o que molda, o que faz e o que constrói tudo que é material, nesse mundo material, segundo a Cultura mesmo, lá no começo a Planície que virou água, e a cinza que virou Terra, aí foi que gerou as duas energias elétrica e magnética, entende, e essas duas energias é que são responsáveis por todo essas vidas existentes. Então a Natureza mesmo é um conjunto cósmico para mim, que é tudo. A gente escuta muito falar na Cultura

Racional do consenso das duas energias, diz assim num sentido que é pra gente compreender também, e é dependendo da visão, e como se olha, por exemplo, o que é o Rafael? Ou o que é o Paiê? O Paiê seria o que é que faz desse consenso que a gente pensa e que a gente imagina, não é, mas, antes disso, o Paiê mesmo é formado de um organismo vivo que pode perceber isso e captar isso, pra poder realizar isso. Então é um corpo cósmico que é tudo aquilo que a gente vive, o mundo material pra mim, pra mim, né.

Eu estava até um dia desses estudando assim, viajando comigo mesmo, nessa história, que tudo é a Natureza e que tudo é a Planície. A gente acha que a Planície é água e terra, como digo mais uma vez, mas não a Planície é as flores, é a plante, é o animal, porque é o conjunto elétrico e magnético transformado nisso. E a própria Planície e a resina deram origem as energias elétrica e magnética, e depois essa energia elétrica e magnética formaram a água e a terra, e formou todos os seres que viviam aqui, entende, como se fosse tudo parte da Planície, em forma de animal, em forma de vegetal, mas na verdade é em forma elétrica e magnética. Para mim é isso, esse conjunto elétrico e magnético.” (Entrevista realizada as 11h30 do dia 28-05-2023)

**APÊNDICE B- FAZENDO UM PARALELO ENTRE O QUE É FANATISMO
DENTRO DA ÓTICA RACIONAL COM A ÓTICA DO PENSAMENTO CRÍTICO
FILOSÓFICO.**

We are gonna rule the world
Don't you know, don't you know
We are gonna rule the world
Don't you know, don't you know
We're gonna put it together
Want to put it together
We're gonna putt it together
Want top ut it together

So listen, once more, don't Forget
Read the book
The Only book, the book of God
Universe in Disenchantment
Don't waste your time, don't waste your time
Read the book
Universe in Disenchantment
And you're gonna know the truth.
(Rational Culture/ Faixa do Volume 1 da coletânea de 3, Tim
Maia Racional, 1975)

Neste tópico do apêndice, trabalho com alguns comentários de uma nova interlocutora, até então não trabalhada anteriormente, por se tratar de uma das mais recentes das colaboradoras desse trabalho. Aqui a chamaremos de Potiguar, pseudônimo aceito por ela dentre os que havia sugerido a mesma.

Antes de mais nada iniciemos com um trecho da enciclopédia Universo em Desencanto, no 27º Volume do Histórico na página 69, o trecho diz o seguinte:

“Os valores aparentes; valem hoje, amanhã não, hoje tem valor e amanhã não tem.
Hoje parece que é, amanhã não é.
Hoje parece que é tudo, amanhã esta não é nada.
Os valores traiçoeiros, aparentes da matéria.
Traídos pelas aparências do que é hoje, amanhã não é.
Hoje parece que é tudo, amanhã não é nada.
Hoje é tudo e depois um trapo velho e depois, nem um trapo velho.
Terminando assim a gestão da sugestão da matéria.
E por estarem suggestionados pela matéria, o bicho se tornou materialista, gostando de tudo que é de matéria.
Porque o bicho vive suggestionado, fanatizado e dominado pela matéria.
E por isso, para o bicho, a matéria está acima de tudo.

E por isso o bicho, pena, sofre, pela matéria. (COELHO, 1977, p. 77).

Em conversa com a Potiguar, ela me disse algo similar, mas dentro de um contexto de sua vida cotidiana, do que ela sentia com sua relação com ao conhecimento Racional em sua vida, e o que ela percebia das opiniões dos que estão de fora do estudo e do meio, proferiam em seus pontos de vistas e de ver a dedicação dela ao conhecimento, sendo leitora, divulgadora e colaboradora do conhecimento. No relato ela disse que sentia que seus amigos que não lia e até alguns que liam, davam impressão de achar que ela estaria *fanatizada* pela cultura racional.

Antes, vamos contextualizar a chegada de Potiguar a Cultura Racional. Potiguar foi fardada do Santo Daime durante mais ou menos uns quinze anos, e também tem uma vasta trajetória acadêmica, sendo graduada em Arquitetura e Urbanismo, História, e tendo o curso completo de psicanalista, ofertado para profissionais já formados. Logo após o término da Psicanálise ela conhece o Santo Daime, e como vários interlocutores desse trabalho, ela entra de cabeça na doutrina, e passa a não julgar a doutrina com suas impressões acadêmicas, em suas próprias palavras: *depois daquele copo de chá, Freud já não correspondia mais as minhas indagações e percepções da vida.*

Assim vivenciou por mais de uma década, como Paiê, são inclusive amigos e frequentavam a Igreja do Daime de Canoa, os rituais e ensinamentos da corrente espiritual Daimista. E foi lá que através da Divulgação de Paiê, e na *força do Daime*, que ela entra em contato com o livro Universo em Desencanto, e a Cultura Racional. Desde então passou a estudar os livros, e hoje é uma estudante orgânica dentro da Cultura Racional, além de ter adotado a ótica Racional como sua maestra, similar também a Paiê.

Voltando para a questão do Fanatismo, o estudante de Cultura Racional, aquele que sente a veracidade do conhecimento em sua vida pessoal, como na tradução do devir universal, encara o fanatismo, não como dedicação a uma cultura, filosofia ou religião, sem exames críticos, como é comum dentro da perspectiva filosófica ocidental. Pelo contrário, o fanatismo, assim como está no trecho destacado acima, é justamente as ambições, vaidades e rudez, vivenciadas pelos seres humanos que estão obcecados pelos bens da vida de

matéria, tanto bens concretos, como os vícios da consciência. Como já foi falado anteriormente, nos tópicos da Cultura Racional, tanto o alienado, como o crítico questionador, são desconhecidos de sua origem e da origem universal, e isso por si só, é o motivo de ter apenas a vida material, psíquica e social, como fonte de realidade, de ser. Os estudantes de Cultura Racional, entendem que é justamente aí que mora a inconsciência, por conseguinte, o fanatismo, e por conseguinte os vícios da vida psíquica e social, as ambições, vaidades, arrogâncias, dentre outros. Como o conhecimento é algo praticado, só ter informação, não o torna senhor de si, e nem muito menos, alguém com sabedoria. O saber, como nos estoicos gregos helênicos, olha com desconfiança as glórias do mundo material, que são construídas muitas vezes com violência simbólica nas relações interpessoais.

Potiguar comenta que não se importa do julgamento de seus amigos e parentes, ou de até de irmãos do Santo Daime, em relação a sua *performance* Racional, pois os mesmos não conseguem sentir o que ela sente, e além disso, o conhecimento intelectual imaginativo não têm parâmetros para julgar o conhecimento Racional, porque o ignora, então, é uma ótica unilateral, e portanto, é cega.

Acredito ter sido importante mais esse parêntese aqui no apêndice, complementando a entrevista de Paiê, e dando voz aos interlocutores dentro de suas matrizes cognitivas, pois isso é também uma forma de crítica a epistemologia ocidental colonialista eurocêntrica, na qual esse trabalho vem contestar, questionar, junto com Mignolo, Boaventura, Fanon, Quijano, Cesárie, dentre outros, uma certa tirania implícita e explícita, tácita e tática, da episteme filosófica ocidental pós iluminista, que esvaziam ou tornam subjugadas as outras formas de conhecimento, que não as que operam dentro da lógica Aristotélica, Descartiana e Kantiana, e, marxianamente falando, que não operem dentro da lógica do capitalismo dentre as suas pluralidades de facetas e artimanhas de dominação.

APÊNDICE C- “AGORA FOI O CONTRÁRIO, PRIMEIRO VEIO JESUS E DEPOIS SÃO JOÃO.” JESUS E JOÃO BATISTA; MESTRE IRINEU E PADRINHO SEBASTIÃO; PAI MANOEL E JOÃO DE CUIABÁ. REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DE ENTIDADES RELIGIOSAS E AS DESAVENÇAS ENTRE ALTO SANTO E MAPIÁ E ENTRE O RETIRO RACIONAL E OS ESTUDANTES DE CUIABÁ.

O título do presente tópico, foi retirado de uma fala do hinário do padrinho Sebastião, no seu hinário⁶³ o justiceiro. O padrinho Sebastião é considerado espiritualmente por alguns adeptos, como a entidade representativa da energia de São João Batista, e o Mestre Irineu, com a de Jesus.

O padrinho Sebastião recebeu no Mapiá, dentro da floresta amazônica milhares de pessoas vindos de toda parte do Brasil e do Mundo. Enquanto, o Mestre Irineu, conservou-se apenas em Rio Branco, no Alto Santo, sem abrir nenhuma linha ou Igreja em outro local, vários de seus adeptos o fizeram, e o padrinho Sebastião teve a notoriedade, pelo fato de internacionalizar a doutrina, em suas palavras, *explandir!*

Porém, muitos outros adeptos, criticam o excesso de modificações que a doutrina foi passando na medida que se expandia, e até uma barreira social se colocou aos que se diziam ser adeptos de Sebastião e os que se diziam conservadores e adeptos do Alto Santo.

Uma das maiores questões em pauta, é a sacramentalização da cannabis no ritual, como uma planta espiritual de cura, o que os mais conservadores não aceitam e até acreditam que os marianos, nome dado aos adeptos da Santa Maria, como chamam espiritualmente o sacramento da cannabis, rompem certas barreiras éticas da doutrina do Mestre Irineu. Além disso, o turismo religioso internacional movimentado pelas igrejas da linha do padrinho Sebastião, tomou grandes proporções e estabilidade comercial e financeira, apesar do próprio

⁶³ Hinário é um caderno com um conjunto de hinos que são cantados no ritual do santo daime. O Justiceiro é o maior Hinário do Padrinho Sebastião, e um dos maiores da doutrina, chegando a durar mais de 10 horas a execução completa do seu hinário, com mais de cinco doses de aiasca servidos durante a jornada do trabalho espiritual. É geralmente cantado no dia de Santo Antônio e no aniversário do padrinho Sebastião (06 de outubro) e de sua passagem (20 de Janeiro).

padrinho Sebastião sempre ter primado pela cultura cabocla como um elemento de cura e o dinheiro como de doença. Ele não chegou em vida a ver a dimensão que sua expansão da doutrina ganhou no mundo.

Com relação a Cultura Racional, vemos também algo similar. Estudantes do Retiro não gostam de João de Cuiabá, acham que ele desvirtua e por vezes apresenta um quadro esquizofrênico com sua possível abertura de vidência Racional e ser um porta voz universal da Natureza. Também existe o fato de João ter expandido nacionalmente a produção dos livros Universo em Desencanto a preço de custo, fabricado pelos próprios estudantes.

João recebem todo fim de semana a anos, com exceção do período de pandemia e férias de fim de ano, dezenas de pessoas que vem pedir conselhos sobre a vida pessoal, sobre a saúde física e principalmente, ver suas palestras sobre o conhecimento cognitivo de Cultura Racional. Vários antigos estudantes da época de Seu Manoel, hoje são adeptos de João e reconhecem sua interlocução autêntica e visionária dentro da Cultura Racional.

Os interlocutores de Canoa: Paiê, Potiguar, Ginestà, foram anos do daime da linha de padrinho Sebastião e depois conheceram a Cultura Racional por intermédio dos estudantes ligados a João de Cuiabá, e observo que não é mera coincidência, mas sim, relacionado ao *Habitus* e ao *Ethos* alternativo que a vila tem, e que os próprios agentes também o têm.

Outro ponto similar, e para mim relevante, é que o Pai Manoel, recebeu o Racional Superior, Deus para os estudantes da cultura, e o João Cuiabá ao abrir a vidência, a Natureza, uma espécie de vidência sobre toda a memória e o ser universal. Portanto como no Santo Daime, Deus e Natureza com similaridade a Jesus e João Batista.

Agora o ponto diferencial, é que João é um estudante de Cultura Racional, o único que ditou e escreveu os livros Universo em Desencanto foi o Seu Manoel, enquanto aparelho do Racional Superior, diferente do Santo Daime onde qualquer adepto pode desenvolver a mediunidade para receber hinos e fazer hinários.

Portanto, este foi mais um ponto etnográfico, mas do qual não cabia mais no corpo do texto, e, por isso, tornou-se apêndice como os demais. Devo esclarecer ao leitor que me foi sugerido o descarte, porém não o fiz, por saber

que posso alcançar uma gama de leitores e pesquisadores que tomem os mesmos como material ou motivação para posteriores análises.

ANEXO- FIGURAS DOS LIVROS RACIONAIS E DE HINÁRIOS DO SANTO DAIME

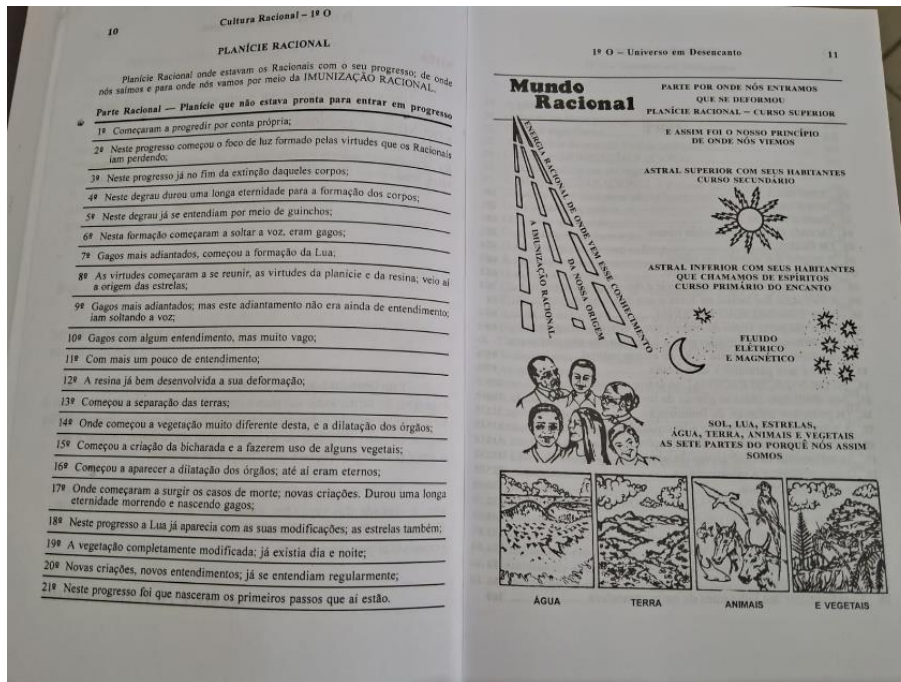


Figura 50: Resumo descritivo da queda e conseqüente formação do Universo de Matéria, ou Encanto. (COELHO, 1973. Pág.10 e 11).

ÍNDICE	
01. Advertência.....	14
02. Introdução.....	15
03. Rosário da vida.....	19
04. De onde viemos e para onde vamos.....	38
05. Os fluidos.....	51
06. A origem dos viventes do vácuo.....	66
07. As sete partes do porquê de tudo.....	79
08. A deformação da parte da planície e dos corpos Racionais.....	84
09. A formação dos bichos na Terra e sua degeneração.....	86
10. O que é IMUNIZAÇÃO RACIONAL.....	89
11. Todos são porta-vozes do mundo que é elétrico e magnético.....	95
12. A deformação das virtudes para a formação das sete partes que compõem o mundo e sua volta ao estado natural.....	97
13. A vida é sem garantias e uma ilusão.....	105
14. Na IMUNIZAÇÃO RACIONAL só existe a arma do bem.....	108
15. Aos obedientes todas as glórias da Imunização.....	112
16. Os primeiros anúncios da Imunização.....	115
17. A leitura traz o equilíbrio e a Imunização.....	119
18. O domínio do mundo pela Imunização.....	122
19. As influências dos habitantes do vácuo.....	127
20. O desequilíbrio e a inconsciência.....	130
21. Os reinos da bicharada.....	132
22. ASTROLOGIA - A IMUNIZAÇÃO RACIONAL nasceu no Brasil.....	145
23. Todos no mundo fora do natural.....	152
24. A vida é de sonhos e ilusões.....	154
25. O desconhecimento dos invisíveis.....	158
26. A salvação do mundo está na Imunização.....	166
27. O que é desencanto.....	169
28. As influências dos habitantes da baixa atmosfera.....	171
29. A ciência e o espiritismo.....	175
30. O dever de fazer propaganda deste Conhecimento.....	178
31. O que é espiritismo.....	181
32. A sabedoria do mundo é só de sofredores.....	185
33. Como é a IMUNIZAÇÃO RACIONAL.....	192
34. Os que procuraram ser inglorificados.....	199
35. A IMUNIZAÇÃO RACIONAL é o maior tesouro do mundo.....	206
36. Todos os seres humanos são criminosos.....	222
37. O poder do magnético.....	234
38. O espelho do mundo.....	241
39. O princípio da deformação.....	263
40. O saber humano só traz enfraquecimento das gerações.....	270
41. A libertação dos encantados.....	280
42. O mundo de monstros.....	288
43. Como todos podem se comunicar com o RACIONAL SUPERIOR (o Autor do Livro).....	291
44. A volta de todos ao lugar de origem.....	292
45. Definição do fluido.....	297
46. Um esclarecimento sobre este mundo deformado.....	304
47. Todos em trevas e cozidos.....	306
48. As garças brancas.....	308
49. Esta leitura aumenta os anos de vida.....	313
50. A ciência do nada.....	317
51. Curso primário.....	320
52. Resumo da formação da Terra.....	324
53. A confusão dos confusos.....	326
54. O Livro da absolvição da condenação à morte.....	333
55. Desencanto.....	342
56. Preto Velho.....	348
57. Fluidos.....	352
58. Como nasce o equilíbrio.....	357
59. Como é a IMUNIZAÇÃO RACIONAL.....	363
60. Continuação dos fluidos.....	367
61. Continuação dos fluidos.....	371
62. A formação do ser.....	

Figura 51: Índice (COELHO, 1973, p.12-13).

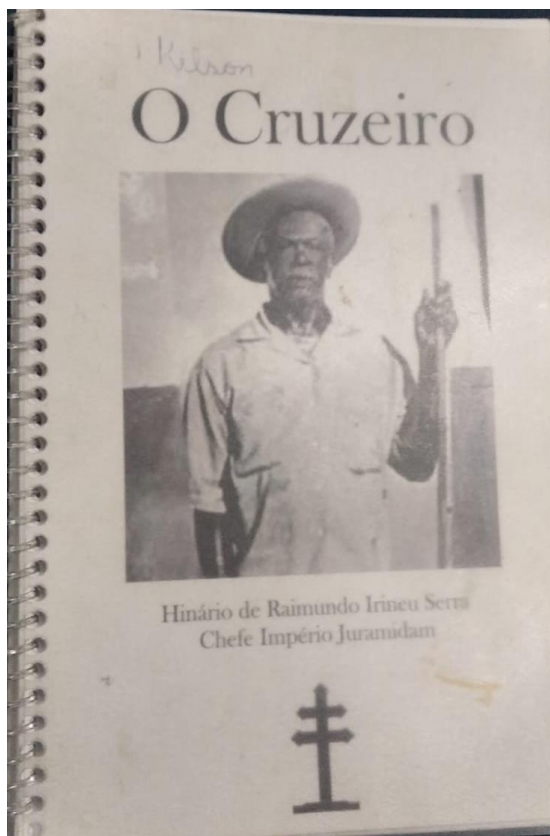


Figura 52: Capa do Hinário do Mestre Irineu, fundador do Santo Daime, chamado o Cruzeiro. (Fonte o Autor)

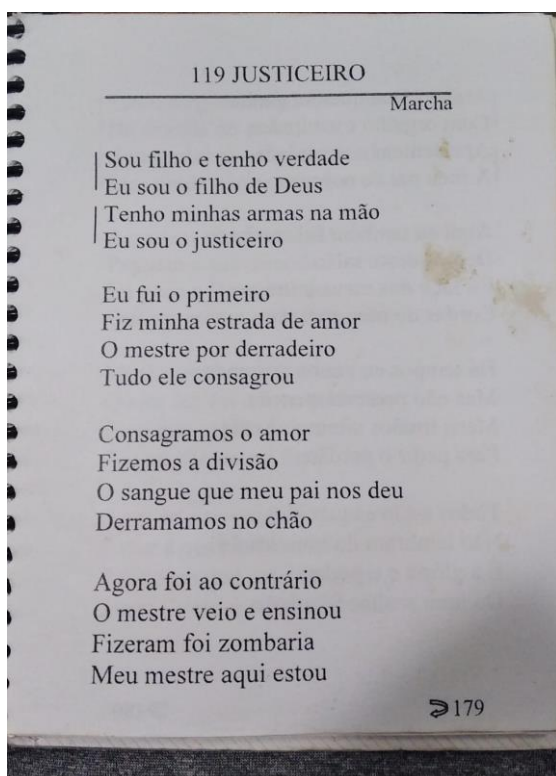


Figura 53: Trecho do Hino *O Justiceiro*, do Hinário, *O Justiceiro*, do Padrinho Sebastião. (Fonte o Autor)